



RICK YANCEY

A ILHA DE SANGUE

O terceiro livro da série **MONSTROLOGISTA**, vencedora do prêmio Printz

FAROL
LITERÁRIO



Também de Rick Yancey

O MONSTROLOGISTA

A MALDIÇÃO DO WENDIGO

O MONSTROLOGISTA

A ILHA DE SANGUE

Rick Yancey

Tradução: Ana Carolina Mesquita

FAROL

LITERÁRIO

Título original: *The Isle of Blood* Publicado originalmente em 2011 pela Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Copyright © 2011 do texto: Rick Yancey

Copyright 2013 da edição brasileira: Farol Literário Todos os direitos reservados ao autor.

Capa e projeto gráfico: Lucy Ruth Cummins

DIRETOR EDITORIAL: Raul Maia Junior EDITORA: Eliana Gagliotti COORDENAÇÃO EDITORIAL: Estúdio Sabiá EDIÇÃO: Valéria Braga Sanalios PREPARAÇÃO DE TEXTO: Lola Chautchulis
REVISÃO: Capitu Escobar de Assis Hebe Lucas EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Carochinha Editorial Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do acordo da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Yancey, Rick

A Ilha de Sangue: William James Henry / Rick Yancey; tradução de Ana Carolina Mesquita. — São Paulo: Farol Literário, 2013.

Título original: *The Isle of Blood* ISBN 978-85-62525-98-8

1. Nova Inglaterra — História — Século 19 — Ficção.

2. Histórias de horror. I. Henry, William James. II. Mesquita, Ana Carolina, trad. III. Título.

Y22m CDD 808. 8387

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção: Literatura juvenil 028. 5

1ª edição • setembro • 2013

Farol Literário Ltda.

Uma empresa do GRUPO DCL
Rua Manuel Pinto de Carvalho, 80 — Bairro do Limão CEP 02712-120 — São Paulo — SP
Digitalização e Revisão: Yuna

Para Sandy

“Uma chuva rubra caiu na região do Mediterrâneo no dia 6 de março de 1888. Doze dias depois, o fenômeno se repetiu. Não se sabe ao certo o que era essa substância, mas, ao ser queimada, o odor de matéria animal se fez forte e persistente. “

— *L'Astronomie*, 1888

“[O objeto que caiu do céu] era de forma circular, semelhante a um pires ou um prato de salada emborcado, com diâmetro de aproximadamente oito polegadas, espessura de uma polegada e cor viva, amarelo-clara, recoberto com uma fina penugem semelhante à de tecido aveludado.... Ao ser removida essa cobertura vil — uma polpa amarelo-clara com consistência de sabão macio de boa qualidade —, desprendeuse um odor ofensivo e sufocante; e, ao se aproximar dela... o fedor se tornou quase insuportável, causando náuseas e tontura. Após poucos minutos de exposição à atmosfera, o tom amarelo-claro se transformou em uma cor vivaz, semelhante à do sangue venoso. “

— Professor Rufus Graves,

The American Journal of Science, 1819

“Se buscares uma estrela caída” disse o ermitão, “encontrarás apenas luz num visgo pestilento que, ao ser lançado pelo horizonte, por um momento assumiu a aparência de esplendor. “

— Sr. Walter Scott, *O talismã*, 1825

CHOVEU CARNE

UM FENÔMENO IMPRESSIONANTE EM KENTUCKY. CARNE FRESCA COMO A DE CARNEIRO OU DE CERVO CAIU DO CÉU LIMPO

LOUISVILLE, 9 de março. — O *Bath County News* (Ky.) desta data informa: “Na sexta-feira passada uma chuva de carne caiu perto da casa de Allen Crouch, que mora a cerca de dois ou três quilômetros de Olympian Springs, na porção sul do condado. A chuva cobriu um trecho de terreno de aproximadamente cem metros de comprimento e cinquenta de largura. No momento da ocorrência, a sra. Crouch estava no jardim fazendo sabão, quando carne que parecia bovina começou a cair ao redor.

O céu estava perfeitamente limpo na ocasião, e ela declarou que os pedaços pareciam grandes flocos de neve, em geral não alcançando tamanho maior que isso. Um deles, que caiu perto dela, tinha entre vinte e vinte e cinco centímetros quadrados. O sr. Harrison Gill, cuja voracidade é inquestionável, ao ouvir falar no acontecimento visitou a localidade no dia seguinte e afirmou ter visto partículas de carne presas nas cercas e espalhadas pelo chão. A carne, ao cair, pareceu estar perfeitamente fresca.

O correspondente do *Commercial*, de Louisville, que no momento escrevia do monte Sterling, corroborou tal informação e afirmou que os nacos de carne tinham formas e tamanhos variados, sendo que alguns chegavam a treze centímetros quadrados. Dois cavalheiros que provaram a carne expressaram a opinião de que seria de carneiro ou de cervo.

— *The New York Times*, 10 de março de 1876

PRÓLOGO

Setembro de 2010:

“Contato”

Todo mundo tem alguém.

Mais de três anos se passaram desde que o diretor do asilo me entregou os treze cadernos com encadernação de couro pertencentes ao falecido indigente de nome William James Henry. O diretor não sabia o que pensar dos diários, e, francamente, depois de ler os três primeiros volumes, eu também não.

Máquinas humanoides sem cabeça à solta na Nova Inglaterra do fim do século XIX. O “filósofo da biologia aberrante” é quem estuda e (quando necessário) caça tais criaturas. Parasitas microscópicos que de alguma maneira dão ao seu hospedeiro uma vida artificialmente longa — isso, é claro, se ele não “escolher” se matar antes. Autópsias no meio da madrugada, homens enlouquecidos, sacrifícios humanos, monstros em covis subterrâneos e mais um caçador de monstros que pode ou não ter sido o mais famoso assassino em série de todos os tempos... Sim, não havia dúvidas de que o estranho e perturbador “diário” de Will Henry não passava de uma obra de ficção ou das ilusões muito bem organizadas e redigidas de um homem cujo juízo, obviamente, devia estar alterado.

Monstros não existem.

Mas o homem que escreveu sobre eles, com certeza, sim. Falei com pessoas que o conheceram. Os paramédicos que o levaram ao hospital depois que um corredor o descobriu caído inconsciente num aqueduto. Os assistentes sociais e os policiais que se debruçaram sobre o caso. Os funcionários e os voluntários do asilo, que o haviam banhado e alimentado, que leram para ele e aliviaram a sua morte a maduros (segundo Will Henry) cento e trinta e um anos de idade. Além de, é claro, os diários em si, que deviam ter sido escritos por *alguém*. A questão era, e sempre foi, de identidade, não de veracidade. Quem foi William James Henry? De onde ele veio? E que circunstância infeliz o fez ir parar naquele aqueduto, semiesfomeado, sendo aqueles cadernos escritos à mão sua única posse além das roupas que vestia?

Todo mundo tem alguém, foi o que me disse o diretor da instituição. Alguém devia saber as respostas para essas perguntas, e tomei para mim a responsabilidade de encontrar essa pessoa, publicando os três primeiros volumes do diário com o título *O monstrologista* no outono de 2009 nos Estados Unidos. O segundo volume, chamado *A maldição do Wendigo*, foi lançado no ano

seguinte. Embora o tema abordado beirasse o bizarro, eu esperava que o autor tivesse colocado no texto pelo menos um pouco de verdade sobre si mesmo e seu passado. Assim, algum leitor poderia quem sabe reconhecer um parente, um colega, um amigo há tempos perdido, e me contatar. Eu tinha certeza de que alguém, em algum lugar, devia conhecer esse coitado que se automeava Will Henry.

Minha motivação ia além da simples curiosidade. Ele havia morrido sozinho, sem nada nem ninguém, e fora enterrado numa cova de indigente ao lado dos mais pobres dos pobres, esquecido. Meu coração se apiedou dele e eu quis, por motivos que ainda não entendo completamente, recuperar as origens desse homem.

Logo depois da publicação de *O monstrologista*, comecei a receber e-mails e cartas dos leitores. A grande maioria era de gente esquisita afirmando saber quem era Will Henry. Mais de um se ofereceu a me revelar essa informação... por um preço. Alguns me ofereceram sugestões para mais investigações. Outros, como era previsível, me acusaram de ser o autor dos livros. Um ano se passou, depois dois, e eu não tinha chegado nem um pouco mais perto da verdade. Minhas investigações não haviam resultado em nenhum progresso significativo. Na verdade, depois de dois anos eu tinha mais perguntas do que antes.

Então, no final do verão do ano passado, recebi o seguinte e-mail de uma leitora do norte do estado de Nova York:

Caro sr. Yancey,

Espero que o senhor não ache que sou alguma maluca, enganadora ou algo do gênero. Minha filha teve de ler seu livro para a aula de linguagens artísticas e me procurou ontem à noite bastante entusiasmada porque, por acaso, temos um parente cujo nome de fato era Will Henry. Ele foi o marido da tia-bisavó do meu pai. Provavelmente tudo isso não passa de uma coincidência maluca, mas achei que o senhor poderia se interessar — se é que não inventou essa história de ter encontrado tais diários.

Atenciosamente, Elizabeth Reed*

Alguns e-mails e um telefonema depois, eu embarcava em um voo com destino ao estado de Nova York para me encontrar com Elizabeth em sua cidade natal, Auburn. Após uma conversa agradável e diversas xícaras de café num restaurante local, ela me levou até o Cemitério de Fort Hill. Minha guia era uma

senhora de meia-idade vivaz e extrovertida que passara a compartilhar o meu fascínio pelo mistério de Will Henry. Ela concordou comigo (como qualquer pessoa razoável concordaria) que essa história devia ser mais ficcional que real, mas a conexão verdadeira de sua família com um homem daquele nome não era nenhuma invenção. Fora essa conexão que me levara até o estado de Nova York e àquele cemitério. Ela já tinha me enviado por e-mail uma foto da lápide, mas eu desejava ver aquilo com meus próprios olhos.

* A seu pedido, o nome real foi alterado a fim de proteger sua identidade.

Era uma linda tarde, as árvores estavam enfeitadas com toda a sua glória outonal, o céu era de um tom azul brilhante e sem nuvens. E, três anos e três meses depois de ler aquelas linhas de abertura obsedantes (*Estes são os segredos que guardei. Esta é a confiança que nunca traí...*), lá estava eu ao pé de um túmulo, diante de uma placa de granito que dizia:

LILLIAN BATES HENRY

1874-1950

Esposa Amada

*A despedida é tudo o que conhecemos do paraíso,
E tudo o que precisamos do inferno.*

— Eu não a conheci — disse Elizabeth. — Mas meu pai disse que ela era uma figura.

Não consegui tirar os olhos daquele nome. Até aquele momento, eu não possuía nada tangível fora os diários e alguns recortes velhos de jornal e outros artefatos questionáveis enfiados no meio das páginas amareladas. Mas ali estava um nome grafado em pedra. Não. Mais que isso. Ali estava uma *pessoa*, literalmente aos meus pés, sobre quem William havia escrito.

— Você o conheceu? — perguntei com voz rouca. — Will Henry?

Ela fez que não.

— Não conheci nenhum dos dois. Ele sumiu alguns anos depois da morte dela, antes de eu nascer. Houve um incêndio...

— Incêndio?

— Na casa deles. De Will e Lilly. Perda total. A polícia suspeitou que foi um incêndio culposos, e a família também.

— Acharam que Will Henry o provocou, não foi?

— Minha família não gostava muito dele.

— Por quê?

Ela deu de ombros:

— Papai dizia que ele era... meio esquisito. Mas esse não é o motivo principal — ela remexeu na bolsa. — Trouxe uma foto dela.

Meu coração se acelerou.

— Will aparece aí?

Ela sacou uma foto polaroide desbotada e inclinou-a de leve para reduzir o brilho do sol forte sobre a imagem.

— Foi a única que consegui encontrar no meio das coisas de papai. Ainda estou procurando mais; quem sabe não encontro. É do aniversário de setenta e cinco anos dela.

Fiz as contas depressa.

— Deve ter sido então em 1949, um dos últimos aniversários antes de ela

morrer.

— Não, foi o último mesmo. Ela morreu antes de outro aniversário.

— Esse aqui sentado à esquerda dela é Will? — o homem parecia ter mais ou menos a idade certa.

— Ah, não. É o irmão dela, Reggie, meu bisavô. Will é o que está sentado do outro lado.

A foto tinha mais de sessenta anos de idade e estava meio fora de foco, mas o homem à direita de Lilly me pareceu ter pelo menos vinte anos menos do que ela. Elizabeth concordou.

— Esse é o motivo principal de a minha família não gostar dele, segundo papai. Lilly dizia a todo mundo que ele era dez anos mais jovem que ela, mas ele parece umas duas vezes mais novo do que isso aí na foto. Todo mundo achava que ele tinha se casado com a tia Lilly por dinheiro.

Não consegui tirar os olhos da imagem borrada. Um rosto magro, olhos escuros e fundos e um sorriso rígido, de certa maneira enigmático. *Estes são os segredos que guardei.*

— Filhos? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Nunca tiveram nenhum. E meu pai disse que ninguém nunca conheceu nenhum dos parentes de Will. Ele era um mistério total. Ninguém sequer tinha certeza do que ele fazia para ganhar a vida quando novo.

— Acho que você sabe o que eu vou perguntar agora.

Ela gargalhou. O som pareceu estranhamente metálico naquele ambiente.

— Se ele alguma vez comentou sobre ter trabalhado para um caçador de monstros quando jovem? Não; pelo menos não em nenhuma das histórias que ouvi. O problema é que todo mundo que talvez pudesse ter ouvido falar de alguma coisa a respeito já morreu.

Ficamos em silêncio por um instante. Eu tinha mil perguntas e não conseguia formular nenhuma delas.

— Então a casa deles foi incendiada e Will sumiu, sem deixar rastros — falei, por fim. — Isso foi em... quando? Dois anos depois que ela morreu, portanto em 1952; é isso?

Ela assentiu.

— Mais ou menos, é.

— E cinquenta e cinco anos depois ele aparece de novo em um aqueduto, a mil e seiscentos quilômetros de distância.

— Bem — disse ela com um sorriso — eu nunca lhe disse que tinha todas as respostas.

Olhei para a lápide.

— Ela era tudo o que ele tinha — falei. — Então talvez, quando ela morreu, ele tenha ficado meio maluco, queimou a casa e foi morar na rua durante as cinco décadas seguintes — ri melancolicamente e balancei a cabeça. — É estranho. Estou mais perto da verdade agora do que jamais estive, mas a sensação que tenho é de estar mais longe do que nunca.

— Pelo menos você sabe que ele estava contando a verdade a respeito dela — disse Elizabeth, tentando me consolar. — Realmente existiu uma Lilly Bates que tinha mais ou menos treze anos em 1888. E realmente existiu um homem chamado William James Henry.

— Certo. E mesmo assim tudo o mais que ele escreveu pode ser apenas fruto da sua imaginação.

— Você parece desapontado. Quer que os monstros sejam reais, é isso?

— Não sei mais o que eu quero — confessei. — O que mais você pode me dizer sobre Lilly? Além de Reggie, ela tinha algum outro irmão ou irmã?

— Não que eu saiba. Sei que ela foi criada em Nova York. Que a sua família era bem de vida. Seu pai, meu tataravô, era um investidor de respeito, do naipe dos Vanderbilts.

— Nem precisa me dizer o resto: depois que ela morreu e a casa foi incendiada, descobriram que as contas bancárias dela estavam limpas.

— Não. Elas não foram sequer tocadas.

— Que interesseiro de araque esse Will. Sua família deveria ter mudado de opinião a respeito dele depois disso.

— Era tarde demais — retrucou ela. — Tia Lilly estava morta, e Will Henry havia desaparecido.

Era isso, pensei no avião de volta para a Flórida. A coisa que eu queria. Eu sabia que monstros não eram reais e tinha razoavelmente certeza de que não existiu nenhum grupo de cientistas chamados monstrologistas que os perseguiram. A questão não era os diários, porém, embora eu fosse obrigado a admitir que eles me fascinavam: era o *por quê* atrás do *o quê*. Era o próprio Will Henry.

Voltei aos diários. Talvez monstros não existissem, mas Lilly Bates existiu. Escondidas nos fólios havia pistas que poderiam me conduzir até Will Henry, até o *por quê* que eu tentava entender com tanto desespero. Espalhados naquelas páginas havia fatos reais, um quebra-cabeça do real misturado ao bizarro. A vida dele (e esse registro esquisito dela) exigia uma explicação, e eu estava mais do que determinado a descobrir qual era.

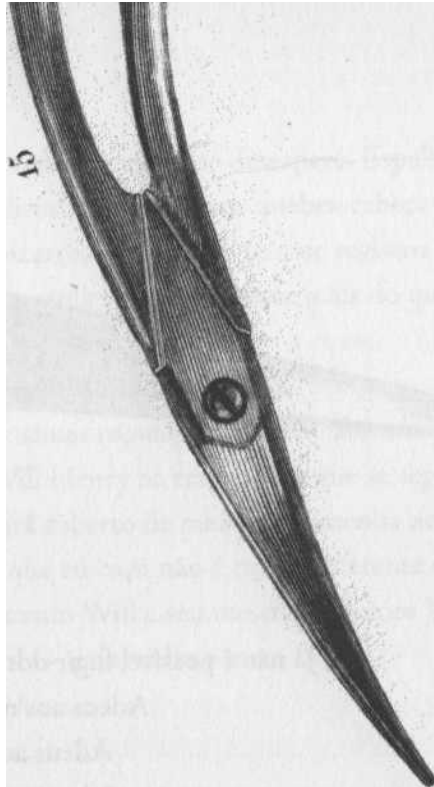
Todos nós somos caçadores. Somos, todos nós, monstrologistas, escreve Will Henry na transcrição que se segue. Posso dizer que ele está coberto de razão, pelo menos no meu caso. E o monstro que eu caço não é muito diferente da criatura que quase destruiu Will e seu mestre. Pellinore Warthrop tinha o seu

graal — e eu tenho o meu.

R. Y.

Gainesville, Flórida Abril de 2011

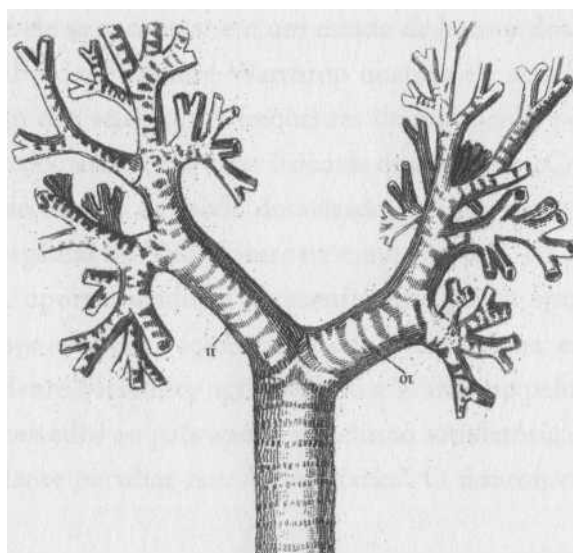
Já não é possível fugir dos homens.
Adeus aos monstros,
Adeus aos santos.
Adeus ao orgulho.
Tudo o que resta são os homens.
— Jean-Paul Sartre



FÓLIO VII

Objet Trouvé

“A BELEZA NADA MAIS É DO QUE O INÍCIO DO TERROR. “
— RAINER MARIA-RILKE, *ELEGIAS DE DUINO*



UM

“Um veneno muito perigoso”

Depois de vários anos a serviço do monstrologista, eu sugeri a ideia de registrar, para o interesse da posteridade, um ou dois de seus mais memoráveis casos de estudo. Esperei, é claro, até ele se encontrar em um estado de humor dos melhores. Abordar Pellinore Warthrop quando ele se refestelava em um dos seus surtos frequentes de melancolia podia ser arriscado para o bem-estar físico de qualquer um. Certa vez, quando fiz isso de modo desavisado, ele atirou um volume das tragédias de Shakespeare na minha cabeça.

A oportunidade se apresentou durante a entrega de correspondência daquele dia, que incluiu uma carta do presidente McKinley agradecendo a Warthrop pelos serviços prestados ao país após a conclusão satisfatória daquele “incidente peculiar nos Adirondacks”. O doutor, cujo ego era tão robusto quanto qualquer grandalhão dos espetáculos do sr. P. T. Barnum, leu a carta em voz alta três vezes antes de confiá-la aos meus cuidados. Eu era o seu arquivista, entre outras coisas — ou, melhor dizendo, *além* de todas as outras coisas. Nada, a não ser seu trabalho, era mais capaz de alegrar o humor do monstrologista do que um esbarrão com a fama. Aquilo parecia satisfazer alguma ânsia profunda dentro dele.

Além de elevar seu ânimo moribundo e assim garantir (momentaneamente, pelo menos) minha segurança física, a carta também fornecia a deixa perfeita para a minha sugestão.

— Foi bastante peculiar mesmo, não é? — comentei.

— Hmmm? É, creio que sim.

O monstrologista estava absorvido com a última edição do *Saturday Evening Post*, que também havia chegado naquele dia.

— Daria uma história e tanto, se alguém fosse contá-la — arrisquei.

— Andei pensando em escrever alguma coisinha a respeito para o jornal — retrucou ele. O *Jornal da Sociedade para o Avanço da Ciência da Monstrologia* era o periódico oficial da Sociedade Monstrologista.

— Eu estava pensando em algo que fosse de consumo mais geral... Uma matéria para o *Post*, por exemplo.

— É uma ideia interessante, Will Henry — concordou ele. — Mas

completamente impraticável. Prometi ao presidente que esse assunto permaneceria estritamente confidencial, e não tenho dúvida de que, se eu quebrar minha palavra, posso acabar sendo trancafiado em Fort Leavenworth, que não é exatamente o lugar ideal para perseguir meus estudos.

— Mas se o senhor publicar algo no jornal...

— Ah, mas quem lê isso? — desdenhou ele, fazendo um gesto de desprezo. — É essa a natureza da minha profissão, Will Henry, trabalhar na obscuridade. Evito a imprensa por um ótimo motivo: proteger o público e, *além disso*, proteger o meu trabalho. Imagine o que a publicação dessa história acarretaria, toda a tempestade de pânico e recriminações! Ora, metade das pessoas do estado de Nova York fugiria, e o resto viria aparecer na minha porta para me enforcar na árvore mais próxima.

— Há quem possa dizer que suas ações não foram nada menos que heroicas — rebati. Se eu não podia apelar para sua razão, imploraria ao ego dele.

— Já houve — retrucou ele, referindo-se à carta do presidente. — E isso deverá bastar.

Mas não era bem assim; eu sabia o que ele queria dizer. Mais de uma vez ele havia buscado a minha mão à cabeceira da sua cama, olhando-me suplicante com aqueles olhos escuros faiscantes, quase loucos de desespero e tristeza, implorando que eu jamais esquecesse, que eu fosse o guardião da sua memória além-túmulo. *Você é tudo o que eu tenho, Will Henry. Quem mais irá se lembrar de mim quando eu me for? Afundarei no esquecimento, e a Terra não notará a minha morte nem se importará com ela!*

— Muito bem. Outro caso, então. Aquele de Campeche, em Calakmul...

— A que vem agora isso tudo, Will Henry? — ele me olhou carrancudo por cima da revista. — Não vê que estou tentando relaxar?

— Holmes tem seu Watson.

— Sherlock Holmes é um personagem de ficção — observou ele.

— Mas é baseado em uma pessoa real.

— Ah — ele sorriu maliciosamente para mim. — William James Henry, quer dizer que você possui ambições literárias? Estou estupefato.

— De que eu possa ter ambições literárias?

— De que você possa ter ambições em geral.

— Bem — falei, respirando fundo —, eu tenho.

— E eu, que todo esse tempo me permiti ter esperanças de que você seguisse meus passos como um aluno da biologia aberrante!

— Por que eu não poderia fazer as duas coisas? — perguntei. — Doyle é médico.

— Foi — corrigiu ele. — E não do tipo bem-sucedido, aliás — continuou,

pousando a revista. Eu havia conseguido sua atenção total. — Devo confessar que essa ideia me intriga e que não faria objeção a você se arriscar nisso, mas me reservo o direito de revisar qualquer coisa que coloque no papel. Além da minha própria reputação, tenho o legado da minha profissão para proteger.

— É claro — falei, ansioso. — Eu nem sonharia em publicar qualquer coisa sem a sua permissão primeiro.

— Mas nada de falar das nossas dificuldades nos Adirondacks.

— Eu estava na verdade pensando naquele caso de alguns anos atrás... no incidente em Socotra.

O rosto dele se escureceu. Seus olhos arderam. Ele enfiou um dedo na minha cara e disse:

— Absolutamente, não! Está entendendo? Sob nenhuma circunstância você *já* jamais fará uma coisa dessas. É uma temeridade, Will Henry, sequer sugerir isso!

— Mas por quê, dr. Warthrop? — perguntei, espantado com a ferocidade de sua reação.

— Você sabe muito bem a resposta a essa pergunta. Ah, eu já devia ter adivinhado! Eu já devia saber! — ele se levantou da cadeira, tremendo com a força de sua raiva. — Agora estou vendo tudo, a verdadeira fonte da sua ambição, sr. Henry! Você não iria me imortalizar, e sim humilhar e degradar!

— Dr. Warthrop, eu jamais faria algo do tipo para...

— Então eu lhe pergunto: de todos os casos que investigamos, por que escolheu aquele que lança sobre mim a pior luz possível? Há! Viu? Peguei você. Só existe uma única resposta razoável para essa pergunta: vingança!

Não consegui esconder meu espanto com aquela acusação.

— Vingança? Vingança pelo quê?

— Pelo que você *consideraria* maus-tratos, é óbvio.

— Por que o senhor acha que eu fui maltratado?

— Ah, isso é muito esperto da sua parte, Will Henry: fazer uma análise sintática das minhas palavras para mascarar a sua própria perfídia. Eu não confessei ter maltratado você; observei que você consideraria maus-tratos.

— Muito bem — falei. Havia pouquíssimas discussões em que era possível alguém ganhar dele. Na verdade, nunca ganhei em nenhuma. — O senhor escolhe o caso, então.

— Eu não quero escolher caso nenhum! Essa ideia foi sua, para começo de conversa. Mas você já tirou a carapuça, então pode ficar tranquilo, pois vou negar qualquer coisa que você ouse publicar com o pretexto falso de preservar o meu legado. Holmes teve o seu Watson, ah, se teve! E César o seu Bruto, não é?

— Eu nunca faria nada para trair o senhor — falei, sem me alterar. — Só

sugeri Socotra porque pensei que...

— Não! — gritou ele, dando um passo na minha direção. Eu me encolhi como se esperasse receber um golpe, embora em todos os nossos anos juntos ele jamais tivesse me batido. — Eu o proíbo! Trabalhei muito e com muito esforço para banir a lembrança desse lugar maldito da minha cabeça. Jamais fale esse nome novamente na minha presença, entendeu? Jamais!

— Como quiser, doutor — respondi. — Jamais tocarei nesse assunto novamente.

E assim foi. Deixei a questão de lado e nunca mais falei nisso, até hoje. Seria extremamente difícil — se não impossível — imortalizar alguém que negasse os fatos reportados. Os anos se passaram e, à medida que as forças do doutor se desbotaram com eles, minhas tarefas se expandiram, de modo a incluir a composição de seus documentos e cartas. Não pedi nenhum crédito pelos meus esforços e não recebi nenhum do monstrologista. Ele editava com ferocidade o meu trabalho, cortando tudo o que, na sua opinião, cheirava a indulgência poética. Na ciência, dizia ele, não há espaço para o discurso romântico ou para ruminções sobre a natureza do mal. O fato de ele mesmo ter sido um poeta na juventude embebia tudo aquilo de ironia e *pathos*.

Sempre fiquei intrigado em saber que prazer ele tirava de negar-se justamente as coisas que lhe davam mais prazer. Mas não sou o primeiro a apontar que o amor é uma coisa complicada. É verdade que o monstrologista amava o seu trabalho — além de mim, era tudo o que ele tinha —, porém seu trabalho era apenas uma extensão de si mesmo, o fruto primogênito dá uma ambição imensa. Seu trabalho o levou àquela ilha estranha e maldita, mas foi a sua ambição que quase o liquidou.

Tudo começou numa noite congelante de fevereiro de 1889, com a chegada de um pacote à casa na Harrington Lane. A entrega foi inesperada, mas não incomum. Sendo aprendiz do monstrologista já havia quase três anos, eu estava acostumado às batidas no meio da noite na porta dos fundos, ao pagamento furtivo de despesas de frete e ao doutor se com portando como um garoto na manhã de Natal, com as faces rubras por antecipação, ao carregar seu presente até o laboratório do porão, onde o embrulho era desembalado e seu conteúdo abominável revelado em toda a sua glória macabra. O estranho naquela entrega específica foi o homem que a trouxe. No decorrer do curso de meus serviços ao monstrologista, já vi a minha cota de personagens repugnantes, homens que, por um dólar e um trago de uísque, venderiam a própria mãe — mercenários de bom grado a serviço da ciência natural da biologia aberrante.

Mas esse não era o tipo que estava ali na rua tremendo de frio. Embora desgrenhado pela viagem de muitos quilômetros, ele usava um casaco de pele

caro que, ao se abrir, revelou um terno de alfaiataria. Um anel de diamante cintilava no dedo mindinho da sua mão esquerda. Mais impressionantes que essas roupas nobres eram as suas maneiras; o pobre coitado parecia quase desvairado de pânico. Abandonou sua carga nos degraus da porta dos fundos, forçou passagem até a sala, puxou o doutor pelas lapelas e exigiu saber se aquele era o número 425 da Harrington Lane e se ele — o doutor — era Pellinore Warthrop.

— Sou o dr. Warthrop — respondeu meu mestre.

— Ah, graças a Deus! Graças a Deus! — gritou o homem atormentado com voz rouca. — Eu consegui. Está bem ali. Aceite, aceite. Eu lhe trouxe aquela coisa maldita. Agora me dê! Ele disse que o senhor o daria, disse que o senhor tinha. Rápido, antes que seja tarde demais!

— Meu bom homem — respondeu o doutor com tranquilidade. — Eu pagarei o frete de bom grado, se o preço for razoável.

Embora ele fosse um homem de meios substanciais, a parcimônia do monstrologista alcançava alturas quase operísticas.

— O preço? O preço! — o homem gargalhou com histeria. — Não é o senhor quem vai pagar, dr. Warthrop! Ele disse que estava com o senhor. Prometeu que o senhor o daria para mim se eu trouxesse aquilo. Agora honre a palavra dele!

— A palavra de quem?

Nosso visitante não convidado soltou um uivo demoníaco e dobrou o corpo ao meio, agarrando o peito. Seus olhos se reviraram nas órbitas. O doutor o segurou antes que ele desabasse no chão e o levou até uma cadeira.

— Maldito seja ele; tarde demais! — choramingou o homem. — Cheguei tarde demais! — ele retorcia as mãos em súplica. — Cheguei mesmo tarde demais, dr. Warthrop?

— Não posso responder a essa pergunta — retrucou o doutor. — Porque não tenho a mínima ideia do que você está falando.

— Ele me disse que o senhor me daria o antídoto se eu trouxesse aquilo, mas me atrasei em Nova York. Perdi o trem e precisei esperar pelo seguinte... precisei esperar mais de duas horas. Oh, meu Deus! Chegar tão longe apenas para morrer no final!

— O antídoto? Antídoto para quê?

— Para o veneno! “Leve meu presentinho a Warthrop, nos Estados Unidos, se deseja viver” disse ele, o diabo, o demônio! Por isso eu o trouxe e por isso o senhor *precisa* me dar. Ah, mas não adianta. Eu sinto agora... meu coração... meu coração...

O doutor balançou a cabeça com firmeza e, com um estalar de dedos,

ordenou que eu apanhasse seu estojo de instrumentos.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance — ouvi-o dizer ao pobre homem enquanto eu me afastava. — Mas você precisa se controlar e me dizer de modo claro e objetivo...

Nosso mensageiro atormentado estava caído num transe quando voltei, os olhos revirados nas órbitas, as mãos se torcendo no colo. Seu rosto estava completamente sem cor. O doutor tirou o estetoscópio do estojo e auscultou o coração do homem inclinando-se bastante sobre a forma trêmula, com as pernas muito abertas para manter o equilíbrio.

— Galopa como um cavalo em fuga, Will Henry — murmurou o monstrologista. — Mas não possui nenhuma anormalidade ou irregularidade que seja possível detectar. Rápido, um copo de água.

Esperei que ele fosse oferecer a bebida ao homem perturbado, mas em vez disso Warthrop secou todo o conteúdo do copo sobre a cabeça dele. Os olhos do homem se abriram no mesmo instante. Sua boca formou um “O” espantado.

— Que espécie de veneno ele lhe deu? — inquiriu meu mestre com voz dura. — Ele falou? Responda!

— Tip... Tipota... da árvore pirita.

— Tipota? — o doutor franziu o cenho. — De que árvore?

— Pirita! Tipota, da árvore pirita da Ilha dos Demônios!

— A Ilha dos Demônios! Mas isso é... extraordinário. Você tem certeza?

— Mas que inferno! Acho que eu me lembraria do veneno que ele usou em mim! — vociferou o homem com veemência. — E ele disse que o *senhor* tinha o antídoto! Ai! Ai! É o fim! — as mãos dele agarraram o peito com força. — Meu coração está explodindo!

— Acho que não — disse o doutor devagar. Ele recuou, analisando o homem com atenção, seus olhos negros dançando com aquele fogo interior esquisito. — Ainda temos alguns instantes... mas apenas alguns! Will Henry, fique com nosso visitante enquanto preparo o antídoto.

— Então não cheguei tarde demais? — perguntou o homem, incrédulo, como se não ousasse ter esperanças.

— Quando o veneno foi administrado?

— Na noite do dia 2.

— Deste mês?

— Sim, sim; claro que é deste mês! Eu estaria morto como um prego de porta se tivesse sido do mês passado!

— Sim, perdão. O tipota age lentamente, mas não tanto assim. Volto em um instante. Will Henry, me chame imediatamente se o estado de nosso amigo piorar.

O doutor desceu as escadas correndo até o porão, deixando a porta ligeiramente entreaberta. A única coisa que podíamos ouvir era o som de frascos se chocando uns contra os outros e o tilintar de metal, além do silvo de um bico de Bunsen.

— E se ele estiver errado? — gemeu o homem. — E se for tarde demais? Minha vista está falhando.... é isso o que acontece logo antes do fim! Você fica cego e seu coração explode, explode completamente dentro do seu peito. Seu rosto, criança... Não consigo ver o seu rosto! Está perdido na escuridão. A escuridão está vindo! Ah, que ele arda por toda a eternidade no mais baixo dos círculos do inferno... o diabo... o demônio!

O doutor voltou à sala carregando uma seringa com um líquido verde-oliva. O homem moribundo saltou na cadeira ante a entrada do doutor e gritou:

— Quem está aí?

— Sou eu, Warthrop — respondeu o doutor. — Tire o casaco. Will Henry, ajude-o, por favor.

— O senhor tem o antídoto? — indagou o homem,

O doutor fez um breve aceno afirmativo, puxou a manga do homem para cima e enfiou a agulha no braço.

— Pronto! — exclamou Warthrop. — O estetoscópio, Will Henry. Obrigado. Ele auscultou o coração do homem por alguns segundos. Achei que podia ter sido um truque da luz, mas vi o que parecia ser um sorriso brincando nos lábios do doutor.

— Sim. Desacelerando consideravelmente. Como se sente agora? — perguntou meu mestre.

Um pouco de cor havia retornado às faces do homem, e sua respiração tinha se desacelerado. Seja lá o que o doutor havia lhe ministrado, estava exercendo um efeito salutar. Ele falou de modo hesitante, como se mal pudesse acreditar na sua boa sorte.

— Melhor, acho. Minha visão está clareando um pouco.

— Ótimo! Você talvez fique aliviado ao saber que... — começou a dizer o monstrologista, depois se interrompeu. Talvez tivesse lhe passado pela cabeça que o homem já tinha sofrido inquietações suficientes. — É um veneno muito perigoso. Sempre fatal, de ação lenta e sem dar sinal de sintomas até o final, mas os efeitos são inteiramente reversíveis se o antídoto for ministrado a tempo.

— Ele disse que o senhor saberia o que fazer.

— Tenho certeza absoluta que disse. Diga-me, como veio a conhecer o dr. John Kearns?

Os olhos de nosso convidado se arregalaram de espanto.

— Como o senhor sabe o nome dele?

— Só existe um homem que conheço — e que me conhece — capaz de fazer uma brincadeira tão diabólica.

— *Brincadeira?* Envenenar um homem, atirá-lo à beira da porta da morte para que ele entregue um *pacote*... isso é uma brincadeira para o senhor?

— Sim! — gritou o doutor por um minuto, esquecendo-se de si mesmo (e do que aquela alma sofredora havia passado). — O pacote! Will Henry, leve-o até o porão e coloque uma chaleira no fogo. Tenho certeza de que o senhor...

— Kendall. Wymond Kendall.

— ... Que uma xícara de chá faria bem para o sr. Kendall, acho. Rápido agora, Will Henry. Desconfio que a noite vai ser longa.

O pacote, uma caixa de madeira embrulhada em papel kraft comum, não era especialmente pesada nem desajeitada. Eu a levei rapidamente até o laboratório, coloquei-a sobre a mesa de trabalho do doutor e voltei para o andar de cima, até a cozinha vazia. Podia ouvir o som das vozes que vinham da sala de estar no fim do corredor elevando-se e diminuindo enquanto preparava o chá, meus pensamentos um misto de expectativa aterrorizada e lembranças perturbadoras. Ainda não fazia um ano desde o meu primeiro encontro com o homem de nome Jack Kearns — se é que seu nome era esse. Ele parecia ter mais de um. Havia usado o nome Cory, e também Schmidt. Havia um outro nome, que ele se dera no outono do ano anterior, aquele pelo qual a história o lembraria, aquele que melhor descrevia a sua verdadeira natureza. Ele não era um monstrologista como meu mestre. Não estava muito claro para mim o que ele era exatamente, além de especialista nas regiões mais sombrias do mundo natural... e do coração humano.

— Ele estava alugando um apartamento meu na Dorset Street, no bairro de Whitechapel — ouvi Kendall dizer. — Não era o tipo de locatário que se encontra no East End, e com certeza poderia pagar por coisa melhor, mas ele me disse que queria morar perto do Royal London Hospital, onde trabalhava. Parecia bastante dedicado ao seu trabalho. Disse que não vivia para mais nada. O senhor sabe, o engraçado é que eu gostava dele; gostava muito do dr. Kearns. Ele era bastante conversador... tinha um senso de humor maravilhoso, embora meio distorcido... muito culto, e sempre pagava o aluguel em dia. Então, quando ele atrasou dois meses seguidos, achei que alguma coisa devia ter acontecido. Estamos falando de Whitechapel, afinal. O dr. Kearns trabalhava até muito tarde, e eu receava que ele pudesse ter sido assaltado por algum rufião, ou coisa pior. Então, mais por preocupação pelo seu bem-estar do que pelos meses atrasados, decidi ir até lá ver como ele estava.

— Suponho que o tenha encontrado muito bem — disse o doutor.

— Ah, ele era o retrato da saúde e do bom humor! O mesmo velho Kearns. Como se não houvesse nada de errado, ele me convidou na mesma hora para um

chá e contou que andava distraído nos últimos tempos com um caso particularmente problemático, um escrivão da Marinha Britânica que estava sofrendo de alguma febre tropical misteriosa. Kearns pareceu muito espantado (e ao mesmo tempo tocado) pela minha preocupação com seu bem-estar. Quando eu trouxe à baila o assunto do aluguel, expressou que estava mortificado e jogou a culpa disso no seu caso, dizendo em seguida que eu receberia o valor, com correção monetária, até o fim da semana. Tão tranquilizado fiquei pela sua explicação cheia de lábia, e também um pouco constrangido por ter interrompido seu trabalho importante, que cheguei a pedir desculpas por ter ido receber o que era meu por direito. Ah, ele é o próprio filho do demo, esse dr. John Kearns!

— Ele tem jeito com as palavras — admitiu o doutor. — Entre outras coisas. Ah, lá vem William James com nosso chá.

O monstrologista estava de pé perto da lareira quando entrei, correndo um dedo pensativamente para cima e para baixo do nariz do busto do filósofo Zenão, da Grécia antiga. Nosso convidado se reclinou no divã, o rosto ainda corado pelas suas provações. Ele estendeu uma mão trêmula para apanhar a xícara.

— O chá — murmurou ele. — Deve ter sido o chá.

— O meio para o veneno? — perguntou o doutor.

— Não! Isso ele injetou assim que retomei os sentidos.

— Ah, você quer dizer que ele o fez cair em alguma espécie de sonolência.

— Deve ter sido isso. Não pode haver outra explicação. Eu lhe agradei pelo chá — oh, como ele deve ter achado divertido esse meu agradecimento! — e já estava a dois passos da porta quando a sala inteira começou a rodar e tudo ficou preto. Quando acordei, muitas horas haviam se passado — a noite havia caído completamente — e ele estava ao meu lado, sorrindo de modo abominável: “Você foi acometido por uma espécie de transe”, disse ele. “Receio que sim”, falei. Eu me sentia completamente esgotado e impotente, esvaziado de toda vitalidade. Só o movimento de virar a cabeça para olhar para ele já exigia cada grama de força em meu corpo. “Sorte sua que isso aconteceu na presença de um médico!” observou ele com uma enorme cara de pau. “Achei que havia mesmo algo de errado com você assim que o vi, Kendall. Estava meio verde na região do seu pescoço. Claro, provavelmente anda trabalhando muito para explorar os pobres e miseráveis, recolhendo os aluguéis de buracos que um rato teria vergonha de chamar de casa... deve ter sido um caso de exaustão de senhor de favela, é o meu diagnóstico. Eu sugiro umas férias no campo. Tome um pouco de ar fresco. A atmosfera desses bairros é absolutamente pútrida, repleta do fedor do sofrimento e do desespero humano. Vá viajar. Uma mudança de ambiente vai lhe fazer maravilhas.” Eu protestei veementemente contra esses comentários ofensivos. Não sou nenhum senhor de favela, dr. Warthrop. Forneço um serviço

necessário, e só uma ou duas vezes fui obrigado a expulsar alguém por não ter pago o aluguel. Meu ultraje era tão completo que teria acertado um soco nele por aquele ataque repugnante ao meu caráter, mas eu era incapaz de levantar a mão um centímetro sequer. “Fico imensamente feliz por essa sua visitinha”, continuou ele naquele matraquear enlouquecedor. “Deve ter sido o próprio Deus que enviou você até aqui... Deus ou alguma coisa muito parecida. Sabe, não posso confiar no correio, e não posso ir pessoalmente — preciso partir desta ilha abençoada amanhã mesmo —, e encontrar um mensageiro de confiança nesse meio é algo mais difícil do que eu esperava. Simplesmente não se pode confiar em ninguém do gueto. Ah, é, mas não preciso dizer isso a você. E então... cá está você, Kendall! Entregue em minhas mãos como o melhor dos presentes — totalmente satisfatório e inesperado. A resposta para as preces de um homem que nunca reza! É uma coincidência de sorte, para dizer o mínimo, não acha?... “

Kendall fez uma pausa, bebeu o chá e olhou para o vazio por um instante, em silêncio. Ele possuía o olhar assombrado de um homem que havia acabado de escapar de raspão do anjo da morte, algo que era literalmente verdade.

— Bem, confesso que eu não sabia o que pensar, dr. Warthrop. O que eu poderia pensar? Num instante e sem aviso, todas as minhas faculdades haviam sido arrancadas de mim, e eu estava deitado tonto, com os pensamentos borrados, paralisado na cama dele enquanto ele me espiava com olhar atravessado. O que haveria um homem de pensar? “É uma coisa sem importância”, continuou ele. “Uma insignificância. Mas precisa ser entregue mais cedo do que tarde. Se é o que eu suspeito que seja e representa o que eu acho que representa, ele vai querer que chegue logo. O atraso poderá custar a ele todo o jogo, e ele jamais me perdoaria por isso. “ “Quem? “, perguntei. Entenda, eu estava muito descontrolado àquela altura, pois finalmente tinha me dado conta de que era ele a causa de minha aflição súbita e misteriosa. “Quem jamais perdoaria você? “, ele questionou e continuou. “Warthrop! Warthrop, é claro. O monstrologista. Ora, não venha me dizer que nunca ouviu falar dele. É um querido amigo meu. Você poderia nos chamar de irmãos, em um sentido espiritual, claro, embora não pudéssemos ser mais diferentes um do outro. Ele é muito sério, para começar, e possui uma veia romântica curiosa para alguém que se diz cientista. Sofre de complexo de salvador, se quer saber minha opinião. Quer salvar o mundo inteiro de si mesmo, enquanto meu lema sempre foi ‘viva e deixe viver’. Ora, outro dia não acabei matando uma aranha enorme sem pensar, e depois fui consumido pelo remorso, porque, o que aquela aranha me tinha feito? Eu não escolhi ser um homem, do mesmo modo que ela não escolheu ser uma aranha. Acaso não somos, nós dois, jogadores idênticos no plano maior, cada um representando o papel que nos foi dado — isso até eu violar o acordo

sagrado entre nós e o nosso criador? É o suficiente para rasgar a alma de um homem em duas. “ “Você é maluco”, falei; não pude me conter. “Muito pelo contrário, meu caro Kendall”, retrucou o monstro. “É sua sorte grande estar na companhia do homem mais são que existe. Levei anos para me livrar de toda a ilusão e fingimento, do manto da superioridade arrogante com o qual nós, seres humanos, nos cobrimos. Nesse sentido, a aranha nos é superior. Ela não questiona a própria natureza. Não tem o peso da compreensão de si mesma. Para ela, o espelho não é nada, a não ser uma vidraça. Ela é pura, tão inocente de pecado quanto Adão antes da queda. Até mesmo Warthrop, aquele moralista incorrigível, concordaria comigo. Não tenho mais direito de matar a aranha do que você tem de me julgar. Você, senhor, é a lebre neste chá; eu sou Alice. “ Ele saiu por um instante enquanto eu permanecia imobilizado, como se uma pedra de duas toneladas estivesse em cima de mim, incapaz de ter forças sequer para respirar. Quando retornou, segurava uma seringa. Eu confesso, dr. Warthrop, nunca conheci um medo como aquele. O local começou a rodar de novo, mas não por causa de um transe de sonolência, e sim por puro terror. Impotente, eu o observei dar um tapinha no tubo e pressionar o êmbolo. Uma única gota se prendeu à ponta da agulha, brilhando como o mais fino cristal à luz do lampião. “Sabe o que é isso, Kendall? “, perguntou ele em voz baixa, depois deu uma risada grave e comprida. “Claro que não! Estou ficando teórico. Isso é uma toxina rara destilada a partir da seiva da árvore pirita, um exemplo interessante de um dos espécimes mais maléficos da flora do Criador, nativa de uma única ilha a quarenta milhas náuticas do arquipélago de Galápagos, chamada Ilha dos Demônios. Adoro esse nome, você não? É tão... sugestivo. Mas agora estou ficando poético. “ Ele se aproximou, tão perto que pude ver meu próprio reflexo naquelas poças escuras e inexpressivas que eram seus olhos. Ah, aqueles olhos! Se eu os visse de novo daqui a mil anos, seria cedo demais! Mais negros que a mais negra profundidade, vazios — tão vazios de... de tudo, dr. Warthrop. Não eram humanos. Nem animais. Não eram *nada*. “Chama-se ‘tipota’“, sussurrou ele. “Lembre-se disso, Kendall! Quando Warthrop perguntar o que eu lhe dei, diga isso a ele. Diga, 'é tipota, ele me envenenou com tipota! “

Meu mestre assentiu com gravidade, mas teria eu detectado uma nota de divertimento em seus olhos? Eu me perguntei em que, nessa história horrível, o monstrologista podia achar a mínima graça.

— Ele enfiou um papel no meu bolso... sim! Aqui está; ainda o tenho — o homem o ergueu para que o doutor pudesse ver. — Tem seu endereço e o nome do veneno, para o caso de eu esquecer o nome. Esquecer! Como se eu um dia fosse esquecer esse nome amaldiçoado! Ele me disse que eu tinha dez dias. “Mais ou menos, meu caro Kendall. “ Mais ou menos! Continuou a discursar,

pairando ali com aquela agulha horrenda cintilando a dois centímetros do meu nariz, dizendo o quanto aquele veneno era estimado; como o czar da Rússia tinha um estoque daquilo no cofre real; como era valorizado pelos antigos (“Dizem que foi isso o que realmente matou Cleópatra”); como era o método preferido dos assassinos, preferido por causa de sua ação tão lenta que permitia que o responsável estivesse a quilômetros de distância no momento em que o coração da vítima explodisse dentro do peito. Aquele discurso horripilante foi seguido por uma descrição extensa dos efeitos do veneno: perda do apetite, insônia, inquietação, pensamentos a mil, palpitações, ilusões paranoicas, sudorese excessiva, intestino preso em alguns casos e diarreia em outros...

O doutor anuiu brevemente. Estava impaciente agora. Eu sabia por quê. A caixa. O pacote o estava atraindo, chamando por ele. Seja lá o que Kearns havia confiado a esse inglês falante, era valioso o suficiente (pelo menos do ponto de vista da monstrologia) para arriscar matar um homem no processo da entrega.

— Sim, sim — disse Warthrop. — Estou familiarizado com os efeitos do tipota. Tão familiarizado, ainda que não de modo íntimo, quanto com...

Agora foi a vez de Kendall interromper, pois ele estava mais lá do que cá, e assim ficaria para sempre, deitado impotente na cama de Kearns enquanto o lunático se inclinava sobre ele, olhando-o de soslaio à luz do lampião. Duvido que o pobre homem jamais tenha escapado completamente daquele apartamento maltrapilho no East End londrino, não no sentido mais verdadeiro. Até a sua morte, ele permaneceria presa daquela lembrança, um servo do dr. John Kearns.

— “Por favor”, implorei — continuou a contar Kendall. — “Por favor, pelo amor de Deus! “ Palavras erradas, dr. Warthrop! Ao mencionar o nome da divindade, todo o comportamento dele se alterou, como se eu tivesse profanado a própria Virgem. Seu sorriso horrendo sumiu, a boca se retorceu para baixo e seus olhos se estreitaram. “Pelo amor de quê, você disse? “, perguntou ele com um sussurro amedrontador. “Por Deus? Você acredita em Deus, Kendall? Está rezando para Ele agora? Que estranho. Você não devia estar rezando para mim, já que seguro a morte a literalmente dois centímetros do seu nariz? Quem tem mais poder agora — eu ou Deus? Antes que você responda ‘Deus’, pense com cuidado, Kendall. Se você estiver certo e eu o acertar com minha agulha, isso provará que você está certo ou errado...? E qual das duas opções seria a pior? Se estiver certo, então Deus com certeza me favorece mais do que favorece a você. Na verdade, ele deve desprezar você pelos seus pecados e eu sou apenas o Seu instrumento, Se estiver errado, então você está rezando por nada. “ Ele sacudiu a agulha diante da minha cara. “Por nada! “ Então, riu.

Como se em contraponto, o homem fez uma pausa na narrativa e chorou lágrimas amargas.

— E então ele disse, o monstro horrendo: “Por que os homens rezam para Deus, Kendall? Nunca entendi isso. Deus nos ama. Somos Sua criação, como a minha aranha; somos Seus amados... Porém, quando estamos diante de um perigo mortal, rezamos para que Ele nos poupe! Não deveríamos em vez disso rezar para aquele que vai nos destruir, que queria a nossa destruição desde o início? O que eu quero dizer é... será que não estamos rezando para a pessoa errada? Deveríamos rogar ao diabo, não a Deus. Não me interprete mal; não estou dizendo a você para onde deve direcionar as suas súplicas. Estou simplesmente observando a falácia disso tudo, e talvez sugerindo o motivo da estranha ineficácia das preces das pessoas”.

Kendall parou para enxugar o rosto com raiva e disse:

— Bem, suponho que o senhor pode adivinhar o que ele fez em seguida.

— Ele injetou o tipota — disse meu mestre. — E, em questão de segundos, você perdeu a consciência. Quando acordou, Kearns havia sumido.

Nosso convidado, atormentado, estava anuindo.

— E deixou para trás o pacote.

— E você foi comprar sua passagem para os Estados Unidos imediatamente.

— Pensei em procurar a polícia, claro...

— Mas duvidou que eles acreditariam em uma história tão extravagante.

— ... ou em procurar um hospital...

— Correndo o risco de que eles não conhecessem o antídoto para uma toxina assim tão rara.

— Eu não tinha escolha a não ser fazer essa aposta e torcer para que ele estivesse dizendo a verdade, o que pelo jeito estava, pois estou voltando a me sentir eu mesmo novamente. Ah, é impossível contar a agonia que esses últimos oito dias foram para mim, dr. Warthrop! E se o senhor estivesse ausente? E se aquele atraso de duas horas em Nova York tivesse sido um atraso fatal? E se ele estivesse errado e o senhor não conhecesse o antídoto?

— Bem, eu não estava; ele não foi; e eu conhecia. E aqui está você, são e salvo e apenas ligeiramente mal por causa do cansaço! — O doutor se virou rapidamente para mim e disse: — Will Henry, fique com nosso convidado enquanto dou uma olhada nessa “insignificância” do dr. Kearns. O sr. Kendall talvez esteja com fome depois dessas provações. Cuide disso, Will Henry. Se me der licença, sr. Kendall... Jack disse que um atraso poderia me custar o jogo inteiro.

Com isso, o monstrologista fugiu dali. Eu ouvi seus passos apressados pelo corredor, o ranger da porta do porão e então o trovejar de sua descida até o laboratório. Um silêncio estranho se seguiu entre mim e o convidado. Eu me

sentia ligeiramente constrangido pela partida abrupta e desrespeitosa do doutor. Warthrop nunca foi alguém de observar os protocolos rígidos da sociedade vitoriana.

— O senhor gostaria de comer alguma coisa? — perguntei.

Kendall respirou pesadamente, com as faces coradas, e disse:

— Acabei de vomitar e cagar durante toda a viagem pelo oceano Atlântico.

Não, eu não quero comer nada.

— Outra xícara de chá?

— Chá! Oh, meu bom Deus!

Portanto, ficamos ali sentados por alguns instantes tendo como companhia apenas o tiquetaque do relógio da lareira, até que por fim ele caiu no sono, pois sabe-se lá quanto tempo fazia que ele não dormia? Tentei, mas não consegui imaginar o horror inimaginável que ele deve ter sentido, sabendo que a cada tiquetaque estava mais perto da porta final, daquele ingresso de mão única para o esquecimento, cada atraso perigoso, cada momento perdido periclitante. Será que ele se considerava alguém de sorte, ou acharia que aquilo fora mais do que sorte?

Então me ocorreu que ele não havia respondido à pergunta de Kearns: para quem devemos rezar? Com um estremecimento, fiquei imaginando para quem ele havia rezado... e quem exatamente tinha atendido.

DOIS

“Tenho tudo de que preciso”

Eu me arrastei da sala de estar até a porta do porão, raciocinando que, muito embora não solicitado, eu seria ligeiramente menos inútil ao lado do doutor. O laboratório lá embaixo faiscava de luz, e eu podia ouvir as exclamações baixas e ininteligíveis do monstrologista. Vou confessar que até mesmo eu, que pensava diariamente em fugir da casa da Harrington Lane o mais rápido que minhas pernas de treze anos permitissem, que mais de uma vez desejei estar em outro lugar que não ao lado de um monstrologista diante da mesa de autópsia, que quase todas as noites rezava para o mesmo ser sagrado (de cuja eficácia e existência o profano Kearns zombara) para ter uma vida, de algum modo, de algum jeito, mais parecida com aquela que me tinha sido arrancada quase três anos antes, até mesmo eu sentia atração pela caixa, sentia o então familiar apreço mórbido por todas as coisas detestáveis... pelos cidadãos de nossos pesadelos... pelos alienígenas de nossos sonhos mais sombrios. *O que há naquele pacote? O que foi entregue esta noite?*

Não vou dizer que minha descida foi ansiosa, mas foi rápida e não totalmente motivada pelo senso do dever. Eu queria ver o que havia naquela caixa. Tinha medo e ao mesmo tempo desejava isso. Mais do que qualquer coisa, o medo e o desejo foram minha principal herança do monstrologista.

Ao descer, eu o apanhei dizendo a palavra “Magnífico! “. O doutor estava debruçado sobre sua mesa de trabalho de costas para mim, escondendo de vista a caixa aberta. O embrulho de papel kraft e barbante, rasgado com pressa, estava no chão em uma bola amassada. O último degrau sussurrou o menor dos gemidos sob meu pé, e o doutor se virou, pressionando a lombar contra o tampo da mesa e abrindo bem os braços para esconder o que estava sobre ela.

— Will Henry! — gritou ele com voz rouca. — Que diabos você está fazendo? Eu lhe disse para ficar com Kendall.

— O sr. Kendall está dormindo, senhor.

— Sem dúvida que está! Ele recebeu uma injeção de uma solução de morfina a dez por cento.

— Morfina, dr. Warthrop?

— E um pouco de corante alimentício para dar um efeito. Perfeitamente

inócuo.

Eu me esforcei para entender o que aquilo queria dizer.

— Não foi o antídoto?

— Não existe antídoto para tipota, Will Henry.

Soltei um murmúrio abafado. Warthrop havia mentido, e eu nunca o vira enganar ninguém de propósito. Na verdade, ele reservava seu ódio mais profundo justamente para esse comportamento, chamando-o de o pior tipo de tolice e palhaçada — e o monstrologista não era o tipo de homem que encarava de bom grado ser enganado.

Qual poderia ser a explicação? Consolar um homem condenado? Dar-lhe um pouco de paz em seus últimos momentos sobre a Terra? Teria sido sua mentira um ato de misericórdia?

O doutor olhou por cima do ombro para a mesa. Depois se virou de novo para mim com um olhar gelado.

— O que foi? — vociferou ele. — O que você está olhando?

— Nada, senhor. Só achei que o senhor poderia precisar de...

— Tenho tudo de que preciso no momento, obrigado. Volte imediatamente para o sr. Kendall, Will Henry. Ele não deve ficar sozinho.

— Quanto... quanto tempo ele tem?

— Isso é muito difícil de dizer — há tantas variáveis —, trinta, talvez quarenta anos.

— Anos! Mas o senhor disse que não havia anti...

— Sim, eu disse, e não, não há, porque não existe nada do gênero, Will Henry. “Tipota” em grego quer dizer “nada”.

— É?

— Não, estou mentindo para você. Na verdade significa “criança burra”. Sim, significa “nada” em grego, e não existe nada parecido com uma árvore chamada pirita. Pirita é outro termo para “ouro de tolo”. E não existe nenhuma Ilha dos Demônios perto de Galápagos. Quando Kearns instruiu Kendall a falar “diga a ele que é tipota”, ele estava falando literalmente.

— O senhor quer dizer que... que foi tudo uma peça?

— Um embuste, para ser exato. Ele precisava que Kendall acreditasse que tinha sido envenenado a fim de garantir que o pacote fosse entregue. Agora, se você já terminou de ficar aqui de pé com a boca escancarada como a mais desagradável das pessoas que respiram pela boca, por favor, faça o que solicitei e cuide de nosso hóspede.

Não obedeci imediatamente. Meu espanto foi mais forte que minha lealdade.

— Mas os sintomas...

— Todos atribuíveis à tensão psicológica produzida pela crença dele de que havia sido envenenado.

— Então o senhor sabia o tempo todo? Mas por que o senhor não...

— Não contei a verdade? Você acha que o pobre tolo teria acreditado em mim se eu contasse? Ele não me conhece desde os tempos de Adão. Será que não pensaria que eu faço parte do plano diabólico de Jack e sofreria um ataque do coração por causa da grandiosidade de seu medo e do fim de todas as esperanças? Havia uma boa possibilidade de que isso acontecesse, e era algo que Kearns provavelmente previu, tornando esse jogo ainda mais malignamente delicioso. Imagine só, Will Henry! A mentira faz que esse homem percorra todo o caminho até aqui... e depois a verdade o mata! Não, eu percebi tudo na mesma hora e escolhi o único caminho moral que estava disponível para mim. Portanto, até os santos podem pecar que a vontade de Deus será feita!

Ele apontou para as escadas.

— Rápido, Will Henry.

E eu obedeci, embora não houvesse muita rapidez naquele meu “rápido”. Ele gritou às minhas costas:

— Feche a porta ao sair e *não volte a descer!*

— Sim, senhor. Pode deixar, dr. Warthrop — e não vou voltar.

A primeira promessa eu não quebrei, pelo menos.

Fiquei sentado na sala de estar, inquieto e entediado, com nosso hóspede inconsciente. Não estava acostumado a ser dispensado, depois de ouvir até enjoar meu mestre falar o quanto eu era indispensável. Eu estava sofrendo também com a ideia aterrorizante de que Warthrop podia estar errado, de que havia, sim, um veneno chamado tipota e que a qualquer momento Kendall iria emborcar de lado; eu não queria assistir ao coração de um homem explodindo na nossa sala.

Mas os minutos se passaram, ele continuou respirando... e eu a me inquietar. Por que o monstrologista tinha me dispensado daquele jeito tão abrupto? O que havia na caixa que ele não queria que eu visse? Ele nunca pareceu particularmente preocupado em me expor aos fenômenos biológicos mais nojentos e amedrontadores, nem às obras deles. Eu era, gostando ou não, seu aprendiz, e não era ele mesmo quem dizia com frequência “você precisa se acostumar com essas coisas?”.

Dez minutos. Quinze. Depois o estrondo e o ranger da porta do porão se abrindo com força, o trovejar dos passos pelo corredor, e então Warthrop entrou como um furacão na sala. Foi direto até o divã e colocou Kendall de pé.

— Kendall! — gritou na cara do homem. — Acorde!

Os olhos de Kendall tremularam, depois voltaram a se fechar. Notei que o

doutor tinha colocado um par de luvas.

— Você abriu o pacote, Kendall? Kendall! Você tocou no que estava lá dentro?

Ele agarrou o homem inconsciente pelos pulsos, torceu as mãos de Kendall para um lado e depois para o outro, depois se abaixou para cheirar os dedos dele. Abriu as pálpebras de Kendall e espiou bem no fundo das suas órbitas cegas.

— O que foi? — perguntei.

— Pelo menos três pessoas o tocaram. Uma delas foi você, Kendall? Foi você?

O homem respondeu com um gemido baixo, imerso nas profundezas de seu sono induzido. Warthrop soltou um murmúrio de desdém, virou-se nos calcanhares e marchou para fora da sala, parando à porta para vociferar que eu continuasse onde eu estava.

— Fique de olho nele, Will Henry, e me chame imediatamente caso ele acorde. E não o toque sob nenhuma hipótese!

Achei que ele fosse correr de volta para o porão, mas ele saiu na direção oposta, e então eu o ouvi na biblioteca, apanhando tomos antigos e desgastados das estantes e depositando-os na grande mesa com pancadas trovejantes. Ouvi o doutor murmurando consigo mesmo, agitado, mas não consegui distinguir as palavras.

Eu andei de fininho pelo corredor até a porta da biblioteca. Ele estava de pé, de costas para mim, encurvado sobre um livro encadernado de couro. Enrijeceu-se de repente, ao sentir minha presença, e se virou.

— O que foi? — berrou ele. — O que você quer agora?

— O senhor... Será que eu poderia...

— Poderia *o quê*? Será que você poderia *o quê*?

— Existe algo que eu possa fazer para ajudar, senhor?

— Eu já lhe disse o que você pode fazer, Will Henry. Entretanto, aqui está você. Por que está aqui, Will Henry?

— Achei que o senhor poderia querer que eu...

— Que você interrompesse o meu trabalho? Que me oprimisse com esse seu choramingar bajulador incessante? Não é que eu tenha lhe pedido para construir uma máquina de movimento perpétuo, nem para fazer malabarismos com xícaras de chá enquanto ficava de ponta-cabeça sobre essa sua cabecinha pontuda. Minha lembrança distinta é ter lhe pedido para ficar de olho no sr. Kendall — só isso e nada mais —, mas você parece incapaz de cumprir até mesmo essa simples ordem!

— Desculpe, senhor — falei, lutando contra os desejos conflitantes de fugir e de me atirar no chão dando um chilique infantil. Recuei até a porta e voltei até

a sala. Kendall não tinha mexido nem um músculo, mas os meus estavam se movendo um tanto livremente, principalmente aqueles ao redor da minha boca.

— Eu odeio ele — sussurrei para minha testemunha inconsciente. — Ah, como eu o odeio! “Rápido, Will Henry, rápido. “ Por que o *senhor* não anda rápido, Warthrop... e vai direto para o inferno?

Era tão injusto! Eu não tinha pedido por nada daquilo. Meu pai havia servido o monstrologista de bom grado, mas a minha servidão era mais do tipo involuntário, resultado das trágicas circunstâncias que eu, aos treze anos, ainda não aceitava de todo. Se não fosse pelo homem que havia me repreendido de modo tão injusto e selvagem, meus pais ainda estariam vivos e eu não conheceria nem uma centelha dos interiores sombrios e empoeirados do número 425 da Harrington Lane. Talvez o monstrologista não fosse o responsável direto pela morte deles, mas a monstrologia com certeza era. Ah, essa maldita “filosofia”! Essa “ciência” repulsiva que tinha sido a ruína de meus pais... e agora a minha também.

O fedor acre de carne apodrecendo... os olhos cegos de alguma criatura nojenta que me encarava da mesa de autópsia... o horror indizível de ver Pellinore Warthrop tirando carne humana de dentes sanguinolentos enquanto assoviava com a felicidade de um homem entretido com aquilo que ama...

Enquanto o garoto que ele herdara, o garoto que viu os pais morrerem num incêndio para o qual ele, Warthrop, tinha fornecido o fósforo metafórico, ficava pairando por perto, sempre a companhia leal e indispensável, os pés gelados metidos em sapatos salpicados de sangue sobre o chão de pedra fria...

E aos poucos a alma desse garoto, seu ânimo humano, começava a ficar frio, a ficar anestesiado, a se atrofiar...

*Wer mit Ungeheuern kämpft, mag zusehn, dass er nicht dabei zum Ungeheuer wird.*¹

Sabe o que isso significa?

Eu sei.

Ano após ano, mês após mês, dia após dia, hora após hora, minuto após minuto, segundo após segundo, algo mastiga a alma quando se está em companhia do monstrologista, como as ondas agitadas corroem a praia, erodindo o edifício, expondo os ossos, revelando a estrutura esquelética que existe por baixo do nosso conceito de excepcionalidade humana.

Quando fui morar com o doutor, fazia parte de nosso protocolo de dissecação ter sempre um balde ao lado da mesa para que eu pudesse esvaziar o conteúdo do meu estômago — era algo inevitável. Depois de um ano ao lado dele, o balde passou a não ser mais necessário. Eu era capaz de enfiar as mãos nos restos pútridos de um organismo apodrecido com a mesma naturalidade com

que uma menininha colhe margaridas no campo.

Senti isso enquanto guardava vigília naquela sala, que algo amarrado dentro de mim se afrouxava, e esse desenrolamento me deixou ao mesmo tempo eufórico e aterrorizado. Eu não sabia que nome dar a isso, não naquele momento, não aos treze anos de idade — a essa coisa que se desenovelava dentro de mim. Fazia parte do meu ser (era sua parte mais fundamental, quem sabe), mas ao mesmo tempo era algo à parte, e a tensão entre as duas coisas, o *eu* e o *não eu*, seria capaz de partir o mundo em dois.

Wer mit Ungeheuern kämpft... ²

Não tenho intenção de fazer charadas. Sou um velho, agora. Os velhos falam sem rodeios; é nossa prerrogativa.

Falando sem rodeios, eu daria àquilo o nome de *das Ungeheuer*³, mas este é apenas o nome que *eu* dou para esse “eu-não-eu” essa coisa se desenovelando dentro de mim e que ao mesmo tempo me fascinava e repelia, essa coisa em mim — e em você também — que sussurra como o trovão: *EU SOU*.

Você talvez lhe dê um nome diferente.

Mas já a viu. Você não pode ser humano e não tê-la visto, sentido seu fascínio, ouvido-a sussurrar como o trovão. Você fugiria dela, mas ela é *você*, e então para onde seria possível correr? Você a abraçaria, mas ela é o *não você*, e então como a envolveria?

Veja, mais do que um homem faminto deseja pão, eu desejava ver o que havia naquela caixa, seja lá o que fosse. Esse desejo me tomava mais filho do meu mestre do que de meu próprio pai; eu era Pellinore Warthrop reencarnado, porém intocado por qualquer escrúpulo poético. Em mim aquilo era pura fome, um desejo imperturbado pelas trivialidades e morais humanas.

Mas no interior dessa coisa se desenovelando dentro de mim, *das Ungeheuer*, também morava a abominação — a repulsa que fazia contrapeso a ela e que berrava para eu permanecer na sala de estar com Kendall.

Meu fardo não movia nem um músculo havia quase uma hora, e não parecia que iria mover tão cedo. Se eu ficasse ali mais um momento sequer, o *meu* coração é que poderia explodir. Àquela altura eu não desejava apenas olhar o presente especial de Kendall: eu *precisava* olhar.

Andei de fininho pelo corredor e espiei o interior da biblioteca, onde vi o monstrologista sentado à sua mesa, a cabeça apoiada nos braços dobrados. Chamei seu nome baixinho. Ele não se mexeu.

“Bem”, pensei, “ou ele está dormindo ou está morto. Se for a primeira opção, não me arrisco a acordá-lo. Se for a segunda, é impossível fazer isso!”

Andei rápida e silenciosamente até a porta do porão e quase sem hesitar

comecei a descer.

Dentro de mim, a liberação.

“Só uma espiadinha”, prometi a mim mesmo. Raciocinei que devia ser algo bastante especial para que meu mestre estivesse fazendo tanto mistério a respeito. E, para ser sincero, meu orgulho estava ferido. Eu interpretara sua atitude fechada como falta de confiança — depois de tudo o que havíamos passado juntos! Se ele não podia confiar em mim, a única pessoa nesse mundo que o suportava, então em quem poderia confiar?

Um pano preto cobria a mesa de trabalho. Embaixo dele estava o presente do dr. John Kearns; vi o desenho da caixa em que ele havia chegado. Agora, por que o monstrologista o havia coberto? Para protegê-lo de olhos xeretas, é óbvio — e só havia um único par de olhos naquela casa possível de xeretar.

Minha raiva e minha vergonha dobraram. Como ele ousava! Então eu não havia provado meu valor inúmeras vezes? Não tinha sido *sempre* um modelo de lealdade inquestionável e devoção constante? E *essa* é que era a minha recompensa? Que homem mais irritante!

Não ergui uma pontinha com cuidado para olhar furtivamente o que havia lá embaixo: *arranquei* o pano preto. Ele chicoteou raivoso o ar frio ao cair no chão.

TRÊS

“A resposta a uma prece não dita”

Soltei um murmúrio de espanto; não pude evitar. Talvez eu me orgulhasse perversamente da minha transformação de garoto inocente em aprendiz de monstrologista farto das agruras do mundo, talvez estivesse morbidamente feliz com a carapaça que havia crescido ao redor das minhas sensibilidades tenras, mas *aquilo* me desnudou, expôs o proto-humano aborígene que ainda mora dentro de cada um de nós, que fita aterrorizado as profundezas vastas do céu noturno e o olho inflexível da lua desalmada. A palavra que o doutor usou para descrevê-lo foi “magnífico”. Não seria o termo que eu teria escolhido.

De uma distância maior e a uma luz mais fraca, aquilo poderia parecer uma cerâmica antiga — uma grande tigela de barro, talvez —, embora feita por um homem cego ou um artista que ainda estivesse aprendendo seu ofício. Era, por falta de uma palavra melhor, *empelotado*. As laterais eram grandes demais; a borda, irregular; e o fundo ligeiramente convexo, fazendo o conjunto todo tombar para o lado, desequilibrado.

Mas a distância não era grande e a luz não era fraca; vi de perto e com clareza o material com que esse estranho recipiente tinha sido feito. Eu já havia aprendido o bastante sobre anatomia com Warthrop para identificar algumas das coisas que constituíam esse lamaçal confuso de restos entrelaçados com complexidade inacreditável — aqui uma falange proximal, ali uma mandíbula partida ao meio —, porém outros me pareciam tão misteriosos (e quase tão sem sentido) quanto peças de um quebra-cabeça espalhadas pelos quatro cantos de uma sala. Estraçalhe o corpo de um ser humano, rasgue-o em pedaços do comprimento do seu polegar e veja o quanto dele você é capaz de reconhecer. Seria aquilo ali um tufo de cabelo — ou um tendão muscular que ficou preto? E aquela substância melequenta e arroxeada lá — um pedaço do coração ou quem sabe um naco do fígado? A dificuldade da coisa ficava maior devido ao entrelaçamento de todas as partes variadas. Imagine um ninho de pintarroxo gigantesco formado não de ramos e folhas, mas de restos humanos.

“Sim”, pensei. “Não uma tigela. Um ninho. É isso o que parece.”

Aquilo me intrigou no início; como o artesão monstruoso — seja lá quem (ou o quê) ele fosse — havia conseguido fazer aquilo? Os tecidos inertes apodrecem rápido quando expostos ao meio ambiente, e sem um agente para unir as partes todo aquele saco repelente sem dúvida teria desabado numa massa caótica. Porém, a coisa cintilava como argila queimada sob a luz forte do

laboratório. Talvez tenha sido assim que minha primeira impressão se formou, pois ela estava recoberta por uma substância ligeiramente opaca e gelatinosa, semelhante a muco.

Em sua pressa insana de confrontar Kendall — *Você abriu o pacote, Kendall? Você tocou no que estava lá dentro?* —, o doutor havia abandonado suas anotações. No alto da página estava esta inscrição:

Londres, 2 fev., 1889, Whitechapel. John Kearns.
Magnificum???

Abaixo dessa linha estava uma palavra que não reconheci, pois meus estudos em línguas clássicas haviam padecido sob os cuidados do doutor. Ele escrevera em grandes letras, de forma que a palavra dominava a página:

Τυφωεύς Τυφωεύς* ¹

O resto da página estava em branco. Era como se, após colocar aquela única palavra no papel, não pudesse pensar em nada mais para escrever.

Ou, pensei, não houvesse nada mais que ele *ousasse* escrever.

Isso era profundamente perturbador, mais do que o que ele havia escondido embaixo do pano preto. Embora ainda garoto, eu era capaz, como já confessei, de suportar com bravura estoica as manifestações grotescas do lado vil da natureza. Aquilo, porém, era muito pior; sacudia as bases da minha devoção a ele.

O homem com quem — ou melhor, para quem — eu vivia, o homem por quem eu tinha arriscado minha vida e por quem o faria de novo à menor provocação, sem hesitar, o homem a quem na minha cabeça eu chamava não de “o monstrologista” e sim de “o monstrologista”, estava agindo menos como um cientista e mais como um cúmplice de um crime.

Restava apenas uma coisa a fazer antes de fugir de uma vez do porão.

Eu não queria, e nada exigia que o fizesse. Na verdade, todos os impulsos são dentro de mim clamavam por uma retirada rápida. Mas existem pensamentos que se originam da parte frontal do nosso cérebro e outros que vêm de locais muito mais profundos, da parte animal, da parte que recorda os terrores da savana ampla à noite, da parte mais antiga de nós, que existia antes da voz

primordial que pronunciou as palavras “*EU SOU*”.

Eu *não queria* olhar para aquele saco cintilante de restos desmembrados; eu *precisava* olhar.

Inclinado na beirada da mesa para me equilibrar, me aproximei pé ante pé para examinar aquilo por dentro. Se a forma seguia a função, só poderia haver um propósito para esse estranho — e estranhamente belo — *objet trouvé*².

— Will Henry! — vociferou uma voz áspera atrás de mim. Em duas passadas ele já estava ao meu lado, puxando-me para trás como se eu estivesse em um precipício, girando-me para que eu o olhasse. Seus olhos cintilavam com fúria e — algo que eu raramente via — medo.

— Que diabo você está fazendo, Will Henry? — berrou ele diante do meu rosto voltado para cima. — Você tocou nele? Responda! *Você tocou nele?*

Ele agarrou meus pulsos como fizera com os de Kendall e levou as pontas dos meus dedos para perto de seu nariz, cheirando-os ruidosamente, ansiosamente.

— N-não — gaguejei. — Não, dr. Warthrop, não toquei.

— Não minta para mim!

— Não estou mentindo. Juro que não, não toquei nele, senhor. Eu só estava... só estava... desculpe, senhor; caí no sono, e aí acordei, e achei ter ouvido o senhor aqui embaixo...

Os olhos escuros dele perscrutaram os meus durante vários segundos agonizantes. Aos poucos, parte do medo que vi ali refletido sumiu. Ele deixou as mãos penderem ao lado do corpo. Seus ombros relaxaram.

Ele rodeou a mesa e disse asperamente, parecendo-se mais com seu “antigo eu”:

— Bem, o que está feito, feito está. Você já o viu; pode então muito bem me dar uma mão. E, respondendo à sua pergunta...

— Minha pergunta, senhor?

— A que você não fez. Ele está vazio, Will Henry.

Ele se pôs a trabalhar metodicamente, sua empolgação era denunciada apenas pelos seus olhos. Ah, como aqueles olhos escuros bailavam de alegria! Ele estava completamente em seu elemento profano. Aquilo era a sua *raison d'être*³, o mundo de sangue e ultraje que é a monstrologia.

— Passe a lupa, e preciso que você segure a luz para mim, Will Henry. Perto, mas não perto demais! Aqui, ponha estas luvas. Sempre use luvas. Não esqueça.

Ele prendeu a faixa da lupa de relojoeiro bem apertado em volta da cabeça. A lente fazia seu olho parecer absurdamente grande em relação ao seu rosto.

Inclinou-se sobre o “presente” de John Kearns enquanto eu incidia a luz sobre a superfície irregular e brilhante.

Ele não moveu o objeto; nós é que giramos em torno dele. O doutor parou várias vezes em nosso percurso ao redor da mesa, trazendo o nariz perigosamente para perto da superfície da coisa, transfigurado pelas minúcias invisíveis ao meu olho nu.

— Lindo — murmurou ele. — Tão lindo!

— O que é isso? — perguntei em voz alta. Não pude evitar. — O que é esse negócio, dr. Warthrop?

Ele endireitou o corpo, pressionando as mãos contra a lombar e estremecendo de dor, pois estivera encurvado por quase uma hora.

— Isso? — perguntou ele, a voz tremendo em euforia. — Isso, William Henry, é a resposta a uma prece não dita.

Embora eu mal tivesse entendido o que ele disse, não o pressionei para explicar. Os monstrologistas, eu havia aprendido, não rezam para os mesmos deuses que nós.

— Venha! — gritou ele, girando o corpo abruptamente para começar a subir as escadas. — E traga a lanterna. O efeito da morfina logo, logo vai passar, e é imperativo que eliminemos o sr. Kendall como suspeito.

“Suspeito?“, eu me perguntei. “Suspeito de quê?“

Na sala de estar, o doutor se agachou diante do homem deitado de costas, que começou a gemer, os braços cruzados sobre o peito, os olhos se revirando sob as pálpebras trêmulas. Warthrop pressionou os dedos enluvados no pescoço do homem, auscultou o coração de Kendall e então abriu ambas as pálpebras dele para encarar seus olhos cegos e inquietos.

— Aqui ao meu lado, Will Henry.

Eu me ajoelhei ao lado dele e iluminei com a lanterna as órbitas agitadas de Kendall. O doutor se inclinou tanto para baixo que seus narizes quase se tocaram, criando uma cena absurda de beijo suspenso. Murmurou algo; parecia latim.

— *Oculus Dei!*⁴

— O que o senhor está procurando? — sussurrei. — O senhor disse que ele não havia sido envenenado.

— Eu disse que ele não foi envenenado por *Kearns*. Existem três conjuntos distintos de digitais na saliva coagulada. Alguém o tocou — três “alguéns”, aparentemente — e duvido que um deles tenha sido John. Ele não é bobo.

— Aquilo é venenoso?

— Para dizer o mínimo — respondeu o doutor. — Se é que as histórias têm algo de verdade.

— Que histórias?

Ele não se virou para interromper o que estava fazendo, apenas suspirou com força. Nisso, pelo menos, o doutor era como a maioria dos homens: não aprovava fazer duas coisas ao mesmo tempo.

— As histórias sobre o *nidus*, Will Henry, e sobre o *pwdre ser*. Agora você vai me perguntar: “O que é um *nidus*? “ e “O que é *pwdre ser*? “ Mas rogo que contenha suas perguntas por enquanto; estou tentando pensar.

Depois de um instante, ele se levantou. Mirou seu paciente acidental por mais um ou dois segundos. Em seguida, virou-se e me encarou em silêncio por mais dois ou três.

— Sim, senhor? — indaguei com um engasgo trêmulo. O silêncio pesado e sua expressão indecifrável me irritaram.

— Acho que não temos escolha, Will Henry — disse ele com naturalidade. — Não tenho certeza se ele o tocou ou não, e as histórias podem não passar de superstição e contos da carochinha, mas é melhor pecar pelo cuidado. Vá lá em cima e tire as colchas da cama do quarto de hóspede, e além disso vamos precisar de cordas fortes. Vou dar a ele mais uma dose de morfina, suponho.

— Cordas, senhor?

— Sim, cordas. Uns sete metros devem bastar; podemos cortá-las, se for necessário. Bem, o que você está esperando? Rápido, Will Henry. Ah, e mais uma coisa... — gritou ele às minhas costas. Parei perto da porta. — Só por precaução... apanhe meu revólver.

QUATRO

“Voltar atrás é humana”

Em meia hora estava feito. Wymond Kendall deitara-se de braços e pernas abertos sobre o colchão descoberto, só com as roupas de baixo, preso pelos pulsos e tornozelos aos quatro postes da cama, e ao seu lado estava o monstrologista, que decidira adiar uma nova dose de morfina, embora mantivesse por perto a seringa — para o caso, confessou ele, de ver sua fé na integridade de nossa espécie cair por terra.

Kendall soltou um gemido gutural. Depois seus olhos tremularam e se abriram. Warthrop se levantou da cadeira e enfiou a mão, como quem não quer nada, no bolso do casaco, onde eu o vira esconder sua arma. Ofereceu àquela alma desnorteada o que eu chamo de sorriso warthropiano: de lábios apertados, esquisito; mais uma careta que um sorriso.

— Como está se sentindo, sr. Kendall?

— Com frio.

Ele tentou se sentar. Só devagar se deu conta de que não podia fazer isso, e essa compreensão ficou evidente na expressão de seu rosto, cuja mudança de frieza para choque e depois para terror absoluto foi quase cômica. Ele puxou as cordas com força. Os postes da cama rangeram. A cama balançou.

— O que significa isto, Warthrop? Solte-me! Solte-me imediatamente!

Era demais para o pobre homem suportar. Em menos de quinze dias ele se via na mesma posição que estivera no início daquele pesadelo estranho e inesperado. Para ele, devia parecer que tinha escapado de um louco apenas para cair na mão de outro. Meu mestre tentou acalmá-lo: — Não tenho intenção de machucar você. O que fiz é para a sua própria proteção, e para a minha também. Vou soltá-lo de bom grado quando tiver certeza de que ninguém aqui corre perigo.

— Perigo? — guinchou a vítima em pânico. — Mas você me deu o antídoto!

— Sr. Kendall, não existe antídoto para o perigo de que estou falando. Agora você precisa me dizer a verdade. Embora todos os homens mintam, e a maioria mais do que deveria ou precisaria... agora a verdade pode, literalmente, libertá-lo.

— Do que você está falando? Já lhe disse a verdade; eu lhe contei tudo exatamente como me lembro. Meu bom Deus, como eu poderia inventar uma história dessa?

Cuspe voava de seus lábios. Warthrop deu um passo para trás e levantou a mão com calma, esperando que o homem se acalmasse antes de continuar.

— Não estou acusando você de admitir, Kendall; estou acusando-o de omitir. Diga a verdade. Você tocou nele?

— Tocar nele? Nele o quê? No que eu toquei? Não toquei em nada!

— Ele lhe disse para não tocá-lo. Tenho certeza de que disse. Ele não poderia correr o risco de seu mensageiro tocar na encomenda e ela acabar se perdendo ou sendo destruída. Ele deve ter avisado você para não tocá-la.

— Você está falando do embrulho? Acha que eu o abri? Por que eu faria isso?

— Você não conseguiu aguentar a curiosidade. Não conseguiu suportar esse “não saber”. Por que Kearns iria tão longe, e de um jeito tão bizarro, para me enviar esse embrulho? O que haveria ali dentro que era tão valioso a ponto de ele preferir cometer um assassinato a deixar de enviar o pacote? Você estava aterrorizado; não queria abrir o embrulho, mas ao mesmo tempo *precisava* fazer isso. Seu desejo é compreensível, sr. Kendall. Olhar para trás é humano, olhar o rosto da Medusa, amarrarmos ao mastro do navio para ouvir o canto das sereias, olhar para trás enquanto a esposa de Lot olha para trás. Não estou irritado com você por ter olhado. Mas você olhou. Você tocou.

Kendall tinha começado a chorar. Sua cabeça balançava para a frente e para trás no colchão de coberto. Ele revirou os braços, as pernas, e ouvi as cordas arranhando sua carne.

O monstrologista arrancou a lanterna da minha mão e a aproximou do rosto atormentado do homem. Kendall encolheu o corpo; puxou instintivamente o braço direito na tentativa de cobrir os olhos.

— Você está sensível à luz, não é, sr. Kendall?

Warthrop me entregou a lanterna de volta. O doutor segurou o dedo indicador da mão direita de Kendall com a mão enluvada, e o homem estremeceu de dor, seus dentes morderam o lábio inferior com força para reprimir um soluço.

— Foi essa a mão, não foi? A mão que tocou a coisa que estava dentro da caixa. A mão que tocou o que nenhuma mão deveria tocar.

O doutor girou os dedos do homem dentro de sua mão mal fechada.

— Suas articulações doem terrivelmente, não é? As do corpo todo, mas principalmente as desta mão. Você ficou repetindo para si mesmo que era só uma gripe, ou o tipota, quem sabe, ou ambos. Não é nenhuma das duas coisas.

Ele fechou a mão ao redor da base dos dedos de Kendall e disse: — Estão ficando amortecidos, não estão? A sensação de dormência começou na ponta dos dedos com os quais você o tocou, mas está se espalhando pelo corpo. Você pensa que é a corda que está impedindo sua circulação ou que o quarto está frio demais. Não é nenhuma das duas coisas.

Warthrop soltou sua mão.

— Não posso dizer com nenhuma certeza razoável o quanto você irá sofrer, sr. Kendall. Pelo que sei, a sua exposição é a primeira verificável pela ciência.

— Exposição, você disse? Exposição a quê?

— Os galeses chamam de *pwdre ser*. A podridão das estrelas.

— Podridão das estrelas? Que diabo é isso?

— Uma descrição bastante poética de uma substância que não é nem podridão e nem vem das estrelas — respondeu o doutor. Sua voz havia adquirido aquele tom irritantemente seco, explicativo, que eu já ouvira um milhão de vezes. — Na verdade faz parte do sistema digestivo e é semelhante à nossa saliva, mas, ao contrário de nossa saliva, é extremamente tóxica.

— Está bem! Está bem, maldito seja; sim, sim, eu o toquei; eu o toquei! Enfiei a mão naquela caixa dos diabos e dei uma apertadinha, mas foi só isso! Não o retirei dali nem o abracei; só toquei de leve, só dei uma cutucadinha pequena para ver o que era! Foi só isso. Só isso!

O doutor assentiu gravemente. Sua expressão era de pena profunda.

— Provavelmente foi o suficiente — disse ele.

— Por que me prendeu nesta cama?

— Eu já lhe disse.

— Por que tirou minha roupa?

— Para poder examiná-lo.

— O que é a coisa que estava na caixa?

— É um *nidus ex magnificum*.

— Para que serve?

— O nome explica sua função.

— De onde ele veio?

— Bem, o enigma é esse, não é, sr. Kendall? O que John Kearns falou?

— Não falou nada.

— Ele é uma víbora, eu concordo, mas pelo que sei sua saliva não é venenosa nem especialmente grudenta; não foi ele que fez o *nidus*. Ele mencionou por acaso onde estaria aquilo que fez?

— Não. Não, não mencionou. Já lhe disse... tudo o que ele falou... Ah, Deus, esta luz. Esta luz está queimando meus olhos.

— Aqui, vou cobri-los com esse pano. Está melhor assim?

— Sim. Por favor, me solte.

— Bem que eu gostaria. Quer comer alguma coisa?

— Ah, meu Deus, não. Não. Minha barriga. Dói.

— Sr. Kendall, vou extrair uma pequena amostra do seu sangue. Uma picadinha... ótimo. Will Henry, mais um tubo de ensaio, por favor. Cadê o outro? Você o perdeu? Ah, está aqui... Inspirações lentas e profundas, sr. Kendall. Gostaria de mais uma dose de morfina para seus nervos?

— Quero que me desamarre desta cama de merda.

— Will Henry, pode apagar a luz, por gentileza? E fechar a porta — o doutor retirou o pano. — Sr. Kendall, quero que abra os olhos. Está me vendo com clareza?

— Sim. Sim, estou vendo você.

— É mesmo? Pois eu não estou vendo você. Este quarto está escuro como breu. Diga, quantos dedos da minha mão estão levantados?

— Três. Por quê?

— Isto se chama *Oculus Dei*, sr. Kendall. Não sei quem foi o criador desta alcunha pitoresca.

— O que significa?

— O olho de Deus.

— Isso eu sei! Aprendi um pouco de latim na escola, dr. Warthrop. Estou perguntando o que significa!

O monstrologista não sabia a resposta, ou, se sabia, guardou para si.

Ele me arrastou até o corredor e fechou a porta.

— Um desenvolvimento extraordinário, Will Henry, e não sem sua dose justa de ironia. Ele foi envenenado, sim; não pelas mãos de Kearns, mas pelas suas próprias mãos... literalmente!

— Ele vai morrer?

Warthrop confessou que não sabia.

— Estamos em águas não mapeadas, Will Henry. Nenhuma vítima do *pwdre ser ex magnificum* jamais foi recuperada, muito menos estudada — embora sua expressão fosse grave, sua voz traiu sua empolgação. — Ele pode morrer; ou pode se recuperar totalmente. Tenho alguma esperança. Afinal, sua exposição foi mínima, e existem alguns relatos anedóticos que sugerem que o *pwdre ser* perde sua potência com o tempo. Talvez dependa da idade do *nidus*.

— Será que não devíamos... quer que mande chamar um médico, senhor?

— Para quê? O sr. Kendall não está sofrendo de um resfriado, Will Henry. O tolo infeliz conseguiu encontrar seu maior fortúnio ao procurar exatamente a pessoa que melhor entende seu infortúnio. Rá! Agora preciso dar uma olhada nesta amostra. Fique com ele até eu voltar, Will Henry. Não saia de perto. Em

nenhuma circunstância o sr. Kendall deverá ficar sozinho. E não cochile nem se distraia! Quero saber tudo o que ele fizer ou disser enquanto eu estiver ausente. Não o toque; não deixe que ele toque você. E, preste atenção, Will Henry. Você é uma testemunha da história!

— Sim, senhor — respondi obedientemente.

— Não devo demorar. Aqui, só por precaução. Melhor ficar com isso.

Ele pressionou o revólver na minha mão.

— Quem está aí? — gritou Kendall quando voltei a entrar no quarto. O doutor havia coberto os olhos dele novamente antes de sair e voltado a acender a luz.

— Sou eu. Will Henry — respondi.

— Onde está o doutor? Onde está Warthrop?

— Está lá embaixo no laboratório, senhor.

— Tentando achar a cura?

— Eu... eu não sei, sr. Kendall.

— Como assim, não sabe? — berrou ele. — Afinal, ele é doutor ou não?

— Ele é e não é.

— O quê? O que você disse? Ele é e não é?

— Ele não é um doutor da medicina.

— Não é um doutor da medicina? Que espécie de doutor ele é então?

— É um monstrologista, senhor.

— Um monstrogis...

— Monstrolo...

— Monstrolo...

— ... gista.

— Gista?

— Monstrologista — falei.

— Monstrologista! Essa é a coisa mais absurda que eu já ouvi na vida. Que tipo de besteira é essa?

— Ele é um cientista. Um doutor da filosofia natural.

— Ah, Cristo meu! — gemeu ele, em voz alta. — Fui raptado por um *filósofo*! — o peito dele arfava. — Por que estou amarrado a esta cama? Por que vocês não me levam a um hospital?

Não respondi. Achei que não adiantaria nada contar a ele a verdade. Acaricieei o tambor da arma do doutor, nervoso. Por que mesmo Kendall estava amarrado à cama, afinal? Por que o monstrologista me dera o revólver?

— Olá? — chamou ele.

— Estou aqui.

— Não consigo sentir nem minhas mãos, nem meus pés. Seja um bom

rapaz e me ajude.

— Eu... eu não posso desamarrar o senhor, sr. Kendall.

— E eu lhe pedi para me desamarrar? Só afrouxe os nós um pouquinho. Essa corda está rasgando a minha pele.

— Vou pedir para o doutor fazer isso quando ele voltar.

— Voltar? Para onde ele foi?

— Ele está no laboratório — relembrei.

— Sou um cidadão britânico! — gritou ele com voz aguda. — Meu tio é membro do Parlamento! Vou processar o seu “doutor” por assalto e agressão física, sequestro, falsa detenção e tortura de um cidadão estrangeiro! Com certeza vão mandar enforcá-lo — e você vai junto!

— Ele só está tentando ajudar, sr. Kendall.

— Ajudar? Tirando minha roupa e me amarrando? Recusando-se a me levar a um médico de verdade?

A superfície do revólver estava fria sob meus dedos. Onde estaria a aurora? O sol logo iria nascer; *precisava* nascer.

— Estou com frio — choramingou ele. — Será que você não pode pelo menos me cobrir?

Mordi meu lábio inferior. O homem tremia de um jeito incontrolável, seus dentes literalmente batiam com força. O que eu podia fazer? O doutor não me proibiu de cobri-lo, mas eu tinha certeza de que, se ele o quisesse coberto, teria feito isso pessoalmente. Com certeza aquilo aliviaria o sofrimento do homem, ainda que só um pouco — e não era esse o meu dever, minha simples obrigação humana?

Baixei a arma e tirei a colcha do armário. Quando me abaixei para estendê-la sobre seu corpo trêmulo, senti uma lufada de odor familiar, que eu já tinha sentido muitas vezes antes: o cheiro nauseante e adocicado da carne apodrecida.

Levantei a cabeça, levando os olhos à altura da sua mão direita, e vi que a pele tinha passado de vermelho-rosada para um tom cinza-claro. Parecia quase translúcida. Imaginei que eu conseguiria enxergar até seus ossos.

A mão que havia tocado *aquilo*, a coisa que Warthrop chamara de *linda*, estava começando a se decompor.

— Estou morrendo.

Engoli em seco e não disse nada.

— *Esmagado, é como* me sinto. Como se um punho gigante estivesse me esmagando, cada centímetro do meu corpo, até os ossos.

— O doutor vai fazer tudo o que puder — prometi a ele.

— Não quero morrer. Por favor. Por favor, não me deixe morrer.

Seus dedos apodrecidos arranharam impotentes o ar vazio.

CINCO

“A única cura”

Ele caiu num estado de semiconsciência: nem acordado, nem completamente adormecido.

Veio a aurora. O doutor não veio junto com ela. Só apareceu uma hora depois. Saltei da cadeira quando a porta se abriu; estava exausto, com os nervos em frangalhos.

— Por que você o cobriu? — vociferou ele.

— Eu não o toquei. Ele estava com frio — acrescentei, na defensiva.

Warthrop arrancou a colcha fora e a deixou cair no chão.

— Era da minha mãe. Agora terei de queimá-la.

— Desculpe, senhor.

Ele fez um gesto, desconsiderando minhas desculpas.

— Como precaução, porque se desconhece a toxicidade precisa do *pwdre ser*. Há quanto tempo ele adormeceu?

— Há mais ou menos uma hora e meia.

— “Mais ou menos”? Você não estava fazendo anotações?

— Eu... eu não tinha onde escrever, senhor.

— Will Henry, achei que eu havia lhe transmitido a gravidade deste caso, uma das mais importantes — se não a mais importante — descobertas da história da biologia, aberrante ou não. Precisamos ser meticolosos. Não devemos permitir que nossas falhas pessoais nem nossos preconceitos comprometam nossa observação. — Houve uma pausa. — Quando essa descoloração cinzenta começou a se manifestar?

— Logo depois que o senhor saiu — respondi, com o rosto vermelho de vergonha. Eu não havia anotado a hora. — Começou pela mão...

— Qual mão?

— A direita, senhor.

— Hmmm. Faz sentido. Está se espalhando rápido, então.

Estava, contei. Uma maré pétrea que engolfara as mãos, depois os braços, então o torso, a virilha, as pernas, os pés. O rosto de Kendall era uma máscara cinzenta fina como papel esticada como a pele de um tambor sobre seus ossos protuberantes.

— O que ele relatou?

— Disse que vai mandar prender e enforcar o senhor.

Warthrop soltou um suspiro alto.

— Sobre os sintomas, Will Henry. Os sintomas...

Ele estava inclinado sobre a cama, auscultando o coração de Kendall pelo estetoscópio.

— Disse que estava com frio e que sentia como se um punho gigante estivesse esmagando seu corpo.

O doutor me mandou trazer a lanterna. Com muito cuidado, retirou devagar o pano que cobria os olhos de Kendall e abriu uma das suas pálpebras. O globo ocular tremia na órbita como se houvesse enlouquecido pelo ataque violento da luz.

— A pupila está dilatada ao extremo. A íris desapareceu completamente — observou ele.

Colocou os dedos enluvados sobre a bochecha de Kendall e a apertou de leve. A pele se abriu ao toque, expondo o osso cinza-escuro que havia por baixo. Uma mistura viscosa de pus e sangue escorreu da fissura e o fedor nauseabundo de podridão pairou ao redor das nossas cabeças.

— Tanto a epiderme quanto a derme estão em ativo apodrecimento, o tecido começou a se liquefazer... Estágios iniciais de osteogênese imperfeita observados no osso zigomático — disse Warthrop num fio de voz. — Formando estruturas osteofíticas não artríticas...

Ele correu as mãos pelo resto da face, pelos braços, pelo peito e pelo abdômen, pelas pernas. Havia aprendido a lição; não apertou com força. Seu toque era suave como um sussurro.

— Crescimentos osteofíticos adicionais percebidos nos cotovelos, pulsos, nós dos dedos, joelhos, quadris... Vamos precisar tirar as medidas deles, Will Henry... Miosite aguda geral... — ele olhou para minhas anotações. — *M-i-o-s-i*, Will Henry, não *m-i-o-z-i*... Miosite é essa inflamação que vemos aqui nos músculos esqueléticos, ou voluntários. A esta velocidade, daqui a poucas horas nosso sr. Kendall vai começar a parecer um homem forte do circo — só que *sem pele*.

Ele olhou para a mão direita de Kendall, depois para a esquerda.

— Note a espessura anormal e a coloração amarelo-escuro das unhas — disse ele. Deu um tapinha em uma delas com o dedo enluvado. — Duras como aço! Esta doença é chamada onicauxis — com pena de mim, ele soletrou esse nome.

Olhou-me, com os olhos cintilando de brilho enervante.

— Um perfeito paralelo com as histórias na literatura, Will Henry —

sussurrou ele. — Ele está... *se transformando*. E isso está acontecendo mais depressa do que eu havia suposto de início.

— E o senhor não acha que um hospital...

— Mesmo que eu achasse, o hospital mais próximo daqui é em Boston. A coisa estaria terminada antes de chegarmos lá.

— Ele está morrendo?

Warthrop sacudiu a cabeça. O que ele queria dizer com aquilo? Que Kendall estava morrendo? Ou que ele, o monstrologista, não sabia ao certo?

— Há cura? — perguntei.

— Não segundo minhas fontes, que entretanto não são muito confiáveis. Existe, é claro, a única cura que termina com todos os sofrimentos.

Só um monstrologista, pensei, chamaria a morte de cura para alguma coisa. Eu o observei apanhar a seringa cheia de morfina e revirá-la de um lado para o outro na palma da mão aberta. Aquilo aliviaria o sofrimento do pobre coitado; talvez lhe desse uma pequena dose de paz. Mas a droga talvez interferisse no progresso da “transformação” de Kendall e, assim, comprometeria as investigações científicas de Warthrop.

Em suma, dessagraria o templo.

Sem comentários, o monstrologista pousou a seringa. Parecia assomar uns três metros acima da silhueta retorcida na cama, e sua sombra caiu com dureza sobre aquela pilha de ossos envolvidos displicentemente num saco de pele fina como teia de aranha.

Ele ordenou que eu descansasse; guardaria vigília por um tempo.

— Você está com uma aparência horrível — observou, sem emoção. — Precisa dormir. Provavelmente, também devia arrumar alguma coisa para comer.

Olhei para a cama.

— Não estou com muita fome, senhor.

Ele assentiu. Fazia sentido para ele.

— Onde está meu revólver? Você não o perdeu, não é? Obrigado, Will Henry. Agora direto para a cama. Mas, antes, cuide disso aqui.

E me entregou um papel, uma anotação rabiscada com sua letra feita de garatujas quase ilegíveis.

— É uma carta para o dr. Von Helrung — explicou. — Talvez seja melhor passá-la a limpo com a sua letra, Will Henry. Envie-a por correio expresso, identificando “pessoal” e “confidencial”.

— Sim, senhor.

Fui saindo. Ele chamou-me de trás:

— Vá direto para o correio e volte direto para cá, e seja rápido, se quiser dormir ainda hoje — e fez um gesto na direção da cama. — Isto parece estar se

acelerando.

A carta para o presidente da Sociedade para o Avanço da Ciência da Monstrologia era breve e ia direto ao ponto:

“PESSOAL E CONFIDENCIAL”

Von Helrung,

Graças às circunstâncias mais incomuns, tenho agora em minha posse um autêntico *nidus ex magnificum*. Foi-me enviado pelo dr. Jack Kearns, que, acredito, o senhor conhece. Espere minha presença em Nova York até o fim da semana. Nesse ínterim, oriente seus amigos em Londres a fazer perguntas *discretamente* sobre o paradeiro de Kearns. Ele trabalha (ou trabalhava) no Royal London Hospital, em Whitechapel, e residia no mesmo bairro, num apartamento na Dorset Street cujo dono é um certo sr. Wymond Kendall.

Warthrop.

Fui direto ao correio, resistindo a todas as tentações no caminho, em especial a padaria do sr. Tanner, onde a fragrância dos biscoitos recém-assados pairava cálida no ar. O vento forte soprava contra minhas faces, o dia era claro e muito frio, a neve imaculadamente branca — entontecedoramente branca, intocada, pura. Meu coração se condeou pela neve.

Fiz uma única pausa e por um único momento. Ali, branca sobre o branco da neve benéfica, estava minha antiga escola, e crianças brincavam no meio das rajadas. Estavam fazendo uma batalha pelo terreno mais alto, os defensores davam berros agudos e disparavam na cabeça dos atacantes suas balas de canhão modeladas com pressa. A poucos passos dali, um esquadrão de anjos caídos havia deixado suas marcas no chão, e, perto deles, uma imitação passável do diretor, com direito até a chapéu e bengala.

E seus gritos eram tênues, a risada alta e histérica no vento cortante.

Um dos meninos ali eu reconheci. Ele estava gritando alguma coisa do alto do montinho, agachado atrás das baterias de defesa do forte, provocando a força de ataque lá embaixo, e eu me lembrei dele. O nariz ligeiramente de batatinha. O cabelo loiro desordenado. A nuvem de sardas sobre suas bochechas.

Lembrei-me de tudo a seu respeito, de sua voz aguda, da falha entre os dentes, da cor de seus olhos, do jeito como ele primeiro sorria com aqueles olhos. Dava para ver seu sorriso vindo um ano antes de ele chegar. Lembrei-me de onde ele morava, da aparência dos seus pais. Ele tinha sido meu amigo, mas

eu não conseguia me lembrar do seu nome. Qual era o seu nome? Ele tinha sido meu amigo, meu melhor amigo, e eu não conseguia me lembrar do nome dele. O doutor estava de pé na cozinha quando eu cheguei, comendo uma maçã.

— Você está atrasado — disse. Não parecia irritado, nem parecia o seu eu de sempre. Disse aquilo naturalmente, numa reação instintiva à minha chegada. — Parou em algum lugar?

— Não, senhor. Fui direto ao correio e voltei direto para cá.

Então eu me lembrei e, com um coração onde a esperança e o medo se entrelaçavam num abraço obscuro, perguntei:

— Ele morreu?

— Não, mas eu precisava comer alguma coisa. Pegue, você também devia comer.

Ele atirou uma maçã para mim e fez sinal para eu segui-lo até o andar de cima. Deslizei a maçã para dentro do bolso do meu casaco; não tinha o menor apetite.

— A esclerose da displasia óssea se exacerbou — gritou ele por cima do ombro enquanto subia os degraus de dois em dois. — Mas seu coração está tão forte quanto o de um cavalo, seus pulmões estão limpos, seu sangue hiperoxigenado. O edema do tecido muscular continua inabalável, mas... — ele parou de repente e girou o corpo, quase me fazendo trombar direto no seu peito. — Isso é que é o mais notável, Will Henry. Embora a derme continue a se deteriorar e a soltar, ele não perdeu mais do que o equivalente a uma xícara de chá de sangue, a maior parte ao redor dos pulsos e dos tornozelos, portanto tomei a precaução de afrouxar um pouco as cordas.

Eu o acompanhei até o interior do quarto. Na mesma hora minha mão voou até meu nariz para tampá-lo; o cheiro era verdadeiramente assustador: caiu queimando em meus pulmões. Por que o doutor não havia aberto a janela? O monstrologista parecia não se importar com o fedor. Continuava mastigando sua maçã, embora lágrimas de protesto caíssem pelas suas faces.

— Que foi? — vociferou ele. — Por que está me olhando assim? Não olhe para mim; olhe para o sr. Kendall!

Ele não me cutucou para que eu me aproximasse da cama. Eu mesmo dei um passo.

Ele não segurou meu queixo nem me obrigou a olhar.

Olhei porque eu queria olhar. Olhei por causa da coisa se desenovelando dentro de mim, do *das Ungeheuer*, do eu/ não-eu, das uvas de Tântalo, da coisa inominável. Da coisa que eu conhecia, mas não compreendia. Da coisa que você talvez compreenda, mas não conhece.

Atirei-me para fora do quarto e consegui dar alguns passos bambos no

corredor antes de desabar no chão. Tudo saiu de dentro de mim. Sentime vazio. Eu não passava de uma sombra, uma concha, uma carapaça oca que um dia sonhou ser um menino.

Uma sombra se abateu sobre mim. Não olhei para cima. Sabia que não encontraria consolo no seu dono.

— Ele está morrendo — falei. — Precisamos fazer alguma coisa.

— Estou fazendo tudo o que está ao meu alcance, Will Henry — respondeu ele suavemente.

— O senhor não está fazendo nada! Não está tentando curá-lo.

— Já lhe disse que não há...

— Então encontre uma! — gritei para ele. — O senhor mesmo disse que não existe mais ninguém a quem recorrer. Que o senhor é a pessoa certa. O senhor é a pessoa certa! Se o senhor não pode ajudá-lo, então ninguém mais pode, mas o senhor não *quer* ajudar. Não quer porque *quer que ele morra!* Quer ver o que o veneno vai fazer com ele!

— Será que posso lembrar que não fui eu quem o expus ao veneno? Ele causou isso a si mesmo — retrucou o doutor. Agachou-se ao meu lado e colocou a mão sobre meu ombro. Eu me afastei dele.

— O que ele é, é o que o senhor é por dentro — declarei.

— Só existe uma maneira de terminar o sofrimento dele — disse o doutor, deixando de lado o tom gentil; sua voz, tal como sua sombra sobre mim, era dura.

Ele sacou o revólver do bolso e o jogou na minha direção.

— Aqui. Quer fazer isso? Porque eu não consigo. O fato de não existirem esperanças para *ele*, Will Henry, não quer dizer que não existam esperanças para *mim*.

— Não existe esperança — nem para o senhor, nem para ele.

Ele deixou o revólver cair no chão. A arma ficou pousada entre nós. A sombra dele e a arma estavam entre nós.

— Você está cansado — declarou ele. — Vá para a cama.

— Não,

— Muito bem. Então durma no chão. Para mim não faz diferença nenhuma!

Ele apanhou o revólver e me deixou sozinho com minha tristeza. Não sei por quanto tempo fiquei ali deitado no corredor. Para mim, importava tanto quanto para o monstrologista onde eu dormiria. Não me lembro de ter subido as escadas até o sótão, mas lembro de me jogar na cama completamente vestido e de observar as nuvens repletas de neve pela janela acima da minha cabeça. As nuvens eram da cor da pele apodrecida do sr. Kendall.

Fechei os olhos. Ali, na escuridão dentro da minha cabeça, eu o vi, de pele

cinzenta, olhos negros, faces encovadas, ossos afiados como presas rasgando a sua pele de papel, um cadáver cujo coração galopante se recusava a parar.

Meu estômago roncou alto. Quando fora a última vez que eu comera? Não conseguia me lembrar. Tirei do bolso a maçã que o monstrologista havia me dado. A casca era da cor dos dentes sanguinolentos do sr. Kendall.

Agora, quando vejo a cor cinza, penso em carne apodrecida.

E vermelho não é a cor das maçãs, nem das rosas, muito menos dos vestidos que as garotas bonitas usam no verão.

Essa não é, de jeito nenhum, a cor vermelha.

SEIS

“Um fenômeno interessante”

Algum tempo depois — embora não muito — a mão dele pousou sobre o meu ombro. Acima de mim estava a janela e, acima da janela, as nuvens com as barrigas cheias de neve.

— Will Henry — chamou o monstrologista. Sua voz estava rouca e áspera, como se ele tivesse gritado a plenos pulmões. — Will Henry.

— Que horas são? — perguntei.

— Três e quinze. Não queria acordar você...

— Mas me acordou mesmo assim.

— Eu queria lhe mostrar uma coisa.

Rolei para o lado, afastando-me do doutor.

— Não quero olhar para ele de novo.

— Não é o sr. Kendall. É isto — ouvi o som de papéis se amassando e farfalhando na mão dele. — Um tratado de um cientista francês chamado Albert Calmette, do Instituto Pasteur. Trata da possibilidade teórica de desenvolver um antídoto contra veneno, com base nos princípios de vacinação desenvolvidos por Pasteur. A teoria se aplica a certos tipos de cobras e aranhas venenosas, mas poderia se aplicar ao nosso caso — ao caso do sr. Kendall, quero dizer. Talvez valha a pena tentar.

— Então, tente.

— Sim — ele pigarreou. — O principal obstáculo é o tempo, pois isso o sr. Kendall não tem mais muito.

Rolei de costas, e a silhueta do monstrologista balançou para dentro do meu campo de visão. Ele parecia exausto. Oscilava como um homem que estivesse tentando manter o equilíbrio no convés balançante de um navio.

— Então é melhor começar a trabalhar.

— Isso significa que você terá de ficar com o sr. Kendall.

Eu me sentei, passei os pés para fora da cama e calcei os sapatos.

— Eu fico com ele.

Antes de o doutor me deixar entrar no quarto, ele tirou a tampa de um pequeno tubo de ensaio repleto de um líquido espesso de cor clara e sacudiu diversas gotas dessa substância sobre seu lenço.

— Aqui. Amarre isso ao redor do rosto — orientou ele, mas depois começou a amarrar o lenço ele mesmo. Meus sentidos foram assaltados por uma fragrância doce e almiscarada que me lembrou álcool isopropílico, embora sem a adstringência forte.

— O que é isso? — perguntei.

— *Ambrea grisea*, ou âmbar-gris, a regurgitação envelhecida do cachalote — respondeu o monstrologista. — É um ingrediente comum nos perfumes. Eu sempre me pergunto, porém, se continuaria sendo tão comum caso as damas descobrissem de onde vem. É que o âmbar-gris em geral é expelido pelo ânus do cachalote junto com matéria fecal, mas...

— Matéria fecal? — meu estômago se revirou.

— Bosta. Mas às vezes a massa é grande demais para passar por aí, e a coisa então é vomitada pela boca.

— Vômito de baleia?

— Bem, de certo modo, sim. Os chineses da Antiguidade o chamavam de “cuspe do dragão”. Na Idade Média, as pessoas andavam com bolinhas disso, acreditando que seria capaz de afastar a peste negra. Seja como for, é bastante agradável, não é?

Concordei que era. O doutor sorriu satisfeito, como se houvesse acabado de transmitir uma importante lição.

— Certo. Agora, silêncio, Will Henry.

Entramos no quarto. Apesar do meu presente de merda de baleia regurgitada, pude sentir o cheiro do apodrecimento de Kendall. Fez meus olhos arderem. O gosto daquilo fez minha língua coçar. Eu já esperava por isso, mas pouco tinha feito para me preparar. Todas as demais expectativas, porém, foram contrariadas.

Primeiro, Warthrop havia colocado de volta a colcha da mãe dele: o sr. Kendall estava coberto dos pés ao pescoço.

Mas isso não era tudo. O próprio sr. Kendall havia mudado. Eu esperei ver novamente aquele revirar agonizante, ouvir os gemidos roucos e grunhidos de alguém em profundo sofrimento mental e físico. Em vez disso, porém, ele estava tão quieto que por um brevíssimo instante achei que pudesse finalmente ter sucumbido. Mas não: ele estava vivo. A colcha subia e descia, e, olhando mais de perto, vi que seus olhos giravam por baixo das pálpebras semicerradas. O mais impressionante de tudo, porém (dadas as circunstâncias aterradoras), era o sorriso. Wymond Kendall estava sorrindo! Como se perdido em meio a um sonho agradável, ele sorria.

— O sr. Kendall... ele está mesmo...?

— Sorrindo? Sim, eu chamaria isso de sorriso. Segundo as histórias, nos

estágios finais a vítima vivência momentos de intensa euforia, uma sensação de felicidade imensa. Trata-se de um fenômeno interessante; talvez, após penetrar na corrente sanguínea, o *pwdre ser* libere um composto com estrutura semelhante à de um opiáceo — ele parou de falar, riu baixo (de si mesmo?) e prosseguiu. — É melhor eu começar a trabalhar no antídoto. Venha me chamar imediatamente se a condição dele se alterar.

E, com aquilo, o monstrologista me deixou a sós com Kendall. Ele não teria feito isso, foi o que eu disse a mim mesmo muitas vezes ao longo da minha longa vida, se soubesse no que Kendall havia se transformado — se soubesse que Kendall não era mais Kendall —, se soubesse que ele não era mais humano, nem mais senciente, do que um manequim de loja de bugigangas.

Foi o que eu disse a mim mesmo.

O quarto está frio. A iluminação é cinzenta. As expirações constantes da coisa sobre a cama, que um dia já foi humana, é só o que o garoto consegue ouvir — rítmicas, o tiquetaquear do relógio humano, embalando seu sono.

Ele está tão cansado... Sua cabeça oscila. Diz a si mesmo que não vai cair no sono. Só vai descansar os olhos um minutinho ou dois...

Sob a luz cinzenta do quarto frio, sob a respiração rítmica da coisa que está se transformando... vai cochilar.

Durma agora, Will Henry, durma.

Você a está vendo? No branco atrás do cinza, na calidez além do frio, no silêncio depois do tiquetaquear do relógio... ela está assando uma torta, uma torta de maçã, sua preferida. E você na mesa com seu copo cheio de leite, balançando as pernas, que não são compridas o bastante ainda para seus pés tocarem no chão.

Primeiro precisa esperar esfriar, Will. Precisa esperar esfriar.

Uma mecha de cabelo solta de seu coque frouxo e sobre seu pescoço gracioso, o novo avental dela, e uma pitada de farinha sobre sua bochecha, e como seus braços parecem compridos ao se enfiarem dentro do forno, e como o mundo inteiro parece cheirar a maçã.

Onde está papai?

Viajando de novo.

Com o doutor?

É claro que com o doutor.

Quero ir também.

Você não sabe o que deseja.

Quando ele volta para casa?

Em breve, espero.

Ele disse que um dia eu vou com ele.

Disse?

Um dia eu vou.

Mas se você for, quem vai me fazer companhia?

Você também pode ir.

Aonde seu pai vai eu não tenho nenhuma vontade de ir.

O fogo que a engolfa não tem calor. O grito dela não tem som. O garoto está sentado na cadeira com suas pernas curtas balançando e seu copo cheio de leite, e observa as chamas consumirem a mãe, e gargalha enquanto ela arde, e o mundo continua cheirando a maçã.

E então a voz do pai, chamando por ele:

Will Henry! Will Henreeeeeeeeeeee!

Dei um salto da cadeira, cambaleei até a cama, virei o corpo, disparei pela porta até o corredor e comecei a descer as escadas. Não era a voz do meu pai — não era a voz do sonho —, e sim a do doutor me chamando, como ele havia feito centenas de vezes antes, na necessidade desesperada de meus serviços indispensáveis.

— Já vai, senhor! — gritei, descendo as escadas até o térreo. — Já vai!

Nós nos encontramos no corredor de entrada da casa: enquanto eu descia correndo, ele subia correndo, e nós dois olhamos um para o outro com expressões cômicas idênticas de confusão, ofegantes e com o olhar ligeiramente enlouquecido.

— O que foi? — perguntou ele, sem fôlego.

E eu, ao mesmo tempo que ele:

— O que foi?

— Por que você está me perguntando “O que foi? O que foi?”

— O quê, dr. Warthrop?

— Eu é que lhe perguntei isso, Will Henry.

— Perguntou o quê?

— O que foi! — rugiu ele. — O que você quer?

— O senhor... o senhor me chamou.

— Não fiz nada disso. Está tudo bem com você?

— Sim, senhor. Eu devo ter... acho que caí no sono.

— Eu não aconselharia isso, Will Henry. Volte para o andar de cima, por favor. Não podemos deixar o sr. Kendall sem supervisão.

O quarto ainda estava muito frio. E a luz, cinza. A neve agora sussurrava contra a vidraça.

E a cama, vazia.

A cadeira e o armário Luís Filipe e as brasas apagadas e a cadeirinha de balanço pequenina e a bonequinha menor ainda sentada nela e seus olhinhos de

porcelana negros e fixos mais menorzinhos ainda, e o garoto parado à porta, olhando estupidamente para a cama vazia.

Devagar, recuei para o corredor. O corredor estava mais quente do que o quarto, e eu estava mais quente do que o corredor; minhas faces ardiam em chamas, embora minhas mãos estivessem dormentes.

— Dr. Warthrop — sussurrei, não mais alto do que a neve contra a vidraça.
— Dr. Warthrop!

“Ele deve ter caído”, pensei. “De algum jeito conseguiu se soltar das cordas e caiu no chão. Está deitado do outro lado, só isso. O doutor terá de apanhá-lo. Eu é que não vou tocar nele!”

Eu me virei para trás. Minha virada durou mil anos. As escadas se estendiam abaixo de mim por mil quilômetros.

Até o patamar, foi mais um milênio. Só havia as batidas do meu coração e minha respiração quente ofegando sob minha máscara provisória, e o cheiro do âmbar-gris, e, acima e atrás de mim, o protesto suave do degrau de cima, que rangeu.

Parei para ouvir. Passou-se o terceiro milênio.

Eu estava apalpando meus bolsos vazios, em busca do revólver.

Onde está o revólver?

Ele havia se esquecido de devolvê-lo a mim, ou, como ele sem dúvida diria, eu havia me esquecido de pedi-lo de volta.

Eu sabia que precisava continuar seguindo em frente. Instintivamente entendi onde estava a salvação. Mas é humano nos amarrarmos ao mastro, ser a esposa de Lot¹ e olhar para trás.

Eu olhei para trás.

SETE

“Quer viver?”

Aquilo se lançou do alto do primeiro degrau, um sepulcro fedorento de ossos sobressalentes, pele esfolada e músculos cor de carmim gotejando pus, com a boca arreganhada repleta de um bando de dentes afiados e os olhos negros como o abismo.

O ex-Kendall trombou contra o meu corpo, seu ombro golpeou o meu peito e seus olhos negros se reviraram nas órbitas, como os de um tubarão quando ataca, no êxtase da matança. Soquei às cegas o seu rosto; os nós dos meus dedos se chocaram contra as formações ósseas afiadas que haviam irrompido do lixo que agora era sua carne — ossos se chocando contra ossos —, e todo o meu braço tiniu de dor.

A criatura agarrou o meu pulso e lançou-me pelo último lance de escadas abaixo com a mesma facilidade com que um menino atira um graveto. Caí de cara no chão com um baque alto, mas não fiz mais barulho do que isso, porque a queda havia me deixado sem fôlego. Em um átimo de segundo, rolei de costas, mas a coisa já estava em cima de mim, tão perto que vi meu próprio rosto refletido nos olhos sem alma dela. Um rosto que não era o de um ser humano. Já olhei aquele rosto milhares de vezes; guardo até hoje a lembrança num armário especial de curiosidades. E o tiro de lá de tempos em tempos — quando o dia está bonito, o sol quente e a noite muito distante —, e o seguro nas mãos. Quanto mais o seguro, menos tenho medo daquele rosto. A maior parte da pele se foi, arrancada ou esfolada, expondo a musculatura subjacente, mostrando a maravilhosamente complexa (e maravilhosamente bela) fundação que existe por baixo. Chifres protuberantes de tecido calcificado saem do seu crânio, muitos, como as raízes aparentes dos ciprestes; saem dos málares, da testa, da mandíbula e do queixo. A coisa não tem lábios. Sua língua apodreceu e se partiu; restou apenas a base. Eu vi aquela massa marrom estriada tremer em espasmos quando sua boca aberta se aproximou de mim. O resto da língua ele havia engolido; os lábios também. A única coisa que havia no estômago do sr. Kendall era o sr. Kendall.

No último instante antes de ele aterrissar em cima de mim, levantei as mãos. Elas atravessaram o corpo dele com facilidade; meus dedos ficaram presos nas suas costelas. Se eu tivesse tido coragem, teria pensado em afundá-las um

pouco mais, até encontrar seu coração e apertá-lo até que explodisse. Mas talvez tenha sido uma questão de tempo, e não de perspicácia. Não houve tempo para pensar.

Quando me dei conta de que aquele rosto inumano seria o último rosto que eu veria na vida, a bala explodiu a parte de trás da sua cabeça, abrindo um buraco do tamanho de uma maçã quando saiu pelo outro lado e se enterrou no tapete, a meio centímetro da minha orelha. Seu corpo se sacudiu em espasmos nas minhas mãos. Senti (ou pelo menos achei ter sentido) o protesto do seu coração antes de parar de bater, uma pressão irritada contra os meus dedos que apertavam com força as suas costelas, do mesmo jeito que um prisioneiro desesperado agarra as barras da cela. A luz não abandonou seus olhos, porque, para começar, já não havia luz neles. Eu continuei aprisionado naqueles olhos (às vezes acho que continuo ainda), naquela visão que não via.

Warthrop empurrou o cadáver (depois de soltá-lo do meu aperto enlouquecido), atirou o revólver para longe e se ajoelhou ao meu lado.

Eu estendi a mão na direção dele.

— Não! Não, Will Henry, não!

Ele afastou-se de mim; as pontas sanguinolentas dos meus dedos roçaram as pontas de trás de seu casaco.

— Não... toque... em nada! — e ergueu a mão como para demonstrar. — Você se feriu?

Balancei a cabeça. Ainda não havia recuperado a voz.

— Não se mexa. Mantenha as mãos longe do corpo. Volto num instante. Está me entendendo, Will Henry?

Ele se levantou, desajeitado, e correu em direção à cozinha. É humana a compulsão de fazer exatamente aquilo que nos disseram para não fazer. O lenço continuava amarrado ao meu rosto. Eu me ajoelhei como se estivesse sendo lentamente sufocado, a única coisa que eu queria era arrancar aquilo de mim.

Um instante depois o doutor estava de volta, usando um par de luvas novas, e puxou minha máscara para baixo como se soubesse sem eu dizer qual era a causa imediata do meu incômodo. Inspirei por um longo e trêmulo tempo.

— Não se mexa, não se mexa, ainda não, ainda não — sussurrou o monstrologista. — Cuidado, cuidado. Ele machucou você, Will Henry? Mordeu ou arranhou você?

Fiz que não com a cabeça.

Warthrop analisou meu rosto com cuidado e, em seguida, tão abruptamente quanto havia voltado, abandonou-me mais uma vez. O corredor começou a desaparecer em meio a uma névoa cinzenta. Meu corpo estava entrando em choque; de repente eu sentia um frio terrível.

A distância, ouço o grito queixoso do apito de um trem. A névoa se abre e, na plataforma, estamos, minha mãe e eu, de mãos dadas. Eu estou muito empolgado.

É este, mamãe? É este o trem?

Acho que sim, Willy.

Você acha que papai me trouxe um presente?

Se não trouxe, não é mais o seu pai.

Fico pensando o que pode ser.

Fico temendo o que pode ser.

Papai ficou muito tempo longe desta vez.

É. Quanto tempo, mamãe?

Muito tempo.

Da outra vez ele me trouxe um chapéu. Um chapéu bobo.

Pare com isso, Willy. Era um chapéu muito bom.

Eu queria que ele me trouxesse algo especial desta vez.

Especial, Willy?

É! Algo maravilhoso e especial, como os lugares para onde ele vai.

Acho que você não acharia esses lugares tão maravilhosos e especiais assim.

Acharia sim, e vou achar! Papai disse que vai me levar com ele um dia, quando eu tiver idade para isso.

Agarrou minha mão com força. E, a distância, o grunhido e o bufar da locomotiva.

Você nunca vai ter idade para isso, William James Henry.

Um dia ele vai me levar. Ele prometeu. Um dia vou ver lugares que as outras pessoas só sonham existir.

O trem é uma coisa viva; guincha irritado, reclamando dos trilhos. Fumaça negra irrompe de mau humor da chaminé. O trem olha carrancudo e desdenhosamente para a multidão, para o condutor arrogante, para os carregadores com seus paletós brancos impecáveis. E ele é enorme, latejando de poder e de ira contida. É um monstro enraivecido, rosnante, bufante, e o garoto está encantado. Que garoto não estaria?

Olhe agora, Willy. Procure seu pai. Vamos ver quem é o primeiro a encontrá-lo.

Estou vendo papai! Lá está ele!

Não, aquele não é ele.

É, s... ah, não é não.

Continue procurando.

Ali! Ali está ele! Papai! Papai!

Ele emagreceu; suas roupas empoeiradas, amarfanhadas pela viagem, pendem soltas de seu corpo magro. Não se barbeia há semanas e seus olhos estão exaustos, mas é meu pai. Eu o reconheceria em qualquer lugar.

E aqui está ele! Aqui está meu Will. Venha aqui, filho!

Eu subo mil metros no ar; os braços que me levantam são magros, mas fortes, e o rosto dele se vira lá embaixo, e então meu rosto está pressionando seu pescoço e sinto o cheiro dele por entre a sujeira dos trilhos.

Papai! O que você trouxe para mim, papai?

Eu? Por que você acha que eu trouxe alguma coisa para você?

Está rindo, e seus dentes são brancos demais no seu rosto barbudo. Começa a me colocar no chão para poder abraçar a esposa.

Não! Me pegue no colo, papai.

Willy, seu pai está cansado.

Me pegue, papai!

Tudo bem, Mary. Eu carrego o menino.

Então o grito agudo e assustador do monstro, o último arfar raivoso de sua respiração, e finalmente estou em casa, nos braços do meu pai.

Warthrop me levantou do chão, fazendo uma careta devido ao esforço para me segurar o mais afastado possível de seu corpo.

— Levante as mãos, Will Henry. E deixe-as paradas!

Ele me carregou até a cozinha. A banheira estava no chão, ao lado do fogão, cheia até a metade com água fumegando de quente. Vi a chaleira sobre o fogão e percebi, com uma pontada esquisita de tristeza, que o que eu tinha ouvido assoviando era a chaleira, não o trem. Minha mãe e meu pai haviam desaparecido mais uma vez, engolidos pela névoa cinzenta.

O monstrologista me colocou no chão diante da banheira e se sentou atrás de mim, aproximando o corpo do meu. Estendeu os braços e agarrou os meus com firmeza, no ponto logo abaixo dos cotovelos.

— Isto vai arder, Will Henry.

Ele se inclinou para a frente, forçando meus braços para dentro da superfície fumegante, e depois mergulhou minhas mãos sanguinolentas naquela solução, uma mistura de água quente e ácido carbólico.

Aí eu recuperei a voz.

Gritei; chutei; me debati; empurrei para trás com força, contra o corpo dele, mas o monstrologista não cedeu. Através das minhas lágrimas vi a névoa carmesim do sangue de Kendall violar a solução límpida, espalhar-se em tentáculos serpentinos, até eu não mais conseguir enxergar minhas mãos.

O doutor apertou os lábios contra meu ouvido e sussurrou com ferocidade: — Quer viver? Então aguentem! Aguentem!

Estrelas negras desabrocharam diante dos meus olhos, se transformaram em supernovas, tremeluziram e morreram. Quando já não conseguia mais suportar, no exato momento em que eu oscilava na borda da inconsciência, o monstrologista puxou minhas mãos para fora. A pele havia adquirido um tom vermelho intenso, parecido com uma queimadura de sol. Ele as levantou, virou-as de um lado para o outro, e então seu corpo se enrijeceu contra o meu. Soltou um murmúrio de espanto.

— Will Henry, o que é isto?

Ele apontou para uma pequena escoriação no nó do meio do meu dedo indicador esquerdo. Havia um inchaço de sangue fresco bem no centro. Como não respondi imediatamente, ele me deu uma sacudida de leve.

— *O que é isto?* Ele mordeu você? É um arranhão? Will Henry!

— Eu... eu não sei! Eu caí das escadas... Acho que não.

— Pense, Will Henry! Pense!

— Não sei, dr. Warthrop!

Ele se levantou e caí para trás, muito fraco para me erguer, muito amedrontado para dizer algo mais. Olhei seu rosto e vi um homem espremido no abraço apertado da indecisão, preso entre dois caminhos inaceitáveis.

— Não sei o suficiente. Deus me perdoe, não sei o suficiente!

Ele parecia tão grande ali de pé diante de mim, um dos Nefilins, a raça de gigantes que andava a passos largos pelo mundo quando o mundo era jovem. Seus olhos dardejaram pela cozinha, como se ele estivesse procurando uma resposta para esse dilema impossível, como se em algum lugar ali estivesse o sinal capaz de lhe mostrar o caminho.

Então o monstrologista ficou imóvel. Seus olhos inquietos vieram repousar sobre meu rosto voltado para ele.

— Não — disse ele em voz baixa. — Não, Deus.

E se afastou rapidamente. Antes que eu pudesse virar o pescoço para ver aonde ele havia ido, ele voltou, com a faca de carne na mão.

Inclinou-se para a frente, estendeu a mão, agarrou meu pulso esquerdo, puxou-me do chão, arrastou-me até a mesa da cozinha, bateu minha mão com força sobre o tampo e gritou: — Abra os dedos!

Apertou a mão esquerda com força sobre a minha, levantou a faca bem alto e deixou-a cair com toda a força.

OITO

“A única coisa que me mantém humano”

Quer viver?

Cheiro de lilases. Som de água pingando numa bacia. O toque de um pano úmido e morno.

E uma sombra. Uma presença. Uma sombra situada além dos meus olhos ensombreados.

Quer viver?

Estou flutuando perto do teto. Lá embaixo, o meu corpo. Vejo-o claramente e, sentado ao lado da cama, o monstrologista, torcendo o pano.

Então ele cobre meu corpo. Não consigo ver de forma alguma seu rosto. Ele está olhando para meu outro rosto, meu rosto mortal, aquele que pertence ao garoto deitado na cama.

Ele volta a se sentar. Posso ver sua face agora. Quero dizer algo para ele. Quero responder à sua pergunta.

Ele esfrega os olhos. Corre os dedos compridos pelos cabelos. Inclina-se para a frente, apoia os cotovelos nos joelhos e cobre o rosto com as mãos. Permanece assim apenas por um instante, depois já está de pé, andando de um lado para o outro ao lado da cama. O lampião lança a sombra dele no chão, e a sombra se arrasta parede acima quando ele se aproxima e depois se arrasta atrás dele ao virar-se.

Ele desaba na cadeira, e eu o observo estender a mão e colocá-la em minha testa. O gesto parece distraído, como se me tocar fosse ajudá-lo a pensar.

Lá em cima, vejo-o me tocar. Lá embaixo, sinto isso. A luz se enfia no fundo de meus olhos, mais forte do que um milhar de galáxias. Atrás da luz estão os olhos dele, mais escuros que o fosso mais profundo.

Seus dedos enrolados em volta do meu pulso. A pressão do estetoscópio frio contra meu peito. Meu sangue fluindo para câmaras de vidro.

E a luz cavando pelo interior de meus olhos.

O que você me trouxe, papai?

Trouxe uma semente.

Uma semente?

Sim, uma semente dourada da Ilha da Felicidade. Se você plantá-la e regá-

la, ela se transformará em uma árvore dourada que dá pirulitos.

Pirulitos!

Sim! Pirulitos dourados! E balinhas de menta e dropes de anis e dropes de limão. Por que você está rindo? Plante e você vai ver só.

Eu o vejo de pé à porta. Ele traz algo nas mãos.

Cordas.

Deixa as cordas caírem na cadeira. Enfia a mão no bolso.

Revólver.

Coloca a arma na mesinha ao lado da cadeira. Será que vejo sua mão tremer?

Com gentileza, apanha meu braço de baixo das cobertas, apanha uma corda — há três — e amarra um nó ao redor do meu pulso.

Flutuo acima dele. Não consigo ver seu rosto. Ele está olhando para o rosto do garoto.

Afasta-se da cama; a ponta solta da corda cai pela beirada.

Então ele se vira de novo, apanha as cordas que estão na cadeira, coloca-as no chão e se senta. Por um longo momento, não se mexe.

E então o monstrologista apanha a outra ponta da corda, amarra-a ao pulso, recosta-se na cadeira e fecha os olhos para dormir.

Para onde você foi desta vez, papai?

Já lhe disse, Willy. Para a Ilha da Felicidade.

Onde fica a Ilha da Felicidade?

Bem, primeiro é preciso encontrar um navio. Atenção, não é todo navio que vai servir! É preciso encontrar o navio mais rápido do mundo; ou seja, um navio com mil velas. Depois de navegar durante mil dias, você verá algo que o mundo não vê há mil anos. Você vai jurar que o sol desabou dentro do mar, pois toda árvore da ilha é uma árvore dourada, e cada folha uma folha dourada, e as folhas brilham com uma resplandecência própria; de modo que, mesmo na noite mais escura, a ilha parece arder como a luz de um farol.

— Por algum motivo, tenho pensado no seu pai — disse o monstrologista ao garoto. — Ele certa vez salvou minha vida. Acho que nunca lhe contei isso.

O quarto parecia tão vazio; eu havia ido para um lugar aonde ele não podia ir. Não importava muito se eu podia ouvir a voz dele ou não. Suas palavras não eram dirigidas apenas para mim.

*— Arábia, inverno de 1873... ou talvez tenha sido 1874, não consigo me lembrar agora. Tarde da noite nosso acampamento foi emboscado por um bando hostil e extremamente violento de predadores — e com isso refiro-me ao *Homo sapiens*. Bandidos. Perdi três de nossos carregadores, mais nosso guia, um beduíno muito simpático chamado Hilal.*

Fiquei péssimo por causa de Hilal. Ele me tinha em altíssima conta. Até tentou me dar uma de suas filhas, ou em casamento ou como escrava, não tive muita certeza porque nunca consegui falar a língua com completa facilidade. Enfim, seja como for, num momento ele estava falando comigo, sorrindo, rindo (ele era muito alegre). Poucos nômades são taciturnos, Will Henry; se você parar para pensar, vai entender o motivo. E, no instante seguinte, sua cabeça foi arrancada dos ombros... Mais tarde contei à esposa dele: “Seu marido morreu, mas pelo menos morreu sorrindo”. Acho que ela obteve algum consolo nisso. É a segunda melhor maneira de morrer, Will Henry.

Ele não me contou qual era a primeira. Prosseguiu.

— Enfim, seu pai me puxou para longe do perigo. Eu poderia ter ficado onde estava, se não por nenhum motivo, para vingar a morte de Hilal, mas tinha sido gravemente ferido na coxa e estava perdendo muito sangue. James me jogou sobre a sela do seu pônei e cavalgou a noite inteira comigo na direção da vila mais próxima. Cavalgou aquele cavalo até ele desabar no chão, e em seguida me carregou nos braços pelo resto do caminho.

Quero ir, papai. Você vai me levar para lá, para a Ilha da Felicidade?

Fica muito, mas muito longe daqui, Will.

Não me importo. Vamos encontrar um navio de mil velas para nos levar até lá.

Ah, não é bem assim, esses navios são muito difíceis de encontrar.

Mas você encontrou um.

Sim, encontrei. Encontrei mesmo.

— Fiquei na cama por duas semanas — a ferida havia infectado —, entrando e saindo de um estado de delírio, e o tempo inteiro seu pai ficou ao meu lado. A certa altura, porém, vi Hilal sentado ao meu lado, bem fraco, como se estivesse envolto numa névoa ou véu, e soube até o fundo dos meus ossos que eu tinha chegado ao fim da linha. Não fiquei surpreso por vê-lo ali sentado, e não tive nem um pouco de medo. Na verdade, fiquei feliz em vê-lo. Ele me perguntou o que eu queria, “O que você quer, Xeique Pellinore Warthrop? Peça e será atendido. “ E, de todas as coisas que eu poderia ter pedido, pedi para ele me contar uma piada. E ele contou, mas o diabo é que não consigo mais lembrar dela. Isso até hoje me incomoda. Era uma piada muito engraçada. O problema é que não tenho memória para piadas. Minha mente não se inclina nessa direção.

Ele começou a brincar com o nó ao redor do meu pulso. Seu sorriso fraco sumiu e de repente ele ficou bravo — intensamente bravo.

— É... inaceitável. *Intolerável*. Não tolerarei isso, está me entendendo? Você está proibido de morrer. Você não quis a morte dos seus pais; não pediu para vir para cá — essa dívida não é sua, não é você que deveria pagar.

Pronto, pronto, já passou, não chore. Você ainda é muito jovem. Terá anos e anos para encontrá-la. Até lá, eu serei o navio de mil velas. Embarca em mim, meu amigo, que eu te levarei até aquela fabulosa ilha!

— Não tolerarei a sua morte! — disse ele ferozmente. — Seu pai morreu por minha causa, não serei capaz de suportar a sua morte também. A dívida irá me esmagar. Se você cair, Will Henry, me arrastará para baixo com você — e puxou a corda.

Estou vendo, papai! A Ilha da Felicidade. Ela arde como o sol nas águas escuras.

— Basta! — gritou ele. — Eu o proíbo de me abandonar. Agora, rápido, levante-se, pare com essa besteira. Eu salvei você. Então *rápido*, seu garoto bobo, seu garoto bobo!

Ele levou a mão que me ligava a si para trás e me deu um tapa com força na bochecha.

— Rápido, Will Henry! — *Slapt!* — Rápido, Will Henry! — *Slapt!* — Rápido, Will Henry! — *Slapt, slapt, slapt!* — Quer viver? — berrou. — Então, escolha viver. *Escolha* viver!

Ofegando, caiu para trás na direção da cadeira; a corda que nos conectava puxou seu braço. Rugindo de frustração, livrou o pulso do nó e atirou a corda em cima do meu corpo.

Ele estava esgotado. Todo o medo, toda a raiva, toda a culpa, toda a vergonha, todo o orgulho... se haviam ido. Ele não sentia nada; estava vazio. Talvez Deus espere que estejamos vazios para poder nos preencher consigo.

Digo isso porque a próxima coisa que o monstrologista disse foi:

— Por favor, não me abandone, Will Henry. Eu não vou conseguir sobreviver a isso. Você quase tinha razão. O que o sr. Kendall foi, eu estou sempre à beira de me tornar. E você... não finjo entender como nem mesmo por quê... mas você me puxa da beira do precipício. Você é o único... é a única coisa que me mantém humano.

NOVE

“A disposição final”

Você é a única coisa que me mantém humano.

Nos meses que se seguiram — bem, anos, para ser preciso — o monstrologista jamais recuou em sua negação de ter dito essas palavras. Eu devia estar delirando; ele nunca disse nada daquilo; ou, minha explicação favorita: ele disse algo completamente diferente e eu ouvi mal. Era o mais parecido com o Pellinore Warthrop que conheci, e de algum modo eu preferia a versão familiar. Era previsível e, portanto, consoladora. Minha mãe, tão devota quanto qualquer mulher de criação puritana da Nova Inglaterra, adorava falar dos “dias em que o leão se deitará com o cordeiro”. Embora eu compreenda a teologia por trás disso, essa imagem não me propicia paz; me faz sentir pena do leão. Isso arranca dele a sua essência, a parte mais fundamental do seu ser. Um leão que não se comporta como leão não é um leão. Não é sequer o contrário de um leão: é um arremedo ridículo de leão.

E Pellinore Warthrop, tal como esse leão (ou seu Criador!), não é ninguém a se ridicularizar.

— Não nego ter afirmado o que sempre digo, Will Henry, ou seja: que, *em geral*, seus serviços se provaram mais indispensáveis do que o contrário. Nunca fingi outra coisa. Acredito que devemos reconhecer as dívidas, quando elas existem. Mas precisamos tomar cuidado para não extrapolar as coisas... bem, para não sermos *excessivos*, por falta de uma palavra melhor.

Então ele mudava bruscamente de assunto.

Eu o proíbo de me abandonar.

Pareceu repentina demais para mim minha obediência à ordem dele. Num instante eu podia me ver e vê-lo e ver o quarto — e ver mais, muito mais. Eu via... tudo. Nossa casa em Harrington Lane; nossa cidade de Nova Jerusalém; a Nova Inglaterra. Oceanos e continentes e a Terra girando em torno do Sol. Vi as luas de Júpiter e a Via Láctea e as profundezas insondáveis do espaço. Vi o universo inteiro. Segurei-o na palma da minha mão.

Mas no instante seguinte eu estava na cama, com a cabeça quase partindo ao meio de dor, sentindo minha mão esquerda latejando. E Warthrop se encontrava completamente adormecido, sentado na cadeira ao meu lado.

Pigarreei; minha boca estava seca como o deserto.

Ele acordou de uma só vez, com um olhar ensandecido, como se estivesse vendo um fantasma.

— Will Henry? — rouquejou.

— Estou com sede — falei.

Ele não disse nada de início. Continuou a me encarar até que seu olhar me irritou.

— Bem, já que é assim, Will Henry, vou apanhar um gole de água para você.

Depois que bebi um pouco de água e tomei um pouco de caldo morno, ele colocou a bandeja na mesinha de cabeceira (o revólver havia sumido, assim como as cordas) e disse que precisava trocar os curativos da minha ferida.

— Você não precisa olhar, a menos que queira. Foi um corte muito bem-feito, uma amputação realmente extraordinária, dadas as circunstâncias.

— Se para o senhor tanto faz, dr. Warthrop...

— Claro. Você vai ficar satisfeito de saber que não há nem sinal de infecção. A operação não foi realizada sob as mais sanitárias das condições, como você bem sabe. Presumo que a recuperação será total.

— Não sinto que meu dedo se foi.

— Isso é comum.

— Comum?

— Hmmm — fez, examinando seu trabalho. — Sim, está cicatrizando bastante bem. Temos muitíssima sorte de ter sido seu indicador da mão esquerda, Will Henry.

— Temos?

— Afinal, você é destro, não é mesmo?

— Sim, senhor. Suponho que seja uma sorte.

— Bem, não estou dizendo que você deva se sentir *grato*.

— Mas eu me sinto grato, dr. Warthrop. O senhor salvou minha vida.

Ele terminou de colocar o curativo novo em silêncio. Pareceu perturbado com aquele comentário. Depois disse:

— É o que eu gostaria de pensar. A verdade pura e simples é que pode ter sido por nada. Você não sabe se o sr. Kendall foi o autor do seu ferimento ou não, e não sei o que poderia ter acontecido caso fosse, se é que poderia ter acontecido alguma coisa. Quando diante do desconhecido, o melhor é adotar a abordagem mais conservadora. Tudo isso é bonito e muito bom do ponto de vista da teoria, mas, no fim das contas, o que acontece é que peguei aquela faca de carne e arranquei o seu dedo.

Ele deu um tapinha esquisito no meu joelho e se levantou. Estremeceu de

dor e colocou as mãos nos quadris.

— Agora, se me der licença, preciso tomar um banho e trocar de roupa. Não tente se levantar ainda. Use o penico se precisar aliviar a bexiga ou os intestinos. Do que está sorrindo? — perguntou com grosseria. — Você achou que eu ia deixá-lo chafurdar nos seus próprios excrementos?

— Não, senhor.

— Não vejo qual é a graça de um penico.

— Não é nada, senhor. É a ideia de o senhor esvaziando um.

Ele endireitou o corpo e disse com enorme dignidade:

— Sou um cientista natural. Estamos acostumados a lidar com merda.

Ele voltou ao pôr do sol, perguntou como eu estava me sentindo e me informou que não seria nada mau se eu tentasse sair da cama.

— Você vai se sentir tonto e dolorido, mas quanto antes se tornar ambulatório, melhor. Temos muito que fazer antes de partir para Nova York.

— O que vamos fazer lá, dr. Warthrop? — supus que ele estava se referindo a fazer as malas, uma tarefa que sempre recaía sobre mim.

— Eu mesmo já teria cuidado disso, mas não queria deixar vo... achei que era melhor, depois que você recobrasse a consciência... Bem, eu não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo — concluiu ele, com impaciência.

“Eu estive”, foi o que quase contei a ele. Contive as palavras. Ele zombaria da ideia de meu espírito desencarnado observando-o do teto.

— Do que o senhor já teria cuidado?

— Do sr. Kendall, Will Henry. Precisamos... — ele fez uma pausa, como se buscasse a palavra certa. — Resolver a questão do sr. Kendall.

Precisamos resolver a questão do sr. Kendall

Com isso, o monstrologista não estava se referindo a notificar a família do falecido nem a tomar as providências para devolver o corpo à sua Inglaterra natal, para o enterro.

Não sei por que eu, por algum instante, pensaria isso. Como alguém explicaria para as pessoas queridas do morto — ou para as autoridades britânicas, falando nisso — um corpo em estágio avançado de decomposição com um tiro de revólver recente na cabeça? Havia ainda o assunto perigoso da possível virulência do contágio. Nas palavras de Warthrop, “seria uma faísca para um incêndio que faria a peste negra parecer uma fogueira”.

Não, nós passamos toda aquela primeira noite de minha recuperação no laboratório do porão desmembrando Wymond Kendall.

O monstrologista desejava amostras de todos os principais órgãos, inclusive do cérebro (ele estava bastante empolgado com a perspectiva de dar uma olhada no cérebro do sr. Kendall), que ele retirou assim que serrou o topo da cabeça. Fui

obrigado a segurá-lo — uma proposição esquisita, dados os curativos grossos na minha mão esquerda — enquanto o doutor cortava a medula. Eu nunca havia segurado um cérebro humano antes. Sua delicadeza me surpreendeu; achei que seria muito mais pesado.

— O cérebro médio humano pesa cerca de um quilo e meio, Will Henry — disse o doutor em resposta à minha expressão de espanto. — Compare isso com o peso total de nossa pele, cerca de três quilos, e terá um fato que é ao mesmo tempo fascinante e enervante.

Ele apanhou o quilo e meio de assento da consciência do sr. Kendall da minha mão e disse:

— Observe o lobo frontal, Will Henry. Os sulcos, estas dobras profundas que você observa cobrindo o restante do cérebro, desapareceram. A parte pensante do cérebro dele está lisa como uma bola de bilhar.

Perguntei o que isso queria dizer.

— Bem, supomos que não seja um defeito congênito, embora ele não tenha me parecido lá muito inteligente: mais giros do que sulcos, mais superficial que complicado — desculpe pela piadinha anatômica. Suponhamos que seja uma manifestação da toxina. Isso se alinha perfeitamente com a literatura, que clama que a vítima, nos estágios finais, se torna pouco mais que um animal: incapaz de raciocinar, mas completamente capaz de uma ira assassina e canibal. Certas tribos nativas das ilhas Laquedivas relatam que vilas inteiras foram dizimadas graças a uma única exposição ao *pwdre ser*, até o último homem de pé literalmente se devorar até a morte.

O doutor riu secamente, acariciando distraído o tecido macio do cérebro do sr. Kendall, depois acrescentou:

— Quer dizer, ele devora a si mesmo até a morte. Depois que todos morreram ou fugiram, ele se volta a si mesmo e se alimenta de seu próprio corpo, até sangrar até a morte ou contrair uma infecção. Bem, você mesmo viu o conteúdo do estômago do sr. Kendall; não acredito que ele tenha engolido a própria língua por acidente.

Ele ordenou que eu enchesse um grande frasco com formaldeído, onde lentamente colocou o cérebro. Enquanto eu colocava o frasco na prateleira, meus olhos se viram atraídos por um recipiente ali perto, que eu não tinha visto antes. Levei um instante para reconhecer o que flutuava dentro do fluido cor de âmbar.

— Isto é...?

— Sim — respondeu ele.

— O senhor o guardou?

— Bem, eu não quis simplesmente atirá-lo fora junto com o lixo.

— Mas por que o senhor... O que o senhor vai fazer com isso?

— Pensei em arrancar uma página do livro da sra. Mary Shelley e fabricar outro garoto, um que não me encha a paciência com perguntas, que evite se ferir gravemente no mais inoportuno dos momentos e que não acredite ser sua missão de vida julgar todas as minhas decisões como se o próprio Deus tivesse ordenado que ele fosse minha consciência — o sorriso que acompanhou essa declaração foi breve e sem humor. — Trata-se de uma evidência importante. Perdão. Achei que não precisaria explicar isso. Quando eu tiver tempo, algo que no momento com absoluta certeza não tenho, analisarei o dedo a fundo para determinar se você foi realmente infectado ou não.

Olhei meu dedo flutuando no fluido por um longo instante. É extremamente estranho ver um pedaço do nosso corpo apartado dele.

— Se não fui, eu não quero saber — falei.

Ele ia começar a dizer algo, mas em seguida parou. Assentiu rapidamente.

— Eu compreendo.

A seguir, o monstrologista abriu o torso do sr. Kendall para remover os órgãos principais. Encontrou numerosas formações semelhantes a sacos no interior do estômago — “lesões císticas omentais”, declarou. Pressionou com suavidade um deles com a ponta do bisturi e o saco se abriu com um *puf!* quase inaudível, despejando um fluido espesso e transparente, da consistência de muco.

Depois que os órgãos foram colocados em frascos com conservante devidamente etiquetados, era hora de abordar, nas palavras de Warthrop, “a última providência”.

— O serrote de osso, por favor, Will Henry. Não, o grande que está ali.

Começou a remover a cabeça oca do sr. Kendall.

— A terra está dura demais para que enterremos o corpo — disse ele enquanto serrava o pescoço. — E não posso esperar até o degelo da primavera. Vamos ter de queimá-lo, Will Henry.

— E se alguém vier procurá-lo?

— Quem? Ele fugiu rapidamente, num estado de medo extremo. Talvez não tenha contado a ninguém, mas vamos supor que contou. O que essa pessoa sabe? Sabe que ele estava a caminho; ele não teve a oportunidade de informar o que aconteceu após sua chegada. Se as autoridades fizerem perguntas, posso dizer que jamais conheci este homem, que ele até pode ter partido para me procurar, mas que no fim das contas não conseguiu seu intento.

Ele deixou cair sem cerimônia a cabeça cortada na banheira vazia que estava ao lado da mesa de autópsia, a mesma banheira onde ele havia mergulhado as minhas mãos ensanguentadas. A cabeça aterrisou com um baque amedrontador e rolou para o lado, com o olho direito aberto (o esquerdo havia

sido removido pelo monstrologista para estudo) parecendo me encarar.

— Há um lado bom nesse desenrolar terrível dos acontecimentos — comentou o doutor enquanto separava a perna direita do sr. Kendall do seu torso.

— Não há mais nenhuma dúvida quanto à autenticidade do “presente” do dr. Kearns. Temos em nossa posse o segundo maior troféu da monstrologia, Will Henry.

— E qual é o primeiro? — perguntei.

— O primeiro? Francamente, Will Henry.

— O fazedor desse ninho? — tentei adivinhar. — O... *magnificum*?

— Muito bem! *Typhoeus magnificum*, nomeado em homenagem ao pai de todos os monstros — também chamado de O Jamais Visto.

— Por que o chamam assim?

Ele desviou os olhos do trabalho e me encarou, como se todos os meus sulcos tivessem virado giros.

— Ele é chamado de O Jamais Visto, Will Henry — disse Warthrop devagar e com cautela —, porque jamais foi visto.

— Praticamente tudo a seu respeito é um mistério — continuou, enquanto cortava a articulação glenoumeral que conectava o úmero do sr. Kendall à sua escápula. Minha função naquela etapa da “providência” era literalmente segurar as pontas — segurar a mão do cadáver para manter o seu braço perpendicular ao tronco sem pernas. — De classe a espécie, de hábitos de acasalamento a habitat, de ciclo de vida a forma exata. Não temos sequer certeza se é ou não um predador. As histórias (e elas não passam disso, lendas passadas de geração em geração) dizem que ele é com toda certeza um predador, mas são apenas histórias e lendas, não observações críveis. A única verdadeira evidência física que temos do *magnificum* são os seus *nidi*, seus ninhos, e o *pwdre ser*, que inicialmente foi tido como seu excremento, mas que agora é considerado, conforme contei ao sr. Kendall aqui — ele fez um sinal com a cabeça na direção da banheira a seus pés —, parte do seu sistema digestivo, sua saliva ou veneno, produzida na boca ou em algum outro órgão glandular. — Ele sacou a lâmina do cadáver e disse: — Pronto, Will Henry. Puxe o braço e veja se ele se solta. Ah, ótimo! Demos uma mãozinha ao Mestre Henry!

Ele riu. Eu não. Suas tentativas macabras de humor estavam me irritando.

— Bem, não fique aí parado segurando isso aí. Coloque-o na banheira junto com o restante. Nosso tempo está acabando. Acho que seria melhor eu cortar o tronco em dois, na altura da sétima vértebra torácica. O que você acha?

Confessei que não tinha uma opinião formada a respeito; eu só tinha treze anos e aquele era meu primeiro desmembramento.

O monstrologista anuiu:

— Lá isso é verdade.

Dividimos os restos mortais do sr. Kendall, separando os pedaços maiores (como as coxas) dos menores (as mãos), para queimar os primeiros na alameda e os demais na fogueira da biblioteca.

— E os ossos? — perguntei. — O que vamos fazer com eles?

— Guardá-los, claro. Gostaria de reconstruir o esqueleto quando tiver um tempinho. Idealmente, deveríamos usar ácido, mas não tenho ácido suficiente para isso e demoraria mais que o fogo. O tempo é de importância crucial agora, Will Henry, se tivermos alguma esperança de rastrear o *magnificum*.

Estávamos de pé na alameda ao lado do barril de cinzas, os pés enterrados em dez centímetros de neve recém-caída. O pior da tempestade já havia passado, mas alguns flocos gordos ainda caíam rodopiando preguiçosamente, como as folhas douradas da ilha do meu pai, aquela que ele prometeu me mostrar, aquela que ele nunca mostrou.

Warthrop encharcou os restos mortais com querosene. Acendeu o fósforo e o segurou até a chama chamuscar seus dedos, depois deixou-o cair no chão.

— Bem, suponho que se deva dizer alguma coisa. Algumas palavras apropriadas. Sei que há gente que diria que Wymond Kendall plantou o que colheu, que a curiosidade matou o gato, que ele devia ter cuidado da própria vida e não metido o bedelho nas questões da monstrologia. Porém, um número igual de pessoas diria, com justiça, que ele foi uma vítima inocente de um maluco malvado, a consequência trágica da desumanidade de um homem. O que você acha, Will Henry?

— Ninguém merece isso — respondi.

— Ah. Creio que você tocou no xis da questão, Will Henry. Metade do mundo reza para receber o que merece, enquanto a outra metade reza para isso não acontecer! — ele olhou para a confusão de partes do corpo entrelaçadas, um *nidus* ainda por fazer... Essa seria uma forma de encarar as coisas.

— Não conheci você, Wymond Kendall — declarou o monstrologista para o homem desmantelado enfiado dentro do barril de cinzas. — Não sei se sua vida foi feliz ou triste, se você amou alguém mais do que a si mesmo, se gostava de teatro ou de livros ou se interessava-se por política. Não sei se você foi briguento ou bondoso, vingativo ou piedoso, pio ou profano. Sei pouco mais do que nada a seu respeito, e entretanto fui eu quem segurou seu cérebro na palma da mão. Espero que, antes de sua luz se apagar, você tenha feito as pazes com seu passado, que tenha perdoado aqueles que o ofenderam e que, mais importante que tudo, tenha perdoado a si mesmo.

Ele acendeu um segundo fósforo e o atirou no barril. As chamas saltaram para cima, fumacentas e escurecidas, e veio um calor intenso e o cheiro acre de

cabelos queimando, o borbulhar de água fervendo da carne e o rodopio da neve dourada. Sem pensar, o monstrologista e eu nos aproximamos do barril, pois a noite estava bastante fria — e o fogo tinha bastante calor.

DEZ

“Sou o escolhido”

Partimos na manhã seguinte para Nova York. Eu caí no sono no trem e acordei somente quando chegamos à Estação Grand Central, com a cabeça na dobra do braço do doutor, tonto, desorientado e enjoado. Tivera um sonho horrendo em que o monstrologista demonstrava a um grupo de alunos de escola o método adequado de remover o cérebro de um corpo humano — *meu* corpo.

Deixamos as bagagens no Plaza Hotel (exceto a valise negra do doutor, onde Warthrop havia guardado, com cuidado intenso, o *nidus ex magnificum*) e fomos imediatamente até a sede da Sociedade. Enquanto nosso cabriolé chacoalhava pela Broadway em direção ao sul da cidade, o monstrologista aninhava a valise no colo como uma mãe ansiosa aninha seu filho recém-nascido. Repreendia o motorista ante o menor dos atrasos e olhava cada transeunte e carruagem com desconfiança, como se fossem bandidos desejando separá-lo de sua carga preciosa.

— Odeio ter de me separar dele, Will Henry — confessou o doutor para mim. — Só existe outro exemplar no mundo: o *nidus* das Laquedivas, cujo nome vem do local onde foi descoberto em 1851, as ilhas Laquedivas, na costa da Índia. Se algo acontecer com ele... — e estremeceu. — Seria trágico. Devemos protegê-lo a todo custo. Se não puder confiar nele, então não posso confiar em ninguém.

— No dr. Von Helrung? — arrisquei.

Ele balançou a cabeça:

— Não, no professor Ainesworth.

Ele era muito velho, o curador do Monstrumarium, muito bravo a maior parte do tempo — e muito surdo. Era também bastante vaidoso, defeito que o impedia de admitir sua quase surdez, e era isso o que causava seu humor terrível. A discordância constante em relação ao que era dito fazia o velho se tornar uma pessoa completamente discordante. Tinha o hábito de brandir a cabeça da sua bengala (moldada a partir do crânio branqueado de uma criatura há tempos extinta, um animalzinho nojento chamado *Ocelli carpendi*, que ele apelidara de Édipo) diante do rosto de qualquer um que ousasse levantar a voz para ele. Uma vez que levantar a voz era o único jeito de conseguir conversar com ele, não

havia um único monstrologista (Warthrop, inclusive) que não tivesse sido vítima do que um espertinho apelidara de “o Adolphus total”. O queixo pesado se projeta para a frente; as sobrancelhas brancas espessas se encontram no alto do nariz bulboso e ligeiramente rosado; as costeletas se arrepiam e retorcem numa confusão algodoada, como o pelo de um gato encurralado... e lá vem o punho fechado agarrado à bengala de nogueira, cuja extremidade exhibe (a dois centímetros do seu rosto!) as duas presas de cinco centímetros do *carpendi* e o olhar cego de suas cavidades oculares de tamanho avantajado.

Encontramos o professor Ainesworth em seu escritório mofado do porão, encarapitado num banquinho alto atrás de sua mesa gigantesca, onde se erguiam everests de papéis até quase o teto. Isso depois de termos serpenteado entre livros, caixas e baús — entregas que aguardavam para serem catalogadas e guardadas na casa de curiosidades da Sociedade, localizada na esquina da Twenty-Second Street com a Broadway. Na parede atrás do velho irascível estava pendurado o brasão da Sociedade, que trazia inscrito o lema *Nil timendum est* — “Nada temas”.

— Não são permitidas crianças no Monstrumarium! — gritou ele para meu mestre, sem preâmbulos.

— Mas este é Will Henry, Adolphus — retrucou Warthrop num tom de voz alto, mas respeitoso. — O senhor com certeza se lembra dele.

— Impossível! — berrou Adolphus. — Só depois dos dezoito anos é possível ser membro. Isso eu sei, Pellinore Warthrop!

— Ele é meu assistente — protestou o monstrologista.

— Olhe lá como fala comigo, doutor! Ele precisa ir embora imediatamente — o velho balançou a cabeça da bengala diante de mim. — Imediatamente!

Warthrop pousou a mão no meu ombro e disse num tom apenas ligeiramente mais baixo que um grito:

— É Will Henry, Adolphus! O senhor se lembra dele, de novembro passado. O senhor lhe salvou a vida!

— Ah, eu me lembro muitíssimo bem! — berrou o velho galês. — Foi justamente por causa dele que eu criei essa regra! — e brandiu um dedo encarquilhado diante do meu rosto. — Andou bisbilhotando em lugares onde crianças não deviam bisbilhotar, não é, rapazinho?

Os dedos do doutor apertaram minha nuca, e eu, como se fosse sua marionete, assenti rapidamente em resposta.

— Eu irei mantê-lo sob a mais severa supervisão — prometeu o doutor. — Ele não se afastará nem um centímetro da minha vista.

Antes que o professor Ainesworth pudesse continuar seus protestos, Warthrop pousou a valise preta sobre a mesa. Adolphus grunhiu, abriu os fechos

da valise, subiu a tampa e espiou lá dentro.

— Ora, ora, ora — disse ele. — Ora, ora, ora, ora, *oral*

— Sim, Adolphus — retrucou o doutor. — *Nidus ex...*

— Oh-oh, acha mesmo, dr. Warthrop? — interrompeu o curador, rangendo os dentes. Enfiou as mãos encarquilhadas num par de luvas e meteu as mãos na valise. O doutor endureceu o corpo num ato reflexo, talvez por receio de que aquelas mãos artríticas pudessem danificar sua carga preciosa.

Adolphus empurrou a valise vazia para o lado com o antebraço e baixou alegremente o ninho repulsivo sobre a mesa. Sacou uma grande lupa do bolso do casaco e se pôs a inspecionar o objeto de perto.

— Eu já examinei extensamente o espécime em busca de... — começou a falar o doutor, antes de Ainesworth cortá-lo:

— Ah, examinou! Hmmmmmmmm. Sim. Examinou? Hmmmmmmmmmm.

O olho do velho, aumentado comicadamente pela lente, percorria o espécime de alto a baixo. Seus dentes falsos rangeram — um hábito nervoso. Adolphus tinha muito orgulho de sua dentadura e era de certa forma ligado a ela, tanto emocional quanto biologicamente. A dentadura fora confeccionada a partir dos dentes de seu filho, Alfred Ainesworth, que servira como coronel no exército da União, mas fora abatido na Batalha de Antietam. Os dentes foram resgatados após sua morte e enviados para Adolphus, que a partir de então exibia orgulhosamente (e literalmente) o sorriso de um herói.

— Ora, mas é claro, eu não o teria trazido para o senhor caso não tivesse absoluta certeza de sua autenticidade — declarou o monstrologista. — Não existe pessoa em que eu mais confie e que tenha em mais alta con...

— Por favor, por favor, dr. Warthrop. Seu blá-blá-blá incessante está me dando dor de cabeça.

Estremeci, aguardando a explosão. Que não veio. Ao meu lado, Warthrop sorria com tanta bondade quanto Buda, completamente inabalado. Na minha experiência, ninguém jamais havia se dirigido ao meu mestre com tamanha impertinência, nem com tamanho descaso e desdém (em suma, do modo como ele em geral falava comigo). Muitas vezes testemunhei explosões que rivalizariam em ferocidade com as do vulcão Cracatoa causadas pelo menor, mais trivial e insignificante dos olhares desobedientes. Portanto, fiquei esperando para ver o fenômeno do “Warthrop total”.

O curador comprimiu um naco da resina grudenta entre o polegar e o indicador enluvados e puxou-o, soltando-o do ninho. Enrolou-o em uma bolinha pequenina e a cheirou, trazendo-a perigosamente para perto da ponta do nariz.

— Nada mau — opinou ele. — Nada mau; está bem próximo. É mais — qual seria a palavra? — pungente do que o *nidus* das Laquedivas, mas isso já

seria de se esperar... Mas o que é isso? Há impressões digitais aqui! — ele olhou para Warthrop, que estava de pé do outro lado da mesa. — Alguém tocou no *nidus* sem luvas! — então seu olhar seguiu para o curativo na minha mão esquerda. — Ah, mas é claro! Eu devia ter adivinhado.

— Eu não toquei nele! — protestei.

— Ah, não? Então o que aconteceu com seu dedo? — disse, virando-se para o monstrologista. — Estou surpreso e desapontado, dr. Warthrop. Dentre todos os que desejam servir como seu aprendiz, e sei que há muitos, você escolheu justamente um mentiroso sorrateiro.

— Eu não o escolhi — retrucou o doutor, com a mesma brutalidade sincera de sempre.

— Você devia mandá-lo para um orfanato. Ele não faz bem nem para você nem para si mesmo. Um dia desses vai acabar matando os dois.

— Corrirei o risco — replicou Warthrop com um sorriso fraco, depois fez um sinal para o *nidus* entre eles. Não era uma tarefa fácil manter o professor Ainesworth concentrado. — O senhor irá notar que ele é quase idêntico ao *nidus* das Laquedivas em todos os aspectos... bem, exceto talvez no cheiro, que obviamente não tive como comparar.

— Você sabia que ele tentou me subornar? — vociferou o velho de repente, chacoalhando a bengala.

Espantado, o monstrologista perguntou:

— Quem? Quem tentou subor...

— O sr. P. T. Barnum! Aquele velho patife me ofereceu dezessete mil dólares por ele — só para *pegá-lo emprestado* por seis meses e exibilo ao lado do anão Pequeno Polegar e da Sereia de Fiji!

— O *nidus* das Laquedivas?

— Não, Warthrop, as unhas cortadas dos meus pés! Antigamente você costumava ser bem esperto. Que raios aconteceu com você? — *clic, clic, clic*, faziam os dentes do filho dele. — Eu recusei, claro. Neguei sequer saber do que ele estava falando. Agora, como ele ouviu falar do *nidus* é um mistério.

Ele costumava andar por aí com aquele monstrologista russo intragável. Qual era mesmo o nome dele?

— Sidorov — respondeu meu mestre. Aparentemente só precisava ouvir as palavras “intragável” e “russo” para saber a resposta.

— Xi, Orlof? Não, não...

— Sidorov! — berrou Warthrop, finalmente perdendo a paciência.

— Sidorov! Esse mesmo! Eram unha e carne, aqueles dois, e dois malandros também. Desconfio que foi Sidorov quem contou a ele sobre o *nidus*. Foi minha ideia, sabe.

— Perdão, professor. Sua ideia?

— Expulsá-lo! Dar um pé naquela sua bunda fingida de patife!

— Na bunda fingida de que patife? Barnum?

— Sidorov! “Ele é um embusteiro”, falei a Von Helrung. “Não vale um centavo. Expulse-o! Tire suas credenciais! “ Eu tinha sido informado por uma fonte confiável que Sidorov era um agente da Okhranka — Adolphus olhou para mim com as costeletas tremelizando. — A polícia secreta do czar. Aposto que disse você não sabia, e é por esse motivo que afirmo: monstrologia não é negócio para crianças! Francamente, Warthrop, você devia se envergonhar de si mesmo. Se está precisando de companhia, por que não arruma um cachorro e pronto? Seja como for, não dá para jogar a culpa nele.

— Jogar a culpa em quem...? Will Henry?

— No czar! Se eu fosse ele, claro que gostaria de ter um monstrologista na minha polícia secreta! Enfim, foi assim que Barnum ficou sabendo do *nidus*, é o que eu acho. Aliás, o que aconteceu com ele, você sabe?

— Com Barnum?

— Com Sidorov!

— Voltou para São Petersburgo, foi a última notícia que ouvi — respondeu o doutor, e depois se apressou em dizer: — Professor Ainesworth, prometo que não sou amigo nem do sr. P. T. Barnum nem de Anton Sidorov e muito menos do czar. Vim até aqui hoje...

— Sem marcar horário!

— Sem marcar horário...

— E sem aviso prévio!

— E sem aviso prévio, de fato... para encarregar a seus cuidados este acréscimo raro e totalmente incrível à sua... à nossa... coleção de achados extraordinários e estranhezas insubstituíveis. Em suma, seria uma honra caso o senhor pudesse guardá-lo na Sala Trancada junto com o primo dele, o *nidus* das Laquedivas, que ao longo dos anos o senhor protegeu de modo tão admirável das mãos de tipos como Barnum e Sidorov e da traiçoeira polícia secreta russa.

Os olhos de Adolphus se estreitaram. Seus dentes rangeram. Ele apertou os lábios e coçou as costeletas.

— Está tentando me adular, dr. Warthrop?

— Descaradamente, mas com toda a sinceridade, professor Ainesworth.

Pelos corredores estreitos e mal iluminados do Monstrumarium nós o seguimos, e também por câmaras escuras onde estavam abrigados milhares de exemplares e espécimes, arte fatos e coisas esotéricas relacionados à área da monstrologia. O Monstrumarium era o principal centro de pesquisas do tipo no mundo, um baú de tesouros com curiosidades raras de todos os continentes — o

tipo de curiosidade rara que faria uma verdadeira dama corar e um homem adulto desmaiar. O nome do centro significava literalmente “casa de monstros”, e é exatamente o que era. Dentro do Monstrumarium havia uma quantidade de coisas grotescas suficiente para encher cinquenta tendas de P. T. Barnum — coisas que não pareciam possíveis, ou só pareceriam possíveis em nossos piores pesadelos. Armazenadas naquelas salas mofadas estavam coisas que, segundo nossos pais, não existem — flutuando em frascos de formaldeído ou mumificadas atrás de vidros espessos, desmembradas em gavetas, destripadas, abertas, penduradas em ganchos ou empalhadas como troféus obtidos em um safári realizado no inferno.

Em todo o Monstrumarium só havia uma única sala trancada à chave. Ela não tinha nome; a maioria dos monstrologistas a chamava simplesmente de “a Sala Trancada”. Um engraçadinho irreverente a batizara de *Kodesh Hakodashim* (“O Santo dos Santos”), pois ali eram guardadas as peças da coleção consideradas preciosas demais (ou perigosas demais) para ficarem desprotegidas. Existiam algumas coisas — bem, como você já sabe, algumas delas ainda existem — que devem ter escapado da atenção de nosso benevolente Criador na sua pressa de fazer o mundo em apenas seis dias. Qualquer outra explicação é simplesmente impensável.

A autorização para entrar na Sala Trancada se restringia a apenas duas classes de organismos: os que apresentavam os maiores riscos à vida humana e os tolos que os perseguiram.

Sinto vergonha de dizer isso; eu não devia chamar o doutor de tolo. Sem sombra de dúvida ele foi o homem mais inteligente que já conheci, e muitos dos descendentes daqueles cujas vidas ele salvou argumentariam que o trabalho da vida dele passou consideravelmente longe de tolo. Mas sabedoria e sacrifício nunca foram o bastante para o monstrologista. Ele desejava reconhecimento, queria estar na mais alta estima entre seus colegas (era o único tipo de imortalidade em que ele conseguia acreditar), porém, tragicamente, escolheu a profissão errada. Existem aqueles que trabalham na escuridão apenas para que o resto de nós possa viver na luz.

— Ele não gosta muito do senhor — falei depois ao monstrologista, no táxi.

— Adolphus? Ah, não. Ele desgosta dos seres humanos como princípio geral; está sempre esperando se desapontar com eles. Não é uma posição sem sua sabedoria, Will Henry.

— É por isso que ele é tão mau?

— Adolphus não é mau, Will Henry. Adolphus simplesmente fala de modo direto. Os velhos deveriam falar sem rodeios; é sua prerrogativa.

Ao batermos à porta da mansão de Von Helrung na Quinta Avenida, fomos

recebidos pelo próprio grande homem em pessoa; que atirou seus braços curtos e grossos ao redor de meu mestre sem cerimônias. A neve rodopiava ao redor deles numa complexidade confusa, uma metáfora bastante adequada para o relacionamento complicado dos dois.

Von Helrung era mais do que o antigo professor de Pellinore Warthrop nas artes negras da monstrologia; era seu amigo, pai substituto e às vezes rival. Três meses antes, o conflito entre eles em relação ao futuro da monstrologia quase despedaçara a amizade dos dois. Se Von Helrung fosse um homem menos compassivo, talvez eles jamais tivessem voltado a se falar, mas o mestre amava seu discípulo da mesma maneira que um pai ama o filho. Não vou dizer que Warthrop o amasse (esse é um termo bastante insubstancial em que se aventurar, de fato!), mas meu mestre queria muito a Von Helrung, e já havia perdido coisas demais àquela altura. Fora eu (e acho que o doutor provavelmente me excluía mesmo), o velho monstrologista era o único amigo que restara a Warthrop.

— Pellinore, *mein Freund*¹, que maravilha vê-lo novamente! E cá temos William, também... o querido e corajoso Will Henry! — ele me puxou de encontro a seu peito para me esmagar, espremendo o ar de meus pulmões. Inclinando-se para a frente, sussurrou em meu ouvido:

— Todos os dias eu rezo por você, e Deus em sua misericórdia deve me ouvir. Mas o que foi isso? — disse, percebendo minha mão enfaixada.

— Um acidente — respondeu Warthrop concisamente.

— O dr. Warthrop decepcionou o meu dedo com uma faca de carne.

As sobrelanceiras de Von Helrung se uniram, numa confusão desalinhada.

— Por acidente?

— Não — respondi. — Essa parte foi de propósito.

O velho se virou para meu mestre, que balançou a cabeça com impaciência e disse:

— Podemos entrar, Von Helrung? Estamos com bastante frio e cansados, e preferiria não falar desses assuntos na sua porta de entrada.

Von Helrung nos chamou para dentro da sua sala de estar bem decorada, maravilhosamente atulhada de móveis em estilo vitoriano — armários e guardalouças gemendo de tão carregados com curiosidades e lembrancinhas, poltronas acolchoadas, canapés e sofás, e uma lareira cuja superfície mal se podia ver por conta de todos os bricabraques que a atulhavam. O chá do doutor já estava pronto, e para mim Von Helrung havia providenciado de modo atencioso um copo do delicioso preparado do sr. Pemberton, aquela bebida borbulhante formidável chamada Coca-Cola. Eu gostei particularmente do primeiro gole, da sensação coceguenta na ponta do meu nariz.

Von Helrung se acomodou na sua poltrona vitoriana, cortou a ponta de um

charuto Havana e rodou-a de um lado para o outro na língua ampla.

— Vou adivinhar as circunstâncias do acidente do jovem Will — sua expressão era severa; obviamente ele não estava nada satisfeito com meu mestre por permitir que tal calamidade acontecesse. Seus olhos azul-claros cintilavam sob as sobrancelhas brancas desgrenhadas. — Você deixou o menino manipular a entrega especial do dr. John Kearns.

— Não exatamente — retrucou o doutor. — O menino foi “manipulado” por quem a manipulou.

Ele então começou a contar a história desde o início, a chegada de Wymond Kendall na calada da noite com o presente impressionante que ele trouxera da Inglaterra. Von Helrung não o interrompeu, embora de vez em quando soltasse uma interjeição como *ach!* ou estremecesse de repulsão ou seus olhos marejassem de maravilhamento ou pena.

— *Pwdre ser...* a podridão das estrelas! — murmurou baixinho depois da conclusão do conto do doutor. — Então as histórias são verdadeiras. Nunca havia de fato acreditado nelas, pois não desejava acreditar. Que o Criador de todas as coisas possa haver criado algo assim! Não é intolerável, Pellinore, até mesmo para nós, que devotamos a vida a este trabalho, que exista algo dessa importância? Que tipo de Deus é esse? Será insano ou malicioso?

— Gostaria de me abster de incomodar-me com perguntas que não podem ser respondidas, *Meister* Abraham. Talvez

Ele não seja nem insano nem malicioso, mas ame igualmente todas as suas criaturas — ou seja igualmente indiferente a todas elas.

— E você não considera tanto uma opção quanto a outra terríveis?

— Só são terríveis sob o contexto da arrogância humana. Agora o senhor irá argumentar que recebemos o domínio sobre a Terra e todas as suas criaturas, como se isso nos apartasse da própria criação à qual pertencemos. Bem, diga isso a Wymond Kendall!

O monstrologista voltou ao motivo de nossa visita. Considerava desagradáveis discussões filosóficas como aquela — não exatamente aquém de suas capacidades, mas sim inúteis, no sentido de que o que era irrespondível constituía uma perda do seu tempo.

— O que o senhor descobriu sobre Jack Kearns? — perguntou ele.

Von Helrung balançou a cabeça.

— Sumiu, Pellinore. O apartamento foi abandonado, seu consultório no hospital está vazio. Ele se foi, e ninguém parece saber para onde pode ter ido.

Agora foi a vez de Warthrop balançar a cabeça.

— Impossível. Ele deve ter contado a alguém.

— Minhas fontes me garantem que não. A equipe do hospital, seus antigos

pacientes, os vizinhos — ninguém sabe de nada. Ou, melhor dizendo, só sabem que um dia Herr² Kearns estava lá e no dia seguinte não estava mais. A única pessoa a quem ele parece ter confiado alguma informação foi o homem imolado em sua lareira.

— Kearns não contou a Kendall onde conseguiu o *nidus*; eu perguntei.

— E eu acredito. Ele não teria contado ao pobre sr. Kendall.

O doutor anuiu.

— Esse é o verdadeiro troféu. Mais valioso do que o *nidus* é de onde ele veio. Como Kearns conseguiu pôr as mãos nele? Será que alguém lhe deu? E, se foi esse o caso, quem? E por quê?

A brasa do charuto do velho monstrologista havia se extinguido. Ele colocou a ponta apagada no cinzeiro ao lado e falou de modo sombrio para meu mestre:

— Há algo de podre aí, *mein Freund*. Kearns não é nenhum monstrologista — não teria interesse científico em um *nidus ex magnificum* —, porém tolo ele não é. Deve saber o quanto ele é valioso.

Warthrop assentiu novamente. Sua cabeça oscilava em contraponto a seu pé, que tamborilava nervosamente o tapete.

— Há mais de uma recompensa sendo oferecida por um *nidus* — disse o doutor. — Ouvi dizer que o sultão otomano Abdul Hamid fez uma oferta de vinte mil ducados.

Incapaz de conter seu ardor, o monstrologista mais jovem se pôs de pé e começou a andar de um lado para o outro na sala.

— Pense só nisso, Von Helrung! O primeiro *nidus* verdadeiro encontrado em toda uma geração! E em condições imaculadas — não deve ter mais do que poucos meses de idade, eu diria. O senhor entende o que isso quer dizer? Estamos perto, mais perto do que jamais estivemos — seu tom baixou para um sussurro: — *Typhoeus magnificum*, Meister Abram — o Jamais Visto — o troféu dos troféus — o Santo Graal da monstrologia! E dessa vez ele pode estar ao meu alcance...

— Seu alcance? — interrompeu Von Helrung, em voz baixa.

— Nosso alcance. Eu quis dizer nosso, claro.

Von Helrung anuiu em silêncio, e notei um olhar de tristeza quando ele falou:

— Muitos são os chamados, meu caro Pellinore, mas poucos os escolhidos. Quantos se perderam buscando nossa versão da Besta Glatissant? Você sabe?

Meu mestre afastou aquelas perguntas com um gesto impaciente. Von Helrung insistiu:

— E quantos mais voltam humilhados e derrotados, com a reputação

arruinada, a carreira em cinzas?

— Não consigo entender a importância que isso tem — respondeu o doutor, irritado. — Mas sim, por acaso sei. Seis, contando Lebroque.

— Ah, é, Lebroque. Esquecime dele, *armes Schwein*³. E quem era aquele escocês baixinho falante, aquele que tinha língua presa?

— Bisset.

— *Ja*⁴, “Bisxet” — brincou Von Helrung, com uma risadinha. — De peito empinado, fortão e com a fanfarrice típica para arrematar!

— Um diletante — disse Warthrop, sem dar importância. — O resto foram apenas aventureiros quixotescos.

— Mas não Lebroque.

— Principalmente Lebroque. Ele deixou que sua ambição o cegasse...

— A ambição faz isso — concedeu Von Helrung. — E coisa pior ainda — ele se levantou e foi até o lado de meu mestre, pousando uma mão gorducha sobre seu antebraço e assim interrompendo com suavidade o andar de Warthrop de um lado a outro.

— Mas você está exaurindo seu velho mestre. Por favor, Pellinore, sente-se para que possamos pensar juntos e decidir o curso das coisas.

O doutor se desvencilhou do velho e disse:

— Já sei o curso das coisas. Parto para a Inglaterra amanhã mesmo.

— Inglaterra? — Von Helrung estava estarelecido. — Por que vai para a Inglaterra?

— Para encontrar Jack Kearns, é claro.

— Que sumiu como a névoa, sem deixar vestígios. Como vai encontrá-lo?

— Vou começar olhando embaixo da maior pedra do continente — respondeu o doutor, sombriamente.

Von Helrung riu.

— E se ele não estiver lá?

— Então partirei para as pedras menores.

— E quando o encontrar — se o encontrar —, o que vai fazer caso ele se recuse a lhe dizer o que você quer saber? Ou pior, não *saiba* o que você quer saber?

— Saber, saber, saber — imitou Warthrop com ferocidade. — O senhor quer saber o que eu sei, *Meister* Abram? Eu sei que Jack Kearns queria que eu recebesse o *nidus*. Ele se lançou a extremos para garantir que eu o recebesse o quanto antes. Também queria que eu soubesse que ele estava partindo da Inglaterra — e o quanto antes. Só pode haver uma explicação: ele sabe de onde veio o *nidus*. E foi por isso que se desvencilhou dele. Só existe uma coisa no

planeta mais valiosa do que um autêntico *nidus ex magnificum*: o próprio *magnificum*. O *nidus* é um grande troféu, mas O Jamais Visto é o troféu, o troféu dos troféus — Warthrop assentia com veemência. — Essa é a única explicação.

— Mas por que enviá-lo a você, para começo de conversa? Qual o motivo para isso? Com certeza ele não iria querer que ninguém soubesse que o troféu dos troféus estava ao alcance dele, muito menos Pellinore Warthrop.

O doutor anuiu.

— Isso de fato andou me intrigando. Por que ele fez isso? A única coisa que faz sentido só faz sentido se você conhece John Kearns.

Von Helrung pensou por um momento.

— Ele está provocando você, é isso?

— Acho que sim. Do modo mais cruel possível. O senhor conhece Kearns, *Meister* Abram. Sabe tão bem quanto eu as depravações às quais ele se rebaixaria.

Meu mestre afastou então aquele pensamento com um gesto. Não desejava se alongar no assunto Jack Kearns nem nas suas motivações. Estava envolvido demais no abraço de seus próprios demônios.

— Ele é um homem cruel — disse Warthrop. — Alguns diriam que é um homem monstruoso. Mas isso não é preocupação minha.

— Escute só você; escute! Meu ex-discípulo! Pai dos céus, perdoai-me pelas minhas ofensas, pois fracasei convosco — e com meu querido aluno! Pellinore, antes de cientistas somos homens; é com o monstro humano que mais deveríamos nos preocupar!

— Por quê? — retorquiu o doutor, rispidamente. — E daí os homens monstruosos? Não consigo pensar em nada mais banal. Não tenho dúvida nenhuma — absolutamente nenhuma — de que, assim que obtiver os meios para isso, nossa espécie se erradicará da face da Terra. Não tem mistério nenhum nisso. Está na nossa natureza. Ah, alguém pode até se alongar nas especificidades, mas francamente, o que é possível dizer da espécie que *inventou* o assassinato? O que é possível dizer?

Sem pensar, falei:

— O senhor está falando como ele.

Warthrop girou o corpo para me encarar.

— O que você disse?

— Isso que o senhor está dizendo... Parece algo que o dr. Kearns diria.

— Só porque um homem é um maníaco homicida não quer dizer que ele não tenha razão — vociferou o monstrologista.

— Não — retrucou Von Helrung em voz baixa, seus olhos brilhantes cintilando perigosamente. — Quer dizer apenas que ele é maligno.

— Somos cientistas, Von Helrung; esses conceitos são estranhos ao nosso vocabulário. Na Índia é pecado matar uma vaca. Será então que nós, ocidentais, somos malignos por abatê-las?

— Seres humanos, *mein Freund* — retrucou Von Helrung —, não são vacas.

Warthrop não tinha uma resposta pronta para isso e ouviu em silêncio seu velho amigo implorar para que ele reconsiderasse sua decisão. Partir correndo para a Inglaterra era prematuro. Kearns já não estava mais lá, e, além disso, a busca não era por Kearns e sim pelo lugar onde o *nidus* tinha sido feito.

Warthrop mal o ouviu. Ele, o leão enjaulado, podia até estar andando de um lado para o outro, mas a sua paixão, não: nada poderia conter isso.

— Existem aqueles que passam toda a vida na ignorância — gritou ele na cara do seu antigo mentor. — Sem ter a menor ideia do seu propósito, e que, caso fossem pressionados, não saberiam responder nem por que nasceram. Muitos são os chamados, diz o senhor. É verdade — e a maioria é surda! E a maioria é cega! Eu não sou nem um nem outro. Ouvi o chamado. Vi o caminho. Eu sou o escolhido. *Eu sou o escolhido!*

Ele estava completamente tomado pela sua febre. Era o chamado do destino — do *seu* destino —, o motivo pelo qual ele havia sacrificado tanto, suportado tanto, perdido tanto. Isso era destino, para um homem que não acreditava em destino. Isso era libertação, para um homem que não se filiava a nenhum conceito de salvação pessoal. Isso era redenção, para um homem a quem a ideia de redenção era de certa maneira um esoterismo inútil.

Ah, dr. Warthrop! Quantas vezes o senhor não me advertiu a controlar minhas paixões, para que elas não me controlassem? E agora? É o senhor que contém o fogo ou é o fogo que contém o senhor? Agora eu enxergo claramente... mas não naquele momento.

Von Helrung enxergou, entretanto. Enxergou e foi impotente contra a sua força infernal. Em todos os seus anos como mestre instrutor da arte da monstrologia, jamais teve um melhor discípulo — e ensinou dúzias e dúzias. Warthrop era a realização que coroava sua vida: um monstrologista sem escrúpulos, um cientista sem o menor dos preconceitos ou receios. E contudo! Às vezes nossa maior força é também nossa maior fraqueza: a chama que animava o gênio de Pellinore Warthrop era o mesmo inferno que o conduzia em tumulto ao abismo.

Von Helrung enxergou esse abismo, e Von Helrung sentiu medo.

ONZE

“Que sabe você de meus assuntos?”

Von Helrung, que sabia onde se escondia o verdadeiro *Monstrum horribalis* do caso, disse:

— O chamado chegou, então, e você deve atender a ele, mas não deve atender sozinho.

— Bem, é claro. Will Henry irá comigo.

— É claro — repetiu Von Helrung. Seus olhos azuis brilhantes recaíram sobre mim. — Will Henry.

— Will Henry... o quê? Não o subestime, Von Helrung. Eu trocaria uma dúzia de Pierres Lebroques por um único William James Henry.

— Não, não, você entendeu mal, Pellinore. O menino se provou indispensável a você, o falecimento do seu pai se revelou uma bênção trágica. Mas aquele que é sua mão direita, pelo visto, teve a mão esquerda deploravelmente ferida...

— Ele só perdeu um dedo. Um dedo! Ora, certa vez um xerpa me guiou pelos Himalaias com os intestinos para fora — e em pleno inverno!

— Existem muitos ótimos monstrologistas que aceitariam sem pestanejar a oportunidade de...

— Sem dúvida! — riu duramente Warthrop. — Tenho certeza de que eu teria voluntários suficientes para superar toda a população de *magnificum* na proporção de dez para um. O senhor acha que sou um tolo completo?

— Não estou sugerindo que coloquemos um anúncio no *Jornal*, Pellinore — retrucou Von Helrung com paciência exagerada, como um pai contido diante de um filho voluntarioso. — Que me diz de Walker? Ele é um cientista competente... e britânico até a alma. Não vai dizer nem uma palavra para ninguém.

— Sir Hiram... aquele simplório? Ele sempre foi mais preocupado com o avanço de seus próprios interesses do que com o avanço da ciência.

— Um americano, então. Você sempre gostou de Torrance.

— Verdade. Tenho uma afeição por Jacob, mas ele é turrão demais. E libertino. Jamais vou conseguir arrancá-lo dos pubs.

— Caleb Pelt. Ora, vamos, Pellinore. Sei que você respeita Pelt.

— Realmente respeito Pelt. E por acaso sei que ele está na Amazônia e que lá deve ficar pelos próximos seis meses.

Von Helrung endireitou o corpo, estufou o peito grosso e disse:

— Nesse caso, eu mesmo irei com você.

— O senhor? — Warthrop começou a sorrir e se interrompeu quando viu que o velho estava realmente falando sério. Então anuiu com gravidade. — Seria uma escolha perfeita, caso o *nidus* tivesse chegado quinze anos antes.

— Não sou tão velho a ponto de não poder me safar em um aperto — disse o austríaco com robustez. — Meus joelhos já não são o mesmo que antes, mas meu coração é forte...

O monstrologista pousou a mão sobre o ombro de seu velho amigo.

— O coração mais forte que jamais conheci, *Meister* Abram, e o mais sincero.

— Você não pode arcar com o peso desse fardo nos ombros sozinho — implorou Von Helrung. — Alguns fardos, meu querido Pellinore, são impossíveis de pousar no chão depois que...

O som da campainha interrompeu o velho e fez meu mestre girar o corpo na direção da porta, alarmado.

— O senhor está esperando visita? — inquiriu ele.

— Sim, mas por insistência dele, não por convite meu — retrucou Von Helrung com simpatia. — Não se preocupe, *mein Freund*. Não contei nada a ele, apenas que eu estava aguardando a sua chegada para hoje. Ele deseja muito conhecê-lo, e meu coração é mole, como você bem sabe; não pude recusar.

Mal nosso anfitrião abriu a porta e o visitante já abria caminho pelo vestíbulo. Não fez pausa nenhuma, nem mesmo para entregar o chapéu e as luvas para Von Helrung, e foi direto até a sala de estar para praticamente se atirar em cima do doutor.

Era jovem, vinte e poucos anos, supus, alto, de complexão atlética, bem-vestido (meio dândi, foi a primeira impressão que tive dele), de cabelos escuros e rosto magro. Com maçãs da face altas e angulosas e nariz fino e ligeiramente encurvado, poderia ser considerado bonito de um jeito nobiliárquico — tinha aquela “aparência magra e faminta” tão comum nas classes privilegiadas. Segurou a mão do meu mestre e a sacudiu vigorosamente, apertando-a com tanta força que fez Warthrop estremecer de dor.

— Dr. Warthrop, não consigo expressar meu prazer profundo em finalmente conhecer o senhor. É de fato uma... bem, uma honra, senhor! Espero que perdoe minha intromissão, mas quando soube que o senhor estava a caminho de Nova York, simplesmente não pude deixar a oportunidade passar em branco!

— Pellinore — disse Von Helrung. — Deixe-me apresentar meu novo

aluno, Thomas Arkwright, da linhagem dos Arkwrights de Long Island.

— Aluno? — Warthrop franziu o cenho. — Achei que o senhor estivesse aposentado da sala de aula.

— *Herr* Arkwright é bastante persistente.

— É tudo o que me importa, dr. Warthrop — atalhou Thomas Arkwright da linhagem dos Arkwrights de Long Island. — Desde que eu tinha mais ou menos a idade do seu filho aqui.

— Will Henry não é meu filho.

— Não?

— Ele é meu assistente.

Os olhos de Thomas se arregalaram de espanto. Ele me olhou com um respeito diferenciado.

— Acho que nunca ouvi falar de um aprendiz tão jovem. Quantos anos ele tem, dez?

— Treze.

— É bastante pequeno para treze anos — observou Thomas. Lançou-me um sorriso rápido e ligeiramente condescendente. — Você deve ser bem esperto, Will.

— Bem — disse o doutor, e depois não disse mais nada.

— Agora estou me sentindo velhíssimo, terrivelmente ultrapassado nos estudos — brincou Thomas. Virou-se para Warthrop. — Eu jamais teria me oferecido, caso soubesse que o senhor já tinha um aprendiz.

— Will Henry não é exatamente meu aprendiz.

— Não? Então ele é o quê?

— É... — o doutor me encarou. Na verdade, os três homens me encararam. O silêncio ficou pesado. O que eu era exatamente para Pellinore Warthrop? Eu me remexi na cadeira.

Por fim, o doutor deu de ombros e se virou para Thomas mais uma vez.

— O que quis dizer com jamais teria me oferecido”?

— Ora, para ser seu aprendiz, dr. Warthrop.

— É verdade — confessou Von Helrung. — Não fui a primeira escolha de Thomas.

— Não me recordo de haver recebido o seu pedido — disse meu mestre.

Thomas pareceu arrasado.

— Qual deles? Enviei doze.

— Verdade? — Warthrop estava impressionado.

— Não, na verdade não. Treze. Enviar doze pareceu de certa maneira um ato menos desesperado.

Para meu espanto, o monstrologista riu. Isso era tão raro que eu achei que

ele tivesse se engasgado com um bolinho.

— E eu nunca respondi a nenhum deles? — Warthrop se virou para mim com a testa franzida e uma sobrancelha arqueada em direção à linha do couro cabeludo. — Will Henry é quem organiza a correspondência para mim, e não me lembro de ter recebido nem sequer um pedido seu.

— Oh. Bem, talvez eles tenham se perdido, de algum jeito.

Mais uma vez um silêncio pesado caiu entre nós. Meu rosto ficou vermelho e quente. Era verdade que eu organizava a correspondência do doutor. E é verdade que eu não conseguia me lembrar do nome de Thomas Arkwright. Eu tinha certeza de nunca ter ouvido falar nele antes. Mas protestar iria apenas convencer meu guardião da minha culpa.

— Então o ditado é verdade, tudo está bem quando tudo acaba bem — atalhou Von Helrung por fim, dando um tapinha consolador no meu ombro. — Eu tenho um novo aluno, e você, Pellinore, tem seu... — ele buscou a descrição mais adequada —... Will Henry — concluiu, dando de ombros como se pedisse desculpas.

Thomas implorou para ir embora logo em seguida. Só havia interrompido o dr. Warthrop para expressar sua admiração imortal; sabia que o doutor tinha assuntos urgentes para tratar e não desejava atrasá-lo.

— Que sabe você de meus assuntos? — indagou o monstrologista com rispidez e um olhar acusatório para Von Helrung: “O senhor contou a ele!”

— Não sei nada sobre o assunto atual. O professor Von Helrung tem sido irritantemente recatado a respeito — respondeu Thomas, correndo em socorro de seu mentor. — Sei que é urgente, monstruosamente urgente, se me permite o trocadilho. O resto posso apenas adivinhar. O senhor veio a Nova York para confiar ao professor Ainesworth um *nidus ex magnificum* que recentemente lhe foi entregue, vindo de além-mar... da Inglaterra, eu me arriscaria a dizer. — Ele deu de ombros, como se pedisse desculpas. — Mas isso é tudo o que posso adivinhar.

Thomas Arkwright esperou a reação do monstrologista com um sorriso convencido, pois não “achava” que estava certo: ele *sabia* que estava certo.

— Foi uma “suposição” admirável, sr. Arkwright — disse Warthrop, fazendo uma cara feia para Von Helrung. Obviamente ele acreditava ter sido enganado e traído.

— Nem um pouco admirável — retrucou Thomas. — Sei que o senhor foi ao Monstrumarium. Isso é fácil: o cheiro flutua ao seu redor como um perfume asqueroso. E sei que o senhor dirigiu-se para lá diretamente da estação de trem, pois ainda está com seus trajes de viagem, o que indica que o assunto é da mais alta importância: não há nem um minuto a perder.

— Até agora, você acertou — concedeu meu mestre. — Mas isso, como você mesmo disse, é fácil de adivinhar. E o resto?

— Bem, o senhor não foi ao Monstrumarium para apanhar algo com o velho. O Monstrumarium não é chamado de Forte Adolphus por nada. O senhor deve ter lhe levado alguma coisa, e não qualquer coisa, mas algo que não poderia ficar nem mais um instante no hotel sem supervisão, por ser importante demais para guardar pessoalmente. Em outras palavras, um algo muito especial, um algo tão raro e valioso que o senhor precisava proteger imediatamente, sem demora.

Obviamente intrigado, o doutor assentiu com rapidez e agitou um dedo diante dele, gesto que fizera inúmeras vezes para mim: *continue, continue!*

— Então é muitíssimo raro esse troféu que o senhor trouxe — extremamente raro. Isso nos deixa apenas um pequeno punhado de opções entre as curiosidades monstrológicas. E desse punhado apenas uma ou duas poderiam fazer um cientista da sua envergadura abandonar tudo e sair correndo até o Monstrumarium após uma longa viagem de carruagem e trem. Um *nidus ex magnificum* seria a escolha mais óbvia e, uma vez que nenhum *nidus* jamais foi descoberto no Novo Mundo, muito provavelmente veio da Europa...

— Rá! — gritou o monstrologista, levantando a mão.

— As bases de seu raciocínio estão ficando instáveis, sr. Arkwright. Por que afirma que minha coisa especial veio da Europa, uma vez que o único exemplar autêntico veio das ilhas Laquedivas, no oceano Índico?

— Porque eu o conheço bem demais; ou melhor, conheço coisas demais a seu respeito. Se o senhor soubesse a origem dessa coisa, não estaria aqui em Nova York. Teria mandado a coisa para o dr. Von Helrung guardar na Sala Trancada e partido no primeiro navio.

— Mas por que a Inglaterra?

— A Inglaterra é só um palpite, confesso. Pulei a França. O contingente francês da Sociedade nunca se importou muito conosco, os ianques... e agora muito menos, depois do incidente infeliz do outono passado envolvendo *monsieur* Gravois, pelo qual, segundo ouvi dizer, eles culpam o senhor — injustamente, na minha opinião. Os alemães jamais confiariam um *nidus* a um americano, ainda que ele se chame Pellinore Warthrop. Os italianos... bem, são italianos. A Inglaterra foi a escolha mais lógica.

— Extraordinário — murmurou Warthrop com um sinal de apreciação. — Verdadeiramente extraordinário, sr. Arkwright! E com exatidão precisa em todos os detalhes; não vou enganá-lo — ele se virou para Von Helrung. — Meus parabéns, *Meister* Abram. Meu azar parece ter sido sua sorte.

O monstrologista austríaco deu um sorriso largo.

— Ele me faz lembrar outro aluno promissor que tive vários anos atrás.

Confesso que em minha senilidade às vezes me esqueço e o chamo de Pellinore.

— Ah, é melhor não! — retrucou meu mestre com humildade nada característica. — Isso eu não desejaria para ninguém, tampouco para o mundo. Um já é o bastante!

Thomas só foi embora depois que eu e o doutor partimos para o nosso hotel; suponho que tenha se esquecido, na empolgação do momento, de seu humilde desejo de não atrasar as buscas científicas do grande homem. O próprio grande homem parecia esquecido dos assuntos urgentes à sua frente, completamente absorvido numa conversa que revolia ou a seu respeito ou sobre aquela extensão singular de si mesmo chamada monstrologia.

E Arkwright parecia ser um especialista em ambos. Com entusiasmo, demonstrou um conhecimento enciclopédico sobre todas as coisas warthropianas: sua infância doente na Nova Inglaterra; os “anos perdidos” no internato em Londres; sua tutela sob Von Helrung; as primeiras aventuras na Amazônia, no Congo e “aquela expedição desventurada para Sumatra”; suas contribuições valiosas para a *Enciclopédia das bestas* (mais de um terço dos artigos foram escritos ou coescritos por Warthrop); sua defesa da maior ampliação das ciências naturais. O monstrologista bebeu com vigor aquele trago bajulador até ficar positivamente bêbado.

Tinha levado trinta e poucos anos, mas por fim parecia que ele havia encontrado alguém que admirava Pellinore Warthrop tanto quanto ele mesmo.

De fato, o clima na sala ficara tão saturado de Warthrop que para mim estava difícil respirar. Von Helrung percebeu meu incômodo e propôs, num sussurro, que fôssemos até a cozinha assaltar a copa. Eu aceitei a incumbência de bom grado e atacamos a despensa, conquistando dois pratos lotados de biscoitos doces de massa folhada e duas xícaras de chocolate quente fumegante.

— Ele é muito inteligente — disse Von Helrung, referindo-se a Thomas Arkwright. — Mas só se pode olhar para o sol por um instante, e depois... cegueira! É necessário fazer intervalos, mas você deve entender o que é isso, Will. Pellinore é igual.

Anuí devagar, evitando o olhar de Von Helrung. Ele entendeu imediatamente e disse em voz baixa e com grande compaixão:

— É difícil, eu sei, servi-lo. Com homens como Pellinore Warthrop... precisamos da máxima cautela para não sermos subjugados por seu brilho. Foi o destino de seu pai, receio. Na presença de homens como Warthrop, as luzes mais fracas são consumidas pelas mais intensas.

— Como Thomas sabe tanto a respeito dele? — perguntei. No intervalo de meia hora, eu havia aprendido mais sobre o monstrologista pela boca de um estranho do que depois de dois anos morando com ele.

— De mim, principalmente. O resto, de qualquer um que se disponha a falar sobre ele.

— Bem, ele não sabe tudo a respeito dele — falei. — Ele não sabia que o doutor já tinha um aprendiz.

— Sim, isso realmente me pareceu estranho. Ele sabe; eu contei a ele quando nos conhecemos, há quinze dias. Talvez tenha esquecido.

— Ou então esteja mentindo.

— Isso é inteligente, Will? Se pudermos escolher, não deveríamos sempre escolher os bons motivos e não os maus? Provavelmente isso era algo sem importância para ele e por isso esqueceu.

Sem importância para ele! Afastei meu prato; tinha perdido o apetite.

— Não, não; coma, coma! — insistiu ele, deslizando o prato de novo para a minha frente. — Você está muito magro para um garoto de dez anos.

— Tenho treze anos — lembrei.

— Então está magro até demais! Um menino em fase de crescimento é como um exército, ja? Segue em frente baseado no que tem no estômago! Preciso conversar com Pellinore sobre isso. Não imagino que ele cozinhe muito bem.

— Ele não cozinha, ponto. Antes tínhamos uma cozinheira — acrescentei —, mas o doutor a despediu. Ela aferventou um de seus espécimes.

Era verdade. Na noite antes de ele mandá-la embora, uma encomenda chegou na porta da cozinha, e a cozinheira, que era uma senhora idosa e gentil chamada Paulina, quase cega (Warthrop considerava esse defeito uma qualidade), confundiu a entrega com um pedido que ela tinha feito ao sr. Noonan, o açougueiro. Naquela noite, sem saber, jantamos a carcaça do raro *Hallux turpis* da Capadócia, que Paulina havia transformado em um ensopado caprichado. O doutor despediu-a, é claro, assim que percebeu, para seu horror, que havia consumido um dos mais buscados troféus da monstrologia. Mais tarde, depois que ele se acalmou, reconheceu que não tinha sido uma perda total para a ciência: descobrimos que o *Hallux turpis* tinha um gosto impressionantemente parecido com o de frango.

— Eu faço tudo para ele — declarei, com um nó incômodo de orgulho e ressentimento em meu coração. — Cozinho, limpo, lavo, escrevo suas cartas, resolvo as providências da casa e organizo seus arquivos, cuido de seus cavalos, é claro, e também ajudo-o no laboratório. Principalmente.

— Nossa! Fico surpreso de que encontre tempo para seus estudos.

— Meus estudos, senhor?

— Você não vai à escola?

— Não, desde que fui morar com ele.

— Então ele é seu tutor? Ele deve ser seu tutor. Não?

Balancei a cabeça.

— Não, creio que não.

— Você crê que não! — ele fez um som de desaprovação.

— Ele não se senta comigo com livros e lápis e me ensina lições... nada do gênero. Mas ele tenta me ensinar bastantes coisas.

— Coisas? Que coisas ele tenta lhe ensinar, Will? O que você aprendeu com ele?

— Aprendi que... — o que eu tinha aprendido? Minha mente ficou em branco. O que o monstrologista havia me ensinado? — Aprendi que metade do mundo reza para receber o que merece, enquanto a outra metade reza para não receber.

— *Mein Gott!*¹ — gritou o antigo professor do meu professor. — Não sei se rio ou se choro com a sua resposta! Mas isso lá é verdade.

Ele foi até o fogão, voltou com um bule cheio de chocolate quente, tornou a encher minha xícara e depois encheu a dele até a boca, abaixando em seguida o nariz até ficar bem perto da superfície cor de lama para sentir-lhe o aroma; o vapor pintou suas bochechas de rosado. Ele me olhou através da fumaça e sorriu.

— Adoro chocolate. Você não?

Pelo mais breve dos momentos, quis atirar os braços ao redor dele e abraçá-lo com força.

— Dr. Von Helrung, senhor?

— *Ja?*

Abaixei a voz. Não pensei antes de falar; pareceu adequado, de alguma maneira.

— O que é o *Typhoeus magnificum*?

O sorriso dele desapareceu. Afastou a xícara e cruzou as mãos sobre a mesa. Senti como se o espaço entre nós estivesse se encolhendo, até eu estar a milímetros de distância de seu olhar transcendente.

— É difícil dizer, muito difícil. Apenas suas vítimas já o viram, e estas, caladas para sempre, guardam seu segredo. Sabemos onde ele vive, pois já seguramos seus *nidi* nas mãos, e já vimos — você mesmo já viu, ah, viu até demais! — as vítimas de seu terrível veneno. Mas sua forma é um segredo para nós. Há histórias... dizem que ele tem seis metros de altura, que seus dentes são móveis como os de uma aranha e que ele os usa para fabricar seu ninho profano, que ele vem voando do mais escuro dos céus com asas de três metros de comprimento para apanhar suas presas, transportando-as através das mais altas nuvens para rasgá-las ao meio, e que os órgãos delas caem de volta na terra na forma de uma chuva de sangue e cuspe, a qual chamamos de *pwdre ser*, a

podridão das estrelas — ele estremeceu violentamente e respirou fundo o aroma reconfortante que se levantava de sua caneca.

— Parece mais um dragão — falei.

— *Ja*, essa é uma de suas faces; ele tem muitas outras, tantas quanto são aqueles que sofreram a sua ira. E, portanto, nós o chamamos de O Sem Rosto e Aquele de Mil Faces. Somos os filhos de Adão. É de nossa natureza nos virar para ficar face a face com aquilo que não tem face, para nomear aquilo que é inominável. É isso que nos conduz à grandeza; é isso que nos leva à ruína. Muitos homens valorosos já o buscaram; todos fracassaram, e agora não sei o que mais me assusta: que o dragão permaneça um segredo ou que Pellinore o encontre.

— Por que ele é assim tão difícil de encontrar? — indaguei.

— Talvez porque ele seja como o próprio diabo: jamais visto, sempre presente! — ele riu baixinho, quebrando o feitiço sombrio. — O mundo é grande, meu querido Will, e nós, não importa o quanto queiramos fingir o contrário, somos pequenos demais.

DOZE

“O monstro mais aterrorizante de todos”

— Will Henry, você está quieto esta noite, até mesmo para seus padrões — observou o meu mestre no trajeto de táxi de volta ao Plaza.

— Desculpe, senhor.

— Desculpe pelo quê?

— Por estar quieto.

— Não foi uma crítica, Will Henry. Foi apenas uma observação.

— Estou cansado, suponho eu.

— Isso não é o tipo de coisa que as pessoas supõem. Você está cansado ou não?

— Estou cansado.

— Então diga isso.

— Acabei de dizer.

— Você não me parece cansado. Parece mais irritado — ele se virou para o outro lado. Seu perfil anguloso tremeluzia para dentro e para fora das sombras enquanto chacoalhávamos pela rua de granito. Os flocos de neve fresca cintilavam como diamantes sob o brilho das luzes dos arcos que ladeavam a Quinta Avenida.

— É o sr. Arkwright, não é? — perguntou ele. Nos raros momentos em que o monstrologista decidia perceber minha existência, ele deixava pouca coisa escapar.

— Dr. Warthrop, ele mentiu para o senhor, — Como assim? — ele se virou da janela. Luz e sombra guerreavam pela paisagem do seu rosto.

— Ele sabia que o senhor tinha um aprendiz. O dr. Von Helrung tinha dito a ele.

— Bem, ele deve ter esquecido.

— E ele nunca mandou nenhum pedido ao senhor. Eu teria visto as cartas.

— Talvez você tenha mesmo.

A insinuação de que eu estava mentindo não teria me ferido mais do que se ele tivesse me batido fisicamente.

— Não estou fazendo nenhuma acusação — prosseguiu Warthrop. — Apenas não sei por que o sr. Arkwright mentiria a esse respeito. Para mim, mais

impressionante do que sua agudeza mental — que é verdadeiramente extraordinária — é a sua sinceridade. Ele é de fato um rapaz admirável, Will Henry. Um dia constituirá um excelente acréscimo a nossas fileiras. Pouquíssima coisa de relevância escapa à percepção dele.

— Ele esqueceu que o senhor já tinha um aprendiz — observei, não sem um tom de triunfo.

— Como eu disse... de relevância! — ele se interrompeu e respirou fundo. — De qualquer modo, estou surpreso de ouvir você usar a palavra “aprendiz”. Eu tinha a impressão de que você detestava a monstrologia.

— Não detesto.

— Então você a ama?

— Eu sei o quanto isso é importante para o senhor, dr. Warthrop, por isso eu...

— Ah, entendi. Não é a monstrologia o que você ama, então — ele olhou pensativo para o mundo branco fora do táxi. As rodas esmagavam a neve recém-caída. O estalar do chicote de nosso condutor foi abafado pelo som do vento forte que vinha do rio East.

— Oh, Will Henry! — exclamou ele. — Eu nunca deveria ter acolhido você. Não era o que nenhum de nós desejava. Eu devia saber que pouca coisa boa poderia sair daí.

— Não diga isso, senhor. Por favor, não diga isso — e fiz menção de tocar o braço dele com minha mão ferida, mas depois me interrompi. Acho que ele não aprovaria que eu o tocasse.

— Ah, não — disse ele. — Tenho o hábito infeliz de dizer coisas que provavelmente não deveriam ser ditas. Pouca coisa de bom pode sair disso, Will Henry; disso eu sei há algum tempo já. O que faço um dia irá me matar, e você ficará abandonado mais uma vez. Ou pior, o que eu amo irá matá-lo...

O olhar dele recaiu sobre minha mão esquerda, e em seguida prosseguiu: — Sou um filósofo das ciências naturais. Os assuntos do coração eu deixo a cargo dos poetas; mas já me ocorreu, sendo eu mesmo um poeta fracassado, que o aspecto mais cruel do amor é sua integridade inviolável. Não escolhemos amar — ou melhor, não podemos escolher *não* amar. Você entende?

Ele se inclinou para bem perto de mim, e meu mundo se tornou o fogo escuro que ardia dentro dos seus olhos. Fui tomado por uma tontura, como se estivesse Tateando na borda de um abismo sem luz.

— Vou colocar as coisas assim — disse ele. — Se nós, monstrologistas, tivéssemos alguma seriedade em relação à nossa vocação, abandonaríamos o estudo das aberrações biológicas e nos concentraríamos no monstro mais aterrorizante de todos.

Em meu sonho estou de pé diante da Sala Trancada no Monstrumarium, junto com Adolphus Ainesworth, que está remexendo seu molho de chaves.

O doutor disse que você iria querer ver isso.

Mas eu não posso.

O doutor disse.

Ele destranca a porta e eu o acompanho até lá dentro.

Agora, vejamos... Onde foi que o coloquei? Ah, sim. Aqui está!

Ele puxa um recipiente do tamanho de uma caixa de sapatos de um nicho e pousa-o sobre a mesa.

Vamos logo, abra! Ele queria que você visse.

Meus dedos tremem. A tampa não quer sair. Será que a caixa está mesmo tremendo ou será a minha mão?

Não consigo abrir.

Existe algo dentro da caixa. Está vivo. Vibra contra meus dedos.

Garoto burro! Você não consegue abrir porque está dormindo! Se quiser saber o que há na caixa, precisa acordar. Acorde, Will Henry, acorde!

Fiz como ordenado, quebrando a superfície entre o sonho e o quarto escuro com um grito assustado e o coração disparando de pânico; por um momento não consegui lembrar onde eu estava — não consegui lembrar quem eu era... até que uma voz ao lado da cama me fez recordar.

— Will Henry.

— Dr. Warthrop?

— Você estava sonhando, creio eu.

— Sim... estava.

A luz no corredor estava acesa; era a única luz. Ela iluminava uma faixa do chão e subia pela parede ao lado da cama. O monstrologista estava de pé, do outro lado da luz.

— O que você sonhou? — perguntou ele.

Balancei a cabeça.

— Eu... eu não lembro.

— Entre o sono e a vigília, ali ele está. Entre o levantar e o descansar, ali ele está. Está sempre ali.

Lá estavam a faixa de luz no chão e a coluna de luz na parede, mas a faixa e a coluna sangravam sua substância para o interior do quarto; eu podia ver seu rosto à meia-luz, mas não podia ler seus olhos.

— Isso é de um poema? — perguntei.

— De uma tentativa bastante anêmica de poema; sim.

— O senhor que escreveu, não foi?

A mão dele se levantou, abaixou.

— Como está sua mão?
— Não dói mais.
— Will Henry — repreendeu ele com suavidade.
— Às vezes lateja um pouquinho.
— Você precisa deixá-la acima da altura de seu coração.

Tentei.

— Sim, senhor. Isso ajuda mesmo. Obrigado.
— Você ainda sente o dedo? Como se ele continuasse aí?
— Às vezes.
— Eu não tive escolha.
— Eu sei.
— O risco era... inaceitável.

Ele se sentou na beirada da cama. Mais luz caiu sobre seu rosto, porém nada mais estava iluminado. Por que ele estivera de pé no escuro, me observando?

— Você não sabe disso, é claro. Mas eu apanhei as cordas e estava prestes a amarrá-lo — só por precaução...

Abri a boca para dizer: “Eu sei. Eu vi”. Mas ele ergueu um dedo para me impedir.

— Só que não consegui. Era a coisa mais sábia a fazer, mas não consegui.

Ele olhou para o outro lado; não era capaz de olhar para mim.

— Mas eu estava exausto. Não dormia há... quanto tempo? Não sei. Eu tinha medo de cair no sono e você... escapar. Portanto, amarrei a outra ponta da corda no meu braço. Eu amarrei você a mim, Will Henry. Como precaução; parecia a coisa mais prudente a se fazer.

Ele estava flexionando seus dedos compridos, enrolando e desenrolando-os em punhos fechados. Punho fechado. Mão aberta. Punho fechado. Mão aberta.

— Só que não era. Era absolutamente a pior coisa a se fazer. Talvez a coisa mais idiota que eu já fiz na vida. Pois, se você de fato escapasse, teria me arrastado para o abismo.

Punho fechado. Mão aberta. Punho fechado.

Ele estendeu a mão para baixo e devagar retirou o curativo da minha mão ferida. Minha pele se arrepiou; o ar parecia muito frio contra minha carne exposta.

— Feche a mão — ordenou ele.

Obedeci, embora meus dedos estivessem muito duros; os músculos nas costas da minha mão pareceram gemer em protesto.

— Aqui — ele apanhou sua xícara de chá sobre a mesinha de cabeceira. — Pegue a xícara. Beba.

Minha mão tremia; uma gota caiu nas cobertas quando levei a xícara, trêmula, até meus lábios.

— Ótimo.

Ele apanhou a xícara com a mão direita e estendeu a esquerda.

— Segure minha mão.

Pressionei a palma da minha mão contra a dele. Todo o meu corpo estava tremendo. Esse homem, de quem eu era capaz de ler todas as nuances, havia se tornado um enigma.

O doutor disse que você iria querer ver isso.

— Aperte. Aperte minha mão, Will Henry. Com mais força. Com o máximo de força que você puder.

Ele sorriu. Pareceu satisfeito.

— Pronto. Está vendo? — disse, segurando minha mão com força. — Parte dela se foi, mas continua sendo a sua mão.

O monstrologista me soltou e se levantou, e meus dedos latejaram devido ao aperto de mão dele.

— Volte a dormir, Will Henry. Você precisa descansar.

— O senhor também.

— Não cabe a você se preocupar comigo.

Ele caminhou até a porta, até a faixa de luz, e sua sombra se alongou pelo chão, subindo pela parede. Eu me recostei na cama e fechei os olhos. Duas respirações, três, quatro, e então devagar abri os olhos novamente, mas não muito, apenas o bastante para dar uma espiada.

Ele não havia saído de onde estava, à porta. Não havia me abandonado. Não ainda.

Minha mão latejava; o aperto dele tinha sido forte. Senti uma coceira de enlouquecer no local onde deveria estar meu dedo indicador. Flexionei o polegar no espaço vazio para coçá-lo.

FÓLIO VIII

Exílio

“A DESPEDIDA É TUDO O QUE CONHECEMOS DO PARAÍSO,
E TUDO DE QUE PRECISAMOS DO INFERNO. “

— EMILY DICKINSON

TREZE

“O espaço entre nós”

Warthrop reservara passagens para a manhã seguinte a bordo do SS *City of New York*, o navio mais veloz da Inman Line. Como passageiros da primeira classe, teríamos de suportar a mais desafiadora das viagens: sobreviver numa suíte privativa com quarto e sala de estar, decorada com os mais chamativos excessos vitorianos e com direito a água quente e fria e luz elétrica; ser obrigados a jantar em mesas decoradas miseravelmente com toalhas de linho engomadas e vasos de cristal cheios de flores frescas todas as noites, embaixo do grande domo de vidro do salão de jantar da primeira classe; ficar presos durante horas na biblioteca de oitocentos volumes e paredes de nogueira; ou ser constantemente incomodados pelos funcionários e pela tripulação obsessivamente atenciosos do navio, trajados com paletós brancos e sempre, de acordo com o doutor, no nosso pé, ansiosos para desempenhar qualquer tarefa, por mais mundana que fosse.

— Pense só nisso, Will Henry — disse ele em nosso quarto no Plaza, antes de me dar boa-noite pela primeira vez, antes de eu sonhar com a Sala Trancada e a caixa, antes de sua sombra pender da parede. — Nossos antepassados levavam mais de dois meses para atravessar o Atlântico, dois meses de privação e doenças, escorbuto, disenteria, desidratação. Vamos levar menos de uma semana — e em esplendor régio. O mundo está encolhendo, Will Henry, e não por nenhum milagre, a menos que alteremos nossa definição do que constitui milagre.

Os olhos dele estavam então marejados, seu tom era melancólico.

— O mundo está ficando cada vez mais pequeno e, aos poucos, a luz de nossas lâmpadas persegue as sombras. Tudo um dia será iluminado, e iremos acordar com uma nova questão: “Sim, isso, mas agora... o quê?” — ele riu baixinho, — Talvez fosse melhor a gente voltar para casa.

— Senhor?

— Será um momento seminal na história da ciência, Will Henry, a descoberta do *magnificum*, e não sem certo benefício a reboque para mim. Se eu tiver êxito, isso irá me trazer nada mais nada menos que a imortalidade — bem, a única noção de imortalidade que estou preparado a aceitar. Mas, se eu realmente tiver êxito, o espaço entre nós e o inefável se encolherá ainda um

pouco mais. É isso o que buscamos como cientistas, e é isso o que tememos como seres humanos. Existe algo em nós que anseia pelo indescritível, pelo inatingível, pela coisa que não pode ser vista.

Então ele caiu em silêncio.

E, na manhã seguinte, não estava mais lá.

Havia algo de errado; soube assim que acordei. Entendi instantaneamente: não no sentido trivial, nem intelectual, mas com o coração. Nada havia mudado. Lá se achava a cama onde eu estava deitado, a poltrona onde ele se sentou para me observar, a grande mesa, o armário e até mesmo sua xícara sobre a mesinha de cabeceira. Nada havia mudado; tudo havia mudado. Saltei da cama e corri até o corredor, dando de cara com a sala de estar vazia. Fui até as janelas e abri as cortinas. Oito andares mais abaixo, o Central Park cintilava, uma paisagem branca incandescente sob a luz do sol embaixo de um céu sem nuvens.

Seu baú. Sua valise. Seu estojo de instrumentos. Corri até o armário e escancarei a porta. Vazio.

Tudo havia mudado.

Eu estava me vestindo quando veio a batida à porta. Eu já estaria vestido se não fosse a dificuldade de abotoar os botões de minhas calças. Nunca havia me dado conta do quanto meu dedo me ajudara naquele procedimento. Por um instante irracional, tive certeza de que o doutor havia voltado para me apanhar.

“Ah, que bom. Você está de pé. Fui até o térreo tomar o café da manhã antes de embarcarmos. O que foi, Will Henry? Achou de fato que eu partiria sem você?”

Ou, o que era mais provável:

“Rápido, Will Henry! Que diabo você está fazendo? Por que sua braguilha está aberta desse jeito? Venha logo, Will Henry. Não vou perder a travessia mais importante da minha vida por causa da incapacidade de um garoto de treze anos de se vestir sozinho! Rápido, Will Henry, rápido!”

Entretanto, não era o doutor. Você já deve ter deduzido isso a esta altura.

— *Guten Morgen*¹, Will! Desculpe por estar tão atrasado, mas um dos eixos da minha carruagem caiu, e meu condutor... é um *Dummkopf*². Não seria capaz de consertar nem um sorriso torto. Eu o despediria, mas ele tem família para sustentar, a qual infelizmente faz parte da minha própria família, pois é primo meu em terceiro ou quarto grau, não consigo me lembrar...

— Onde está o dr. Warthrop? — inquiri.

— Onde está Warthrop? Como assim, ele não lhe contou? Com certeza deve ter contado.

Agarrei meu casaco, o cachecol do cabide e o chapéu que ele me deu — a

única coisa que ele me deu na vida.

— Leve-me até ele.

— Não posso, Will.

— Eu vou com o doutor.

— Ele não está mais aqui...

— Eu sei que ele não está mais aqui! É por isso que o senhor vai me levar aonde ele está!

— Não, não é isso, ele não está mais *aqui*, Will. O navio dele partiu uma hora atrás.

Eu encarei o rosto bondoso de Von Helrung e depois dei um soco com toda a força que eu tinha na sua barriga redonda. Ele soltou um grunhido baixo.

— Eu achei que ele havia lhe contado — disse, sem fôlego.

— Leve-me — falei.

— Levar aonde?

— Ao porto; preciso ir com ele.

Ele se inclinou sobre mim e pousou as mãos quadradas e rechonchudas sobre meus ombros, para olhar bem fundo em meus olhos.

— Ele partiu para a Inglaterra, Will. O navio não está mais aqui.

— Então eu vou seguir no próximo navio! — berrei. Eu me desvencilhei de Von Helrung e o empurrei para o lado, entrando corredor adentro, atirando o cachecol em volta do meu pescoço, enfiando o chapéu na cabeça, tentando fechar desajeitadamente os botões do meu casaco. O chão vibrava com o peso do passo dele enquanto ele me seguia até o elevador, onde conseguiu me alcançar.

— Venha, *Kleiner*³. Vou levar você para casa.

— Não quero que o senhor me leve para casa; meu lugar é com ele.

— Ele gostaria que você ficasse a salvo...

— Eu não quero ficar a salvo!

— Ele me incumbiu de cuidar de sua segurança até sua volta. Will. Pellinore se foi, e para onde ele foi você não pode seguir.

Balancei a cabeça. Eu estava confuso até o núcleo de meu ser. O sol some num piscar de olhos e o universo desaba; o centro já não consegue mais se sustentar.

— Ele partiu sem mim? — sussurrei.

— Não se preocupe, meu querido Will. Ele vai voltar para buscá-lo. Você é tudo o que ele tem.

— Então por que ele me deixou para trás? Agora ele não tem ninguém.

— Ah, não, você não achou que seu *Meister* Abram permitiria algo desse tipo, não é? *Nein!*⁴ Thomas foi embora com ele.

Fiquei sem fala. Thomas Arkwright! Era demais. Eu me lembrei das palavras do doutor no táxi na noite anterior: “Ele é de fato um rapaz admirável, Will Henry. Um dia constituirá um excelente acréscimo a nossas fileiras”. Aquele dia, ao que parece, havia chegado... à minha revelia. Eu fui descartado, e por quê? O que eu fizera?

Von Helrung estava pressionando meu rosto contra o seu peito. Seu colete cheirava a fumaça de charuto.

— Desculpe, Will — murmurou. — Ele devia pelo menos ter se despedido de você.

“Não cabe a você se preocupar comigo. “

— Ele se despediu — retruquei. — Mas eu não dei ouvidos.

E, depois disso, meu exílio.

— Aqui, este será seu quarto, e como você pode ver, esta é uma cama muito confortável, bem maior do que a cama com a qual você está acostumado, aposto. E olhe, aqui tem uma bela poltrona para se sentar ao lado da lareira, muito aconchegante, e um abajur para leitura, e aqui está a cômoda para guardar suas roupas. E olhe lá fora, Will. Lá está a Quinta Avenida, com tanto burburinho e pressa e atividade. Ali, olhe só aquele homem de bicicleta! Ele vai bater naquele caminhão! Ora, você deve estar com fome. O que quer comer? Aqui, vamos colocar sua mala em cima da cama. Quer se sentar na cama? Tem colchão de penas e travesseiro de penas; é muito macio. Então você está com fome, *ja*? Meu chef é excelente, da França; não entende nem uma palavra de inglês (e nem de alemão, aliás), mas de comida ele entende!

— Não estou com fome.

— Mas tem de estar! Por que não deixa a mala aí? Vou pedir para trazerem a comida para cá. Você pode comer aqui, perto da lareirinha. Pensei em mais tarde lhe mostrar a biblioteca.

— Não quero ler nada.

— Tem razão. Está um dia bonito demais para ficar dentro de casa. Talvez um passeio no parque mais tarde, *ja*? Ou então poderíamos...

— Por que o doutor levou Arkwright com ele?

— Por quê? Ora, pelos motivos óbvios. Arkwright é jovem, muito forte e bastante inteligente — disse, mudando de assunto. — Mas venha, você precisa comer. Você murchou de um jeito que está quase um fiapo, Will.

— Não estou com fome — repeti. — Não quero comer, nem ler, nem ir para o parque nem nada. Por que o senhor deixou que ele fosse embora sem mim?

— Ninguém “deixa” Pellinore Warthrop fazer nada, Will. Seu mestre, ele é que cuida de todos os “deixares”.

— O senhor poderia ter impedido o sr. Arkwright de ir com ele.

— Mas eu queria que ele fosse! Não podia deixar Pellinore ir sozinho.

Era absolutamente a pior coisa que ele poderia dizer, e ele sabia.

— Vou sair agora — disse ele, com fraqueza. — Mas espero você lá embaixo para almoçar. Vou pedir para François inventar algo ultraespecial para você, *très magnifique!*⁵

Von Helrung saiu apressado do quarto. Deixei minha mala cair no chão, deitei de bruços na cama e desejei morrer.

Não levou muito tempo para meu choque de ter sido abandonado se transformar em vergonha (“Arkwright é jovem, muito forte e bastante inteligente”), a vergonha em confusão (“Não o subestime, Von Helrung. Eu trocaria uma dúzia de Pierres Lebroques por um único William James Henry”) e esta se endurecer em uma brasa branca incandescente de ira. Sair de fininho assim sem uma palavra de explicação, sem sequer uma despedida — carinhosa ou não! O homem mais corajoso que eu jamais conheci, um covarde! Como ele ousava, depois de tudo o que havíamos sofrido juntos, depois de eu salvar sua vida mais de uma vez? “Você é a única coisa que me mantém humano. “ Sim, suponho que eu seja mesmo, dr. Warthrop, até você encontrar alguém que o mantém humano em meu lugar. Aquilo me aturdiava, chacoalhava as bases do meu ser. Não importava que ele tivesse prometido voltar para me buscar. Ele me abandonara; isso é o que importava.

Tempo demais se passou. Eu estava com o doutor havia tempo demais. Por dois anos ele tinha me ligado a ele, um cisco de pó preso em sua gravidade joviana. Eu nem sequer sabia como era o mundo sem as lentes warthropianas. Agora elas não estavam mais lá, e eu estava cego.

— Veremos se o sr. Arkwright vai gostar — disse eu a mim mesmo com uma satisfação amarga. — Rápido, sr. Arkwright! Rápido! Veremos se ele vai gostar de ser zombado, repreendido, ridicularizado e mandado como se fosse um cachorro *collie*. Agora aguenta, sr. Arkwright, e seja bem-vindo!

Eu me recusei a comer. Não conseguia dormir. Todos os esforços de Von Helrung para me tirar do quarto fracassaram. Eu me sentei na poltrona ao lado da lareira e fiquei amuado como Aquiles em sua tenda, enquanto a batalha do dia a dia ribombava sem mim. Na noite do terceiro dia, Von Helrung entrou no quarto com uma bandeja de chocolate quente, folhados doces e um tabuleiro de xadrez.

— Vamos jogar uma bela partida de xadrez, *ja*? Ora, não me diga que Pellinore não lhe ensinou a jogar xadrez. Eu o conheço.

Ele havia mesmo. O xadrez era uma das diversões preferidas do monstrologista. E, como muitos que brilhavam nesse jogo, ele jamais parecia se

cansar de humilhar por completo o seu oponente — isto é, eu. No primeiro ano de nossa convivência juntos, gastou mais do que umas poucas horas para tentar me ensinar os aspectos mais refinados de estratégia, ataque, contra-ataque e defesa. Nunca o superei, nem mesmo uma única vez. Ele poderia ter escolhido ser generoso em vez de cruel e me deixado vencer uma ou duas partidas, a fim de que eu desenvolvesse a autoconfiança, mas o doutor nunca teve muito interesse em desenvolver nada em mim, a não ser um estômago forte. Além disso, destruir um menino de onze anos em seis jogadas — num jogo que ele jogava havia mais tempo do que o menino tinha de vida — deixava-o animado, como um bom vinho no jantar.

— Não estou com vontade de jogar.

Ele já estava arrumando o tabuleiro. Era feito de jade, as peças esculpidas em formato de dragões. O dragão rei e a dragoa rainha usavam coroas. Os dragões bispos seguravam bengalas de pastor entre as garras.

— Oh, não, não. Vamos jogar. Vou lhe ensinar, como ensinei Pellinore. Melhor ainda, para você poder derrotá-lo quando ele voltar — disse, cantarolando alegremente em voz baixa.

Atirei o tabuleiro na parede. Von Helrung soltou um grito leve, choramingando ao apanhar o dragão rei, que perdera a coroa; havia se partido da peça ao cair no chão.

— Dr. Von Helrung... Desculpe...

— Não, não — disse ele. — Não é nada. Só um presente de minha querida esposa, que seu sono siga imperturbado — ele fungou. Sem saber como consolá-lo, e me sentindo mortificado pela minha infantilidade, pousei a mão de modo desajeitado no seu ombro.

— Eu também estou preocupado, Will — confessou ele. — Os dias à frente serão perigosos para ele, e sombrios. Lembre-se disso quando a maré da autocomiseração ameaçar dominá-lo.

— Eu sei — retruquei. — É por isso que eu devia estar com ele. Ele não precisa de mim para cozinhar, limpar, tomar ditados ou cuidar de seu cavalo, nem nada parecido. Essas coisas qualquer um pode fazer, dr. Von Helrung. Ele precisa de mim para os lugares sombrios.

Na manhã do sétimo dia, um telegrama chegou de Londres:

CHEGAMOS BEM. MANDAREI NOTÍCIAS. PXW.

— Quatro palavras? — gemeu Von Helrung. — Isso é tudo o que ele tem a dizer?

— Um telegrama internacional custa um dólar por palavra — contei-lhe. — O doutor é muito pão-duro.

Von Helrung, que não era nem de longe tão rico quanto meu mestre, nem tampouco tão muquirana, devolveu esta resposta:

INFORME IMEDIATAMENTE QUAISQUER DESCOBERTAS.
JÁ ENCONTROU WALKER?
AGUARDO ANSIOSO SUA RESPOSTA.

A resposta demorou — demorou muito — para chegar.

Depois que duas semanas se passaram sem qualquer melhora discernível em minha condição, Von Helrung chamou seu médico pessoal, um tal de dr. John Seward, para que viesse me dar uma olhada.

— Bem, ele está abaixo do peso, mas é pequeno para a idade — disse Seward a Von Helrung. — Também não lhe faria nenhum mal ir a um bom dentista. Já vi dentes mais limpos em um bode.

— Estou preocupado, John. Ele tem comido pouco e dormido menos ainda desde que chegou.

— Não consegue dormir, hmmm? Farei um preparado que vai ajudar — ele não parava de olhar minha mão esquerda. — O que aconteceu com seu dedo?

— O doutor Pellinore Warthrop decepou-o com uma faca de carne — respondi.

— É mesmo? E por que ele faria uma coisa dessa?

— O risco era inaceitável.

— Gangrena?

— *Pwdre ser*.

Estarrecido, Seward olhou para Von Helrung, que riu nervosamente e agitou a mão num círculo vago.

— Ah, essas crianças, *ja*? Tão robustas suas imaginações!

— Ele o cortou e colocou-o num frasco — continuei, enquanto Von Helrung, de pé a pouca distância atrás de Seward, balançava violentamente a cabeça.

— É mesmo? E por que ele *fez* isso? — indagou Seward.

— Meu pai era fazendeiro — declarou Von Helrung em voz alta. — Um

belo dia, uma vaca ficava doente e se deitava, e nada fazia a pobre se levantar de novo. “Não há o que fazer, Abram”, dizia meu pai. “Quando um animal entrega os pontos assim, é porque perdeu a vontade de viver.”

— Foi isso? — perguntou-me Seward. — Você perdeu a vontade de viver?

— Eu moro aqui. Não quero estar aqui. É a mesma coisa?

— Pode ser melancolia — conjecturou o jovem médico. — Depressão. Isso explicaria a perda de apetite e a insônia — e virou-se para mim. — Você às vezes pensa em se matar?

— Não. Mas em matar as outras pessoas, às vezes sim.

— É sério?

— Não, não é sério — interrompeu Von Helrung. — *Nein!*

— E já matei.

— Você já...

— Matei outras pessoas. Matei um homem chamado John Chanler. Ele era o melhor amigo do doutor.

— Não me diga!

— Não acredito que ele tenha feito isso! — vociferou Von Helrung num tom que por pouco não era um grito. — Ele tem pesadelos. Pesadelos horríveis. Pesadelos terríveis. Oh! Ele está falando desses pesadelos. Não é, Will?

Baixei os olhos e não disse nada.

— Bem, não consigo encontrar nada de errado fisicamente nele, Abram. Talvez seja melhor você consultar um alienista.

— Para ser sincero, andei pensando em chamar uma pessoa especialista nessa área.

A “pessoa especialista” chegou à mansão da Quinta Avenida na tarde do dia seguinte — depois de uma batida suave à porta, Von Helrung enfiou sua juba de cabelos brancos dentro do meu quarto, dizendo por cima do ombro a alguém que estava no corredor:

— *Gut⁶*, ele está apresentável.

Ouvi em seguida a voz de uma mulher.

— Bem, espero mesmo que esteja! Você contou a ele que eu vinha, não contou?

Ele deu um leve passo para o lado, e para dentro do quarto disparou um dínamo vestido em tom de lavanda, usando um chapéu de boneca elegante e carregando um guarda-chuva combinando.

— Então este é William James Henry — disse ela com um sotaque refinado da Costa Leste. — Prazer.

— Will, esta é minha sobrinha, a sra. Nathaniel Bates — apresentou Von Helrung.

— Bates? — repeti. Eu conhecia esse nome.

— Sra. Bates, por favor — corrigiu ela. — William, eu já ouvi falar tanto de você que tenho a impressão de que nos conhecemos há anos. Mas levante-se e me deixe dar uma olhada.

Ela segurou meus pulsos com as mãos enluvadas e estendeu meus braços para os lados, depois contraiu os lábios em desaprovação.

— Magro demais! E quantos anos ele tem, tio? Doze?

— Treze.

— Hmmm. Além disso, é baixinho para a idade. Crescimento interrompido por falta de nutrição adequada, eu diria — e franziu o nariz diante de meu rosto. Tinha olhos azul-claros como os do seu tio. E, como os dele, eles pareciam cintilar com sua própria luz nobre, compreensiva, bondosa e um pouco melancólica.

— Não gostaria de falar mal de nenhum cavalheiro — disse ela —, mas não estou nada impressionada com as habilidades de cuidador do dr. Pellinore Warthrop. Tio, quando foi a última vez que este menino tomou um banho?

— Não sei. Will, há quanto tempo você não toma banho?

— Não sei — respondi.

— Bem, aí está o problema segundo eu vejo, William, e o problema é que, se a pessoa não consegue se lembrar da última vez em que tomou banho, provavelmente está na hora de tomar um. Qual é sua opinião?

— Não quero tomar banho.

— Isso é uma vontade, não uma opinião. Onde estão suas coisas? Tio Abram, onde estão os pertences do garoto?

— Não estou entendendo — falei para Von Helrung, com um ligeiro tom implorante.

— Emily ofereceu generosamente que você ficasse com a família dela por alguns dias, Will.

— Mas eu... não quero ficar alguns dias com a família dela. Quero ficar aqui com o senhor.

— Isso, entretanto, não está indo muito bem, não é mesmo? — perguntou Emily Bates.

— Vou comer. Prometo. Prometo que vou tentar. E o dr. Seward, ele me deu um remédio para me ajudar a dormir. Por favor.

— William, tio Abram é muitas coisas — algumas maravilhosas e outras que prefiro nem pensar a respeito —, mas não tem a menor ideia de como cuidar de uma criança.

— Mas é com isso que estou acostumado! — argumentei. — E ninguém vai cuidar de mim. Ninguém precisa fazer isso. O doutor vai voltar em breve e...

— Sim, e quando ele voltar nós iremos devolvê-lo são e salvo e *limpo*. Agora venha, William. Traga o que você tiver; tenho certeza de que não é muito, mas isso também pode ser remediado. Vou esperar você lá embaixo. Está muito quente aqui dentro, não é?

— Eu a acompanho — ofereceu-se Von Helrung. Parecia ansioso em sair de minha presença.

— Não, estou bem assim. Tchau, tio Abram — ela beijou as duas faces do tio, acrescentando: — O senhor fez a coisa certa.

— Ah, rezo para que tenha feito mesmo.

E então eu e ele ficamos a sós.

— Vou explicar... — começou, depois deu de ombros. — Ela tem razão. Não sei nada sobre crianças.

— Eu não vou.

— Sua... situação exige um toque feminino, Will. Você passou sem isso por tempo demais.

— Não é minha culpa.

Os olhos dele cintilaram. Pela primeira vez, ele perdeu a paciência comigo.

— Não estou falando de culpa nem de culpar. Estou falando de remediar. É verdade, eu jurei para Pellinore que cuidaria de você na ausência dele, mas tenho outras responsabilidades que já não posso mais negligenciar — soltou, estufando o peito. — Sou presidente da Sociedade para o Avanço da Ciência da Monstrologia, não uma babá!

Ele viu minha expressão diante desse comentário ofensivo e amoleceu imediatamente. Pousou as duas mãos nos meus ombros.

— Claro que você será o primeiro a saber, caso eu receba notícias da Europa. O primeiro a saber, assim que eu souber.

— Não quero ir — retruquei. — Não quero ficar longe do senhor. Não quero ficar com a família de sua sobrinha, e não... não quero tomar banho.

Ele sorriu.

— Você vai gostar dela, acho. Tem um coração corajoso, como o de alguém que você conhece.

CATORZE

“A coisa que não pode ser vista”

E foi assim que, no inverno de meu décimo terceiro ano de vida, acabei indo viver com Nathaniel Bates e sua família na casa dela de três andares, na cidade, em frente ao rio Hudson, no Upper West Side de Manhattan. Nathaniel Bates trabalhava “em finanças”. Não descobri quase nada a seu respeito além disso durante minha estada. Ele era um homem quieto que fumava cachimbo, nunca era visto sem uma gravata e nunca saía de casa sem seu chapéu; de sapatos sempre polidos até um lustro ofuscante, nunca tinha um fio de cabelo fora do lugar e sempre parecia ter um jornal enrolado embaixo do braço, embora eu nunca o tenha visto ler um. Ele se comunicava, até onde eu pude ver, por meio de grunhidos monossilábicos, expressões faciais (um olhar sobre seu pincenê com a sobrancelha direita levantada significava que estava descontente, por exemplo), e pela ocasional *bom mot*¹, pronunciada com tal inexpressiva sinceridade que você ria por sua própria conta e risco.

Além da filha deles, os Bates tinham outro filho, um menino de nove anos chamado Reginald, a quem eles chamavam Reggie. Reggie era pequeno para sua idade, falava com um leve ceceio e pareceu completamente fascinado comigo desde o momento em que pisei na casa. Minha reputação, pelo visto, tinha me precedido.

— Você é Will Henry! — anunciou. — O caçador de monstros!

— Não — respondi honestamente. — Mas trabalho para um.

— Pellinore Warthrop! O caçador de monstros mais famoso do mundo.

Concordei que era mesmo. Reggie me olhou com olhos apertados por trás de seus grossos óculos, seu rosto iluminado pelo brilho daquele grande homem refletido em mim.

— O que aconteceu com seu dedo? Um monstro o mordeu?

— De certo modo.

— E daí você o matou, certo? Você o decapitou!

— Quase — respondi. — O dr. Warthrop deu um tiro na cabeça dele.

Achei que ele fosse desmaiar de emoção.

— Eu também quero ser um caçador de monstros, Will. Você me treina?

— Acho que não.

Reggie esperou sua mãe virar as costas e então me chutou o mais forte que podia na canela.

A filha deles eu já conhecia.

— Ah, aí está você, e minha mãe tinha razão, você perdeu mesmo um dedo — disse Lillian Bates.

Eu tinha acabado de sair do banho — o primeiro em semanas — e minha pele parecia solta demais dos meus ossos, e meu couro cabeludo ardia por causa da solução de lixívia. O roupão que eu estava usando era do pai dela e eu me perdia dentro dele, acalorado demais, atordoado e extremamente sonolento.

Lilly, por sua vez, parecia mais alta, mais magra e nem um pouco inibida. Poucos meses haviam se passado desde que eu a vira pela última vez, mas as meninas se desenvolvem mais rápido do que seus pares masculinos. Percebi que ela tinha começado a usar maquiagem.

— Como perdeu o dedo? — perguntou ela.

— Podando as roseiras — respondi.

— Você mente porque está com vergonha ou porque acha engraçado?

— Nenhum dos dois. Minto porque a verdade é dolorosa.

— Minha mãe disse que seu doutor o abandonou.

— Ele vai voltar.

Ela torceu o nariz.

— Quando?

— Não rápido o bastante.

— Minha mãe disse que talvez você fique com a gente por um longo tempo.

— Não posso.

— Mas vai, se ela disser que vai. Ela sempre consegue o que quer — Lilly não parecia particularmente feliz com o fato. — Creio que você seja o novo projeto dela. Ela sempre tem um “projeto”. Minha mãe acredita firmemente em causas. Ela é uma sufragista. Sabia disso?

— Não sei nem o que é uma sufragista.

Ela riu, um tinido de moedas brilhantes jogadas sobre uma bandeja de prata.

— Você nunca foi muito esperto.

— E você nunca foi muito gentil.

— Minha mãe não disse aonde o seu dr. Warthrop foi.

— Ela não sabe.

— E você, sabe?

— Não lhe contaria se eu soubesse.

— Mesmo se eu beijasse você?

— *Especialmente* se você me beijasse.

— Bem, não tenho nenhuma intenção de beijar você.

— E eu não tenho intenção de lhe contar nada.

— Então você sabe, sim! — e sorriu triunfante. — Mentiroso — e me beijou mesmo assim. — É uma pena, William James Henry — comentou —, que você é jovem, tímido e baixo demais, senão eu poderia até considerá-lo atraente.

A suspeita de Lilly não era sem fundamento. Eu era o novo projeto de sua mãe, Emily. Após uma noite inquieta e insuportavelmente longa no quarto com Reggie, que me importunou com perguntas e pedidos de histórias de monstros e demonstrou uma disposição alarmante para a flatulência noturna, a sra. Bates me encheu de casacos e me arrastou ao barbeiro. De lá, me levou ao alfaiate, depois ao sapateiro e, finalmente, porque era tão meticulosa quanto determinada, ao pároco da sua igreja, que me interrogou por mais de uma hora enquanto a sra. Bates ficava sentada num banco de olhos fechados, rezando, suponho, pela minha alma imortal. Confessei ao velho padre gentil que eu não pisava numa igreja desde a morte dos meus pais.

— Esse homem que cuida de você... esse... como você o chamou? Doutor da “biologia aberrante”? Ele não é um homem religioso?

— Não acho que muitos doutores da biologia aberrante sejam — respondi. Lembrei das palavras dele no dia antes de me abandonar: Existe algo em nós que anseia pelo indescritível, pelo inatingível, pela coisa que não pode ser vista.

— Pois imagino que seja a regra no caso desse tipo de homem, dada a natureza do seu trabalho.

Não ofereci uma opinião contrária. Não tinha nada a dizer. O que vi, em minha mente, foi um balde vazio no chão ao lado da mesa de autópsia.

— Uau, olhe só para você! — exclamou Lilly quando retornamos à casa na Riverside Drive. Ela também acabara de chegar. Não tivera tempo de trocar o uniforme nem de colocar maquiagem. Estava como eu me lembrava dela, uma menina mais ou menos da minha idade, e por algum motivo aquilo fez minhas mãos começarem a coçar. — Quase não o reconheço, Will Henry. Você está tão... — ela buscou a palavra. — Diferente.

Mais tarde naquela mesma noite — bem mais tarde; não era fácil ficar sozinho na casa dos Bates —, eu acabei olhando no espelho do banheiro e fiquei chocado com a imagem do garoto lá capturada. Exceto pelo olhar ligeiramente assombrado, ele se parecia muito pouco com aquele que se aquecera num fogo alimentado pelos restos esquartejados de um homem morto.

Tudo era diferente.

Todo dia havia um café da manhã completo, para o qual devíamos chegar pontualmente às seis. Ninguém podia começar essa (nem qualquer outra)

refeição antes de o sr. Bates pegar o garfo. Depois do café da manhã, Lilly e Reggie iam para a escola, o sr. Bates para o seu trabalho “em finanças” e a sra. Bates saía comigo. Ela ficou horrorizada com a extensão impressionante da minha ignorância nos aspectos mais elementares de uma infância decente. Eu nunca tinha ido a um museu, a um show de música, ao circo ou ao balé, ou mesmo ao zoológico. Nunca tinha assistido a uma palestra, andado de bicicleta, lido um livro de Horatio Alger, andado de patins, empinado pipa, subido em árvore, cuidado de um jardim ou tocado um instrumento musical. Nunca sequer tinha jogado um jogo de salão! Nem charadas nem cabra-cega, dos quais eu já ouvira falar, ou outras brincadeiras vitorianas comuns, de que não havia.

— O que você fazia à noite, então? — indagou ela.

Eu não queria responder a essa pergunta; estava sinceramente com medo de que ela pudesse fazer o monstrologista ser preso.

— Ajudava o doutor.

— Ajudava no quê?

— No trabalho.

— Trabalho? Não, quero dizer *depois*, William. Depois que o trabalho do dia tivesse terminado.

— O trabalho nunca terminava.

— Mas quando você tinha tempo de estudar?

Balancei a cabeça. Não entendia do que ela estava falando.

— Seus estudos na escola, William.

— Eu não vou à escola.

Ela ficou estarelecida. Quando descobriu que eu não pisava em uma sala de aula havia mais de dois anos, ficou furiosa; tão furiosa, aliás, que abordou o tópico com seu marido.

— William me informou que não frequentou sequer um dia de aula desde a morte de seus pais — contou naquela noite a ele.

— *Hunf.* Você parece surpresa.

— Sr. Bates, estou mortificada. Ele recebe um tratamento tão ruim quanto um dos espécimes horrorosos daquele homem.

— Eu diria que como um de seus instrumentos. Outra ferramenta no seu kit de caça a monstros.

— Mas precisamos fazer alguma coisa!

— *Hunf.* Sei o que você vai sugerir, mas não temos o direito, Emily. O menino é nosso convidado, não nossa responsabilidade.

— Ele é uma alma perdida colocada em nosso caminho pelo Pai Todo-Poderoso. Ele é o judeu espancado na beira da estrada. Você quer ser o levita ou o samaritano?

— Prefiro ser o episcopal.

Ela deixou o assunto de lado, mas só por ora.

Emily Bates não era o tipo de “especialista” que deixava uma ferida infeccionar.

Eu quase não via Lilly nos dias de escola. Suas tardes eram dedicadas a lições de piano e violino, aulas de balé, idas às compras, idas ao cabeleireiro, visitas aos amigos. Eu a via no café da manhã, no jantar e depois, quando a família se reunia no salão, quando eu aprendia todos os jogos do repertório da família Bates. Eu detestava charadas, porque era péssimo. Não tinha nenhum contexto cultural no qual me apoiar. Mas gostava de jogos de cartas e Eu Tenho Uma Cesta, no qual eu era excelente. Quando chegava a minha vez, eu sempre podia nomear o que estava na minha “cesta”, qualquer que fosse a letra que tirasse. A era fácil: *Anthropophagi*. V? Bem, tenho um *Vastarus hominis* no meu cesto! E quanto a X? Essa é difícil, mas não para mim. É um *Xiphias*!

Os fins de semana eram outra história. Eu não passava uma hora sequer sem a companhia dela: andando de bicicleta no parque (após uma hora aprendendo; nunca me tornei muito bom), fazendo piqueniques às margens do rio quando o tempo esquentou, passando horas na biblioteca da sede da Sociedade, na esquina da Broadway com a Twenty-Second Street (quando conseguíamos escapar; a sra. Bates via com maus olhos todas as coisas monstrológicas), e, claro, ficando várias horas na casa do tio-avô dela. Lilly adorava o Tio Abram.

Ela não havia abandonado o sonho de se tornar a primeira monstrologista mulher. De fato, possuía um conhecimento quase enciclopédico do assunto, que ia desde a curiosa história da monstrologia até os praticantes ainda mais curiosos da arte, do catálogo de criaturas malévolas às complexidades do estatuto da Sociedade. Ela sabia mais sobre monstrologia estudando sozinha do que eu depois de viver dois anos com o maior monstrologista desde Bacqueville de la Potherie, um fato um tanto embaraçoso que ela adorava observar sempre que possível.

— Bem — falei certo sábado à tarde, quando estávamos sentados entre as pilhas empoeiradas no quarto andar da antiga ópera, com a paciência quase esgotada. — Talvez eu seja simplesmente burro.

— Muitas vezes pensei se não seria mesmo.

— Fazer não é o mesmo que ler um livro sobre o assunto — retruquei.

— A única coisa igual a ler um livro é... ler um livro! — ela riu. — Se você tivesse escolhido os livros, ainda teria seu dedo.

Como sua mãe, ela tinha os olhos de Abram Von Helrung, azuis como um lago na montanha num ensolarado dia de outono. Se você afundasse abaixo da superfície azul-celeste, se afogaria pela vontade de permanecer ali.

— Aonde foi o dr. Warthrop? — perguntou de repente. Ela vinha com essa questão pelo menos quatro vezes por semana. E eu sempre dava a mesma resposta, que era a verdade: — Não sei.

— O que ele está procurando?

Eu havia revirado a biblioteca atrás de uma imagem. Havia um longo verbete na *Encyclopedia Bestia* (coescrita por Warthrop), mas nenhuma imagem ou descrição do *Typhoeus magnificum*, exceto uma extensa nota de rodapé detalhando as várias descrições fantasiosas (isto é, inverificáveis) do Jamais Visto. Era uma criatura parecida com um dragão, como Von Helrung mencionara, que levava suas vítimas “mais alto do que o cimo da montanha mais alta” antes de destroçá-las em frenesi; era uma criatura tão gigante quanto um troll que atirava pedaços de suas presas com tal força que elas caíam do céu a quilômetros de onde seus donos as haviam perdido; era um enorme invertebrado similar a uma minhoca — um primo do Verme da Morte da Mongólia, talvez — que cuspiu seu veneno com tal velocidade que ele explodia o corpo humano, vaporizando-o numa névoa fina que caía na forma do fenômeno conhecido como “chuva vermelha”.

O artigo mencionava as circunstâncias da descoberta do *nidus* das Laquedivas em 1851, as teorias sobre a localização do *magnificum* (a maioria dos monstrologistas concordava que ele limitava-se a essas remotas ilhas do oceano Índico e a partes da África Oriental e da Ásia Menor, mas essa crença baseava-se mais em tradições nativas e histórias do que em evidências científicas reais). Mencionava também as tristes histórias dos homens que iam em busca do Sem Rosto, os que voltavam de mãos vazias e os que simplesmente não voltavam. Particularmente tocante (e preocupante) era a história de Pierre Lebroque, um respeitado biologista aberrante — embora um tanto iconoclasta — que, após uma expedição de cinco meses em que não se pouparam despesas (sua caravana incluía cinco elefantes, vinte e nove cules e um baú de moedas de ouro para subornar os sultões locais), retornou completamente louco. Sua família foi forçada a tomar a difícil decisão de interná-lo em um sanatório, onde ele passou o resto dos dias num tormento sem trégua, gritando o refrão incessante: “*Nullité! Nullité! Nullité! É só isso que existe! Nada, nada, nada!*”.

— Ele está procurando a Besta Glatissant — respondi.

Suponho que não possamos evitar. Somos, todos nós, caçadores. Somos, na falta de uma palavra melhor, monstrologistas. Nossa presa varia dependendo da nossa idade, sexo, interesses, energia. Alguns caçam a coisa mais simples ou tola — o aparelho eletrônico mais recente ou a próxima promoção, ou o garoto ou garota mais atraente da escola. Outros caçam fama, poder, riqueza. Algumas almas mais nobres perseguem o divino ou o conhecimento, ou o aprimoramento

da humanidade. No inverno de 1889, eu persegui um ser humano. Você pode estar pensando que estou falando do dr. Pellinore Warthrop. Não. A pessoa era eu.

“*Vamos logo, abra!* “, dizia o curador. “*Ele iria querer que você visse isso*”

Todas as noites o mesmo sonho. A Sala Trancada. O velho chacoalhando as chaves. E a caixa. A caixa e o menino e a tampa presa e a coisa invisível se movendo dentro da caixa e o velho repreendendo: Garoto burro! Você não consegue abrir porque está dormindo! “

E o garoto burro acordando assustado, suando sob cobertas aquecidas em um quarto frio, vacilando à beira daquilo, *das Ungeheuer*, o centro não suportando, o *eu* se afrouxando, apenas o *não-eu* acordado agora e ecoando o grito de um louco: “*Nullité! Nullité! Nullité!* É só isso que existe! Nada, nada, nada! “

Algumas vezes a mulher no fim do corredor o ouvia chorar e, qualquer que fosse a hora, levantava da cama, punha seu roupão e ia até o quarto dele. Sentava ao seu lado. “Calma. Chhhiu. Está tudo bem. Foi só um sonho. Calma. Chhhiu. “ O refrão de uma mãe. Ela cheirava a lilases e água de rosas, e algumas vezes ele esquecia e a chamava de mãe. Ela não o corrigia. “Calma. Chiu. Foi só um sonho. “

Ou ela lhe cantava canções que ele nunca ouvira antes, em línguas que ele não entendia. A voz dela era linda, uma rica cortina de veludo, um rio que os demônios não podiam cruzar. Ele não sabia que uma voz mortal pudesse soar tão divina.

— Você se importa se eu cantar para você, William?

— Não. Gosto de ouvir a senhora cantar.

— Quando eu era uma menina da idade de Lilly, minha maior ambição era cantar ópera como cantora profissional.

— E a senhora fez isso?

— Não, nunca fiz.

— Por quê?

— Casei com o sr. Bates.

Estava perseguindo a pessoa que eu havia perdido, o menino que eu era antes de ir morar com ele. Por um tempo — um tempo muito longo —, achei que estava caçando o monstrologista. Afinal de contas, fora ele quem tinha desaparecido da face da Terra.

Achei tê-lo visto uma noite na ópera. A sra. Bates levou Lilly e a mim a uma produção de *Das Rheingold*, de Wagner, que estreara na Metropolitan Opera House no mês anterior.

— Odeio ópera — reclamou Lilly. — Não entendo por que minha mãe me

arrasta para cá.

Estávamos num camarote privado acima da orquestra quando eu achei que o vi na plateia. Eu *sabia* que era ele. Não questionei por que o monstrologista estaria na ópera; isso não era importante. Era ele. O doutor tinha voltado! Comecei a me levantar; Lilly me puxou de volta à cadeira.

— É o dr. Warthrop! — sussurrei animado.

— Não seja bobo! — sussurrou ela de volta. — E não fale o nome dele na frente de minha mãe!

Achei que o tinha visto uma segunda vez, no Central Park, passeando com um cão dinamarquês. Quando me aproximei, percebi que era vinte anos mais velho e dez quilos mais pesado.

Sempre que via Von Helrung, eu perguntava a mesma coisa: — O senhor tem notícias do doutor?

A resposta dele no dia dezessete foi a mesma que a do dia vinte e sete: — Não, Will. Nada ainda.

No trigésimo sétimo dia do meu exílio, após ouvir aquelas palavras outra vez, *Não... nada ainda*, eu disse a ele: — Algo está errado. Ele já devia estar de volta.

— É possível que algo tenha dado errado...

— Então precisamos fazer alguma coisa, dr. Von Helrung!

— Do mesmo modo que é possível que esteja tudo perfeitamente bem. Se Pellinore encontrou o rastro do *magnificum*, não iria gastar tempo nem para escrever duas palavras. Você trabalhou com ele; sabe que é verdade.

Eu sabia. Quando estava sob a febre da caçada, nada podia distraí-lo de sua meta. Mas eu estava preocupado.

— O senhor tem amigos na Inglaterra — falei. — Não pode perguntar se sabem aonde ele foi?

— Claro que posso; e farei isso, se as circunstâncias exigirem, mas ainda não. Pellinore nunca me perdoaria se eu revelasse esse segredo específico.

Voltei numa tarde tempestuosa do começo de abril para lhe pedir um favor especial.

— Quero trabalhar no Monstrumarium.

— Você quer trabalhar no Monstrumarium! — o velho monstrologista franziu as sobrancelhas. — O que Emily acha disso?

— Não importa o que ela acha. Ela não é minha guardiã e não é minha mãe. Não preciso da permissão dela para fazer nada.

— Meu caro rapazinho, suspeito que o próprio sol precise da permissão dela para brilhar. Por que você quer trabalhar no Monstrumarium?

— Porque estou cansado de ficar sentado na biblioteca. Já li tanto que

parece que meus olhos estão sangrando.

— Você andou lendo?

— O senhor parece a sra. Bates. Sim, eu sei ler, *Meister* Abram. E então? Tenho certeza de que o professor Ainesworth precisa da ajuda.

— Will, não creio que o professor Ainesworth goste muito de crianças.

— Eu sei. E gosta menos ainda de mim. É por isso que estou falando com o senhor, dr. Von Helrung. O senhor é o presidente da Sociedade. Ele precisa ouvi-lo.

— Ouvir, sim. Obedecer... bem, isso já é outra história!

Suas esperanças de sucesso não eram altas, mas ele decidiu interceder por mim, e juntos descemos ao porão até o escritório do velho. O encontro foi bem só no que se refere ao resultado; todo o resto foi praticamente desastroso. A certa altura temi de verdade que Adolphus batesse a bengala na cabeça de Von Helrung. *Não preciso de ajuda nenhuma! Ele vai sabotar meu sistema! O Monstrumarium não é lugar pra crianças! Ele vai se machucar! Ele vai me machucar!*

Von Helrung era paciente. Von Helrung era gentil. Von Helrung era amável. Ele sorriu, acenou e expressou o maior respeito e admiração pelas proezas do curador: a melhor coleção de relíquias monstrológicas no mundo, e não somente isso como também a criação do sistema de catalogação mais brilhante do hemisfério ocidental. Ele pretendia sugerir no próximo congresso que uma seção do Monstrumarium fosse nomeada em sua homenagem: a Ala Adolphus Ainesworth.

O professor não amoleceu.

— Besteira! Muito longo! Deve ser Ala Ainesworth — ou melhor, *Coleção Ainesworth*.

Von Helrung abriu as mãos como que dizendo: *Como você quiser*.

— Não gosto de crianças — disse o curador, lançando um olhar carrancudo para mim sobre os óculos. — Especialmente não gosto de crianças que se metem em lugares escuros! — e apontou um dedo encarquilhado para Von Helrung. — Não sei o que este menino tem. Cada vez que fecho os olhos, lá está ele ao lado de outro monstrologista. O que houve com Warthrop?

— Ele precisou cuidar de um assunto urgente.

— Ou está morto.

Von Helrung piscou rapidamente várias vezes, então disse: — Bem, não tenho certeza. Acho que não.

— É o assunto mais urgente de todos, quando pensamos bem — declarou Adolphus olhando na minha direção. — A morte. Algumas vezes estou sentado aqui, só sentado trabalhando em algo, e penso nela e então pulo da minha

cadeira, pensando: “Depressa, Adolphus. Depressa! *Faça algo!* “

— Você não devia se preocupar com essas coisas — disse Von Helrung.

— E eu disse que estava preocupado? Bah! Estive rodeado pela morte durante quarenta e seis anos, Von Helrung. Não são os mortos que me preocupam — e então, voltando-se para mim com um olhar furioso, rosnou: — No que você é bom?

— Posso organizar seus papéis...

— Nunca!

— Administrar os arquivos...

— Jamais!

— Tomar ditados...

— Não tenho nem o que dizer!

— Separar a correspondência...

— De jeito nenhum!

— Bem — falei, cansado. — Sou bom com uma vassoura.

Primavera. Flores brotam da terra desperta. O céu ri. As árvores, envergonhadas, se vestem de verdejantes tons. E os céus ficam fartos de estrelas. *Redima o tempo*, as estrelas cantam para a terra. *Redima o sonho*.

E o menino acordando na terra das pedras quebradas, a terra seca úmida com a chuva de primavera, acordando no lugar onde dois sonhos se cruzam: o sonho em que sementes se tornam árvores de ouro e o sonho da caixa que ele não consegue abrir.

— Eu não devia contar isso a você — disse Lilly. — Realmente, não devia contar.

Eu serei o navio de mil velas.

— Ontem à noite ouvi os dois conversando sobre isso.

Vamos logo, abra! Ele queria que você visse.

— E papai não disse que sim, mas também não disse que não.

Quero ir, papai. Eu quero ir.

— *Eu digo que não* — exclamou ela. — Já beijei você três vezes.

E as estrelas cantando: *Redima o tempo, redima o sonho*, na terra de pedras quebradas onde dois sonhos se cruzam.

— E é uma ideia horrível, beijar meu próprio irmão!

Não quero que o senhor me leve para casa. Meu lugar é com ele.

— Então, William, o que acha? — perguntou a sra. Bates.

— Acho que o doutor vai ficar muito descontente quando voltar.

— O dr. Warthrop, se voltar, não terá o que dizer sobre o assunto. Ele não tem nenhum direito legal sobre você.

— O dr. Warthrop, *quando* voltar, não ligará para direitos.

— *Hunf!* — resmungou o sr. Bates. — Atrevido.

— Não duvido, William. Mas acredito que ele iria aceitar os seus desejos. O que você deseja?

Minha presa estava à vista. Eu só tinha de estender minha mão e agarrá-la. O menino com o copo de leite na cozinha cheirando a maçãs e nenhuma escuridão, nenhuma escuridão em lugar algum, nada de corpos em barris de cinzas, nada de sangue grudado nas solas dos seus sapatos, nada de ter seu nome gritado nas horas mais mortas da noite, nada daquela coisa que se desenovelava, que impelia e repelia, que sussurrava como o trovão: *EU SOU*. Só o céu risonho, as árvores enfeitadas de ouro e a abundância de estrelas que cantam, e o menino com seu leite e o cheiro da terra, o cheiro total e puro, como maçãs.

QUINZE

“O que você vê, meu Deus vê”

O curador do Monstrumarium deu tapinhas em meu peito com a cabeça zombeteira da sua bengala e disse: — Não toque em nada. Pergunte primeiro. Sempre pergunte primeiro!

Eu o segui através do emaranhado de passagens semi-iluminadas, abarrotadas do chão ao teto com caixotes fechados ainda esperando catalogação, paredes decoradas com teias de aranha e revestidas com a sujeira de cinquenta anos, a bengala dele fazendo *clic, clic, clic* no chão empoeirado, o cheiro de solução de conserva, a acidez da morte sobre a língua, profundos focos de sombra, fracos halos de luz de gás amarela, e a terrível solidão de ser apenas uma pessoa pequena num espaço amplo.

— Pode não parecer, mas há um lugar para tudo, e tudo está no seu lugar. Caso um membro lhe peça ajuda para encontrar algo, *não ajude*. Encontre-me. Não sou difícil de encontrar. Normalmente estou na minha mesa. Se eu não estiver na minha mesa, diga para eles voltarem outra hora. Diga: “Adolphus não está em sua mesa. Isso significa que está em algum lugar do Monstrumarium, já foi para casa ou morreu”.

Paramos diante de uma porta sem identificação — a *Kodesh Hakodashim*. Ele estava chacoalhando distraidamente seu chaveiro. Era o meu sonho, igualzinho, até o tinido das chaves.

— Não é para ninguém entrar aí — declarou ele. — Proibido!

— Sei disso.

— Não responda! Melhor: não fale! Não gosto de crianças falantes.

“Nem de crianças quietas”, pensei.

— É o *nidus*, não é? — perguntou Adolphus Ainesworth de repente. — O “assunto urgente”. Rá! Warthrop foi atrás do *magnificum*. Ora, ora. Não me surpreende. Sempre o cavaleiro nos moinhos de vento. E você, Sancho Pança? Por que não foi com ele?

— Ele levou outro no meu lugar.

— Outro o quê?

— O novo pupilo do dr. Von Helrung, Thomas Arkwright.

— Arco... o quê?

— Arkwright! — gritei.

— Nunca vi mais gordo. Você disse que ele é discípulo de Von Helrung?

— Ele deve tê-lo apresentado ao senhor.

— Por que teria feito isso? Ontem foi a primeira vez que eu vi o velho em seis meses. Ele nunca desce até aqui. Enfim, que me importa o discípulo de Von Helrung, ou, aliás, de qualquer outra pessoa? O negócio é o seguinte, Mestre Henry. Nunca se deve virar amigo de um monstrologista, e eu lhe digo o porquê. Gostaria de saber por quê?

Acenei com a cabeça.

— Gostaria.

— Porque eles não ficam por perto muito tempo. Eles morrem!

— Todo mundo morre, professor Ainesworth.

— Não como os monstrologistas! Veja o meu caso. Eu podia ter sido um. Recebi convites mais de uma vez para me tornar aprendiz, quando era jovem. Sempre disse não, e conto por quê. *Porque eles morrem*. Morrem como moscas! Como perus no Natal! E não morrem no típico acidente aleatório. Você sabe o que eu quero dizer. Um homem cai do barco e se afoga, ou um cavalo lhe dá um coice na cabeça. Isso é um acidente; é natural. Ser destroçado membro por membro por algo *que você foi procurar*, isso é antinatural; é monstrológico.

No Monstrumarium, no corredor em frente à Sala Trancada, chacoalhando suas chaves.

— E uma pena — disse Adolphus, pensativo. — Eu não gostava muito de Warthrop, mas o tolerava. Não são muitos os homens que sabem o que são. Ele sabia e não se desculpava por isso. A maioria dos homens tem um rosto que mostram ao mundo e um outro, o rosto que só Deus vê. Warthrop era Warthrop até o último fio de cabelo. “O que você vê, meu Deus vê”, era o seu lema — ele suspirou e balançou a cabeça enrugada. — É uma pena.

— O senhor não devia dizer isso, professor Ainesworth. Ainda não tivemos notícias dele, mas isso não quer dizer...

— Ele foi caçar o *magnificum*, não foi? E é Pellinore Warthrop, não é? Não é o tipo de homem que volta para casa com o rabo entre as pernas. Não é o tipo que desiste, nunca. Não, não ele. Você não vai mais ver o seu chefe, garoto.

Parado em frente ao Santo dos Santos, chacoalhando suas chaves.

Encontrei Von Helrung no seu escritório no segundo andar. O presidente da Sociedade Monstrológica estava andando de um lado para o outro em um par de pantufas velhas, segurando um regador, cuidando de seus filodendros no batente empoeirado.

— Ah, Mestre Henry, Adolphus já o mandou embora?

— Dr. Von Helrung — perguntei —, o senhor alguma vez levou o sr.

Arkwright ao Monstrumarium?

— Se eu já levei...?

— Se já levou o sr. Arkwright ao Monstrumarium.

— Não, creio que não. Não, não levei.

— Ou o mandou lá por algum motivo?

Ele balançou a cabeça.

— Por que quer saber, Will?

— O professor Ainesworth nunca o viu. Nem sequer ouviu falar dele.

Ele abaixou o regador, apoiou-se na sua mesa e cruzou os braços na frente do peito. Olhou-me com expressão séria, franzindo as sobrancelhas brancas e eriçadas.

— Não entendo — disse ele.

— Na noite em que conheceu o doutor, o sr. Arkwright disse que sabia que havíamos estado no Monstrumarium por causa do cheiro. “O cheiro flutua ao seu redor como um perfume asqueroso.” Lembra?

Von Helrung acenou.

— Sim.

— Dr. Von Helrung, como o sr. Arkwright podia saber que o Monstrumarium cheirava a *qualquer coisa* se nunca esteve lá?

Minha pergunta ficou no ar um longo tempo, um tipo diferente de perfume asqueroso.

— Está acusando-o de mentir?

— Eu *sei* que ele mentiu. Sei que mentiu sobre enviar pedidos para estudar com o dr. Warthrop, e agora sei que mentiu sobre saber que tínhamos estado no Monstrumarium.

— Mas vocês tinham mesmo ido ao Monstrumarium.

— Isso não importa! O que importa é que ele mentiu, dr. Von Helrung.

— Você não pode afirmar isso com certeza, Will. Adolphus, que Deus o abençoe, é um homem velho, e sua memória não é mais a mesma. E ele frequentemente cai no sono em sua mesa. Thomas poderia ter explorado o Monstrumarium o quanto quisesse que o professor não saberia de nada.

Ele pôs a mão no meu rosto.

— Está sendo difícil para você, eu sei. Tudo o que você tinha no mundo, tudo o que entendia, tudo em que achava que podia confiar... *puf!* Desapareceu num instante. Sei que está preocupado; sei que teme o pior; sei quais terrores podem preencher o vácuo do silêncio!

— Algo está errado — eu sussurrei. — Já são quase quatro meses.

— Sim — assentiu ele, gravemente. — E você precisa se preparar para o pior, Will. Aproveite esses dias para endurecer seu coração, e não para ficar se

torturando sobre Thomas Arkwright e essas suspeitas de perfídia. É fácil encontrar vilões em cada sombra, e muito difícil ter fé nas pessoas, particularmente na monstrologia — nossa visão do mundo é distorcida, em virtude do próprio objeto do nosso estudo. Mas a esperança não é menos realista que o desespero. Ainda é nossa escolha viver na luz ou se deitar na escuridão.

Eu anuí. Suas palavras reconfortantes, entretanto, não me trouxeram consolo. Eu estava profundamente perturbado.

Suponho que seja um sinal da profundidade da minha inquietude o fato de ter revelado meu maior medo à última pessoa que achava que podia manter qualquer segredo. Escapou durante um jogo de xadrez, uma tarde no Washington Square Park. O xadrez tinha sido minha ideia, na verdade. Talvez se eu praticasse mais, pensei, quando o doutor voltasse eu poderia ganhar dele — e como isso seria sensacional! Lilly aceitou meu desafio. Ela era muito competitiva, tendo aprendido o jogo com seu tio Abram. O estilo de Lilly era agressivo, impetuoso e intuitivo, não muito diferente da garota em si.

— Você demora *demais* — reclamou enquanto eu agonizava sobre uma torre, que estava presa entre a rainha dela e um peão. — Você alguma vez já fez alguma coisa sem pensar? Simplesmente fez, assim, do nada? Comparado a você, o príncipe Hamlet parece decididamente impulsivo.

— Estou pensando — respondi.

— Ah, você pensa o tempo todo, William James Henry. Você pensa demais. Sabe o que acontece com quem pensa demais?

— E você, sabe?

— Rá, rá. Imagino que foi uma piada. Você não devia fazer piadas. As pessoas têm que conhecer suas limitações.

Eu disse adeus à minha torre e avancei meu bispo para ameaçar o cavalo dela. Ela derrubou minha torre de lado com sua rainha.

— Xeque.

Suspirei. Senti seus olhos sobre mim enquanto eu estudava o tabuleiro. Forcei-me a não olhar para cima. A brisa roçou as folhas novas das árvores; o ar da primavera estava suave e cheirava como o sabonete de lavanda dela.

Seu vestido era amarelo, e ela usava um chapéu branco com uma fita amarela e um grande laço amarelo. Mesmo com roupas novas e um novo corte de cabelo, perto dela eu me sentia maltrapilho.

— Ainda nenhuma notícia do seu doutor?

— Gostaria que você parasse de dizer isso — falei sem olhar para cima. — Ele não é o “meu” doutor.

— Bem, se não é seu, queria saber de quem é. E não tente mudar de assunto.

— Uma das vantagens de pensar demais — falei — é que você percebe as pequenas coisas, coisas que as outras pessoas não veem. Você diz “seu doutor” desse jeito de propósito, porque sabe que me irrita.

— E por que eu iria querer fazer isso? — ouvi um sorriso na voz dela.

— Porque você gosta de me irritar. E antes que pergunte por que gosta de me irritar, sugiro que pergunte a si mesma. Eu não sei.

— Você está de mau humor.

— Não gosto de perder.

— Já estava de mau humor antes de começarmos o jogo.

Movi meu rei para longe do perigo. Ela mal olhou para o tabuleiro antes de capturar meu último bispo. Gemi por dentro. Agora era só uma questão de tempo.

— Você pode se render — sugeriu ela.

— Lutarei até que a última gota de sangue seja derramada.

— Ah! Que coisa mais não-Will-Henry! Falou como um *fazedor* agora. Como Leônidas nas Termópilas.

Meu rosto ferveu, mas eu devia ter adivinhado que não era para ficar muito contente comigo mesmo.

— E todo esse tempo eu pensei em você como Penélope.

— Penélope! — meu rosto ficou mais quente ainda, embora por uma razão totalmente diversa.

— Consumindo-se de dor na câmara nupcial, esperando Ulisses voltar da guerra.

— Você gosta de ser cruel, Lilly, ou é algo que não consegue evitar, como um tique nervoso?

— Você não devia falar comigo assim, William — disse ela, sorrindo. — Em breve serei sua irmã mais velha.

— Não se o doutor tiver algo a dizer sobre isso.

— Eu imagino que seu doutor ficaria aliviado. Eu não passei muito tempo com ele, mas achei que ele não gostava muito de você.

Ela tinha ido longe demais, e sabia.

— Isso foi cruel — disse ela. — Desculpe, Will. Eu... eu não sei o que me dá às vezes.

— Não — falei, fazendo um gesto com minha mão ferida. — É a sua vez, Lilly.

Ela moveu um cavalo, expondo sua rainha ao meu peão. Um peão! Olhei para ela. Raios de luz brilhavam no seu cabelo, do qual uma mecha tinha se soltado do chapéu e tremulava, uma serpentina preta agitada, no suave vento primaveril.

— Por que acha que não teve notícias dele, Will? — perguntou. O tom de sua voz tinha mudado; era suave como o vento.

— Acho que algo terrível aconteceu — confessei.

Nós nos encaramos por um longo momento, depois eu me levantei do banco e já estava andando depressa através do parque, e o mundo havia se tornado de um cinza aguado, descorado da vivacidade da primavera. Ela me alcançou antes que eu chegasse à saída da Quinta Avenida e me puxou para olhar em seus olhos.

— Então você tem que fazer alguma coisa! — disse ela com raiva. — Não ficar pensando em como você está assustado ou sozinho ou seja lá o que pensa. Acha mesmo que algo terrível aconteceu? Porque, se eu achasse que algo terrível tinha acontecido com alguém que eu amo, eu não ia ficar por aí pensando e me remoendo! Já estaria no próximo navio para a Europa. E, se não tivesse dinheiro para a passagem, iria no porão, e se não pudesse fazer isso, *nadaria* até lá!

— Eu não o amo. Odeio ele. Odeio Pellinore Warthrop mais do que qualquer coisa. Mais do que odeio você. Você não sabe, Lilly. Não sabe como é viver naquela casa, nem o que acontece naquela casa nem o que acontece porque eu moro lá...

— Como isso? — e envolveu minha mão esquerda na dela.

— É, como isso. Mas não é só isso, isso não é tudo.

— Ele bate em você?

— O quê? Não, não me bate. Ele... ele não me vê. Passam-se dias, semanas às vezes... e daí não consigo escapar dele; não consigo ir embora. Como se ele tivesse apanhado uma corda e nos amarrado juntos. E é ele e eu e a corda, e não há como desfazer o nó. É isso que você não entende, que sua mãe não entende, que *ninguém* entende. Ele está a milhares de quilômetros de distância — talvez esteja até morto —, mas não importa. Ele está aqui, *aqui* — bati minha palma aberta contra minha testa. — E não tem como escapar. É apertado demais, *apertado demais*.

Meus joelhos fraquejaram. Ela me enlaçou nos braços e me segurou. Impediu que eu caísse.

— Então não tente, Will — sussurrou no meu ouvido. — Não tente escapar.

— Você não entende, Lilly.

— Não — ela disse. — Não entendo. Mas não sou eu quem tem de entender.

DEZESSEIS

“Ich habe dich auch vermisst”

Eu também senti a sua falta”, em alemão. (N. E.)

Eu descobrira, durante uma de minhas recentes incursões à formidável biblioteca da Sociedade de Monstrologia, um volume curto coberto por uma fina camada de poeira, algumas das páginas ainda fechadas, a lombada sem vincos. Aparentemente ninguém se dera ao trabalho de lê-lo desde sua publicação, em 1871. O que atraiu meus olhos para o pequeno livro, entre os dezesseis mil que estavam ao redor, não sei. Mas lembro distintamente do pequeno choque de reconhecimento quando abri a página de rosto e vi o nome do autor. Foi como virar uma esquina numa cidade lotada e esbarrar num amigo há muito perdido, que você não esperava ver nunca mais. Já era tarde quando o encontrei (eu não teria tempo de lê-lo antes que a biblioteca fechasse) e eles tinham uma firme política de não fazer empréstimo para os não sócios. Então o roubei. Coloquei-o embaixo do meu casaco e saí, passando bem na frente do sr. Vestergaard, o bibliotecário-chefe, que a maioria dos monstrologistas chamava — pelas costas — de Príncipe das Folhas Mortas, uma brincadeira um pouco boba, eu pensei, mas o senso de humor dos monstrologistas, quando tinham um, sempre tendia ao macabro. Tentativas de qualquer coisa mais leve não tinham muito sucesso.

Embora o fino volume tenha sido escrito quando Warthrop completara apenas dezoito anos (só cinco a mais do que eu quando o descobri), como um tipo de dissertação, parte de seu exame final para o Comitê de Admissão da Sociedade, a escrita era incrivelmente sofisticada, ainda que caracteristicamente prolixa. Já o título eu olhei por cima: *De Origem Incerta: Argumentação para a Abertura Interdisciplinar e o Coletivismo Intelectual entre Todas as Disciplinas das Ciências Naturais, Incluindo Estudos no Campo da Biologia Aberrante, com Notas Estendidas sobre o Desenvolvimento dos Princípios Canônicos de Descartes aos Dias de Hoje.*

Mas eu o li (a maior parte, pelo menos), porque o que me interessava não era o assunto. Ler as suas palavras era o mais perto que eu podia chegar de ouvir a sua voz. A dicção warthropiana estava lá, o tom autoritário, a lógica rigorosa

— e, alguns poderiam dizer, implacável. Cada linha continha ecos da voz do Warthrop mais velho, e lê-las em meu quarto, às vezes em voz alta, a altas horas da noite, quando a casa estava silenciosa e eram só as palavras de Warthrop e eu, abria uma porta para que ele retornasse e conversasse um pouco. Às vezes eu me pegava murmurando, após certas passagens: “É mesmo, senhor?” e “É verdade, dr. Warthrop?”, como se estivéssemos de novo na biblioteca da Harrington Lane e ele estivesse me entediando com algum texto arcano escrito cem anos atrás por alguém de quem eu nunca ouvira falar, uma forma de crueldade mental que às vezes durava horas.

Na noite do meu quase colapso no Washington Square Park, peguei o livro outra vez, porque não conseguia dormir, e pensei, com um pouco de despeito, que certamente teria encontrado um público maior se tivesse sido comercializado para insones. Abri numa página aleatória, e meus olhos caíram sobre esta passagem:

Uma coisa ou é verdadeira (real) ou não é. Não existem meias verdades na ciência. Uma proposição científica é como uma vela. Pode-se dizer que a vela tem dois estados ou modos: acesa ou apagada. Isto é, uma vela é um ou outro; não pode ser ambos; não pode estar meio acesa. Se uma coisa é verdadeira, colocando a coisa de modo coloquial, é completamente verdadeira. Se é falsa, então completamente falsa.

— Verdade, dr. Warthrop? — perguntei. — E se a vela tiver um pavio em cada extremidade? Um aceso, o outro apagado. Não se poderia dizer, nessa circunstância hipotética, que a vela está na verdade tanto acesa como apagada, e que seu argumento é completamente falso? — eu ri sozinho, caindo no sono.

Você não pode mudar o elemento central de uma analogia para torná-la falsa, Will Henry, a voz dele falou no meu ouvido. É para isso que você está lendo esta antiga monografia minha? Para se sentir melhor às minhas custas? Depois de tudo o que fiz por você!

— E para mim. Não esqueça.

Como eu poderia? Sou constantemente lembrado disso.

— Estou condenado, como o sr. Kendall. Simplesmente condenado.

O que quer dizer?

— Mesmo quando não está aqui, não consigo me livrar do senhor.

Não vejo como isso é análogo ao destino do sr. Kendall.

— Uma vez tocado, infectado. Só me diga, por favor, se o senhor está morto. Se morreu, há esperança para mim.

Eu estou bem aqui. Como poderia estar morto? Francamente, Will Henry, houve algum acidente na sua infância de que eu não estou ciente? Caiu de um lance de escadas, talvez? Sua mãe o derrubou no chão quando criança ou sofreu

uma queda quando o carregava no útero?

— Por que o senhor me insulta o tempo inteiro? — perguntei a ele. — Para se sentir melhor às minhas custas? Depois de tudo o que fiz pelo senhor!

O que você fez por mim?

— Tudo! Faço tudo pelo senhor! Eu limpo, cozinho e lavo as roupas, e cuido das tarefas e... e faço tudo, exceto limpar seu cu! — ri. Meu coração estava deliciosamente leve, tão leve quanto um grão de areia. — Cu arde.

Will Henry, você me chamou de um palavrão?

— Eu nunca o chamaria de nada — na sua cara. Estava lembrando algo que Adolphus disse. Ele confundiu “Arkwright” com “cu arde”.

Ah, Arkwright. Essa é a alternativa perfeita à minha analogia da vela.

— Não entendo.

Se ficar quieto e escutar, eu explicarei. Thomas Arkwright é a vela. Ou ele é quem diz ser ou não é. Ele não pode ser ambos. Ou Von Helrung está certo ou você está. Vocês não podem ambos estar certos.

— Sei disso, dr. Warthrop.

Não acabei de mandar, menos de trinta segundos atrás, você ficar quieto e escutar? Francamente, Will Henry... talvez um acidente no estábulo? Ou ordenhando a irascível vaca da família? Vamos imaginar por um momento que Von Helrung está certo. O sr. Thomas Arkwright é quem diz ser, um brilhante jovem com uma paixão por todas as coisas monstrológicas, que por acaso está deslumbrado com um certo doutor de monstrologia, tão deslumbrado, de fato, que escreve não uma, não duas, não três, mas um total de treze vezes, implorando por uma vaga para estudar com esse Prometeu moderno, esse colosso que hoje domina a paisagem científica.

O que é preciso para que essa proposição seja verdadeira? Que você, o citado limpador do cu, digamos, traseiro, do Prometeu, tenha sido tão negligente em suas funções de arquivologista auxiliar que perdeu as cartas dele não uma, não duas, não três vezes, mas um total de treze vezes. Ou isso, ou você é simplesmente um mentiroso e as destruiu, temendo ser substituído por um limpador de traseiro mais simpático ou eficiente ou entusiasmado, um que leva a limpeza de traseiros a sério, que considera um traseiro bem limpo uma obra de arte.

Ora, você sabe, é claro, que não é nem negligente nem mentiroso, e a vela, por assim dizer, está tão fria como uma cunha. O que isso significa? Significa que é Arkwright o mentiroso, embora seus motivos possam ser puros. Em outras palavras, ele mente porque está de fato deslumbrado com o nosso doutor. Não significa que tenha intenções insidiosas; ele não é lago, está mais para um Puck. Está me acompanhando, ou gostaria que eu falasse mais devagar e menos

polissilabicamente?

— Estou, dr. Warthrop. Estou acompanhando, senhor.

Excelente! Agora, a circunstância mais recente e infinitamente mais problemática: vamos chamá-la de segunda vela. O sr. Arkwright, Adolphus e o “perfume asqueroso” do Monstrumarium. Imaginemos, só a título de argumentação, que essa segunda vela está acesa — em outras palavras, que você está certo e Von Helrung, errado. Arkwright está de fato mentindo; ele nunca entrou no reino do professor Ainesworth; ele não reconheceria o “perfume asqueroso” mais do que um cego a cor azul. Na superfície, um lapso inócuo, quase trivial. Quem se importa se ele fingiu reconhecer um cheiro que não poderia conhecer? Outra tentativa de impressionar seu ídolo com seus poderes de observação, como tentara impressioná-lo antes com a superabundância de cartas... Podemos parar agora, não é? Seu coração inquieto foi tranquilizado, você pode ir dormir e eu posso ir embora?

— Não estou com sono — falei. — Não vá.

Pois bem. Ficarei. Pois seu coração não será tranquilizado, Will Henry. Sua inquietação é justificada, embora você não consiga articular por quê.

— Mas por que não consigo, dr. Warthrop? — meus olhos ardiam com lágrimas de frustração. — Eu sei que é importante, mas não consegui convencer o dr. Von Helrung de que era. Não sabia dizer por quê.

É aí que está o problema, Will Henry! Você estava concentrado na questão errada! Estava se perguntando ‘Por que ele está mentindo?’ em vez de O que essa mentira significa?’. O que significa, Will Henry?

— Significa... — a verdade é que eu não sabia o que a mentira significava, — Ah, eu me odeio, sou tão estúpido...

Ah, pare com isso. A autocomiseração é como a autodestruição —pode ser boa no momento, mas o resultado final é uma bagunça repulsiva. Eu já dei uma dica. Aqui vai outra: o sr. Arkwright é como o homem tolo que construiu sua casa sobre a areia.

— E as chuvas vieram e levaram o alicerce embora. Então o lapso dele sobre o cheiro... é a chuva...

Ah, Deus! Não, não, Will Henry. Não a chuva. Por que mencionou a chuva? Eu nem a mencionei! Você é a chuva, ou seria se usasse sua cabeça para algo além de pendurar chapéus.

Fechei os olhos e tampei os ouvidos para remover todas as distrações. Se eu era a chuva, o que era Arkwright? A casa? O alicerce? Ah, por que Warthrop não podia me dizer logo e acabar com isso? Ele gostava de fazer com que eu me sentisse um cretino? *A maioria das pessoas não gosta de pensar, Will Henry, dissera-me uma vez. Se gostassem, teríamos menos advogados.* (Ele tinha

acabado de receber um aviso de que estava sendo processado — uma ocorrência comum e um perigo ocupacional.)

Ah, Will Henry, o que faço com você? Você é como os antigos egípcios, que acreditavam que o lugar do pensamento jazia no coração. O alicerce não é o objeto do seu ciúme.

— Não é Arkwright — sussurrei no escuro, pois uma luz tinha finalmente se acendido. — A mentira! A *mentira* dele é o alicerce, não é? E a casa é... — *Pense, pensei* Pensar é ser humano, o doutor sempre dizia, então seja humano e *pense*. — A casa é a conclusão baseada na mentira... o *nidus*. O *nidus* é a casa! Ele não poderia ter deduzido que o senhor tinha o *nidus*, porque sua dedução começou com uma mentira: de que ele sabia que tínhamos ido ao Monstrumarium! Ele já sabia sobre o *nidus* antes de chegar aqui!

Eu sentei como se tivesse levado um choque e passei as pernas para o lado da cama. No escuro, remexi na gaveta da cômoda, procurando a caixa de fósforos.

— E ele só poderia saber isso de dois modos. Ou o dr. Von Helrung lhe contou...

O que ele disse que não fez, e não temos motivo para imaginar o contrário.

— Ou Jack Kearns contou para ele — acendi o fósforo e encostei-o no pavio. — Ele está trabalhando com Kearns!

Ou com alguém que sabe o que Kearns mandou para mim, veio novamente a voz do dr. Warthrop. Kearns poderia ter contado para alguém, mas é difícil imaginar quem e quase impossível entender por quê.

Eu estava de pé, pondo minhas calças.

— De qualquer modo, ele está mentindo, mas por quê? Qual é o jogo dele? — Assisti à chama falhar sob a brisa que entrou da janela aberta do outro lado do quarto. Podia cheirar o rio, e ouvi, a distância, o chamado rouco de um rebocador. A voz interior havia silenciado. — Foi um truque. Ele o enganou, dr. Warthrop! O senhor! Ele precisava ir com o senhor encontrar Kearns, então fez o senhor baixar a guarda e o inflou com lisonjas até que pensasse que ele era o substituto perfeito — concluí, enfiando minha camisa, procurando meus sapatos. O que tinha acontecido com meus sapatos? — Tenho que avisar o dr. Von Helrung antes que seja tarde demais.

E a voz falou outra vez, e disse:

Já é tarde demais.

DEZESSETE

“Tarde demais”

Corri descalço pela Riverside Drive, na direção sul, até a Seventy-Second Street e então rumo leste, para a Broadway, correndo como se o diabo em pessoa estivesse me perseguindo, correndo por um estreito desfiladeiro e, em cada lado, o abismo, *das Ungeheuer*, a coisa enovelada que se desenovelava, e o refrão que se desenrolava, repetindo-se até que as palavras se tornassem um uivo sem sentido, *Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais*, o pavimento de granito raspando e rasgando as solas dos meus pés descalços, os borrões desfocados dos postes de luz na neblina da manhã, e a luz infernal dos barris de cinzas onde você pode se aquecer com os ossos de um morto, e as pegadas sangrentas deixadas para trás;

agora o parque e nele as sombras entre as árvores e as pedras molhadas e o sussurro sensual de folhas roçando em folhas e o silêncio entre elas, e então a Broadway, a adaga brilhante fincada no coração da cidade; ao longo de suas fronteiras exuberantes gritos de risada histérica em umbrais escurecidos e o cheio de cerveja velha, vagabundos nas portas, prostitutas dependuradas nas janelas do segundo andar de bordéis, e a música ruim do salão de dança, os gritos bêbados dos marinheiros, os casacos brancos dos coletores de lixo, a coisa que se desenovelava me puxando como um cordão de prata, meu sangue as migalhas de pão marcando o caminho de volta, mas já não há volta; *Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais*; cruzando a Fifty-First Street, esquivando-se das pilhas quentes de esterco empilhado, e as luzes do salão burlesco esparramando-se nos rostos pintados, e os casacos azuis dos guardas balançando seus cassetetes; as frentes escurecidas das lojas, os estandes vazios dos vendedores de frutas; correndo num rio de fogo, respirando-o, granito atingindo o osso; puxado por um cordão de prata, e as estrelas indistintas cantando para baixo, na sujeira do granito, cantando, *Redima o tempo, redima o sonho*, cantando, cantando para baixo, entre a linha divisória escura, a vacuidade de cada lado, correndo até a Fiftieth, onde a luz exuberante da Broadway se desbota e os prédios são escuros e um cachorro late furiosamente, enlouquecido pelo cheiro de sangue, pedra sangrenta contra osso sangrento, e o rio de fogo

furioso que eu respiro, o rio de fogo no qual eu corro, um fogo alimentado por sangue, rio de fogo, rio de sangue, e a voz inquieta, o cordão de prata, *Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais Já é tarde demais*; rezando para que não sejamos condenados a perecer no fogo, rezando para que não sejamos divididos como o homem no barril de cinzas, rezando, *Deus misericordioso, recebei a minha prece que vem do fogo. Recebei a minha prece entre a divisão, vinda do fogo que bifurca o abismo*; virando na Quinta Avenida, seis quarteirões, rápido!, rápido!, o som doentio de pés sangrentos no pavimento duro, o sangue negro sob as luzes amarelas da rua, e não permiti que morramos sem misericórdia e divididos, não nos condeneis ao barril de cinzas, a nascente deste rio de fogo sobre o qual eu corro, onde os músculos derretem-se e chiam e os ossos respondem cantando às estrelas que cantam para baixo, *Mostra, depois desse exílio*, e o rio se transforma num redemoinho ao pé da casa de tijolos marrons, e eu pulo até a margem, e a casa está incandescente, cada janela um brilhante olho indefinido; batendo na porta que se abre imediatamente, de repente, como o puxão de uma cortina, e eu estou lá.

Caí no vestíbulo como uma truta tentando respirar, apertando meu estômago, meus dedos descalços e ensanguentados se curvando nas tábuas de madeira. O rosto gentil de Von Helrung apareceu à minha frente; ele me pôs em pé e me segurou por um longo tempo.

— Will, Will, o que está fazendo aqui? — murmurou ele.

— É o doutor — consegui dizer depois de várias tentativas. — Algo... algo está... er... *errado* — ele me ouviria dessa vez. Eu o faria ouvir.

Para a minha surpresa, o velho monstrologista estava assentindo, e então vi seu rosto molhado, e novas lágrimas que enchiam seus olhos azuis, seu cabelo branco de algodão num emaranhado de nós.

— Está tarde. Eu ia chamá-lo de manhã. Esperar até de manhã. Mas agora Deus o trouxe até aqui. *Ja*, é a vontade Dele. A vontade Dele. E a vontade Dele será feita!

Ele saiu tropeçando num passo incerto como o de um bêbado, murmurando para si, “*Ja, ja*, a vontade Dele será feita”, me deixando no vestíbulo tremendo, suando, meus pulmões e pés queimando. Um pedaço de papel amassado caiu da sua mão; ele não parou para pegá-lo. Não creio que percebeu que o tinha deixado cair.

Era um telegrama da Western Union; reconheci o papel amarelo. Von Helrung o assinara menos de uma hora antes, mais ou menos à hora da minha aula com o monstrologista a uns cinco quilômetros de distância, na Riverside Drive.

A mensagem dizia:

CONFIDENCIAL

SAIO DE LIVERPOOL AMANHÃ. CHEGO NY QUINTA.
NOTÍCIAS TERRÍVEIS. FRACASSO TOTAL. WARTHROP MORTO.

Estava assinada 'Arkwright'.

DEZOITO

“O melhor de nós”

Jacob Torrance virou seu copo de uísque, alisou seu bem-aparado bigode, e então começou a tamborilar os dedos agressivamente no braço da poltrona. Seu anel de sinete vermelho-rubi, carimbado com o lema da Sociedade (*Nil timendum est*), refletiu a luz. Seus sapatos brilhavam tanto quanto seu anel, e além daquelas nas suas calças, não havia nenhuma outra dobra em qualquer lugar de Torrance; ele parecia um homem esculpido de pedra, uma estátua grega usando um terno feito perfeitamente sob medida. Ele também tinha o rosto de uma estátua, ou pelo menos o rosto de alguém que poderia ser um modelo para uma: maxilar quadrado, queixo forte, nariz reto, olhos grandes e expressivos, embora um pouco próximos demais, que lhe davam um olhar perpetuamente irritado, como se a qualquer momento ele pudesse se virar e nos dar um golpe na cara.

Aos 29 anos, Jacob Torrance estava a um ano do que os monstrologistas chamavam de “Trinta Mágico”, uma referência à expectativa de vida média de um estudioso no campo da biologia aberrante. (A expectativa de vida média nos Estados Unidos à época era de pouco mais que 42 anos.) Atingir o “Trinta Mágico” indicava que você tinha superado as expectativas. Normalmente seus colegas organizavam uma festa para comemorar. Os “Trintas Mágicos”, como essas bacanais eram chamadas, podiam durar dias e dizia-se que rivalizavam com as depravações da corte de Calígula na Roma antiga. Nada deleitava um monstrologista mais do que enganar a morte, a não ser descobrir alguma criatura que se deleitasse em causá-la. O Trinta Mágico de Warthrop tinha sido celebrado antes de eu ir morar com ele, mas conta-se que deixou todos os outros no chinelo; de fato, por muitos anos depois, vários de seus colegas não se arriscaram a pisar dentro dos limites da cidade de Boston por medo de serem presos.

Eu sugerira Torrance a Von Helrung por sua juventude e força física. (Ele era uma espécie de lenda nos círculos monstrológicos, apelidado “John Henry” Torrance pelos colegas cientistas, em homenagem ao lendário homem que entortava pregos. O doutor tinha me contado uma história sobre Torrance haver derrotado um *Clunis foetidus* em ataque com uma única pancada, esmurrando-o

com tanta força no focinho que o animal caíra morto aos seus pés.) Também sugeri Torrance pelo simples motivo de que ele era um dos poucos monstrologistas de que Warthrop gostava, embora o doutor não aprovasse sua bebedeira e seus irreformáveis hábitos com as mulheres.

— É uma pena, Will Henry — foi o que ele me disse. — Com os grandes talentos sempre vêm os grandes fardos. Ele seria o melhor de nós, se pudesse controlar seus apetites.

Von Helrung estava nervosamente dando tragadas no toco de um charuto Havana. Parecia exausto, os olhos inchados devido à falta de sono, o queixo com uma barba espetada de três dias que ele coçava incessantemente com a palma da mão gorducha.

Não tinha sido a melhor semana da sua vida. Nem da minha curta vida.

— Mais um uísque, Jacob? — perguntou Von Helrung.

— Acha que devo? Provavelmente não — Torrance comeu o final das palavras, mordendo-as com força com os largos dentes, como se elas tivessem um gosto de que ele gostasse. Agitou o gelo no copo. — Que diabo, por que não?

Von Helrung se arrastou até o armário de bebidas. Entre os decantadores de xerez e conhaque, garrafas de vinho e licores, havia uma pequena garrafa azul — o elixir sonífero prescrito pelo dr. Seward. Ele a encarou por um momento, a testa franzida, as grossas sobrancelhas brancas quase se tocando acima de seu nariz largo, e então reencheu o copo de Torrance com uísque e se arrastou de volta.

— Obrigado — a cabeça finalmente esculpida foi para trás, o grande pomo de adão subiu e desceu uma vez, e o gelo tornou a tilintar no copo vazio.

— Agora basta — disse ele a ninguém em particular. Ajeitou o anel de sinete no dedo e refletiu: — Talvez fosse melhor eu não estar sentado aqui quando ele chegar. Pode levantar suspeitas.

— Talvez ele nem venha — disse Von Helrung. — Ele não disse que viria, só que chegaria na quinta-feira. Hoje — e consultou seu relógio de bolso, fechando-o com um estalo. Um minuto depois, já estaria consultando-o outra vez.

— Nesse caso iremos até ele — disse Torrance. — Estou a fim de uma caçada. E você, Will?

— Ele virá — falei. — Terá que vir.

— Não gosto disso. Já disse antes; digo outra vez. Não gosto de nada disso. Ack! Vai contra tudo em que acredito — ou que disse acreditar — ou acreditei que acreditava. Não é o modo de um cavalheiro cristão se comportar!

— Se o senhor diz, *Meister* Abram — retrucou Torrance secamente. — Não

posso dizer que conheci muitos deles, e os que conheci não agiam de forma muito cristã.

Ele sacou seu revólver Colt, e Von Helrung exclamou:

— O que está fazendo? Guarde isso!

— É só a Sylvia — disse Torrance lentamente, como se estivesse falando com um imbecil. — Tudo bem, eu vou guardá-la.

— Eu jamais devia ter confiado nele — gemeu Von Helrung. — Sou um tolo, o pior tipo de tolo. Um tolo velho.

— Como assim? Ele veio com referências excelentes e cartas de recomendação, e afirmou descender de uma das famílias mais antigas de Long Island. Por que o senhor não confiaria nele?

— Porque sou um monstrologista! — respondeu Von Helrung, batendo no peito. — Um velho monstrologista. E um monstrologista não atinge a minha idade sem certa dose saudável de ceticismo. Não se deve confiar nos olhos e ouvidos! Passei toda a minha carreira retirando as máscaras da natureza; devia ter percebido o truque. Mas por acaso percebi? Não! Precisei que uma criança me mostrasse o caminho.

— Não se atormente por isso, *Meister* Abram. Ele enganou Warthrop também, e Warthrop não é nenhum tolo. — Seus dedos tamborilaram no braço da poltrona a cadência de um cavalo galopante.

À menção do nome do doutor, Von Helrung desabou sobre sua poltrona com um grito alto.

— Pellinore! Pellinore, me perdoa! Teu sangue está nas minhas mãos!

— Não sabemos se ele está morto — interrompi. — Arkwright pode estar mentindo sobre isso também.

— Só há um motivo para ele ter dito isso: porque é verdade!

— O senhor mesmo disse, dr. Von Helrung — retruquei. — A esperança não é menos realista que o desespero, Acho que ele está vivo.

— Você quer que ele esteja.

— Bem, ele *pode* estar — sugeriu Torrance. — Estou com Will. Não quero pensar num mundo sem Pellinore Warthrop. Seria um lugar bem menos interessante.

Ele se ergueu, o que pareceu demorar um longo tempo (tinha quase dois metros de altura) e abriu seus poderosos braços para alongar-se.

— Bem, vou procurar algo para comer. Suponho que o senhor já tenha mandado François para casa, não?

— *Ja*, e os outros. — E então adicionou com amargura: — Não iríamos querer testemunhas, não é?

— A propósito, acho que ficarei fora de vista até vocês estarem prontos

para mim. Não queremos que aquele rato me fareje. É uma pena. François, quero dizer. Os crepes desse homem são os melhores que já comi.

— Will, me perdoe — disse Von Helrung depois que Torrance saiu. — Se eu tivesse escutado você...

Ele foi interrompido pela campainha. Fechou os olhos e inspirou fundo para acalmar os nervos.

— Nossa presa chegou — avisou ele. — Agora aparafusamos nossa coragem até o ponto máximo, mestre Henry. Como está minha expressão? Temo que a mosca perceba a aranha que sou!

Ele se olhou no espelho perto da porta de entrada, arrumou o colete e passou ambas as mãos sobre seus tufo de cabelo branco. Pelo canto do olho, me pegou entrando no vestíbulo.

— O que você está fazendo? — exclamou em voz baixa. — Não, não, de volta à sala de estar — gesticulou furiosamente na direção da sala. — Deite no divã! Você tem de estar prostrado de luto! Você perdeu seu mestre; perdeu tudo. Consegue chorar lágrimas de verdade? Esfregue seus olhos, bastante, até ficarem vermelhos.

A campainha tocou uma segunda vez. Eu me apressei até a sala, me joguei no divã e pratiquei um choro lastimoso, baixinho, mas não baixo o bastante, porque Von Helrung, um momento antes de abrir a porta, exclamou em voz rouca:

— O que é isso? O *que é isso*? Lágrimas *suaves*, de lamento. Você parece um porco no matadouro!

E então:

— Thomas! Graças a Deus chegou a salvo. Estava preocupado.

— Dr. Von Helrung — *Meister* Abram — o fato de eu ter chegado não é nada menos que um milagre.

— Mas você está com uma cara terrível, parece exausto. Venha, eu pego suas malas; meus criados já foram. Vamos até a sala, onde você poderá descansar de sua longa e sem dúvida perigosíssima viagem.

Eles entraram no quarto. Arkwright se assustou quando me viu e se voltou para o seu anfitrião.

— O menino não, eu lhe imploro, senhor...

Ele estava carregando uma mala de couro usada. Reconhecia imediatamente, e um punhal perfurou meu coração. Era a mala de instrumentos do doutor, herança do seu pai, que a recebera do pai dele. Warthrop jamais haveria se separado dela voluntariamente.

— Prefiro que Will permaneça — disse Von Helrung rigidamente, enrijecendo a mandíbula. Parecia prestes a se virar e lançar-se sobre Arkwright;

ele não era um ator muito bom. — Peço sua licença, Thomas. O garoto passou por coisas demais ao lado do nosso pobre amigo; achei que ele deveria ouvir de primeira mão sobre o seu destino.

Arkwright acenou distraidamente, caiu na poltrona deixada vaga por Jacob Torrance, abraçando a maleta do doutor em seu colo como uma criança agarra um brinquedo favorito, e imediatamente esqueceu-se da minha presença. Seu único foco era Von Helrung, o “alvo” do seu jogo de confiança.

Von Helrung tirou um charuto novo da caixa e cortou a ponta. Acendeu um fósforo depois de passar a extremidade cortada na língua; a chama afastou todas as rugas de seu rosto. Por um instante, ficou dez anos mais jovem.

— Comece pelo começo, e me conte tudo — pediu, a fumaça azulada envolvendo sua cabeça. — Warthrop está morto?

— Isso não é o começo — Arkwright retrucou. — É o fim. Um fim terrível. Depois de meses na companhia dele, estou certo de que era mesmo o grande homem que achei que era antes de nos conhecermos. Dez vezes mais! A perda à ciência... e a mim pessoalmente... e ao senhor, claro... a toda a humanidade! Incalculável, dr. Von Helrung. Um homem como Pellinore Warthrop aparece raramente, talvez uma vez a cada cem anos, e perdê-lo agora, na flor da idade, no auge de seus poderes consideráveis... É quase impossível de compreender.

— Infelizmente, meu querido Thomas — comiserou-se Von Helrung —, esse é o destino de muitos grandes homens, mas particularmente na monstrologia! Pelo menos me diga se o grande Deus lhe concedeu, como a Seu profeta Moisés, uma visão da terra prometida antes de sua morte. Ele — e você também — chegou a ver o Jamais Visto? Ele chegou, antes de encontrar seu fim, a fixar o Sem Rosto? Se não, tudo isso foi para nada!

Arkwright balançou lentamente a cabeça.

— Ele foi capturado, Von Helrung. Arrancado do nosso acampamento no meio da noite, como se a mão de Deus tivesse descido e o agarrado, e então... — ele fez um som engasgado, como se estivesse prestes a vomitar. — E então a chuva! A chuva! — seu corpo se dobrou na poltrona, comprimindo a maleta contra a barriga, e eu ouvi o leve tinido dos instrumentos lá dentro. — Uma chuva de *sangue*... uma chuva vermelha de... de... — sua voz diminuiu até um sussurro angustiado. — *Dele*.

— O quê? — Von Helrung pareceu genuinamente horrorizado. — Você está me dizendo que o corpo dele foi dilacerado?

Arkwright abriu a boca, mas nenhum som saiu. Ele assentiu, desamparado. Von Helrung soltou um suspiro alto e olhou para mim.

— Então, com o dr. Pellinore Warthrop, são sete — falou suavemente. — Não, oito agora, pois essas notícias arrancaram o coração deste pobre velho. Ele

era como um filho para mim, Thomas, com o qual eu trocaria de lugar com todo o prazer. Ah, terrível, terrível — ele enxugou a testa com a palma da mão, e ninguém falou nada por alguns minutos. Então Von Helrung olhou para Arkwright, e seu olhar era severo. — Mas você escapou. Como é possível?

— A resposta é a mais simples, senhor. Eu corri.

— E você não a viu? A coisa que o levou?

— Era a vez dele de vigiar — respondeu Arkwright em tom defensivo. — Eu estava dormindo. Acordei com a lona da barraca se batendo, levada por uma rajada de vento que veio direto para baixo, vinda da própria abóbada celestial com força suficiente para quebrar a estaca central, e então ouvi um urro sobrenatural, como o som do trovão ou a explosão de mil quilos de dinamite, seguida por um berro alto o bastante para separar a cabeça de um homem do corpo. Peguei meu rifle e saí pela abertura... e vi as pernas dele voando direto para cima como se estivesse sendo *puxado* para o céu, e, lá em cima... uma sombra grande o bastante para bloquear as estrelas, tão grande como uma casa, e Warthrop ascendendo como um dos salvos no Dia do Juízo... Foi isso que vi, *Meister Abram*. E ficarei satisfeito se passar a vida inteira sem nunca mais vir algo assim!

— Satisfeito? — perguntou Von Helrung, assistindo impassivelmente às lágrimas que caíam pelo rosto de Arkwright. — Suponho que qualquer um ficaria satisfeito, Thomas, mas não alguém que arriscou tudo para ver a coisa que o devorou!

— Aconteceu tudo muito rápido! Em um piscar de olhos, *Meister Abram*, em um piscar de olhos! Um momento depois... ele voltou... chovendo ao meu redor. Ergui meu rosto para o céu e estava encharcado com... *ele*. Com ele! E o senhor me julgaria por isso? O senhor não estava lá; não era a margem sobre a qual os restos de um ser humano estavam sendo lavados!

Ele dobrou o corpo outra vez, se movendo para a frente e para trás, agarrado à maleta do doutor, acariciando-a.

— Perdoe-me, Thomas — disse Von Helrung gentilmente. — Não julgo suas ações. Não é a mim que você terá de responder no final dos dias. Mas você está aqui e ele não. E, portanto, eu estou contente e em luto, aliviado e aflito. Como você também está, tenho certeza. Mas, enfim, você não terminou a história, e eu quero ouvi-la inteira, como vocês encontraram Jack Kearns e acharam o *nidus* do Jamais Visto e todo o resto. Mas, primeiro, um drinque para acalmar seus nervos, o que acha? Will Henry, faça um favor e pegue uma bebida para o sr. Arkwright. O que vai beber, Thomas?

— Um pouco de uísque seria bom, se o senhor tiver, com um pouco de gelo.

Fui ao armário de bebidas enquanto Von Helrung se colocou diretamente na frente de Arkwright, o qual ergueu a maleta com as duas mãos, segurando-a na direção de Von Helrung como um sacerdote fazendo uma oferenda ao seu deus.

— Voltei assim que o sol nasceu, e encontrei isso. Achei que o senhor pudesse querer. É tudo o que sobrou dele.

— Tudo?

Arkwright engoliu seco e sussurrou:

— O resto eu pude lavar nas águas da maré.

A bebida dele estava pronta. Von Helrung pegou-a das minhas mãos e a passou para Arkwright, que esvaziou o copo em um único, trêmulo gole.

— Ahhh.

— Gostaria de outro? — perguntou Von Helrung.

— Não posso negar que ajuda um pouco.

— Então, terá outro. Você merece, Thomas. Merece tudo o que puder beber, até a última gota.

Quando Thomas Arkwright acordou, uma hora depois, ele não estava mais na confortável sala de estar de Abram Von Helrung na Quinta Avenida. Onde ele estava não era nem confortável nem na Quinta Avenida.

Eu me pergunto o que ele percebeu primeiro. Foi o estranho cheiro de ar úmido misturado com substâncias químicas e um leve odor de apodrecimento? Ou foi o modo como o mundo tinha ficado cinza — paredes cinza, teto cinza, chão cinza — e coberto pelo resíduo pegajoso da fumaça das lamparinas a óleo? Ou percebeu a poeira ainda não capturada pelas paredes, flutuando preguiçosamente na atmosfera da pequena câmara? Suspeito, porém, que o que ele percebeu primeiro foram as cordas.

— Bem, o bebê acordou de sua soneca — murmurou Jacob Torrance.

Arkwright pulou na cadeira e, como suas mãos e pés estavam presos firmemente a ela, quase caiu. Apertou os olhos à luz fraca da única lamparina de querosene, na mesa atrás de Torrance, o qual estava em pé à sua frente, uma sombra gigante de dois metros de altura, com rosto escondido e uma voz como a do anjo vingador de Deus vindo executar a justiça sobre os malvados.

E em mim a coisa se desenrolando, uma emoção súbita e forte quando vi o medo nos olhos de Thomas Arkwright.

— Quem é você? — perguntou Arkwright numa voz surpreendentemente firme. O som pode enganar nas criptas subterrâneas do Monstrumarium. Ele se desvia das paredes, salta pelas passagens tortuosas, vai para a frente e para trás, do teto ao chão, de uma parede a outra, e então volta. Teria eu ouvido os traços sutilíssimos de um sotaque muito distante das margens de Long Island?

— Eu sou o homem que vai matá-lo — respondeu Torrance tranquilamente.

— A não ser que Will queira a honra.

— Will! — ele olhou através da escuridão até seus olhos caírem sobre mim. Forcei-me a não desviar o olhar. — Onde está Von Helrung?

— Eu o matei — respondeu Torrance. — Não, não matei. Matei? O que você acha?

— Onde estou? Por que estou amarrado a esta cadeira? — a droga ainda fluía em suas veias. Ele estava lutando contra ela, tentando fazer sua língua formar as palavras.

— Como assim, não reconhece o cheiro? Achei que tivesse estado aqui antes. E você sabe por que está amarrado a essa cadeira. Então estamos empatados: duas perguntas para as quais você não tem resposta e duas para as quais tem. Você só tem direito a cinco, então sugiro que pergunte uma da primeira categoria.

— A última eu não sei... eu não sei a resposta. O que... o que aconteceu? Eu não entendo... Will, você pode me dizer o que aconteceu?

— Você está perguntando para ele porque não gostou das minhas respostas. Não é culpa minha.

— Está bem! Pergunto a você: por que quer me matar?

— Não disse que quero. Disse que vou. Não sou um monstro, sabe; só os estudo — tirou o paletó e passou-o para mim. Sacou seu revólver Colt.

— Essa é a minha arma. O nome dela é Sylvia. É uma longa história.

Ele abriu o cilindro e segurou-a a trinta centímetros do nariz aristocrático de Arkwright.

— Está descarregada, está vendo?

Colocou a mão no bolso do colete e retirou uma única bala.

— Uma bala — disse ele, mostrando-a.

Torrance a inseriu no tambor e fechou o cilindro. Então, sem preâmbulos, aproximou-se de Arkwright e pressionou a boca do cano contra sua delicada testa.

Nosso prisioneiro não recuou. Seus olhos cinzentos olharam sem piscar para o rosto de Torrance.

— Pode puxar o gatilho. Você não me assusta.

— Não quero assustá-lo — respondeu Torrance. Ele deixou a arma cair no colo do homem amarrado. — Quero contar uma história. É uma das minhas histórias preferidas, escrita por um ótimo amigo meu que por acaso é o campeão dos campeonatos de quem come mais cachorro-quente em menos tempo. Ele comeu dois cachorros-quentes e meio, mais os pães, em sessenta segundos. É difícil ganhar a vida comendo cachorros-quentes, então ele se tornou escritor — o que paga um pouco melhor, embora não se ganhe nem metade da glória que se

tem comendo duas salsichas e meia em um minuto, mais os pães. Os pães são a parte impressionante. A história é bem conhecida; você já deve tê-la ouvido.

— Era uma vez um rei muito mau — continuou. — Ele tinha uma linda filha, que ele, apesar de ser muito mau, amava bastante. Bem, um dia a linda filha o desobedece e se apaixona por um camarada bem abaixo da sua posição — um plebeu, em outras palavras. Isso deixou o rei muito, muito bravo, o que é uma situação bem ruim se você é o namorado dessa princesa. O rei jogou o pobre infeliz na masmorra mais profunda, úmida e escura que havia, não muito diferente de onde estamos. Ele ia simplesmente matá-lo, mas o rei mau era um sentimental quando se tratava da sua filha, que estava com o coração tão partido quanto Julieta pelo terrível destino do seu amado — isto é, ter nascido do útero errado. Então o rei mau não o mata, mas, nossa, em que enrascada o coloca! Ele o atira em uma grande arena fechada, um coliseu do ripo que os romanos tinham, e nessa arena existem duas portas idênticas. Atrás de uma delas está uma mulher muito atraente — não uma beldade como a princesa, mas vários níveis acima de bonitinha. Atrás da outra porta está um feroz tigre comedor de homens. O prisioneiro precisa escolher uma porta. Sem coerção; a escolha é inteiramente dele. Se abrir a porta que esconde a mulher, deverá casar-se com ela — o tipo de casamento até-que-a-morte-nos-separe, senão o rei mau irá matá-lo. Se abrir a porta com o tigre... bem, você pode imaginar o resultado.

— Ora, você talvez esteja pensando: “Bem, eu sei qual eu escolheria! “. Mas espere. Quando ele está prestes a escolher, olha para cima e vê a princesa. Ah, o amor verdadeiro triunfará! O bem irá superar a maldade imoderada! Pois ela sabe o que está atrás de cada porta. E então, quando ele olha para ela, ela aponta para a direita, querendo dizer: “Escolha a porta à direita; confie em mim! “. .

— Bem, o amado dela pode ser um plebeu e não ter as vantagens de uma educação real, mas ele não é um imbecil. Começa a pensar. Começa a imaginar como sua querida iria se sentir se tivesse que assistir ao seu verdadeiro amor passar o resto da vida nos braços de outra mulher, mesmo que um pouco menos bonita que ela. Aquele dedo apontado quis dizer, portanto, “o jantar está na mesa”? Ah, não é possível. “A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. “ Querer que ele seja dilacerado e comido na frente do rei e da corte e na frente dela? Impossível! Então atrás da porta à direita deve ser a mulher.

— Mas espere! Eu mencionei quem é a mulher? Ela é bem conhecida da filha do rei, uma mulher que ela detesta, odeia com toda a sua alma, então se é ela atrás da porta à direita, a princesa será forçada a assistir, *pelo resto da vida*, a essa criatura odiosa ter o que ela, a princesa, não pode. E seu pobre apaixonado sabe disso.

— “Mesmo assim, não posso crer que ela poderia simplesmente se sentar e assistir enquanto eu sou devorado”, pensa nosso pobre amante. “Então ela apontou para a porta que irá destruir seu coração, mas salvar a minha vida. “ Ele começa a girar a maçaneta da porta à direita.

— “Mas espere! “, pensa. “E se ela estiver achando que eu não confio nela? Nesse caso apontaria para o tigre, pensando que eu escolheria a *outra* porta e, assim, sobreviveria. Devo escolher a porta à esquerda! “

— Então ele se vira para a porta à esquerda. Porém, está prestes a abri-la, pensa: “Mas espere! Eu confio sim nela. Seu coração não poderia suportar a visão do meu cadáver destroçado sendo arrastado pela arena por um animal selvagem, vísceras deslizando na serragem, sangue em todo lugar, uma nojeira. A mulher deve estar por trás da porta à direita! A não ser que... A não ser que eu não deva confiar nela. O amor pode ser paciente por muito tempo, mas uma vida é um longo tempo, *longo demais*. O tigre está atrás da porta à direita! Devo abrir a da esquerda! “

— Duas portas. Atrás de uma, a mulher. Atrás da outra, o tigre. Qual ele deve escolher?

Torrance ficou em silêncio. Arkwright, talvez convencido, a essa altura, de que estava na presença de um louco, inicialmente não disse nada. Então, incapaz de suportar a tensão por mais tempo, deixou escapar:

— Então, qual foi? Qual porta ele escolheu?

— Não sei! O desgraçado parou a história por aí. Ele consegue devorar dois cachorros-quentes e meio em um minuto, mas não consegue terminar uma maldita história. Enfim, essa é a pergunta errada. A pergunta certa é: qual *você* vai escolher, a mulher ou o tigre?

Torrance acenou para mim. Eu fui para o corredor e voltei com um carrinho; as rodas não tinham sido lubrificadas desde sua montagem, provavelmente; elas rangiam e guinchavam enquanto eu o empurrava para dentro da pequena câmara. Os olhos de Arkwright se voltaram para o carrinho e a grande jarra colocada em cima dele — e então fitaram ao longe. Seus ombros subiram e relaxaram; sua perna direita teve um espasmo.

— Você sabe o que é isso — disse Torrance com um movimento do dedo na direção da coisa suspensa dentro da solução de conserva cor de âmbar. Arkwright não respondeu. Seu rosto brilhava de suor. Um nervo abaixo do seu olho direito dançou. — Agora, onde estão as minhas luvas? — perguntou. — Ah, estão aqui na mesa. Você também, Will. Ponha as suas — e pegou o bisturi do carrinho e cortou o anel de cera ao redor da tampa. — Segure isso por um momento, Will — pediu, me dando o bisturi. Ele abriu a tampa. O som foi muito alto no espaço confinado.

— Está bem! — exclamou Arkwright. — Está bem! Isso está se tornando muito cansativo. Exijo falar com o dr. Von Helrung imediatamente!

Torrance pôs a tampa de lado e então enfiou a mão dentro da jarra para pegar o *nidus*, fazendo uma careta, não de medo, penso, mas por seus antebraços serem tão grossos que o espaço ficava apertado. Cuidadosamente abaixou o ninho de restos humanos entrelaçados ao lado da jarra, onde brilhou tremeluzente sob a luz da lamparina.

— Espátula, Will — murmurou Torrance. Eu lhe dei a ferramenta plana, que ele usou para raspar um pedaço do tamanho de uma moeda do material de conexão, o escarro pegajoso do *Typhoeus magnificum*.

— O que é isso? — berrou Arkwright. — O que você está fazendo aí?

— Você sabe o que estou fazendo.

— Você não percebe, senhor, mas cometeu um erro gravíssimo! Gravíssimo!

— Eu? *Eu* cometi um erro gravíssimo? — Torrance ergueu a espátula.

— Você acha que isso me assusta? — Arkwright riu com desdém. — Você não vai fazer isso. Não *pode* fazer isso.

— Não posso fazer isso? — Torrance parecia genuinamente confuso.

— Não, não pode; porque eu não tenho que contar nada para você. Não contarei, a menos que me liberte! Rá! E agora, qual *você* vai escolher? Se fizer isso comigo, nunca vai saber.

— Saber o quê? Não me lembro de ter perguntado alguma coisa.

Arkwright tentou rir. Saiu um soluço engasgado. Suas mãos estavam amarradas nas pernas traseiras da cadeira e tremiam, então a cadeira também tremia. O próprio ar ao redor de Thomas Arkwright tremia; as partículas de poeira vibravam solidárias ao seu terror.

Torrance continuou:

— A taxa de absorção varia dependendo do local de exposição. Exposição à derme posterior, por exemplo, resulta num desenvolvimento mais prolongado dos sintomas do que, digamos, exposição à boca, aos olhos ou ao nariz — qualquer cavidade, na verdade, como o canal auditivo ou o ânus.

Ele estava falando num tom monótono e objetivo, parecido com o que eu ouvira o doutor usar quando se dirigia a uma classe invisível de estudantes.

— Você é louco — disse Arkwright simplesmente.

— Não — respondeu Torrance. — Sou um *monstrologista*. É uma distinção sutil.

Então ele continuou sua apresentação:

— E os sintomas... bem, provavelmente não preciso entrar em *todos* os detalhes. Se está curioso, suponho que

Will possa descrever para você o que se pode esperar das próximas horas. Ele viu a coisa de perto.

Eu assenti. Sentia-me fraco. O sangue rugia nos meus ouvidos. E, no meu coração, a coisa enovelada se desenovelando.

— Will... — repetiu Arkwright. — Will, Will, não pode fazer isso. Não o deixe fazer isso, Will! Corra e encontre Von Helrung! Depressa, Will! Corra!

— Eu não apelaria ao sr. Henry se fosse você — disse Torrance. — A verdade é que isso tudo foi ideia dele.

Arkwright me encarou, estupefato. Eu retornei seu olhar francamente; não desviei os olhos.

— Foi ele quem percebeu o maldito mentiroso que você é. Então, eu não ficaria gritando ordens para o sr. Will Henry, não senhor!

Ele deu um passo na direção do homem sentado, e aquele único passo fez Arkwright tremer violentamente. Os pés da cadeira raspavam contra o chão de concreto. A arma caiu do seu colo.

— Meu Deus, não sei o que querem de mim! — gritou ele, a bravata começando a fraquejar.

— Ouviu, Will? — perguntou Torrance. — Parece um sotaque de Long Island pra você? Pra mim não. Parece quase inglês.

— Sou um cidadão britânico, súdito da Coroa de Sua Majestade a rainha Vitória, e farei com que seja enforcado, senhor!

— Duvido muito — retrucou Torrance com toda a calma. Ele contornou a cadeira para ficar diretamente atrás de Arkwright, movendo-se com surpreendente agilidade para um homem do seu tamanho. Não hesitou; não esperou seu prisioneiro virar a cabeça; estendeu uma mão e tampou o nariz de Arkwright.

A reação foi imediata. Arkwright sacudiu e se contorceu, jogou o corpo impotentemente contra as cordas, virou a cabeça de um lado a outro numa tentativa vã de escapar do aperto de ferro de Torrance. Pelo canto do olho, antes que fosse coberto pela grande palma da mão do seu captor, ele deve ter visto a espátula brilhante na outra mão de Torrance. Seus lábios estavam apertados com força, mas ele e Torrance sabiam que isso não podia durar muito. Ele poderia segurar a respiração até desmaiar, mas o que isso ia adiantar? Só facilitaria o trabalho de Torrance.

Ele não tinha escolha. A mulher ou o tigre? Não era uma analogia muito boa.

Ele abriu a boca e ofegou:

— Meu nome não é Arkwright — de nariz fechado completamente, sua voz se parecia com a de alguém com uma gripe forte.

— Seu nome não me interessa.

— Você vai ser enforcado por isso! — gritou ele. — Você e Von Helrung e o seu bastardinho assassino!

— Will não é o meu bastardinho assassino. É o bastardinho assassino de Pellinore Warthrop.

— Warthrop? É isso? Você quer saber o que aconteceu com Warthrop? Warthrop está morto. Morreu em Masirah, na maldita ilha de Masirah, no mar da Arábia, exatamente como contei a Von Helrung!

Torrance me olhou do outro lado da sala. Balancei a cabeça.

— Não acreditamos em você — disse ele a Arkwright. — Will, me dê uma ajuda. Ele fica se debatendo, eu vou acabar derrubando a espátula desse jeito.

Peguei o implemento da mão dele e olhei Torrance enlaçar com seu enorme antebraço o pescoço de Arkwright.

— Agora você conseguiu — sussurrou Torrance. — Veja bem, eu talvez hesitasse. Estou naquela idade em que a ideia de ser enforcado me faz pensar duas vezes, mas ele é só uma criança, e as crianças acham que vão viver para sempre. Ele acha que talvez você tenha matado Warthrop, sabe, e acho que ele pode estar certo.

— Não matei Warthrop!

— Bem, ele com certeza não morreu do jeito que você descreveu. Minha aposta é Kearns. Kearns o matou.

— Ninguém o matou, ninguém. Juro para você, ninguém! — seus olhos pousaram em mim; era eu quem tinha o poder da sua morte e, portanto, da sua vida em minhas mãos.

— Ele está vivo — arfou. — Pronto. Está vivo! Está feliz agora?

— Primeiro está morto; agora está vivo — disse Torrance. — Daqui a pouco você vai dizer que ele entrou para o circo.

Ele soltou Arkwright e estalou os dedos em mim. Queria o *pwdre ser*.

Arkwright exclamou:

— Estou falando a verdade! E digo mais. O bastardo não estaria vivo se não fosse por mim! Aí está a ironia! Warthrop deve a vida a mim, e você vai tomar a minha para pagar a dívida!

— Deve a vida a você — repetiu Torrance.

— Sim, a vida. Eles queriam matá-lo. Queriam matar a nós dois. Mas eu os impedi. Eu os impedi...

— “Eles” — disse Torrance.

— Não, não, por favor. Não posso lhe contar isso.

— “Eles queriam matá-lo.”

— Eles vão me matar. Vão me caçar como um cachorro e vão...

— “Eles. “

— Escute! — berrou Arkwright. Seus olhos iam de um canto a outro: de mim para Torrance, de volta para mim, de volta para Torrance. Para quem deveria apelar? Para a criança que havia escrito essa peça, ou para o ator que a estava interpretando? — Se eu lhe contar, estou morto.

— Está morto se não contar.

A mulher ou o tigre. Talvez a analogia não fosse tão ruim assim.

Não pude me controlar mais.

— Onde está o dr. Warthrop? — perguntei.

Ele disse, e a resposta não significou nada para mim. Nunca ouvira falar do lugar, mas Torrance o conhecia. Encarou Arkwright por um longo momento, e então estourou numa gargalhada.

— Bem... tudo bem, então! Gostei. É... Bem, é insano. Mas faz algum sentido. Estou inclinado a uma confiança cética, Arkwright.

— Ótimo! E agora que sabe onde ele está, você vai me deixar ir, não vai?

Mas Torrance não tinha acabado seu raciocínio. Ele tinha chegado ao cerne da questão, as duas portas idênticas.

— “Eles”, você disse. “*Eles* queriam matá-lo. “ Havia Kearns, você e *eles*. Ou seria Kearns e você, e depois *eles*?

— Não tenho a menor ideia do que você está falando. Cristo, me ajude! — seus olhos viraram na minha direção. — Cristo, me ajude — sussurrou ele em desespero.

Achei que tinha entendido, e assumi o papel de intérprete de Torrance.

— De onde você conhece John Kearns?

— Não conheço John Kearns de lugar nenhum! Nunca o conheci, nunca o vi antes, nunca *ouvi falar* dele antes que esta maldita história começasse. Gostaria de nunca ter ouvido o nome dele!

— Já entendi! — gritou Torrance. — É Kearns, *daí* eles, *daí* você. Não você e Kearns, não você *com* Kearns. Você não está com Kearns, e você não está com eles. Você está com... — bateu o pé no chão, parecendo um garanhão impetuoso querendo sair do estábulo. — *Súdito* da *Coroa*... *Súdito* da *Coroa*! Entendi agora. Ótimo.

E então tudo ficou parado. Até a poeira pareceu interromper o seu balé inquieto. Arkwright na cadeira, Torrance atrás dele e eu contra a parede, e a lamparina e o *nidus* e a espátula e, brilhando na espátula, *pwdre ser*, a podridão das estrelas que fazia os homens apodrecerem, e, dentro de cada um de nós, *das Ungeheuer*, a coisa se desenrolando que sussurra *EU SOU* com força suficiente para partir o mundo em dois, a coisa em você, a coisa em mim, a coisa em Thomas e a coisa em Jacob, e as duas portas, duas para cada um de nós.

Jacob escolheu sua porta primeiro, desamarrando as cordas que prendiam as mãos de Thomas, e Thomas na cadeira tremeu como um homem que abre a porta de sua casa aquecida numa fria manhã. Jacob escolheu a sua porta e soltou as mãos de Thomas, e, depois de ter soltado as mãos dele e de Thomas ter sentido o vento revigorante em seu rosto, a rajada que significava que estava livre, Jacob puxou a cabeça de Thomas para trás, e Thomas berrou, e suas mãos subiram, mas foi tarde demais porque Jacob abrira a porta; a porta estava escancarada, e dentro da boca de Thomas entrou a espátula, até o fundo da garganta, e Thomas engasgou.

Torrance deu um passo para trás enquanto Arkwright ia para a frente, lutando desesperadamente para ficar de pé, mas suas pernas estavam presas na cadeira e ele caiu de cara no chão frio, e seus gritos eram os guinchos desumanos de um matadouro. Ele se arrastou pelo chão, as costas da cadeira empurrando seu peito para baixo e raspando para a frente e para trás enquanto suas pernas sacudiam e faziam força contra as cordas. Então ele parou, as costas arqueadas, e esvaziou o estômago.

O que aconteceu depois não pode ter durado mais de um minuto:

— Will! Will! — gritou Torrance.

Um tapa na minha cara, tão forte que eu cambaleei para trás.

— Saia. Daqui. AGORA.

Eu cambaleei ao rodear a figura arfante de Arkwright.

Soluços e maldições ficaram presos entre as paredes da câmara, ecos esbarrando contra ecos de resposta me açoitando, o som do mundo se partindo em dois.

O líquido cor de âmbar na jarra vazia, que entornou quando eu esbarrei no carrinho enquanto saía. Então, atrás de mim, o leve tinido da espátula caindo no chão, e então as rodas instáveis rangendo enquanto Torrance empurrava o carrinho na minha direção.

O *nidus* agora estava no corredor, e logo atrás dele estava Torrance, que bateu a porta atrás de si e fechou o ferrolho com força. Lançou seu enorme punho contra a porta trancada. Gritava com uma raiva incontrolável.

Não acho que o homem do outro lado o ouviu.

— Estúpido, estúpido, estúpido! — *Bang, bang, BANG!* — Seu bastardo asqueroso, seu estúpido, estúpido, *estúpido!* — *BANG!*

Eu deslizei pelo corredor. Pus as mãos nos ouvidos. Dura para sempre, a coisa que se desenrola; não tem começo nem fim, para cima ou para baixo; não é contida pelo universo; antes do universo, ela já existia; e quando o universo arder em chamas até virar um punhado de poeira, ainda estará lá, a coisa em mim e a coisa em você, *das Ungeheuer*, o abismo.

— Não era esse o plano! Não era para ter feito isso! — gritei para as costas de Torrance enquanto ele esmurrava a porta fechada. — Era só para fazer ele *pensar* que você ia fazer isso!

Ele se virou para mim. Vi seus olhos claramente à meia-luz da lamparina, no corredor obscuro, sem os brancos. *Occulus Dei*, pensei, os olhos de Deus.

— Cale a boca e ouça! — rugiu ele. — Cale essa sua boca e ouça...

Agora, da câmara, silêncio, e o homem lá dentro vê à sua frente duas portas, suas duas portas, e o homem se pergunta: *Qual vai ser, a mulher ou o tigre?* E estende a mão...

Jacob Torrance ficou imóvel quando o tiro soou. Seus olhos se voltaram para o teto baixo, e então ele os fechou.

— Foi a mulher, então — murmurou.

DEZENOVE

“Nada de bom pode vir disso”

Abram Von Helrung cruzou os braços atrás das costas e observou a rua através da janela. Embaixo dele, a grande cidade voltava à vida. Um grande cavalo de carga cinzento andava lentamente pela avenida de granito arrastando uma carreta cheia de produtos não perecíveis. Um homem num velocípede passou voando pela calçada. Duas meninas bonitas com fitas vermelhas no cabelo saltitaram de braços dados pela rua, erguendo os joelhos nus, sua risada aguda como o apito do coxo homem dos balões, distante e pequenino.

— Vá, pastor, pois o chamam da colina — disse ele em voz baixa. — Venha, pastor, e outra vez comece a busca!

Ele se virou da janela e disse:

— Eu tinha dez anos, e meu pai levou minha irmãzinha e eu do nosso pequeno vilarejo de Lech até Stubenbach, onde uma caravana de ciganos tinha chegado com seu espetáculo ambulante. Éramos só nós três; minha mãe se recusou a ir e avisou papai de que ele precisava nos vigiar com olhos de águia, porque todo mundo acreditava que os ciganos roubavam crianças. “Adoradores do diabo”, ela os chamava. Mas meu pai, embora só fosse um fazendeiro pobre, tinha o coração de um aventureiro, assim fomos. Havia dançarinos, acrobatas e videntes... e a comida! *Mein Gott*, você não imagina a comida! À tarde fomos abordados por dois homens, um muito velho e o outro bem mais jovem — seu filho, talvez —, que nos ofereceram uma espiada dentro da sua tenda por uma taxa módica. “Por quê?“, perguntou papai. “O que há na sua tenda?“ E o mais velho respondeu: “Entre e veja”. Então papai pagou e eu entrei. Sem meu pai ou minha irmã. O cigano mais jovem dissera a ele: “Não a leve. Ela deve ficar aqui”. E papai não ia arriscar que ela fosse raptada — nem enfrentar a ira da minha mãe por ter deixado isso acontecer. Entrei sozinho. Havia um grande caixote de madeira — me lembrou muito um caixão —, e dentro dele havia uma abominação. Fiquei paralisado de medo, congelei onde estava. Queria olhar para o lado, mas não conseguia. “O que é?“, perguntei ao velho. “É um monstro”, respondeu ele. “Morto pelo meu povo no Egito. Chama-se grifo. Este é só um bebê. Eles ficam muito grandes, tão grandes que bloqueiam o sol. Não é maravilhoso?“

Tinha o corpo de um leão, a cabeça de uma águia e uma cobra como rabo. Era falso, e não muito bem-feito. Eles tinham costurado as partes com um grosso barbante preto, mas só cheguei a essa conclusão muitos anos depois. Eu era uma criança. Vi a besta com olhos de criança, olhos que não conseguiam se desviar. Que tipo de coisa era aquela e como poderia *existir*? Como uma coisa assim podia existir? Lembro de ter sentido uma pressão no peito, como se uma grande mão estivesse apertando meu coração. Eu queria correr; eu queria ficar. Eu queria me virar; eu queria olhar mais de perto... Aquilo me segurou e, de um modo estranho que eu ainda não entendo, eu o segurei. Ainda seguro. E ele ainda me segura.

Ele se voltou para a janela outra vez. O sol ergueu-se sobre os prédios no lado leste da rua, enchendo a avenida de uma luz dourada.

— Aquele dia foi o começo.

— Eu estava com quinze anos, e meu primeiro monstro tinha o mesmo nome que eu — disse Jacob Torrance. — Ele voltou para casa depois de uma noite com sua amante e uma garrafa de vinho barato e começou a bater na minha mãe com uma marreta de carpinteiro. Então eu peguei a coisa mais próxima — que por acaso era o mosquete Springfield dele — e abri um buraco do tamanho de um nabo atrás da sua cabeça. Caço monstros desde então.

Von Helrung franziu as sobrancelhas.

— Thomas Arkwright não era nenhum monstro até que você o transformasse em um.

— Thomas Arkwright era um agente do serviço de inteligência britânico.

— Como você sabe disso? Arkwright lhe disse? Não! Você *supôs*! Você imaginou!

— Além de Kearns, há pelo menos dois grupos de jogadores nessa mesa de pôquer, *Meister* Abram. Três, contando conosco. Há o grupo que Arkwright temia que o matasse se ele revelasse seu jogo, e o grupo que ia *nos* enforcar se tocássemos em um fio de cabelo da sua cabeça. Não sei quem é o primeiro grupo, mas aposto que o segundo é o governo de Sua Majestade. Faz sentido para mim. Se eu fosse Kearns e soubesse onde encontrar o *magnificum*, poderia exigir um preço alto pela informação. Um *nidus* traria um bom preço, claro, mas compare isso com o preço da mamãe, cuja única gota de saliva transforma o cérebro de homens adultos em geleia. Ele teria motivos para esperar o resgate de um rei — ou de uma rainha!

— Por que os ingleses mandariam um espião infiltrar nossas fileiras se Kearns tinha a chave para o *magnificum*? — perguntou Von Helrung.

— Estou chegando nesse ponto. Arkwright obviamente sabia que Warthrop estava com o *nidus*. Will descobriu isso sozinho. E o único modo como poderia

ter descoberto era por meio de Kearns. A não ser que esse primeiro grupo de pessoas, quem quer que elas sejam, lhe tenha contado — ou outro grupo que ainda não conhecemos, mas creio que não. Acho que Kearns contou para ele. Bem, não Kearns pessoalmente: o governo britânico, os caras que o enviaram. E eles o enviaram porque precisavam de Warthrop para algo.

— Precisavam dele... para quê? — Von Helrung parecia confuso.

— Não tenho certeza. Mas estou quase certo de que Jack Kearns tinha o *nidus*, mas não sabia de onde ele viera. É por isso que eles se infiltraram em nossas fileiras. Se soubessem de onde veio o *nidus*, não precisariam de um caçador de monstros. Iriam simplesmente direto ao monstro. Mas, se *não* sabem de onde vem, então temos a história do pé de feijão. E o que o nosso João faz se ele tem o ovo de ouro, mas não o ganso que o botou? Ele precisa de um caçador de gansos. E não qualquer um. Afinal, esse não é um ganso comum; é o ganso, o ganso de todos os gansos. Não qualquer caçador de gansos, mas o melhor caçador de gansos do mundo, *de toda a história do mundo*. Eles não se arriscariam a jogar limpo com ele. Não lhe contam *por que* querem caçar o ganso; o caçador tem na cabeça caçadora-de-gansos dele que, de alguma forma, princípios morais se aplicam à monstrologia.

Von Helrung pensou por um momento, depois bufou com desprezo.

— E Arkwright foi enviado para cá para caçar Warthrop, que está caçando o *magnificum*? É absurdo, Torrance. Depois que Pellinore descobrisse o esconderijo do *magnificum*, os britânicos não teriam por que pagar um centavo a Kearns.

— É aí que acho que entra o primeiro grupo de jogadores. Kearns procurou outra pessoa, outro governo — talvez os franceses, eles não morrem de amor pelos ingleses —, e está jogando um contra o outro.

— Como?

— Não sei. Talvez Warthrop saiba. Esse é o próximo passo. E sugiro que não desperdicemos tempo para dá-lo. Eles esperam Arkwright de volta em breve, e Arkwright não voltará... nem em breve nem em qualquer outra hora.

— Porque você o matou — falei. Estava furioso com ele. — Você não precisava ter feito aquilo.

— Acha mesmo? De qualquer forma, eu só o matei no sentido mais geral da palavra.

— Por que o matou, Jacob? — perguntou Von Helrung em voz baixa. — O que temia?

Torrance não disse nada a princípio; mexeu no seu anel de sinete. *Nil timendum est*.

— Bem, ele ameaçou me enforcar; mas não tem importância. Não é como o

senhor entrando na tenda do cigano, *Meister Abram*. No momento em que o amarramos, *Alea iacta est*, “a sorte estava lançada”. Se seguissemos o plano de Will, seríamos presos — ou pior — por sequestro e tortura de um oficial britânico, e Warthrop apodreceria onde eles o jogaram até ficar mais velho que o senhor.

— E se eles não o jogaram lá? — gritei. — E se Arkwright mentiu? Você não precisava tê-lo matado, e não devia ter matado! Agora talvez nunca encontremos o doutor!

Torrance olhou-me sem expressão por um longo tempo, depois encolheu os ombros. Encolheu os ombros! Eu me atirei na direção dele. Ia esmurrá-lo até a morte com minhas próprias mãos. Ia estrangulá-lo. Von Helrung salvou sua vida. Agarrou meu braço e me puxou para trás, trouxe minha cabeça para junto do seu peito e passou as mãos no meu cabelo.

— Então você se sente em paz com essa autodestruição? — perguntou Von Helrung a Torrance. — Que você convenientemente orquestrou?

— Todos deveriam ter uma escolha, no fim. E sim, acho que dormirei bem esta noite.

— Desta vez eu o invejo, Jacob, pois eu não dormirei.

Esperei Torrance se retirar para o quarto de hóspedes, para descansar dos esforços daquela noite, antes de abordar Von Helrung com o meu pedido. Chamo de pedido; mas foi mais uma exigência.

— Vou com vocês — avisei.

— É perigoso demais — retrucou ele, não sem gentileza.

— Não serei deixado para trás de novo. Se o senhor tentar, eu me escondo no porão do navio. E, se não puder fazer isso, vou nadando até lá. Fui eu quem revelou quem ele é. Conquistei o direito.

Ele pôs uma mão no meu ombro.

— Temo que seja mais um fardo do que um direito, *mein Freund* Will Henry.

Naquela tarde me despedi de Adolphus Ainesworth, que estava num mau humor extremo, até mesmo para os seus padrões.

— Não interessa o que estão dizendo! — rosnou ele para mim, seus dentes falsos batendo em fúria. — Alguém entrou na Sala Trancada! Eu sempre penduro meu anel com a chave de fora virada *para dentro*, e como você acha que a encontrei hoje de manhã?

— Virada para fora?

— Foi você que a pegou.

— Não, professor Ainesworth, não peguei — respondi com honestidade. Fora Torrance que entrara na Sala Trancada.

— Bem, o que eu podia esperar? Você é uma criança, e crianças são mentirosas inatas. Algumas crescem e deixam de ser; outras não! E como assim, você está indo embora?

— Parto para a Inglaterra amanhã com o dr. Von Helrung.

— Dr. Von Helrung! Por que o dr. Von Helrung está indo para a Inglaterra? E por que *você* está indo para a Inglaterra? — ele era um homem muito velho, mas seu intelecto não definhara com a juventude. Só precisou de um momento para juntar as peças do quebra-cabeça. — O *magnificum*! Vocês o encontraram.

— Não, mas encontramos o dr. Warthrop.

— Encontraram o dr. Warthrop!

— Sim, professor Ainesworth. Encontramos o dr. Warthrop.

— Ele não morreu?

Balancei a cabeça.

— Não.

— Por que está sorrindo desse jeito? — ele arreganhou os dentes de seu filho morto para imitar meu sorriso. — Bem, fico triste de perder o feliz encontro. A sorte dele é sorte minha, eu diria.

— Senhor?

Ele se curvou sobre a mesa para gritar na minha cara:

— Disse que a sorte dele é minha sorte! Você não sabe que o surdo aqui *sou eu*? Bem. Adeus!

Ele se curvou sobre alguns papéis na mesa e me enxotou para fora da sala com sua mão encarquilhada.

Eu hesitei na porta. Ocorreu-me que eu poderia nunca mais vê-lo.

— Gostei bastante de trabalhar para o senhor, professor Ainesworth — falei.

Ele não olhou para cima.

— Continue em movimento, William James Henry. Sempre continue em movimento, como a pedra proverbial, senão terminará um velho mofado como Adolphus Ainesworth!

Virei-me para sair da sala. Ele me chamou de volta.

— Você é um escravo — disse. — Ou deve achar que é, para não pedir seu pagamento. Aqui — acrescentou asperamente, empurrando duas notas de dólar amassadas pela mesa.

— Professor Ainesworth...

— Pegue! Não seja um tolo em relação a dinheiro, Will Henry. Você pode ser tolo em relação a qualquer outra coisa — religião, política, amor —, mas nunca em relação ao dinheiro. Essa pérola de sabedoria é o seu bônus por seus longos minutos de trabalho pesado!

- Obrigado, professor Ainesworth.
- Cale a boca. Saia. Espere. Para onde diabos você vai mesmo?
- Salvar o doutor.
- Salvá-lo de quê?
- Do que ele precisar ser salvo. Sou seu aprendiz.

Enquanto eu arrumava minhas coisas à noite, Lilly se aproximou com um pedido. Ah, está bem, admito: não foi um pedido.

- Vou com vocês.

Não escolhi a resposta que Von Helrung tinha me dado. Estava cansado e ansioso, meus nervos em frangalhos, e a última coisa que eu queria era uma briga.

- Sua mãe não vai deixar você ir.
- Ela diz que não vai deixar você ir.
- A diferença é que ela não é minha mãe.
- Ela já foi falar com meu tio, sabe. Nunca a vi tão brava. Achei que sua cabeça fosse explodir. Literalmente explodir e cair dos ombros. Estou muito curiosa para ver o que vai acontecer.

- Não acho que a cabeça dela vá explodir.

- Não, quero dizer o que acontecerá com você. Nunca a vi não conseguir o que quer.

Ela se jogou na minha cama e me assistiu a enfiar roupas na minha malinha. Seu olhar franco me incomodou. Sempre me incomodava.

- Como você o encontrou? — quis saber.
- Foi outro monstrologista que o encontrou.
- Como?
- Eu... eu não tenho certeza.

Ela riu, uma chuva de primavera sobre a terra seca.

- Não sei por que mente, William James Henry. Você é péssimo nisso.
- O doutor diz que mentir é a pior forma de palhaçada.
- Então você é o pior tipo de palhaço.

Eu ri. Fiquei surpreso. Não conseguia lembrar a última vez que tinha rido. Era muito bom rir. E era bom ver os olhos dela e sentir o cheiro de jasmim em seu cabelo. Tive o impulso de beijá-la. Nunca tinha experimentado esse desejo antes, e a sensação não era muito diversa da de estar de pé na beira de um abismo de um tipo completamente diverso. Não era o nó no meu peito se desenovelando; era o próprio ar, toda a atmosfera, expandindo-se a velocidades inimagináveis. Eu não sabia bem o que fazer a respeito — exceto, talvez, beijá-la, mas beijar Lilly Bates de verdade implicava... bem, beijá-la.

- Você vai sentir minha falta?

— Vou tentar.

Ela achou minha resposta incrivelmente engraçada. Caiu de costas e morreu de rir. Enrubesci, não sabendo se devia ficar lisonjeado ou ofendido.

— Ah! — ela exclamou, sentando e remexendo em sua bolsa. — Quase esqueci! Olhe, tenho algo para você.

Era uma foto dela. Achei que seu sorriso estava ligeiramente falso, mas gostei do cabelo. Tinha sido arrumado em caracóis, o que mais do que compensava o sorriso.

— E aí, o que acha? É para dar sorte, e para quando você se sentir sozinho. Você nunca me disse, mas acho que você fica sozinho boa parte do tempo.

Eu podia ter discutido; brigar era o nosso modo de discurso usual. Mas eu estava indo embora, e ela me dera a sua foto, e um momento antes eu pensara em beijá-la, então agradeci pelo presente e continuei a arrumar minha mala — isto é, rearrumar o que já estava lá. Às vezes, quando Lilly estava por perto, eu me sentia como um ator que não sabia o que fazer com as mãos.

— Escreva para mim — pediu ela.

— O quê?

— Uma carta, um cartão-postal, um telegrama... Escreva para mim enquanto estiver longe.

— Está bem — concordei.

— Mentiroso.

— Prometo, Lilly. Escreverei para você.

— Escreva um poema.

— Um poema?

— Tudo bem, não precisa ser um poema.

— Que bom.

— Por que isso é bom? Não quer me escrever um poema? — ela estava fazendo beicinho.

— É que nunca escrevi um poema antes. O doutor já. O doutor era poeta antes de se tornar monstrologista. Aposto que você não sabia disso.

— Aposto que você não sabia que eu sabia disso. Já li até alguns dos poemas dele.

— Agora você é a mentirosa. O doutor disse que os queimou todos.

Ser pega numa mentira não abalou Lillian Bates. Ela simplesmente continuou, sem remorso.

— Por que ele fez isso?

— Ele disse que não eram muito bons.

— Ah, que bobagem — ela estava rindo de novo. — Se fôssemos queimar cada mau poema já escrito, a fumaça iria bloquear a luz do sol por uma semana.

Ficou observando enquanto eu puxava meu chapéu da prateleira mais alta do armário. Observou enquanto eu o virava nas mãos. Observou meu rosto enquanto eu passava um dedo sobre a costura no lado interno: W. J. H.

— O que é? — perguntou.

— É meu chapéu.

— Estou vendo que é um chapéu! Parece muito pequeno pra você.

— Não — retruquei. Enfiei o chapéu na minha mala. Tinha sido o primeiro — não, o *único* — presente que ele havia me dado. Eu estava determinado a nunca perdê-lo. — Ele cabe.

Eu tive o sonho aquela noite — minha última noite em Nova York e a última noite que eu o teria.

A Sala Trancada. Adolphus chacoalhando suas chaves.

O doutor disse que você ia querer ver isso.

A caixa na mesa e a tampa que não queria abrir.

Não consigo abri-la.

A caixa treme. Acompanha o ritmo da batida do meu coração. O que há dentro dela?

Menino burro! Você sabe o que é. Você sempre soube o que está na caixa. Não é o que está dentro que ele queria que você visse: é a própria caixa!

Eu a pego. A caixa treme em minhas mãos. Bate junto com meu coração. Eu estava errado; ela não era do doutor. Pertencia a mim.

Não desci para o café da manhã pontualmente às seis na manhã seguinte. A sra. Bates foi me procurar; ouvi seus passos apressados na escada, e então a porta do quarto abriu de repente e ela estava lá, arfando. Percebi que segurava um envelope.

— William! Graças a Deus. Achei que já tinha ido.

— Não iria embora sem me despedir, sra. Bates. Não seria educado.

Seu rosto se iluminou.

— Não! Certamente não seria. E aqui está você, e sua mala com todas as suas coisas. Suponho que você não mudou de ideia?

Respondi que não. Um silêncio constrangedor caiu entre nós.

— Bem — falei finalmente, pigarreando —, preciso ir.

— Você precisa se despedir do sr. Bates — orientou ela. — E agradecer a ele por tudo.

— Sim, senhora.

— E, me perdoe, William, mas, francamente, você deve achar que eu enlouqueci se acha que vou deixá-lo sair dessa casa com o cabelo deste jeito.

Ela encontrou o pente ao lado da pia e passou pelo meu cabelo várias vezes. Não pareceu satisfeita com o resultado.

— Você tem um chapéu?

— Sim, senhora.

Busquei na mala o chapéu com minhas iniciais. Ouvi o que pareceu o lamento suave de um animal ferido e olhei para ela.

— William, preciso me desculpar — disse ela. — Não tenho um presente de despedida para você, mas, para minha defesa, quase não fiquei sabendo que você estava partindo. Recebi a notícia literalmente de última hora.

— A senhora não precisa me dar nada, sra. Bates.

— É... o costume, William.

Ela sentou na cama. Eu permaneci de pé ao lado da minha malinha, virando o chapéu em minhas mãos. Ela estava tamborilando sobre o envelope que tinha no colo.

— A não ser que você queira considerar isto um presente — disse, apontando para o envelope.

— O que é?

— É uma carta de admissão para a Academia Exeter, uma das escolas preparatórias mais prestigiosas do país, William. O sr. Bates é um *alumnus* e arranhou as coisas para você.

— Arranjou o quê?

— Sua admissão! Para o semestre de outono.

Balancei a cabeça; não estava entendendo. O chapéu virava; o envelope era tamborilado.

— Fique conosco — pediu ela. E então, como se corrigindo-se: — Fique comigo. Sei que é cedo para chamá-lo de filho, mas se ficar, prometo que o amarei como meu próprio filho. Irei protegê-lo, cuidar de você; não deixarei que nada de mau lhe aconteça.

Sentei ao seu lado. Meu chapéu nas minhas mãos, o envelope no colo dela, e o homem ausente entre nós.

— Meu lugar é com o doutor.

— Seu lugar! William, seu lugar é onde quer que o bom Deus decida. Já pensou nisso? Na vida existem os presentes bobos que damos uns aos outros e há os presentes de verdade, os presentes que ultrapassam qualquer valor temporal. Não foi por acaso que você chegou até mim. Foi a vontade de Deus. Acredito nisso. Acredito de todo coração.

— Se é a vontade de Deus — retruquei —, Ele não ia dar um jeito para que eu *não pudesse* ir embora?

— Está se esquecendo do maior presente Dele, William. Esse presente não aprisiona; ele liberta. Eu podia me recusar a deixá-lo ir. Podia contratar um advogado, falar com a polícia. Podia amarrá-lo como um peru e prendê-lo neste

quarto, mas não vou fazer isso. Não vou forçá-lo a ficar. Estou pedindo que fique. Se quiser, William, eu caio de joelhos e imploro.

A sra. Bates começou a chorar. Ela chorava como fazia todo o resto, com grande dignidade; havia certa imponência em suas lágrimas, uma grandeza que transcendia o mundano — operísticas, eu as chamaria, e uso a palavra no melhor sentido.

Olhei para o chapéu. Um presente *bobo*, ela tinha dito. Talvez bobo em comparação com o maior presente de todos. E que presente não seria? E talvez *eu* fosse bobo por sentir uma conexão com ele ou com o homem que dera o chapéu para mim. *Nada de bom pode vir disso, Will Henry*. Olhei para o lugar onde meu dedo deveria estar. Não era nada, a menor das perdas. Na cozinha aquecida, uma mulher prepara para seu filhinho uma torta de maçã. Um homem está caído no chão, abre os braços e se transforma num navio de mil velas.

E na arena existem duas portas idênticas...

Ela estendeu a mão e pousou-a sobre meu rosto. Ela sabia. Nunca tinha duvidado — naquele lugar onde a dúvida importa — qual seria a porta que eu escolheria.

VINTE

“Escolhi servir a luz”

Jacob Torrance preencheu a maior parte do tempo durante a travessia de seis dias com três coisas: bebedeiras, flertes e pôquer — nessa ordem, entremeando-as aqui e ali com uma discussão com o dr. Von Helrung para quebrar a monotonia. Suponho que ele dormisse um pouco também, mas não estava na mesma cabine que eu. Eu dormia na do velho monstrologista austríaco, que, logo descobri, despia a maior parte de sua dignidade ao colocar a camisola de dormir (ele tinha as pernas bem afastadas e era um tanto barrigudo) — embora isso seja verdadeiro para a maioria das pessoas.

Eu perdi um ou dois dos combates iniciais deles. Mal a *Lady Liberty* sumiu no horizonte, contrái um caso terrível de *mal de mer*, o mal dos marinheiros de primeira viagem, o que me obrigou a ser mais íntimo da latrina do que qualquer pessoa deveria ser. Von Helrung me colocou na cama, me deu algumas bolachas de água e sal e sugeriu, com a cara mais séria, que a melhor cura para o enjoo no mar era dançar.

— Não, são azeitonas — rebateu Torrance. — Ou raiz de gengibre. Você devia mastigar um pouco de gengibre, sr. Henry.

— Minha esposa sofria do mesmo mal que Will em todas as viagens — retrucou Von Helrung. — Bastava irmos dançar que ela melhorava.

— Então o senhor gostaria de levar Will para dançar?

— Faz mais sentido que ele dance do que mastigue uma raiz.

— Talvez ele devesse fazer as duas coisas — mastigar a raiz enquanto dança.

— Prefiro não dançar nem comer — falei com voz rouca. — Nunca mais.

No segundo dia eu estava me sentindo um pouco melhor — bem o suficiente para tentar caminhar um pouco, pelo menos, e deixei a cabine para explorar o navio. Depois de uma hora vagando pelos corredores labirínticos e pelos quilômetros de deques, topei com Von Helrung e Torrance no convés superior, sentados em cadeiras de balanço. Torrance, com seu inseparável copo de uísque ao lado, tinha o hábito irritante de alisar o bigode impecavelmente aparado gole após gole.

— ... nada consistente. Nada consistente mesmo, Jacob — dizia Von

Helrung a seu ex-aluno em tom de repreensão, quando me aproximei. Tão entretidos em seu debate estavam os dois que minha presença de início passou despercebida.

— Não estou dizendo que esteja lá, *Meister* Abram; apenas que deveríamos dar uma olhada.

— E eu volto a perguntar: por que Arkwright mentiria sobre tudo, menos sobre o mais importante?

— Ele não mentiu em relação a Warthrop — observou Torrance. — Bem, não da terceira vez, pelo menos.

Von Helrung recebeu a notícia por telegrama na manhã de nossa partida. Sua fonte relatara que o doutor de fato estava onde Arkwright disse que estaria — vivo e bem, ou tão bem quanto era de se esperar, se você fosse Pellinore Warthrop e acordasse um dia em um meio decididamente nada warthropiano. Von Helrung nem se aguentou de alegria; chegou até a fazer uma dancinha do porto quando leu a mensagem. Talvez tivesse achado estranha a minha reação meio apagada, mas eu nunca perdera as esperanças, no fundo. Pode me chamar de místico ou atribuir minha fé ao pensamento mágico das crianças. Ainda assim, independentemente do que se possa dizer de mística, fé ou pensamentos de crianças, eu acreditava que se o doutor realmente estivesse morto eu saberia; mais do que isso, eu sentiria. Embora o temor pela vida dele tivesse me mandado correndo sobre um rio de sangue e fogo para salvá-lo, quando li as palavras no vestíbulo de Von Helrung, “Warthrop morreu”, eu soube que era mentira — soube do modo como uma criança sabe coisas que só o próprio Deus poderia ter lhe contado.

— Mas por que ali, dentre todos os lugares possíveis? — perguntou-se Von Helrung depois de sua dancinha de celebração improvisada.

— É perfeito! — exclamou Torrance na ocasião. — Não posso pensar em um lugar mais perfeito. É perfeitamente à prova de fuga e perfeitamente poético. Foi ideia de Kearns, tenho certeza. Tenho de dar o braço a torcer para esse homem. O safado tem audácia.

— Não, isso deve ter sido parte do embuste. Não é Masirah — insistia agora Von Helrung. — Não pode ser. Masirah fica muito ao norte e perto demais do continente. Omã está apenas dezesseis quilômetros a oeste.

Torrance, entretanto, não iria desistir facilmente. Era difícil ter certeza com Jacob Torrance. Eu não sabia se ele realmente acreditava em tudo o que dizia ou se gostava de bancar o advogado do diabo só pelo deleite infantil da coisa.

— Mas poderia ser, *Meister* Abram: é pouco populosa, rodeada por correntes traiçoeiras, com litoral difícil e cheio de rochedos, terreno acidentado e inóspito... Poderia ser — e remexeu o gelo em seu copo. — A área no geral é

correta. Talvez nosso perseguido tenha expandido seu território ou migrado mais para o norte. Afinal, são quarenta anos desde a descoberta das Laquedivas. Masirah fica a que distância de Agatti? Uns mil e seiscentos quilômetros? Isso daria uma taxa média migratória de quarenta quilômetros por ano, bastante razoável, principalmente se a versão voadora do *magnificum* for a verdadeira.

— Não estou dizendo que é falso do ponto de vista monstrológico, Torrance — vociferou Von Helrung. — Se você estiver correto e de fato o governo britânico estiver envolvido, por que o agente deles revelaria a única coisa que gostariam de manter em segredo e esconderiam todo o resto? Não. Eles escolheram Masirah como local do Waterloo de Pellinore porque ela ao mesmo tempo pareceria um local plausível para nós e está localizada distante do verdadeiro lugar.

O rosto do velho se ensombreou e ele acrescentou:

— Obviamente toda essa questão seria irrelevante, caso você não tivesse perdido a cabeça no Monstrumarium.

— Eu não perguntei a Arkwright porque não precisava perguntar, *Meister* Abram — retrucou Torrance.

— Ah, já entendi! Você é adepto tanto de leitura mental quanto de tortura.

— O senhor está pegando no meu pé. Tudo bem. Não perguntei a Arkwright por causa de Warthrop. Eu não precisava que Arkwright me dissesse algo que posso saber pela boca do próprio envolvido.

— E o que o leva a acreditar que...

— Por que meter o cachorro de caça de volta no canil antes de enfiar a raposa no saco? Warthrop conseguiu seu propósito. Ele descobriu o local do *magnificum*. Agora, a questão que realmente interessa é...

Ele virou a cabeça; deve ter me visto com o rabo do olho.

— Ah, aqui está ele! — exclamou. — Como Lázaro renascido depois de três dias na sepultura. Com a diferença de que Lázaro veio com uma corzinha mais bonita. Fique onde está, sr. Henry, e siga direto para a amurada caso ache que vai começar a enjoar novamente. Acabei de engraxar estes sapatos. Bem, onde foi parar o garçom? Meu copo está vazio e meu gogó secou.

Ele pediu licença e saiu sem balançar o corpo nem sequer de leve. Quanto mais bebia, mais robusto ficava.

Von Helrung deu um tapinha no braço da cadeira de balanço que Torrance deixara vaga e eu me sentei. Por que as pessoas achavam agradável se sentar numa cadeira de balanço enquanto estão no convés ondulante de um navio transatlântico é algo para ficar, no mínimo, perplexo.

— Às vezes, o dr. Torrance parece ele falando — comentei.

— Warthrop?

— Kearns.

Von Helrung assentiu; sua expressão era de tristeza.

— Lamento dizer que concordo com você, *mein Freund* Will. Quando eu era mais jovem, sempre me perguntava se a monstrologia trazia à tona a escuridão no coração dos homens ou se ela atraía homens com corações cheios de escuridão. Hoje penso que não é a natureza da monstrologia, e sim a natureza do homem. A verdade nos incomoda, como muitas vezes é costume dela. Em cada coração, vive um Jack Kearns.

O que ele é, é o que o senhor é por dentro, dissera eu ao monstrologista.

Na nossa última noite a bordo, incapaz de dormir e sem conseguir suportar mais o ronco da barriga do meu companheiro de quarto (Von Helrung sempre reclamava de má digestão), saí da cabine e fui até a coberta de proa. O Atlântico Norte estava inquieto aquela noite; movidas por um vento sudoeste intenso, as ondas quebravam e roíam, irritadas, a proa. O convés subia e descia, subia e descia, na direção do céu coberto de nuvens, depois em direção às águas escuras e frias, como se nosso navio estivesse equilibrado sobre um fulcro, oscilando entre o paraíso e o inferno. Espiei duas gaivotas flutuando para dentro e para fora das luzes desvairadas, mas aquela era a única forma de vida visível — e a única luz — que pude ver. Não havia horizonte; o mundo estava negro de alto a baixo. Tive a sensação vertiginosa de ser minúsculo em um espaço imenso, como uma poeira flutuando em algum protouniverso antes do nascimento do Sol, antes de a luz empurrar para longe a escuridão.

O mundo é grande, meu querido Will, e nós, não importa o quanto queiramos fingir o contrário, somos pequenos demais,

No dia seguinte, meu exílio chegaria ao fim. Mas essa era a única coisa que chegaria ao fim. Se Torrance estivesse certo e Warthrop soubesse onde encontrar o *magnificum*, nosso resgate não seria o fim da linha.

Escolhi servir à luz, dissera-me ele certa vez. *Muito embora esse cativoiro com frequência repouse na escuridão*.

Agora era o momento do equilíbrio entre a luz e a escuridão, o momento entre o antes e o depois.

Eu estava deixando algo para trás. Algo que estivera ao alcance da minha mão. Eu só precisaria tê-la esticado para apanhá-lo. Em vez disso, assisti enquanto ele ardia na lareira do quarto na Riverside Drive, quando a mulher que havia cantado para me consolar no local escuro da liberação atirara um envelope nas chamas.

Eu estava me aproximando de alguma coisa. Achei que compreendia o que ela era. “Meu lugar é com o doutor”, dissera eu — uma declaração e, também, uma promessa. Achei que sabia o que esperar após o fim de nosso exílio, meu e

do doutor. Entendi (ou achava entender) qual o preço de servir ao monstrologista. Eu era relembrado desse preço todas as vezes em que lavava as minhas mãos.

Naquela noite na coberta de proa, embaixo do céu sem estrelas, no espaço entre o antes e o depois, olhei para longe e vi escuridão. Ele entraria naquela escuridão para servir à luz. E, aonde quer que ele fosse, eu o seguiria.

Eu achei que sabia o preço de servir àquele cujo caminho repousa na escuridão.

Não sabia.

Ele achou que sabia o que iria encontrar naquela escuridão.

Não sabia.

Seu nome é *Typhoeus magnificum*, o Pai Magnificante, O Sem Rosto que não conseguimos deixar de nos virar para

ver. Aquele de Mil Faces, que está ali quando nos viramos para olhar e que, então, nos olha de volta.

Ele é o *magnificum*. Ele habita o espaço entre os espaços, aquele ponto situado um décimo de milésimo de centímetro fora do nosso campo de visão. Você não consegue enxergá-lo. Ele enxerga você. Mas, quando enxerga você, não enxerga você. Ele não tem nenhuma concepção de você. Existe apenas o *magnificum*, nada mais.

Você é o ninho. Você é o filhote recém-nascido. Você é a crisálida. Você é a prole. Você é a podridão que tomba das estrelas.

Pode ser que você não entenda o que eu quero dizer.

Mas vai entender.

VINTE E UM

“É um prazer conhecê-lo”

Um homenzinho de rosto amarelado nos aguardava no saguão de nosso hotel, o Great Western na Paddington Station, quando chegamos a Londres. Usava um sobretudo de Harris Tweed sobre um terno de cashmere e exibia o pior corte de cabelo que eu já tinha visto na vida; parecia que alguém tinha cortado seu cabelo com uma faca cega. Eu descobriria mais tarde que o dr. Hiram Walker fora barbeiro — entre outras coisas; ele um dia também arriscou a sorte com a criação de ovelhas — antes de entrar para o ramo da biologia aberrante. Então, despediu-se de todos os seus clientes, exceto um: ele mesmo. Fumava cachimbo, andava com uma bengala, cantarolava nervosamente pelo nariz e olhava o mundo através de olhinhos inquietos, como um rato acuado. Aqueles olhos se iluminaram por um instante ao pousarem, com desgosto indisfarçado, sobre o físico poderoso de Jacob Torrance; ele obviamente não ficou nem um pouco satisfeito.

— Torrance — disse ele num sotaque britânico anasalado. — Não esperava ver você.

— Senão teria me trazido uma pequena mostra do seu afeto?

— *Hemmmm* — chiou Walker através de seu nariz de corneta de pastor. Seu olhar dardejou rápido como o de uma ave na minha direção. — E esse, quem é?

— É Will Henry, o filho do antigo assistente de Warthrop, James — respondeu Von Helrung, pousando a mão sobre meu ombro.

— Sou o aprendiz do dr. Warthrop — falei.

— Ah, sim. Verdade. Creio que me lembro de ter visto você por aí no último congresso. Veio apanhar seu mestre, é? — e se virou para Von Helrung sem esperar a resposta. — A questão se mostrou mais complicada do que eu informei de início, dr. Von Helrung. Eles se recusam a soltá-lo.

Uma sobranceira branca desgrenhada ergueu-se devagar na direção da linha do couro cabeludo do velho:

— O que quer dizer?

Os olhos inquietos de Walker correram pelo saguão lotado.

— Talvez fosse melhor encontrarmos um lugar um pouco mais reservado. Desde que recebi seu telegrama, tenho a impressão inabalável de que estou sendo seguido.

Subimos para nossos quartos no terceiro andar, que davam de frente para a Praed Street, onde Von Helrung pediu um bule de chá. Torrance pediu para beber algo um pouco mais forte, mas seu antigo professor preferiu que seu ex-discípulo mantivesse o juízo inalterado.

— Mas é o uísque que mantém meu juízo inalterado! — protestou Torrance. Deu uma piscadela para Walker. — Ele é o estábulo do garanhão selvagem da minha erudição.

Hiram Walker respondeu com um som de desdém.

— Fico surpreso todas as vezes que encontro você, Torrance — disse ele.

— É mesmo? E por quê, Sir Hiram?

— Porque seria plausível que você já tivesse morrido numa briga de bar. E pare de me chamar assim. — Ele bebericou seu chá e disse a Von Helrung: — Vai contra o protocolo deles liberar um paciente para qualquer pessoa que não pertença à família imediata sem a ordem expressa de um juiz ou a recomendação do médico do caso.

— Mas você com certeza lhes explicou as circunstâncias do caso, não? — perguntou Von Helrung. — Ele foi confinado sob acusações falsas.

Walker balançou a cabeça.

— Não expliquei nada. Só fiz as perguntas mais gerais possíveis, uma vez que não conheço as circunstâncias precisas do caso. Ele foi trazido até aqui, segundo me disseram, pelo seu sobrinho, um tal de sr. Noah Boatman...

Torrance gargalhou.

— Noah Boatman! Boatman — Arkwright¹. Que engenhoso.

— Posso continuar? Obrigado. Um tal de Noah Boatman, que contou que seu “tio” sofreu um completo colapso mental desencadeado pela morte recente da esposa, imolada por um tigre...

— Por um o quê? — interrompeu Von Helrung.

— Um tigre. Um tigre-de-bengala, enquanto visitava a irmã na Índia. Segundo o sobrinho, ele acreditava ser um caçador de monstros americano chamado Pellinore Warthrop. Seu nome verdadeiro era William James Henry, e... *por favor*, Torrance, dá para ficar quieto? Von Helrung, talvez fosse melhor pedir um pouco de uísque para ele, cinco litros, para que ele possa beber até desmaiar. Agora, onde é que eu estava mesmo?

— Você já nos contou o bastante — disse Von Helrung com um suspiro pesaroso. — O resto não é difícil de adivinhar. *Mein Freund* agiu de acordo com o embusteiro sorrateiro ao insistir que de fato era um caçador de monstros americano chamado Pellinore Warthrop. Assim, contando a verdade, ele validou a mentira!

— Mas há mais, dr. Von Helrung. E é aí que a coisa fica um tanto... bom,

bizarra. Warthrop também afirmou, segundo minhas fontes, que seu “sobrinho” era um agente duplo britânico, a serviço da polícia secreta russa.

— É isso! — berrou Torrance, saltando da cadeira. Walker encolheu o corpo, como se esperasse receber um golpe frontal. Um pouco de chá caiu da sua xícara. — “Eles vão me caçar como um cachorro foi o que ele disse — prosseguiu Torrance. — É o primeiro grupo, Von Helrung!

— Quem? Quem é o primeiro grupo?

— A Okhranka! Ah, ele é um demônio, esse John Kearns! Mas é claro! Que tolo fui de não ter visto isso. Não admira que Arkwright estivesse com medo a ponto de cagar nas calças. Isso explica o medo, e o fato de que ele era um agente duplo explica a bravata. Agora suponho que os britânicos nem sequer sabem do *nidus*. Esse é um assunto russo desde o início.

— O *nidus*? — repetiu Walker, arregalando pela metade seus olhos minúsculos.

— Falei sem pensar — disse Torrance, com um olhar envergonhado para Von Helrung, cujas faces tinham ficado rubras.

— Os russos conseguiram um *nidus ex magnificum*? — indagou Walker.

— Não sabemos ainda — respondeu cautelosamente Von Helrung. — Muitas são as perguntas sem resposta.

— Assim parece, dr. Von Helrung, e a maioria delas pertence a mim. Quem é esse tal de Boatman ou Arkwright ou seja lá qual é seu nome? Por que ele iria a extremos tão absurdos para prender falsamente o dr. Warthrop? Por que Warthrop veio para Londres, para começo de conversa? Quem é Jack Kearns, e o que ele tem a ver com a polícia secreta russa?

Von Helrung lançou um olhar de secar pimenteira para Torrance.

— O que foi? — inquiriu Torrance. — O senhor nunca falou que era segredo.

— Foi desejo de Pellinore ir atrás desse assunto... — ele buscou a melhor palavra. — De modo independente.

— Ora essa, é claro! — retrucou Torrance. — Típico de Warthrop, querer toda a glória apenas para si mesmo.

— A glória por...? — perguntou Walker a Von Helrung.

Von Helrung suspirou. Olhou para o teto e coçou o queixo.

— Os russos não têm o *nidus* — disse ele por fim. — Nós é que temos o *nidus*. Temos o *nidus*, os britânicos têm Warthrop e os russos, Jack Kearns.

— O senhor está dois terços correto, Von Helrung — disse Torrance. — Não sei se os russos têm Kearns, mas estou disposto a apostar um corte de cabelo com Sir Hiram que eles têm o *magnificum*.

Não havia nada que Von Helrung pudesse fazer àquela altura senão contar tudo

ao seu colega inglês, desde a entrega do *nidus* naquela madrugada congelante de fevereiro até o terrível falecimento de seu portador involuntário, passando pelo desaparecimento de Warthrop e pelo destino do traidor responsável por isso. Ele enfatizou, arqueando uma sobrancelha para Torrance, que todo o resto não passava de meras conjecturas. Não sabíamos, por exemplo, se os russos haviam ou não descoberto onde encontrar o *Typhoeus magnificum*.

— Bem, faz o quê agora? Mais de quatro meses? — perguntou Torrance. — É tempo suficiente se Warthrop acertou o lugar, e acho que acertou.

— E como você pode saber disso, Jacob? — inquiriu Von Helrung. Ele estava começando a se arrepender, eu acho, de ter incluído Torrance em nossa missão de resgate.

Torrance deu de ombros:

— Porque ele é Warthrop.

— Rezemos para que tenha mesmo — retrucou Walker.

— Um *magnificum* vivo poderia ser a conquista coroada de nossa disciplina.

— Acho que o czar não dá a mínima para nenhuma coroa a não ser a sua própria — disse Torrance, rindo. — Se os russos têm o *magnificum*, não vamos vê-lo no Monstrumarium tão cedo!

Von Helrung estava anuindo, com expressão muito grave.

— Receio que o dr. Torrance esteja certo, ao menos nesse ponto específico. Se o *magnificum* cair em mãos erradas... — ele estremeceu. Aquela ideia era insuportável.

Não tanto para Torrance, porém. Ele parecia intrigado com as possibilidades.

— Isso mudaria tudo, senhores. Mudaria todo o equilíbrio do poder na Europa; talvez até mesmo no mundo. Alexandre conquistou metade dele. Pensem no que teria feito com flechas embebidas em catarro de monstro!

— Por favor, Torrance! — gemeu Walker. — Por que raios você se tornou um monstrologista, afinal?

— Bom, eu gosto de matar coisas...

— Basta! — gritou Von Helrung, e em seguida bateu a mão gorducha em cima da mesa. — Estamos esquecendo o motivo pelo qual estamos aqui. Primeiro vamos nos preocupar em salvar Pellinore, depois nos preocupamos com catarro de monstro — e atacou Walker: — Não podemos procurar um juiz e não iremos convencer o médico dele. Que opção nos resta?

— Como eu disse, se determinarem que ele não representa um risco nem para si mesmo nem para os outros, poderá ser entregue a um membro da família.

— Hmmm — cantarolou Torrance. — É uma pena que seu sobrinho morreu.

— Devemos ter cuidado para não levantar suspeitas, senão vamos acabar no quarto ao lado do de Pellinore — refletiu Von Helrung. — Eles estão convencidos da doença dele, senão já o teriam soltado. Um embuste poderia dar certo, mas não temos como adverti-lo de antemão. Como ele poderá colaborar representando um papel, se não leu o roteiro?

— Não poderá — retrucou Torrance. — Mas não é preciso — e se virou para Walker. — Precisamos de alguém para nos balizar. Alguém que o superintendente desse lugar conheça e em quem confie, e que esteja disposto a representar um papel coadjuvante. Você por acaso tem alguém assim em mente?

Walker pensou por um momento, chupando o tabaco extinto em seu cachimbo. Depois sorriu ao redor da ponta roída do cachimbo, com seus olhinhos de rato cintilando malignamente.

— Por George, acredito que sim.

O ator de Walker era um homem compacto de compleição atlética, com trinta e poucos anos, cabelos muito escuros cortados rente à cabeça e olhos fundos mais escuros ainda. Nós o encontramos na manhã seguinte, a alguns quilômetros a oeste de Londres, em frente aos portões do Sanatório de Hanwell.

Depois de apresentar Von Helrung e a mim (Torrance, por insistência de Von Helrung, tinha ficado para trás; acho que *Meister* Abram receava que sua presença transformasse uma situação delicada numa situação perigosa), Walker rapidamente revisou nosso plano criado às pressas para conseguir a soltura imediata de Warthrop. Seu amigo sugeriu algumas mudanças no roteiro, mas no geral nosso esqueminha pareceu agradar-lhe.

— Eu me encontrei com Warthrop uma vez, sabe — contou ele. — Deve ter sido em 1877 ou 1878, enquanto eu estudava na universidade de Edimburgo. Ele tinha ido consultar o dr. Bell em relação a algum assunto; não sei exatamente qual. Bell fez muito mistério a respeito. Tinha uma aparência impressionante, disso eu me lembro: muito alto e magro, com olhos negros extremamente penetrantes que pareciam cortar você em dois. Sacudiu minha mão e disse, de um jeito bastante casual, como se estivesse fazendo um comentário sobre o tempo: “É um prazer conhecê-lo. Você acabou de voltar de Londres, pelo que percebo”. Fiquei atônito. Como ele poderia saber disso? Bell depois jurou que não havia lhe contado, mas devo confessar que nunca acreditei de fato na negação do meu antigo professor. Sempre tive vontade de perguntar a Warthrop como ele sabia...

Von Helrung cortou educadamente o escocês falante, dizendo:

— E nós estamos felicíssimos em lhe oferecer essa oportunidade! Tenho certeza de que Pellinore irá se lembrar desse encontro. Sua memória é tão prodigiosa quanto seus poderes de observação e dedução. É uma injustiça

tremenda ele estar aqui. Eu lhe garanto, senhor, que ele não é mais louco do que você ou eu, e que ficará eternamente em dívida com o senhor por ter nos ajudado a soltá-lo sem demora do seu retiro solitário atrás dessas paredes! Siga na frente, senhor, que nós iremos logo atrás!

E foi o que ele fez, atravessando os portões, onde o vigia nos conduziu até a recepção, localizada no prédio principal, um edifício simples (ainda que de certo modo imponente) de três andares situado nos fundos dos espaçosos jardins frontais. Ao caminharmos pela trilha de cascalho que levava até o prédio, meu coração disparou, enquanto meus olhos procuravam o doutor. Eu estava empolgado, apreensivo e um pouco amedrontado. Se nosso plano impetuoso falhasse, talvez nunca mais ele saísse pelos portões daquele lugar.

Não vi o monstrologista, mas vi alguns pacientes cuidando de arbustos com tesouras de poda e regadores, outros carregando pilhas de roupas sujas e cestos de pão da lavanderia e da padaria, e outros ainda perambulando à toa pelo gramado bem cuidado, entretidos em conversas profundas ou sacudindo-se com risadas despreocupadas, como se fossem pessoas de folga fazendo um passeio de domingo no parque, em vez de pacientes de um sanatório de loucos. Eu não sabia então, mas Hanwell estava bem à frente de seu tempo no tratamento dos doentes mentais. Se você transferir para Hanwell uma pobre alma de um sanatório americano, como o da ilha de Blackwell, digamos, ela poderia achar que havia morrido e estava no céu.

Acho, porém, que Warthrop não concordaria comigo.

Nosso coconspirador anunciou nossa chegada na recepção.

— Dr. Hiram Walker, sr. Abraham Henry e neto, para ver o superintendente — informou ele ao recepcionista. — E por favor, avise que o dr. Conan Doyle veio com eles.

VINTE E DOIS

“Eu morreria de bom grado”

— Arthur Conan Doyle! É realmente um prazer, senhor! — exclamou o superintendente do Sanatório de Hanwell enquanto nos chamava para sua sala particular. — Devo confessar ao senhor que sou um admirador bastante ardente de seus livros. Minha esposa também. Ela vai ficar roxa de inveja quando eu lhe disser que conheci o criador do grande Sherlock Holmes!

Conan Doyle aceitou os elogios humildemente; na verdade, pareceu quase constrangido com eles e logo mudou de assunto.

— Espero que o senhor tenha tido a oportunidade de ler meu recado esta manhã — disse ele.

— Sim, guardei-o em algum lugar por aqui — retrucou o superintendente, vasculhando as pilhas de papéis sobre sua mesa. — Vou guardá-lo, se o senhor não se importa, como uma lembrança do... Ah, aqui está; achei. Ah, sim, William Henry. Um caso bastante interessante.

— Este é o dr. Walker, um grande amigo meu e médico pessoal do sr. Henry — apresentou Conan Doyle. — E este cavalheiro é o sr. Abraham Henry, pai de William, e este é seu neto, o filho mais velho de William, William Jr.

— Billy — meteu-se Von Helrung. — A família o chama de Billy, *Herr Doktor*¹.

— O senhor é alemão, sr. Henry?

— Sou austríaco, mas meu filho William nasceu nos Estados Unidos.

O superintendente ficou surpreso.

— Mas o sr. Boatman disse que seu filho era um cidadão britânico.

— E é, e é — corrigiu Von Helrung rapidamente. — Noah não o enganou, *Herr Doktor*. William nasceu nos Estados Unidos, mas imigrou para este país aos vinte anos de idade para estudar medicina, na universidade de... — deu um branco nele. Tão rápidos tinham sido nossos preparativos, que não pensamos em preencher todas as páginas da história fictícia de Warthrop.

— Edimburgo — disse Conan Doyle. — Mais ou menos um ano depois que eu me formei.

— E depois ele se apaixonou por uma garota daqui, se casou e obteve a

cidadania — terminou Von Helrung com um suspiro alto de alívio.

— Ah, sim, Annabelle — disse o superintendente.

— Quem?

— Annabelle, a esposa do sr. Henry, sua nora.

— Oras! Perdoe um velho homem pela deficiência de suas faculdades mentais. Achei que o senhor tinha dito alguma outra coisa sobre... alguma outra coisa. Sim, a pobre e querida Annabelle! Ele a amava com um amor que era mais do que amor, neste reino imerso no mar.

— Sim — concordou o superintendente com um leve franzir do cenho. — Embora o sr. Boatman nunca tenha mencionado que os dois tiveram filhos no casamento. Na verdade, só nos contou que ele, o sr. Boatman, era a única família que restara a William.

— Bem, meu neto Noah está correto, de certa maneira.

— De certa maneira?

— Eu explico.

— Estou ansioso para ouvir — retrucou o superintendente com um olhar intrigado para Conan Doyle, que estava sorrindo sem se comprometer. O escritor tamborilou os dedos nervosamente em seu chapéu-coco.

Von Helrung esforçou-se ao máximo.

— A mãe de Noah — a única irmã de William — morreu tragicamente aos vinte e dois anos, quando Noah não tinha mais do que três, de tuberculose. Ele era seu único filho. Na época, eu estava morando com minha esposa, Helena, em Massachusetts, onde criamos William e Gertrude...

— Gertrude? — o superintendente tinha começado a fazer anotações. Não era um desenrolar encorajador.

— *Ja*, ela é a irmã de William, mãe de Noah, e minha querida e falecida filha, Helena.

— Helena?

— Quer dizer, Gertrude. Ela era a imagem cuspida e escarrada da mãe, eu sempre a chamava de Helena por engano — e coçou a cabeça, deu de ombros e suspirou. — Agora eu não sei mais onde eu estava.

Walker interveio providencialmente:

— Gertrude acabou de morrer.

— Ah, é, Gertrude — Von Helrung assentiu, sombrio. — Ela era jovem demais. Jovem demais!

— E então Noah foi criado pelo pai, o seu genro?

— Por algum tempo, até ele morrer, quando Noah tinha dezessete anos.

— Do que ele morreu?

— Afogado.

— Afogado?

— Bebeu demais certa noite e caiu de seu barco pesqueiro no Tâmis — ele nunca havia se recuperado da morte de Helena, entende...

— Gertrude — corrigiu Walker. — Helena não morreu.

— A mãe de William ainda está viva?

— Ah, não, é que eu ainda não cheguei lá. Minha esposa adorada faleceu o ano passado de hidropisia — e foi isso que começou tudo, eu diria.

— Começou... o quê?

— A lenta marcha de William rumo à escuridão. Ele era muito chegado à mãe, mais do que a maioria dos filhos, eu diria. E então, quando o tigre rasgou membro a membro de Annabelle! — o lábio inferior de Von Helrung tremeu; ele tentou forçar uma lágrima. — Ah, que Deus tenha misericórdia do meu filho! Posso vê-lo agora, *Herr Doktor*?

— Receio que continuo um tanto confuso, sr. Henry, quanto à história da sua família. Está vendo isto? Isto é o formulário de admissão assinado sob juramento pelo seu neto, afirmando que o sr. Henry não tinha nenhum parente vivo além dele mesmo. Esta é uma discrepância que precisa ser resolvida antes de podermos liberar o paciente.

— *Hmmmm*. Posso? — Walker pousou uma mão no braço de Von Helrung. — Noah Boatman não tem contato com a família há anos.

— É a mais negra das ovelhas! — exclamou Von Helrung lacrimoso.

— Eu não gostaria de lançar suspeitas sobre o caráter do sr. Boatman — prosseguiu Walker. — É inteiramente plausível que ele *pensasse* ser o único parente vivo, pois não via nem recebia notícias de Abraham há décadas.

— Mas com certeza ele deveria saber dos filhos de William — o superintendente me olhou. Eu me remexi na cadeira.

— Eu é que estava criando os filhos, nos Estados Unidos — atalhou rapidamente Von Helrung.

— O senhor? Por quê?

— Porque eles estavam... — Von Helrung estava começando a entrar em pânico.

— É um assunto delicado, espero que o senhor entenda — disse Walker, entrando na deixa.

— Estou me esforçando ao máximo, dr. Walker.

— Eles são filhos do primeiro casamento de William — disse Von Helrung. Ao seu lado, Walker enrijeceu o corpo de repente, como se alguém tivesse acabado de lhe bater com força nas costas.

— Seu primeiro casamento? — perguntou o superintendente.

— Nos Estados Unidos, antes de ele vir para cá e conhecer Isabel.

— Annabelle — corrigiu Walker.

— *Ja*. As crianças moram conosco... ou melhor, comigo. Minha mulher morreu de hidropisia — Von Helrung passou o braço gordo pelo meu ombro. — Hidropisia.

— Bem — disse devagar o superintendente. — Suponho que o único jeito de esclarecer tudo isso é falando com o sr. Boatman.

— Ahhh! *Mein Gott!* — gritou Von Helrung. Ele desabou para a frente na cadeira.

— O senhor está prestes a me dizer que o sr. Boatman morreu, não é mesmo? — indagou o superintendente.

Era irônico, pensei depois, que essa fosse a única parte verdadeira de toda aquela chuva de mentiras.

Se não fosse pelo recrutamento do ídolo literário do superintendente, acho que nosso plano de má concepção e execução pior ainda não teria dado certo. A presença de Conan Doyle provavelmente evitou que nós fôssemos expulsos do sanatório — ou trancados ali dentro até que um médico visitante qualificado viesse nos examinar.

— Receio que tenho parte da responsabilidade pela doença de William Henry — confessou Conan Doyle.

— O senhor, dr. Doyle?

— Aparentemente, pelo que o dr. Walker me contou, ao menos parte das ilusões dele se baseiam em minhas histórias.

— Que parte poderia ser? Eu já entrevistei longamente o paciente e não me lembro de...

— Bem, sua profissão, por exemplo. Não existe tanta diferença entre um detetive particular e um caçador de monstros... trata-se de uma distinção, mais do que uma diferença. E, é claro — acrescentou ele com naturalidade, dando de ombros com seus ombros poderosos (Conan Doyle foi uma estrela do críquete e era ávido golfista) —, o nome.

— O nome de quem?

— Do sr. Henry. Não o seu nome real. O nome que ele escolheu para si mesmo, Pellinore Warthrop.

— Desculpe, dr. Doyle. Não me lembro de ter visto esse nome em suas obras.

— Porque o senhor não é americano. Nos Estados Unidos, o nome de Holmes é Warthrop.

— É?

— Não é incomum mudar o nome de um personagem para que se adapte melhor aos gostos de uma cultura particular.

O superintendente expressou surpresa. Ele não tinha ideia de que o grande Sherlock Holmes da Grã-Bretanha fosse o Pellinore Warthrop americano. Aquilo pareceu abalá-lo até a medula existencial, pois se Holmes não era, bem, *Holmes*, então não poderia ser Holmes!

— Posso vê-lo agora? — implorou Von Helrung. — Garanto, senhor, que ele vai me reconhecer, seu pai, e se não eu, pelo menos Billy, aqui, seu filho. Gostaríamos de levá-lo para os Estados Unidos conosco, mas, se o senhor se negar, não poderemos. Tenha misericórdia e não nos mande embora sem ao menos a chance de nos despedirmos dele!

Então o superintendente cedeu. Duvido de que tenha acreditado por um segundo em alguma palavra de nossa história rocambolesca, mas agora tinha ficado curioso — intensamente curioso — para ver como essa peça bizarra terminaria. Ele ligou para o responsável pela ala de Warthrop, que apareceu um instante depois.

— Onde está o sr. Henry esta manhã? — indagou o superintendente.

— Em seu quarto, senhor, como sempre. Depois do café da manhã perguntei se ele gostaria de dar um passeio no jardim, mas ele se recusou mais uma vez.

— Ele tomou café da manhã hoje?

— Senhor, ele o atirou na minha cabeça.

— Está num daqueles dias, então.

— Sim, senhor, num dos piores.

— Talvez seus visitantes o animem um pouco. Por favor, avise-o. Vamos subir daqui a alguns instantes — e se virou para nós. — Na semana passada o sr. Henry terminou uma greve de fome... a terceira desde que veio para Hanwell. “Eu morreria de bom grado” disseme ele. “Mas amaldiçoado serei se eu lhe der essa satisfação! “ Devo dizer, dr. Walker, que seu paciente desenvolveu uma ilusão altamente sofisticada, a mais detalhada e intrincada que jamais encontrei. Um “filósofo da ciência natural da biologia aberrante”, é como ele se denomina, “um monstrologista”, um das diversas centenas que existem em todo o mundo e que se dedicam ao estudo e à erradicação de certas espécies malévolas, dos quais ele clama ser o especialista mais destacado. Clama pertencer a uma “sociedade” desses assim chamados monstrologistas, sediada em Nova York, cujo presidente...

— Sou eu — terminou Von Helrung, com tristeza. — Conheço essa história, *Herr* superintendente. Ora bolas, eu a ouvi diversas vezes. Para William, não sou Abraham Henry, um sapateiro humilde de Stubenbach, e sim Abram Von Helrung, o líder dessa sociedade imaginária de monstrologistas. E o jovem William aqui não é William, não! E sim “Will Henry”, seu fiel aprendiz

que o ajuda nessas suas caçadas a esses monstros míticos.

— Ele inclusive me inclui em suas fantasias — interveio Walker. — Sou, parece, também um dos membros da Sociedade de Monstrologistas, uma espécie de rival, substancialmente mais preparado e, portanto, uma ameaça para ele...

Von Helrung pigarreou alto e disse:

— Quero levá-lo para casa. Ele não representa perigo para ninguém, a menos que a pessoa seja um dragão de três cabeças! Meu neto, que Deus tenha sua alma, jamais deveria ter colocado esse fardo sobre seus próprios ombros, quando se trata de um fardo que pertence ao pai. Vim imediatamente, tão logo soube que ele estava aqui. E partirei imediatamente, tão logo veja meu filho de novo. O senhor pode me levar até meu filho agora, Herr Superintendente, para aliviar o fardo dele e o meu próprio?

Fomos escoltados até o terceiro andar, onde os internos mais perigosos eram mantidos. Não havia grades nas portas, mas os cadeados eram robustos e nos quartos a mobília estava acorrentada ao chão. Alguns quartos eram acolchoados para a própria proteção dos pacientes, mas ninguém estava acorrentado ou preso de outra maneira qualquer, outra distinção de humanidade da filosofia de Hanwell. Ocorreu-me que Warthrop poderia ter sofrido um destino muito pior do que ser confinado numa casa de loucos. Sem dúvida aquilo foi uma tortura para ele; sem dúvida ele sofreu por ser são e ver essa mesma sanidade ser citada como prova de sua loucura, mas ele estava vivo. Estava vivo.

O responsável pela ala estava nos aguardando no corredor. O superintendente fez um sinal para ele, o funcionário abriu o ferrolho e escancarou a porta, e vi meu mestre sentado na pequena cama do outro lado do quarto, usando um robe branco e chinelos que pareciam brilhar na faixa de luz que caía da janela atrás dele. Estava pálido, magro e emaciado, mas vivo, seu exílio havia terminado, vivo — o monstrologista.

FÓLIO IX

Das Ungeheuer

“ACREDITO QUE ESTOU NO INFERNO, PORTANTO ESTOU NELE. “
— ARTHUR RIMBAUD

VINTE E TRÊS

“Meu nome é Pellinore Xavier Warthrop”

Por um instante esqueci minhas falas. Minha mente ficou em branco, meus joelhos tremeram e quase gritei “Dr. Warthrop! “, o que teria feito as cortinas descenderem abruptamente. Senti uma grande alegria ao vê-lo de novo — não vou negar —, mas também senti uma trepidação, um pequeno arrepio de terror. O monstrologista podia ser tudo o que eu tinha no mundo, mas isso significa que o monstrologista era tudo o que eu tinha!

Ele ficou ali de pé quando eu me aproximei, com um olhar de espanto quase cômico nas feições contraídas, dominadas pela expressão de seus olhos escuros — o olhar estranho e assombrado da fome lenta.

— Will Henry? — sussurrou ele, mal ousando acreditar.

Então eu me lembrei das minhas falas.

— Papai! Papai! — corri adiante e me atirei contra seu peito, com ímpeto bastante para fazer seus joelhos balançarem. Abracei-o com toda a força que eu tinha.

— Papai! Papai, você está vivo!

— Bem, é claro que estou vivo. Pelo amor de Deus, Will Henry... Von Helrung, é o senhor? Ótimo! Eu estava começando a pensar que o senhor tinha sido tolo o bastante para acreditar que... Quem é esse ao seu lado? Não é Walker? Por que o senhor trouxe Walker? O que o senhor contou a Walker? Por favor, Will Henry, me solte. Você está esmagando minha espinha dorsal.

— Ah, meu filho! Meu filho! — exclamou Von Helrung. Agora foi a vez dele de esmagar-se contra o peito de meu mestre. — William! Seu pai veio vê-

lo!

— Espero que não! Meu pai está morto há mais de quinze anos, Von Helrung.

— O quê? Não se lembra de mim? William, você precisa se lembrar de mim; sou seu pai! — Von Helrung estava de pé entre Warthrop e o desconfiado superintendente. Quando surgiu a oportunidade, deu uma piscadela exagerada para o doutor. — Seu *pai, mein Sohn!*¹

Warthrop deixou aquilo passar inteiramente em branco. Talvez pela rapidez com que foi atirado no palco. Talvez como resultado de uma constituição física enfraquecida por três tentativas de greve de fome. Ou talvez pela consequência inevitável de trancafiar um homem como Pellinore Warthrop — algo parecido com tentar enfiar o sol dentro de uma garrafa. Seja lá o que foi, ele se recusou a participar da encenação.

— Não — disse ele. Agora estava calmo; a porta tinha sido aberta, por fim. O resto era apenas uma questão de atravessá-la. — O senhor é o dr. Abram Von Helrung, presidente da Sociedade para o Avanço da Ciência da Monstrologia. O homem atrás do senhor é o dr. Hiram Walker, um colega nosso de talento bastante medíocre, que por algum motivo inexplicável o senhor resolveu trazer para cá... Rezo para que tenha sido apenas para ajudar a me soltar desse lugar amaldiçoado. O homem que está ao lado de Walker eu não conheço, mas seu rosto é vagamente familiar... um médico, creio, e que gosta de jogar golfe, eu diria.

— E você... — ele se virou para mim. — Você é William James Henry, meu assistente indispensável, minha cruz... e meu escudo. Mas basicamente minha cruz.

Ele se virou para o superintendente.

— Está vendo? Eu disse que estava falando a verdade!

— Sr. Henry — disse o superintendente. — O senhor não reconhece essas pessoas?

— Sim, eu as reconheço. Na verdade, acabei de lhe contar quem elas são! — e vociferou na direção de Von Helrung: — Está vendo o que fui obrigado a suportar pelos últimos cento e vinte e seis dias, sete horas e doze minutos? Quanto mais professo a verdade, mais louco me torno!

Ele berrou para o superintendente:

— Meu nome é Pellinore Xavier Warthrop, do número 425 da Harrington Lane em Nova Jerusalém, Massachusetts! Nasci no ano de Nosso Senhor de 1853, único filho de Alistair e Margaret Warthrop, também de Nova Jerusalém, Massachusetts! Não sou, nunca fui e nem tenho o menor desejo de ser cidadão da Grã-Bretanha. O senhor não tem o menor direito de me manter aqui contra a

minha vontade, sob a lei inglesa, a lei internacional ou as leis superiores da decência e da razão, que governam todos os seres humanos civilizados!

— Com sua licença — disse Walker em voz baixa ao superintendente. — Talvez devamos nos retirar para sua sala. O paciente está ficando um pouco agitado...

— Eu ouvi isso! — rugiu o monstrologista. — Von Helrung, eu guardo, é claro, uma dívida eterna com o senhor por ter vindo me resgatar da mão desses imbecis, mas *já* irei perdoá-lo por envolver Hiram Walker no meu caso!

— Como eu lhe disse antes... — disse o dr. Walker ao superintendente com um sorrisinho oblíquo.

Meu mestre interpretou aquilo como a deixa para o movimento seguinte de sua sinfonia, a ária que faria descer as cortinas:

— Sob tudo o que é mais sagrado, Walker, se eles não o tivessem confiscado, eu sacaria meu revólver e mataria você. Atiraria bem no ponto entre esses seus olhinhos de rato mentirosos. Que Deus me perdoe, não suporto os ingleses! Desafio qualquer um neste quarto a dizer o nome de uma coisa boa que veio das ilhas Britânicas, exceto William Shakespeare, Charles Darwin e as geleias Tiptree! A Inglaterra é o lar das pessoas mais sem atrativos da face da Terra! — e olhou feio para Walker. — Você é o exemplo perfeito. É um homem horroroso, e nem comece a falar da sua rainha...

— William, por favor — o superintendente tentou em vão interromper.

— Isso se deve à seleção natural... de Darwin, como tudo o mais. O isolamento durante milhares de anos numa ilha que mal chega ao tamanho do Texas leva inevitavelmente ao endocruzamento. Basta olharmos para Sir Hiram aqui, que parece não ter queixo. E não só isso. Eu poderia reunir toda a inteligência coletiva do povo britânico em uma xícara de chá. Precisam de provas? Que outra nação civilizada colocaria um homem numa sala acolchoada sem o benefício de um julgamento, sem a oportunidade de enfrentar seu acusador, sem fazer *qualquer* esforço para corroborar sua história? — Ele apontou um dedo trêmulo diante do nariz do superintendente. — Vou fazer o senhor ser despedido. Vou fazer essa abominação que o senhor chama de hospital ser demolida, e então vou cuspir em cima das cinzas! Pois meu nome *não* é William James Henry — e olhou para mim. — É Pellinore Warthrop! — rugiu. — E esse segredo o senhor pode levar para o túmulo, senhor, como eu levarei. *Como eu levarei.*

Não acredito que o superintendente do Sanatório de Hanwell acreditasse que alguém, em praticamente nenhum aspecto, estivesse contando a verdade sobre o estranho caso de William “Pellinore Warthrop” Henry. Acredito, entretanto, que naquele momento, a oitava hora do centésimo vigésimo sexto

dia, ele estivesse completamente cheio daquilo tudo e prestes a lavar as mãos. Era hora de o monstrologista virar problema de outra pessoa; afinal, portanto, os documentos foram acertados sem mais demoras (o dr. Walker assinou a soltura de meu mestre — a única pessoa em nossa junta, fora Conan Doyle, que não precisaria assinar um nome falso). Ao crepúsculo da nona hora, estávamos no trem rumando para Paddington.

— Bem, como disse o Bardo, tudo está bem quando tudo acaba bem! — trovejou Von Helrung com alegria forçada. — Você foi resgatado, *mein Freund Pellinore*!

Warthrop não estava com humor para celebrar. Olhou carrancudo para os dois ingleses sentados à nossa frente. Walker não conseguiu sustentar seu olhar gélido, mas Conan Doyle reagiu a ele com um sorriso conciliador.

— Arthur Conan Doyle — disse o escritor. — Prazer. Nós nos conhecemos há vários anos na sala do dr. Bell, em Edimburgo.

— Sim, é claro. Doyle. Você ainda está rabiscando aquelas diversões inteligentes sobre o policial?

— Detetive particular.

— Hmmm. — ele virou-se para Von Helrung. — De quem foi a ideia de fazer você virar meu pai?

— Bem, agora é difícil eu me lembrar — retrucou Von Helrung com fraqueza, evitando os olhos dele.

— Foi ideia do dr. Torrance, senhor — falei.

— Torrance! — as faces do monstrologista ficaram rubras. — Você está querendo me dizer que Jacob Torrance está envolvido nisto também?

— A inclusão do dr. Torrance foi ideia do jovem Will — disse Von Helrung, para passar adiante a culpa. E depois ele rapidamente assumiu o crédito: — E graças a Deus que ele teve essa ideia! Foi Torrance que... — e, dando-se conta de que Conan Doyle estava escutando, se interrompeu.

— Sir Hiram, Jacob Torrance, um escritor de ficção popular que nem sequer é doutor em monstrologia... Quem mais o senhor envolveu no caso mais confidencial que já apareceu para nós em quase quarenta anos, Von Helrung? Será que preciso esperar que o sr. Joseph Pulitzer esteja nos esperando no nosso quarto no Great Western?

— Eu tomaria mais cuidado com a forma como expresse minha gratidão se fosse você, Warthrop — ameaçou o dr. Walker. — Se não fosse por Torrance, você continuaria sendo mais um pobre rosto anônimo num mar de rostos atormentados, e sua presença ali continuaria sendo completamente desconhecida, se não esquecida. E, se não fosse por mim...

— Eu preferiria que você não falasse nada — disse o doutor no mesmo

nível. — Isso me faz lembrar todas as coisas de que não gosto nos ingleses de modo geral, e você especificamente, Sir Hiram.

— Pare de me chamar assim!

— Falando em chamar — disse Warthrop a Von Helrung. — Como o senhor achou que um sobrenome como Henry passaria como austríaco?

— Tínhamos esperança de que você descobrisse nossa pequena farsa, Pellinore — devolveu o austríaco com rigidez, comprando a briga. — A sua estupidez poderia ter nos custado toda a partida!

— O senhor acha que fui estúpido? Não sou surdo, *Meister* Abram — ou seria melhor eu chamá-lo de papai Abraham? Nem cego. Eu vi aquela sua “piscadinha”. Claro que entendi que eu deveria participar do jogo, mas percebi imediatamente o fracasso potencial da encenação. O superintendente ficaria na mesma hora desconfiado — se é que já não estava —, pois que tipo de loucura é essa que se cura num piscar de olhos? Se eu tivesse gritado “papai” para o senhor ou “filho!” para Will Henry, acho que não estaríamos aqui sentados neste trem. Acho que o senhor, eu, todos nós, estaríamos tendo uma conversinha com os oficiais da Scotland Yard. E, portanto, a maior ironia é que a mesma verdade que me trancafia agora me libertou!

— Verdade que com uma ajudinha *nossa* — Walker, pelo visto, não conseguiu se conter.

— Será que posso lembrá-lo, Sir Hiram, de que eles devolveram meu revólver ao me libertarem? Estou com ele bem aqui...

— Chega, Pellinore! — repreendeu o antigo professor de Warthrop. — Esses últimos meses foram difíceis para você, eu sei, mas...

O doutor riu com crueldade.

— Sabe? “Difíceis” não é o termo que eu usaria. Não me interprete mal; lá é um ótimo lugar, para um sanatório de loucos. A comida é surpreendentemente boa, os funcionários são, em geral, mais humanos que desumanos, os quartos são limpos e não têm pulgas nem piolhos, e duas vezes por semana permitem que tomemos banho. Foi mais parecido com umas férias prolongadas no interior da Inglaterra, com uma pequena diferença: *não era permitido ir embora*. Eu tentei fugir — seis vezes. Em todas elas fui devolvido ao meu quarto aconchegante com lençóis duros e paredes macias. Em todas elas fui gentilmente lembrado de que eu estava abusando de meus privilégios de “hóspede”. É assim que eles nos chamavam, a nós, os loucos, sabe. Os “hóspedes”. Bem parecido com o diabo chamando os condenados ao inferno de seus “inquilinos”. Rá!

Conan Doyle riu alto.

— Ah, isso é maravilhoso! Positivamente maravilhoso!

Warthrop revirou os olhos e disse para mim:

— E você, a última pessoa que eu esperaria ver quando aquela porta se abriu. Por que *você* veio, Will Henry?

— Ele insistiu para vir — explicou Von Helrung em meu favor. — Mesmo se eu tivesse amarrado suas mãos e seus pés e acorrentado-o a uma parede de masmorra, ele teria encontrado um jeito de vir, Pellinore.

O monstrologista fechou os olhos.

— Você nunca deveria ter vindo, Will Henry.

E eu respondi:

— O senhor nunca deveria ter me abandonado, dr. Warthrop.

VINTE E QUATRO

“A mais cega das fés”

Conan Doyle se despediu de nós na plataforma da Paddington Station e depois não moveu nem um centímetro de sua proximidade em relação a Warthrop; parecia relutante em se separar dele. Eu já tinha visto aquilo acontecer inúmeras vezes ao longo dos anos. (Na minha cabeça, eu chamava isso de Efeito Warthrop ou, com menos frequência, Gravidade Warthropiana.) Como qualquer objeto de enorme massa, o ego do doutor era dotado de uma força de atração a que era quase impossível resistir almas mais fracas.

— Eu realmente deveria ir embora — disse Conan Doyle depois de deter meu mestre exausto e ansioso por vários minutos, enchendo-o de perguntas (“Como você sabia que eu jogo golfe? “), andando um ou dois passos atrás dele enquanto nos movimentávamos aos trambolhões pela estação lotada. — Touie está me esperando.

— O que é um Touie? — perguntou Warthrop.

— Touie é minha esposa, Louisa. Ela está em casa com nossa filha bebê, Mary Louise, que nasceu em janeiro. O senhor quer ver a foto dela? É uma menina linda, se posso dizer.

Warthrop parou abruptamente no pé das escadas que davam para nosso hotel.

— No momento, Doyle, só quero uma xícara de chá decente e uma longa soneca. Talvez algum outro d... — e espiou algo por cima do ombro do homem mais baixo. Deu um sorriso falso e enfiou de repente o braço ao redor do de Doyle, arrastando-o escada acima. — Pensando melhor, o destino pode ter sido o responsável pelo nosso encontro. Sabia que na juventude fui escritor? De poesia, não prosa, mas seu caso me inspira, Doyle. Um homem pode usar dois chapéus. Talvez eu devesse me dedicar à pena novamente e me arriscar em algum verso...

Intrigado com a falsidade repentina do monstrologista, olhei para a plataforma. Fazendo hora perto de uma coluna lá embaixo havia dois homens, um alto de ombros largos, com cabelos ruivos chocantes, e outro careca e bem mais baixo, tão magro e delgado quanto seu companheiro era corpulento. Mesmo a quarenta metros de distância e através da fumaça cinzenta da estação, os olhos do homem ruivo pareciam arder com um fogo interno. Eu só conhecia outro homem cujos olhos ardiam assim. Eram os olhos de um homem

consumido pela singularidade do seu propósito de vida. Para Pellinore Warthrop, essa singularidade era a perseguição aos monstros; para o homem cujo olhar me prendia aos degraus da escada como um martelo prende um prego, era a perseguição a algo completamente diferente.

— O que foi, *mein Freund* Will? — murmurou Von Helrung. Ele passou um braço ao redor de meus ombros e quase me empurrou escada acima. — Parece que você viu um fantasma.

— Fantasma, não — respondeu Walker, sua voz aguda tremendo de agonia. Ele também havia visto o ruivo nos encarando. — Aquele grandalhão de cabelo bem ruivo e seu amigo careca perto da coluna. Pelo amor dos céus, não olhe agora, Von Helrung! São os mesmos dois que eu vi ontem. Acho que estão nos seguindo.

— Para ser sincero, as coisas não vão tão bem assim com a medicina — Conan Doyle estava dizendo ofegante ao monstrologista quando nós os alcançamos no corredor do terceiro andar. Ele estava lutando para recuperar o fôlego porque também lutava para manter o ritmo dos passos longos do meu mestre. — Mas não tenho do que reclamar. Isso me dá bastante tempo para escrever. E preciso escrever muito, agora que tenho uma nova boca para alimentar.

Warthrop parou de repente bem diante da porta de nosso quarto. Conan Doyle não esperava por isso; trombou com as costas do doutor.

— Oh! Desculpe...

A mão do doutor se levantou e ficou ali, enquanto as pontas de seus dedos tamborilavam o ar ligeiramente. Eu já tinha visto esse gesto antes e reagi instintivamente, indo com rapidez para o lado dele.

— Von Helrung — sussurrou Warthrop. — O senhor está armado?

— Não.

— Walker?

— Não. Por que você...

— Doyle, você carrega alguma arma de fogo?

— Não, dr. Warthrop.

O monstrologista sacou seu revólver do bolso do casaco.

— Fique aqui com os outros, Will Henry — disse ele para mim antes de abrir a porta e entrar no quarto.

Não se demorou muito, não mais que dois ou três minutos, acho, antes de nos chamar para entrar.

— Feche a porta, Will Henry, e tranque-a com o ferrolho — ordenou ele do outro lado do quarto. Estava de costas para mim, ajoelhado ao lado de alguma coisa caída no chão, com o revólver frouxamente ao lado, os ombros curvados

de leve. Eu me lembro muito bem de como ele parecia cansado — precocemente envelhecido.

E, à sua frente, estava o corpo deitado de Jacob Torrance.

— *Mein Gott!* — sussurrou Von Helrung. — Pellinore, ele está...?

— Morto — declarou o doutor.

Von Helrung soltou um palavrão em voz baixa. Walker pressionou a mão contra a boca.

— Vamos acender a luz — disse Warthrop. — Will Henry, abra as cortinas, sim? Doyle, você é médico. Talvez queira dar uma olhada nisto.

Conan Doyle se juntou ao doutor ao lado do cadáver, enquanto eu rodeava o corpo para chegar à janela e o sangue de Jacob Torrance borbulhava e corria entre as solas de meus pés. Eu não ia olhar. Não queria olhar. Não tinha a menor intenção de olhar. Mas é claro que olhei. Abri as cortinas, virei-me e, com a luz dourada do sol vespertino aquecendo minhas costas, mirei o que havia acontecido com Jacob Torrance.

— Extremamente fundo — dizia Conan Doyle. — Cortou a espinha dorsal. O pobre homem quase foi decapitado.

Ele tinha sido cortado de uma orelha a outra; a faca (se é que tinha sido faca mesmo; talvez o assassino tivesse usado uma machadinha ou um pequeno punhal) cortara as artérias carótidas e as veias jugulares, criando a fonte que encharcara o carpete... e suas roupas... e a toalha de linho a trinta centímetros de distância... e o assento do divã. As cortinas de damasco estavam manchadas com o borramento de seu coração agonizante. O quarto fedia a sangue, o cheiro quente e cúprico de sangue.

— O corpo ainda está quente — declarou Conan Doyle com mais que uma ligeira preocupação. — Não faz muito tempo que ele morreu; não mais que uma hora, eu diria.

— Consideravelmente menos que isso — retrucou o monstrologista. Ele se levantou, fazendo uma careta. Ouvi seus joelhos estalarem quando se levantou. Von Helrung continuava perto da porta, pressionando um lenço contra a boca, o rosto da cor de papel. O som de sua ânsia de vômito era bem alto no quarto pequeno.

— Precisamos chamar a polícia — disse ele por trás de sua máscara improvisada. Ninguém prestou a menor atenção.

Warthrop andou de um lado a outro do quarto, fazendo um círculo cada vez maior ao redor do corpo de Torrance, os olhos vasculhando todo o chão encharcado de sangue, as paredes salpicadas, a mobília, as janelas, os parapeitos. Em determinado ponto, a cerca de um metro e meio do cadáver, ele caiu de quatro e rastejou pelo chão, farejando como um cão de caça que apanha uma

pista.

— Foram dois homens — disse ele ao terminar a inspeção. — Um bem alto, com quase dois metros, destro, fumante de charuto e ruivo. O seu companheiro era bem mais baixo: um metro e sessenta mais ou menos, e bastante manco, uma das pernas, a direita, sendo mais curta que a outra...

O rosto de Conan Doyle era um estudo de tons escarlate. Ele estava corando como um jovem namorado nos primeiros arroubos da paixão exacerbada.

— Impressionante. Completamente impressionante — disse com voz rouca.

— Elementar, meu caro Doyle — devolveu o doutor. — Um assassino é como um artista. Não consegue evitar deixar algo de si em sua obra. Só precisamos saber como separar a obra do seu autor.

— O que eu quis dizer é que tive a sensação mais esquisita...

— Eu também! — gritou o dr. Walker do outro lado do quarto. — Vou vomitar!

Conan Doyle prosseguiu, com os olhos marejados.

— Um homem foi brutalmente assassinado; é terrível! Contudo, eu me vejo tomado por uma sensação igualmente terrível de maravilhamento... Ora, é como se eu tivesse atravessado algum portal místico e entrado em uma de minhas histórias! E aqui, na minha frente, está o próprio homem, aquele que criei, trazido à vida. Olhem!

— Sim, é parecido com uma de suas histórias, com a diferença de que não é uma de suas histórias e de que existe a possibilidade bastante real de que você esteja correndo um perigo mortal — retrucou o monstrologista.

— Você acha mesmo? — Conan Doyle parecia quase feliz com aquela perspectiva.

— E não só você — Warthrop se virou para Von Helrung. — Precisamos deixar este hotel imediatamente.

Von Helrung assentiu.

— E Jacob?

O doutor sorriu com tristeza.

— Ele fica aqui.

Pegamos nossa bagagem e descemos correndo as escadas. (O monstrologista ficou feliz de eu ter me lembrado de trazer seu estojo de instrumentos. “Achei que nunca mais veria isso. Abençoado seja, Will Henry, e que se dane aquele vira-casaca do Arkwright! “) Uma linha de cabriolés aguardava por clientes no meio-fio, lá fora. Antes de convocarmos algum deles para escapar, entretanto, fui despachado para inspecionar o terreno enquanto os homens aguardavam dentro do saguão. O doutor não precisou me dizer o que procurar. Eu já tinha visto o que era na Paddington Station — cabelos muito

ruivos e o brilho desconcertante de olhos escuros iluminados por uma luz interna.

— E então? — perguntou Warthrop ante minha volta sem fôlego.

— Tudo limpo, senhor.

Ele assentiu rapidamente.

— Dois táxis: um para Von Helrung, eu e Will Henry. Doyle, Sir Hiram irá com você...

— Você poderia fazer o favor de parar de me chamar assim? — pediu Walker. Estava encostado em uma coluna, ainda tentando se recompor. — É cruel e infantil. — O apelido do monstrologista britânico, dado a ele por Warthrop, tinha surgido vários anos antes, numa festa em que Walker ficara arrebatado por uma certa jovem ligada à família real. Tentando impressioná-la, Walker se fez passar por amigo da realeza, e seus colegas cientistas não iriam perdoar aquilo facilmente.

Warthrop o ignorou e disse a Conan Doyle:

— Sugiro que você faça um caminho cheio de voltas e fique de olho em nosso amigo ruivo e seu compatriota careca. Se eles nos virem, acho que seremos nós os perseguidos — mas, enfim, eles podem se separar também. Reze para ficar com o careca!

Ele segurou a mão de Conan Doyle entre as suas e a sacudiu com força e rapidez.

— Foi um prazer vê-lo novamente, senhor. Que nosso próximo encontro seja em circunstâncias mais agradáveis!

— O prazer foi inteiramente meu, dr. Warthrop — retrucou Conan Doyle com sinceridade. — Touie não vai acreditar na história que vou lhe contar!

— Eu não divulgaria muita coisa — advertiu o doutor, com os olhos negros brilhando. — Ela vai achar que você andou bebendo.

— A sensação não é tão diferente disso — admitiu o autor. — Não sei se você é um homem espiritual, mas...

— Não regularmente — respondeu o monstrologista, apressando Conan Doyle pelas portas do saguão. — Quase nunca. Não: só uma vez. Eu tinha três ou quatro anos, e minha mãe me apanhou envolvido numa conversa com Deus — ele deu de ombros. — Não tenho lembrança disso. Deus talvez tenha. Cinco minutos mais tarde, estávamos dentro de um táxi-cabriolés, a caminho do Hyde Park.

— Por que o Hyde Park? — quis saber Von Helrung.

O doutor deu de ombros:

— Por que não?

E depois:

— Eu espero sinceramente que eles não tenham seguido Doyle. Não tenho certeza de por que o senhor o recrutou para se juntar ao grupo de resgate, mas eu odiaria que ele pagasse o preço máximo por seu altruísmo. E, claro, seria uma grande perda para a literatura. Eu em geral não dou muita importância para a ficção, mas existe algo de encantador nas histórias dele. Uma espécie de grande ingenuidade — como a do próprio Império Britânico —, a mais cega das fés em que a razão triunfará sobre a ignorância, e o intelecto humano, sobre o mal.

Von Helrung olhou com incredulidade para meu mestre. Talvez estivesse pensando que não conhecia nem metade de Pellinore Warthrop como achava que conhecesse.

— Acabamos de descobrir nosso querido colega assassinado com brutalidade num quarto de hotel e você quer discutir literatura?

Warthrop anuiu. Ou ele não entendeu nem um grama do argumento de Von Helrung ou não dava a mínima. Acho que não era a primeira opção.

— É uma pena; apesar de todos os seus defeitos, eu gostava muito de Torrance. Ele teria sido minha escolha também, se eu tivesse sido obrigado a fazer uma, portanto não se culpe, *Meister* Abram. Se quiser culpar algo, não olhe mais longe do que para a garrafa de uísque em cima da mesa na sala de estar. Ele estava para lá de Bagdá quando os assassinos chegaram. Não existe outra explicação para eles o terem dominado com tanta facilidade — e olhou para mim. — Só existem três causas verdadeiras de morte, Will Henry. A primeira são os acidentes: doenças, fome, guerras, ou o que sobreveio a seus pais. A segunda é a velhice. E a terceira somos nós mesmos: nossos suicídios lentos. Mostre-me um homem incapaz de controlar seus apetites e eu lhe mostrarei um homem vivendo sob uma sentença de morte.

Von Helrung sacudia a cabeça com veemência.

— Você é o responsável, Pellinore — não por Torrance, que Deus tenha sua alma, mas por Conan Doyle. Se ele falecer por causa do que viu hoje, será para pagar o preço da sua impulsividade. Por que você o convidou a subir até o nosso quarto? Ele já estava de saída na estação, mas você...

— Sim, estava mesmo — interrompeu Warthrop. — E eu posso ter salvado sua vida; temporariamente, talvez, mas pelo menos lhe poupei uma ou duas horas para passar com sua Touie e a bebê recém-nascida. O senhor não entende nada desses homens que viu na plataforma, Von Helrung. Eles são impiedosos. Matam sem pena ou remorso. Tive de agir depressa, e acredito que fiz o melhor numa situação bastante precária.

— E aquela sua brincadeira ridícula e bizarra no quarto? Qual é a sua desculpa para isso? Você sabia que tinham sido os homens que vimos na estação, porém fingiu que deduziu tudo, até a cor do cabelo do assassino! Por que

motivo, Pellinore? Ao zombar de Doyle, você zomba do morto!

O rosto do doutor se escureceu. Ele se inclinou para a frente e enfiou o dedo no peito de Von Helrung.

— Não me venha falar de zombarias, Von Helrung. O senhor tem alguma ideia do que é ser são e a sua sanidade ser exatamente aquilo que o acorrenta? Pense nisso antes de me julgar por uma brincadeirinha inofensiva!

Eles caíram em silêncio depois desse diálogo acalorado, até chegarmos ao nosso destino, quando então o doutor bateu com força no teto do cabriolé e orientou o condutor a ir para Piccadilly Circus. O chicote estalou, e partimos mais uma vez.

— Para onde estamos indo? — inquiriu Von Helrung.

— Piccadilly Circus.

Von Helrung fechou os olhos e suspirou pesadamente.

— Você sabe o que eu quis dizer.

O doutor olhou para trás e então tornou a se acomodar no assento.

— Eu sei.

— Eles são impiedosos, diz você. Assassinos sem pena ou remorso, diz você. Mas você não disse quem eles são nem por que estão nos perseguindo.

— Eu achei que o motivo seria óbvio. Quanto a *quem...* O grandalhão ruivo se chama Rurick. O parceiro careca atende pelo nome de Plesec. Eles são da Okhranka, *Meister* Abram, membros da polícia secreta russa.

Von Helrung absorveu a notícia com uma expressão arrasada. Ele não queria que Torrance estivesse correto. Parte dele, acho, se aferrava à esperança de que Jack Kearns só possuía um coconspirador, o traidor Thomas Arkwright, e que todo o resto tivesse brotado da imaginação fértil de Torrance. A verdade enojou seu coração. Ele era um cientista, e a essência da ciência é a busca pela verdade, algo nobre em si e para si, mas nenhum empreendimento humano — não importa quão nobre — permanece imaculado por muito tempo. A monstrologia poderia ser caracterizada como a contemplação da natureza corrompida. O mesmo poderia ser dito de nós.

— Fomos enganados — declarou meu mestre sem papas na língua. — Suponho que é possível encontrar algum consolo no fato de não termos sido os únicos a serem feitos de bobos. Arkwright nos enganou, mas os russos enganaram-no, e Jack Kearns, eu acho, se divertiu com todos nós.

— Jacob tinha a teoria de que Kearns e os britânicos — e os russos também — estavam nos usando para que encontrássemos o lar do *magnificum* e os levássemos até lá. Eles tinham o ovo de ouro — o *nidus* —, mas não o ganso. Foi assim que Torrance colocou as coisas.

Warthrop deu um sorriso forçado.

— Vou sentir saudades de Jake. Ele tinha jeito para as metáforas

chamativas. Em parte estava certo, mas basicamente errou. Estávamos sendo usados, mas não por Kearns nem pelos russos; esses já tinham o que eles queriam. Thomas Arkwright da linhagem dos Arkwrights de Long Island foi uma invenção dos britânicos. Arkwright é oficial do serviço de inteligência secreta da Grã-Bretanha.

Von Helrung suspirou.

— Quer dizer que os britânicos estão envolvidos... além dos russos. E quem mais?

— Ninguém... bem, fora nós mesmos, e eu não nos excluiria ainda — disse Warthrop com melancolia. — Eu não quis acreditar. Quando fui levado a Hanwell, era conveniente para minha fé ingênua acreditar que Arkwright estava trabalhando para os russos (um agente duplo, um traidor de seu país), e por certo tempo eu corajosamente me afeiçeei a essa invenção. No primeiro mês de minhas férias malucas, escrevi mais de quarenta cartas, sendo que nenhuma delas, aparentemente, chegou a seus destinatários. Alguém devia estar interceptando-as, e para mim é difícil supor que o alcance da Okhranka chegue até o correio da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Seis dessas missivas desesperadas eu entreguei pessoalmente ao superintendente. Ora, suponho que ele possa estar a serviço do czar ou ser também membro da Okhranka, mas chega o momento em que precisamos deixar as coisas de criança de lado, *Meister* Abram, e reconhecer que, em assuntos nos quais o *magnificum* está envolvido, existem poucos limites para a perfídia dos homens e das nações... inclusive de homens como o superintendente e de nações como a Grã-Bretanha.

— Ora, meu caro Pellinore, vivi muito tempo e ainda não vi *nenhum*.

Nós paramos, e o condutor avisou em voz alta:

— Cá estamos, patrão! Piccadilly Circus.

— Para o Great Western na Paddington Station, condutor. E sem nenhuma discricção, por favor! — gritou Warthrop. Ele sorriu ante os xingamentos resmungados do condutor quando retomamos viagem, agora de volta para o ponto de partida.

— Estamos andando em círculos — observou Von Helrung.

— Estávamos — retrucou o doutor. — Mas esta noite, não mais! Pois nesta noite, meu velho mestre, os meses em meio à selvageria chegam ao fim. Nosso longo exílio acabou. Tenho a resposta; sei de onde sopra o vento; encontrei o esconderijo do graal.

VINTE E CINCO

“*Dvipa Sukhadhara*”

Von Helrung virou as costas para seu amigo com uma expressão de dor.

— Você não deveria chamá-lo assim.

— Por quê? — O monstrologista parecia genuinamente intrigado.

— Ele não deveria ser chamado assim — insistiu o velho com veemência.

Uma lágrima se formou no canto de seu olho.

— Onde ele está? — perguntei. — De onde veio o *nidus*? — a pergunta central tinha ficado tempo demais sem resposta.

O rosto de Warthrop estava brilhando de triunfo.

— O *nidus ex magnificum* foi encontrado e trazido da ilha de Socotra.

Von Helrung virou a cabeça e fitou o doutor por um longo momento.

— Socotra! — disse ele num sussurro. — A Ilha de Sangue.

— Ilha de Sangue? — repeti. Pude sentir a coisa amarrada com toda a força dentro de mim, vibrando ao ritmo do meu coração.

— Não é isso que você está pensando, Will Henry — disse o monstrologista. — Ela é chamada de Ilha de Sangue porque essa é a cor da seiva da árvore Sangue do Dragão, que cresce ali: a cor do sangue. Socotra tem outros nomes também; nomes melhores, se os nomes importam alguma coisa para você: Ilha do Encantamento, Ilha da Fênix, Ilha da Tranquilidade, entre outros. Em sânscrito, é chamada de *Dvipa Sukhadhara*, “Ilha da Felicidade”. Recentemente foi apelidada de Galápagos do Oriente, pois a ilha é tão isolada que muitas de suas espécies, tal como a árvore Sangue do Dragão, só são encontradas ali e em nenhuma outra parte do mundo...

— Socotra é um protetorado britânico — observou Von Helrung.

— Sim — admitiu Warthrop. — E, se não fosse, o *nidus* jamais teria ido parar no East End londrino e nas garras do dr. John Kearns. Os britânicos mantêm uma pequena presença ali desde 1876, quando foi assinado o tratado com o sultão da ilha a fim de proteger suas rotas comerciais com a Índia e o oeste africano.

— Isso quer dizer que o homem que levou o *nidus* até Kearns era um soldado ou marinheiro britânico? — perguntou Von Helrung.

— Nenhum homem levou o *nidus* até Kearns. Um *homem* foi levado até Kearns, e esse homem levou Kearns até o *nidus*, por assim dizer. Depois que

identifiquei esse homem, tive a minha resposta. Quer dizer, a nossa resposta, claro.

— E a resposta de Kearns... que então a transmitiu ao cliente dele, o czar da Rússia! Perdão pela pergunta; torço para que responda no mesmo espírito de boa vontade com que a faço. Mas, depois que você contou aos demônios o que eles queriam, não seria muito mais fácil eles simplesmente o matarem?

— Arkwright não lhe contou? Eu achei que foi assim que o senhor me encontrou, por meio de Arkwright, quando percebeu que era mentira a história de meu falecimento.

— Ele não disse nada.

— O senhor não lhe perguntou?

— Não pude — respondeu Von Helrung, evitando o olhar do doutor.

— E por que não? — pressionou o monstrologista. Em seguida, ele mesmo respondeu sua própria pergunta. — Arkwright morreu, não é?

Von Helrung não respondeu, portanto eu o fiz.

— O dr. Torrance o matou, senhor.

— Matou?

— Por assim dizer — respondi.

— Como é que alguém faz uma coisa dessa “por assim dizer”?

— Acaso não é assim que são feitas todas as coisas em nosso ramo negro e sujo, nossa “ciência”? — indagou Von Helrung com amargura. — *Pour ainsi dire...* por assim dizer?

Nosso táxi parou com um solavanco no local exato de onde nossa jornada havia começado, diante da entrada do Great Western Hotel, na Paddington Station. O condutor gritou para nós: — Está bem assim para Sua Excelência?

— Mais cinco libras por mais cinco minutos! — gritou Warthrop de volta. Ele se virou para Von Helrung, e nos olhos de meu mestre vi o mesmo fogo interno que ardera na sala de estar da Quinta Avenida uma vida inteira atrás: “Eu sou o escolhido. Eu sou o escolhido! “ O mesmo fogo que vi arder nos olhos de outro homem havia apenas duas horas. “Impiedosos. Sem pena ou remorso. “

— Vou para Socotra — sussurrou ele com voz rouca. — Vou pegar o trem para Dover e embarcar no primeiro vapor. Estarei em Áden em menos de quinze dias, e de lá vou para Socotra... se encontrar passagem, e se não encontrar passagem, vou nadando até lá. E se não puder ir nadando até lá, vou construir uma máquina voadora e voarei pelas alturas como Ícaro até os portões do paraíso!

— Mas Ícaro não voou pelas alturas, *mein Freund* — murmurou Von Helrung. — Ícaro caiu.

Pela segunda vez, o homem mais velho virou as costas; ele não desejava

(ou não queria) encarar aquele fogo estranho e frio nos olhos de seu amigo.

— Não posso ir com você — disse o velho.

— Não estou pedindo para o senhor ir comigo.

— Eu vou com o senhor — falei.

— Não, não! — exclamou Von Helrung. — Will, você não entende...

— Não ficarei para trás mais uma vez — insisti. Eu me virei e repeti para o monstrologista: — Não ficarei para trás.

Warthrop encostou a cabeça contra as costas do assento e fechou os olhos.

— Estou tão cansado. Não tenho uma noite decente de sono há meses.

— Pellinore, diga a Will que ele vai voltar para casa comigo. Diga.

— O senhor não devia ter me deixado — falei para Warthrop. — Por que o senhor me deixou? — eu não pude mais aguentar. Aquilo saiu do fundo de mim, e depois que fiquei vazio, *aquilo me possuiu*. — Nada disso teria acontecido se o senhor tivesse me escutado! Por que o senhor não me escutou? Por que o senhor *nunca* me escuta? Eu disse que ele era um mentiroso! Eu avisei que ele era falso! Mas é sempre assim: “Rápido, Will Henry! Pegue meus instrumentos, Will Henry! Sente aí a noite inteira enquanto eu gemo e choro e sinto pena de mim mesmo, Will Henry! Will Henry, seja um bom menino e fique aí sentado observando o sr. Kendall apodrecer! Fique parado agora, Will Henry, para que eu possa cortar o seu dedo com essa faca de cozinha! Rápido, Will Henry! Will Henry! Will Henry! Will Henry! “

Ele abriu os olhos. Não disse nada. Observou minhas lágrimas. Estudou meu rosto, retorcido e ardente. Observou enquanto aquilo ia se desenrolando, a coisa que se desenovelava dentro de mim e que era ao mesmo tempo *eu* e *não eu*, e foi capaz de fazer isso, de me encarar com a atitude de um homem que observa uma formiga lutando contra uma carga cinco vezes o seu tamanho, porque eu o havia tolerado e escolhera viver, porque eu tinha conduzido Jacob Torrance para a verdade através de uma mentira monstruosa.

— Estranho, então, que você queira vir comigo.

Meister Abram, que havia ensinado ao meu mestre tudo o que ele sabia de monstrologia, mas não lhe ensinara o que ele, Von Helrung, sabia de melhor, me segurou nos braços e afagou meu cabelo. Pressionei o rosto contra seu colete de lã e senti o cheiro de fumaça de charuto, e naquele momento amei Abram Von Helrung, amei-o como não amava ninguém desde a queda dos meus pais no abismo, amei-o tanto quanto odiei seu ex-discípulo. “O que é isso? “, eu me lembro de ter pensado em pânico. O que havia no monstrologista que me consumia assim? Que demônio das profundezas mastigava e remoía a minha alma como se fosse a de Judas no mais interno dos círculos do inferno? Qual era a sua aparência? Qual era o seu rosto? Se eu pudesse nomear a coisa inominável,

se pudesse emprestar um rosto à coisa sem rosto, talvez conseguisse me libertar do seu abraço voraz.

Somos todos caçadores. Somos, todos nós, monstrologistas.

VINTE E SEIS

“É parte indissociável do nosso ramo”

Ele nos deixou ali sentados no táxi. Pisou na rua, fechou a porta e afastou-se sem uma palavra ou um olhar para trás. Eu empurrei a barriga macia de Von Helrung para me soltar, mas ele me apertou com força; não me deixou ir, apesar de meus choramingsos ansiosos, dizendo: “Calma, calma, querido Will. Ele vai voltar; está só se certificando de que aqueles homens malvados já foram embora... Ele vai voltar”.

E voltou. Von Helrung tinha razão; ele voltou, advertiu-me a secar minhas lágrimas e parar com o teatrinho, porque não queria atrair a atenção para nós.

— Não há policiais no saguão, e os recepcionistas estão fofocando alegremente. Ainda não descobriram Torrance — ou, se descobriram, então os ingleses são mais estranhos do que pensei. Nossos amigos russos não estão em nenhuma parte. Ou foram embora da estação ou nós os confundimos. Rápido... Está na hora de ir embora, Will Henry.

Atravessamos o saguão até a entrada da estação sem sermos molestados — uma visão comum, um garoto correndo para apanhar o trem, acompanhado pelo pai e pelo avô, talvez; três gerações de férias.

— Há um trem saindo para Liverpool em meia hora — informou Warthrop a Von Helrung. — Na plataforma três. Aqui está sua passagem.

— E a de Will?

O monstrologista disse:

— Will Henry vai comigo. Não sei o que irei encontrar em Socotra; posso precisar de seus serviços. Isso é, se ele ainda estiver disposto a ir comigo.

Von Helrung olhou para mim.

— Você sabe o que isso significa, não sabe, Will, se você for?

Anuí.

— Sempre soube o que significa.

Ele me puxou com bastante vigor para dar um último abraço.

— Não sei por quem eu deveria rezar mais — sussurrou ele. — Para ele, para que ele cuide de você, ou para você, para que cuide dele. Lembre sempre que Deus nunca nos dá um fardo maior do que o que conseguimos suportar. Lembre que não existe escuridão absoluta em nenhum lugar, mas que aqui — ele pressionou a mão aberta contra meu coração — existe luz absoluta. Prometa a

Meister Abram que vai se lembrar disso.

Prometi. Ele assentiu, olhou para Warthrop e assentiu de novo.

— Estou indo — disse.

— Bem, Will Henry — disse o monstrologista depois que Von Helrung desapareceu no meio da multidão. — Somos só nós dois, mais uma vez — e então se virou e se afastou, sem olhar para trás. Eu corri atrás dele. Parecia que eu estava sempre correndo atrás dele.

De volta ao hotel e pelas portas principais e para dentro de um cabriolé, o mesmíssimo cabriolé que havíamos vagado alguns minutos atrás. O condutor gritou:

— Vai para o Great Western na Paddington, chefe?

O comentário pegou Warthrop desprevenido; ele chegou mesmo a rir.

— Estação de Charing Cross, meu bom homem! Se nos levar em vinte minutos ou menos, ganha um shilling de lambuja!

— Dr. Warthrop! — gritei ao saltar para dentro do cabriolé. — Nossa bagagem!

— Já tomei todas as providências; ela estará à nossa espera em Dover. Agora entre logo! Cada minuto é precioso.

Perdemos o último vapor para Calais por causa de dez daqueles preciosos minutos. Warthrop ficou de pé no cais de Dover e gritou impropérios ao navio enquanto ele se afastava, fumegando rumo ao horizonte. Brandiu o punho e rugiu como o rei Lear contra a tempestade, até eu ter a impressão de que os famosos rochedos brancos poderiam se partir e despencar no mar.

Não havia remédio, a não ser esperar até de manhã. Conseguimos um quarto numa pensão à distância de uma caminhada do porto. Warthrop bebeu um bule de chá. Olhamos pela janela. Ele experimentou a cama, declarando que era curta demais (para ele a maioria das camas era; de meias, ele tinha quase um metro e noventa), com calombos demais e absolutamente pequena demais para nós dois conseguirmos descansar com conforto. Ele me mandou perguntar na recepção se havia um quarto maior ou, na falta de um, uma cama maior — ambas as coisas não estavam disponíveis.

A hora tardou. O quarto foi ficando cada vez mais asfixiante. Ele abriu a janela, deixando entrar uma brisa agradável e o som das marolas, e nos deitamos para dormir. Ele se revirou e se retorceu, me cutucou a orelha com o cotovelo e reclamou de minha respiração pesada, de eu ser espaçoso e “desse odor estranho peculiar dos adolescentes”. Por fim, não conseguiu mais suportar. Atirou de lado as cobertas, lançou-se para fora da cama e começou a meter-se nas roupas.

— Não consigo dormir — disse. — Vou sair para dar uma volta.

— Vou com o senhor.

— Prefiro que não — e enfiou o casaco, apalpou algo no bolso direito: seu revólver. Aquilo o lembrou de alguma coisa.

— Ah, está bem — consentiu, mal-educado. — Pode vir se quer mesmo, mas por favor fique quieto, para que eu possa pensar. Preciso pensar!

— Sim, senhor — falei, metendo-me nas minhas roupas. — Vou tentar não ser um fardo para o senhor.

O comentário, como uma arma, lembrou-o de alguma coisa. Ele segurou minha mão esquerda e ergueu-a contra a luz do lampião para examinar meu ferimento.

— A cicatrização foi ótima — declarou. — Como está sua mobilidade?

Fechei a mão num punho. Abri bem os dedos.

— Viu? — perguntei. — Parte dela se foi, mas continua sendo a minha mão.

Caminhamos pela praia, e as estrelas estavam muito brilhantes, a lua alta, e os rochedos da falésia que assomavam a nordeste cintilavam um brilho branco perolado. À nossa esquerda viam-se as luzes de Dover. À nossa direita estava a escuridão do mar aberto. O vento que vinha das águas era mais forte e mais frio do que o vento que entrara pela nossa janela. Estremeci; tinha deixado o casaco no quarto.

O monstrologista se virou abruptamente e caminhou até a beira-mar. Olhou na direção do horizonte vagamente definido, a linha tênue entre o negro e o cinza.

— *Pour ainsi dire* — disse ele baixinho. — Como se mata alguém "por assim dizer", Will Henry?

Eu contei o que havia acontecido com Thomas Arkwright. Ele ficou chocado. Olhou para mim como se nunca tivesse me visto antes,

— E usar o *pwdre ser* foi ideia sua?

— Não, senhor. Assustá-lo com ele foi ideia minha. Usá-lo de fato foi ideia do dr. Torrance.

— Mesmo assim. Só havia uma pessoa naquela sala que já tinha testemunhado em primeira mão o que o *pwdre ser* faz com um ser humano.

— Sim, senhor. Foi por isso que eu sugeri usá-lo.

— Foi por isso que você...? — e respirou fundo. — É muito tênue a linha entre nós e o abismo, Will Henry — disse. — Para a maioria das pessoas, é como aquela linha ali, onde o mar se encontra com o céu. Elas a veem. Não conseguem negar a evidência diante de seus olhos, mas jamais a atravessam. Não *podem* atravessá-la: embora a busquem por mil anos, ela para sempre permanecerá onde está. Você se dá conta de que nossa espécie levou mais de dez milênios para perceber esse simples fato? Que a linha é inalcançável, que

vivemos numa bola e não num prato? A maioria percebe, pelo menos. Já homens como Jacob Torrance e John Kearns... esses tipos ainda vivem num prato. Entende o que quero dizer?

Assenti. Achei que entendia.

— O mais estranho e irônico é que eu o deixei para trás para que você não tivesse de viver nesse prato com eles.

Pensei no anel de sinete de Jacob Torrance e levantei o queixo desafiadoramente.

— Não tenho medo.

— Não? — ele fechou os olhos e inspirou fundo o cheiro do mar.

Na manhã seguinte bem cedo embarcamos no primeiro navio. Embora a ansiedade de Warthrop ainda mordiscasse as beiradas do alívio dele por finalmente estarmos a caminho, parte dela sumiu. Ele caminhou pelo deque de um lado para o outro, sem nunca olhar para trás, para a costa inglesa que recuava. Não estava interessado no que havia ficado para trás.

Mas eu, sim. Eu queria saber o que havia acontecido, como ele descobriu a origem do *nidus ex magnificum*; como (ou se) ele encontrou John Kearns; e os detalhes de como foi traído por Thomas Arkwright. Sempre que eu abordava o assunto, porém, ele o afastava com um gesto ou apenas ignorava minhas súplicas. Percebi então que aquilo era um constrangimento para ele. Feria seu ego, e seu ego não era do tipo que se recuperava com facilidade nem mesmo do mais leve dos arranhões.

Na estação de trem da Maritime, em Calais, conseguimos beliches num vagão-leito para a travessia para o sul, rumo a Lucerna, onde trocaríamos de trem para o trecho final de nossa jornada por terra de Brindisi ao mar Adriático. O restante da expedição para Socotra seria feito por barco, uma perspectiva infeliz para mim; a memória recente de meu *mal de mer*, meu enjoo no mar, continuava bem fresca.

O trem era uma cidade de Babel lotada sobre rodas — inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, com alguns toques de egípcio, persa e hindi aqui e ali. Todas as raças, religiões e classes estavam representadas, desde as famílias inglesas abastadas de férias prolongadas até o mais pobre imigrante indiano que voltava a Bombaim para visitar a família que deixara para trás. Havia homens de negócios e ciganos, soldados e pedintes, velhos com chapéus de abas largas e bebês recém-nascidos com touquinhas. E em toda parte o cheiro de fumaça e suor humano, gritos, risadas, cantos e música — uma balbúrdia de acordeões e violinos, gaitas e cítaras. Aquilo me amedrontava e encantava, essa vila improvisada sobre rodas, essa rica amostra da humanidade. Enquanto o doutor se entocava em nosso vagão, saindo de lá apenas três vezes ao dia para as refeições,

eu me dedicava a longos passeios de um extremo a outro do trem. Era, de longe, muito preferível a suportar o silêncio esquisito que envolvia o monstrologista como uma mortalha de destruição. Warthrop não reclamava de meus passeios; meramente observava que eu devia tomar cuidado para não me expor a alguma doença contagiosa rara: “Um trem de passageiros é como um circo de pestilência itinerante, Will Henry. Um banquete de aperitivos de carne humana. Tome cuidado para não ir parar no menu”.

Eu era despachado para uma ou outra tarefa, trazer chá e folhados (o profundo desapontamento do doutor por não haver um único biscoito a bordo teria sido cômico, se eu não tivesse sido obrigado a suportar o mau humor daquele descontentamento) e jornais, qualquer um que eu pudesse encontrar, em qualquer língua (o monstrologista era fluente em mais de vinte). Ele lia, bebia quantidades copiosas de chá Darjeeling, andava de um lado a outro no compartimento como um tigre enjaulado ou olhava pela janela, puxando e beliscando o lábio inferior até ficar inchado e vermelho. Murmurava entre dentes, assustava-se quando eu abria a porta — metendo a mão no bolso do casaco, onde guardava o revólver; ele nunca se aventurava em lugar nenhum sem ele. Dormia com a luz acesa, começou a deixar crescer a barba e comia constantemente e em quantidades enormes, ganhando vários quilos durante a viagem de dois mil quilômetros até a ponta sul da Itália. Em uma única refeição eu o vi consumir dois bifés, meio pão de fôrma, uma torta inteira e quatro copos de leite gordo com nata. Ele percebeu meus olhos arregalados diante daquele feito de glotonaria e disse;

— Estou criando reservas.

Fiquei intrigado com aquele comentário. O que eu deveria esperar à frente nos próximos dias... fome? Será que não havia nada para comer na ilha de Socotra?

Quando chegamos aos Alpes italianos, a ferida em seu orgulho entrou no estágio de retração, e certa feita, tarde da noite, no exato momento em que eu estava caindo no sono, ele me despertou com a pergunta que reservava para aqueles momentos.

— Will Henry, você está dormindo?

— Não, dr. Warthrop, não estou — ah, por favor, agora não, dr. Warthrop!, pensei.

— Também não consigo dormir. Não consigo parar de pensar em Torrance. Ele tinha vinte e nove anos; estava a menos de um ano de completar os Trinta Mágicos. Você sabia que a maioria dos monstrologistas fica reclusa como um bando de monges tibetanos em seu vigésimo nono ano de vida? Raramente vão a campo ou se envolvem em alguma perseguição que possa arriscar suas chances

de chegar ao trigésimo aniversário. Houve um colega meu que passou os últimos seis meses de seu vigésimo nono ano trancado no quarto com tábuas pregadas nas janelas, sem nem mesmo um livro para passar o tempo. Ele tinha medo de cortar o dedo numa página e morrer de infecção.

— O dr. Torrance disse que virou monstrologista porque gostava de matar coisas.

— Ele não era o único nesse aspecto, apenas na disposição de admitir. Mas ele era um ótimo acadêmico e completamente corajoso do ponto de vista intelectual; não tinha receio de pisar onde homens mais sábios tremem de medo. Você não poderia ter escolhido um homem melhor para quebrar Thomas Arkwright.

Eu ouvi o doutor se levantar do beliche. Levantei a cabeça e vi sua silhueta recortada contra a janela e depois seu rosto refletido no vidro. Seu rosto havia mudado — as bochechas estavam mais cheias, a parte inferior escura pela barba recente —, mas não os olhos, que ainda brilhavam com aquele mesmo fogo frio interno.

— Eu não sabia o que ele ia fazer — protestei. — Aconteceu tão rápido...

Ele levantou a mão. Deixou-a cair.

— É parte indissociável de nosso ramo, Will Henry. A de Arkwright, a de Torrance... a nossa. Chega uma hora em que a sorte acaba. Suponho que eu sentiria menos conflito em relação a Arkwright se ele não tivesse se esforçado tanto para salvar minha vida.

— Foi isso o que ele contou ao dr. Torrance, logo antes de o dr. Torrance matá-lo. Como ele salvou sua vida?

O monstrologista uniu as mãos nas costas e falou para o meu reflexo no vidro:

— Argumentando de modo convincente que morto eu representava um problema maior do que vivo.

— Foram aqueles agentes russos da Paddington, não foram? Rurick e...

— Plesec. Sim. Eles ficaram no nosso encalço desde o instante em que pusemos os pés em Londres. Não fico tão desapontado comigo por não ter percebido, mas Arkwright, ah, ele devia ter notado. Era um profissional, afinal de contas. É difícil conceber uma dupla de espões menos discretos: o grandalhão do Rurick com aquele cabelo ruivo chamativo e o baixinho do Plesec com seu couro cabeludo reluzente.

Ele fechou os olhos.

— Tenho certeza de que Arkwright achava que o pior já tinha passado, que só restava convencer Von Helrung de que eu havia morrido na busca. Ele não tivera muita dificuldade para enganar Von Helrung em tudo o mais... Thomas

Arkwright dos Arkwrights de Long Island!

— Fui eu, senhor. Arkwright mentiu sobre o Monstrumarium, o que significava que ele tinha mentido sobre tudo o mais também. Significava que ele sabia do *nidus* antes mesmo de conhecer o senhor, e significava que...

Os olhos dele se abriram e fixaram-se na minha imagem na janela.

— Você desconfiou dele? Não Von Helrung? Não Torrance? Você?

Assenti.

— O dr. Von Helrung não queria escutar no começo, mas aí chegou o telegrama dizendo que o senhor estava morto. Eu não acreditei. Nem o dr. Torrance, depois que expliquei tudo para ele. Ele me disse que eu daria um ótimo...

— Sim, isso me incomodou também... A chegada aparentemente inesperada dele à porta de *Meister* Abram mais ou menos na mesma hora que o sr. Kendall apareceu à nossa. Eu andei me recriminando muito durante esse tempo todo por haver deixado passar em branco os vários erros crassos que Arkwright cometeu, mas estava Compreensivelmente distraído e focado de modo total na tarefa à mão: encontrar Jack Kearns e o lar do *magnificum*.

— O senhor o encontrou? O dr. Kearns?

Ele fez que não.

— Kearns desapareceu um dia depois de despachar o sr. Kendall com sua entrega especial. Não tenho certeza de para onde ele foi primeiro — muito provavelmente para São Petersburgo, para fazer os preparativos necessários —, mas tenho quase certeza de onde ele está agora. Vamos encontrar nosso velho amigo na ilha de Socotra.

VINTE E SETE

“Um dilema interessante”

Ao chegarem a Londres, Warthrop e Arkwright pararam no hotel apenas para deixar as malas e depois se separaram — Arkwright rumou para a Dorset Street, em Whitechapel, para tentar localizar o apartamento de Kearns e descobrir alguma pista que ele tivesse deixado para trás, se é que tinha; enquanto Warthrop seguiu rumo ao Royal London Hospital para interrogar os colegas de Kearns e entrevistar o diretor do hospital, responsável por supervisionar o trabalho de Kearns. Warthrop descobriu quanto Kearns fora popular entre os funcionários — principalmente os do sexo feminino —, quanto era admirado pelos outros médicos e que ótimo doutor era, além de ser um dos melhores cirurgiões de traumatismos que o diretor já tinha visto. Não, Kearns não tinha avisado nem dado nenhuma indicação de que estava de partida. Num dia estava lá, no outro não. Meu mestre, fazendo-se passar por velho camarada de Kearns dos Estados Unidos, informou ao diretor que Kearns havia pedido sua opinião em relação a um caso bastante incomum, um caso que ele tinha certeza de que o diretor lembraria.

— Aquilo andava me intrigando desde a noite da visita do sr. Kendall — disse o doutor para mim. — O comentário sobre o escrivão com o caso de “febre tropical”. O diretor se lembrava muito bem do caso. “Trágico e frustrante”, definiu ele, embora não lembrasse que o homem era marinheiro. Então ele passou a descrever os sintomas, e eu soube que havia encontrado o dono do *nidus*.

— *Pwdre ser* — sussurrei.

— Sim. Ele estava nos estágios finais da exposição quando foi internado; não tinha mais pensamento coerente nem capacidade de fala. Não havia nada em sua pessoa que pudesse dar alguma pista de sua identidade, e ele se recusou a dizer seu nome — ou talvez não conseguisse se lembrar, provavelmente. A única coisa que o diretor lembrava que o homem dissera foram as palavras: “O ninho! O maldito ninho humano!” Aquilo, óbvio, atiçou a curiosidade de Kearns. Ele não é nenhum monstrologista; não faço a menor ideia se ele já tinha ouvido falar do *nidus ex magnificum*, mas os gritos angustiados do marinheiro e seus sintomas dramáticos provavelmente alertaram Kearns de que estava lidando com algo de natureza monstrológica.

O homem morreu horas depois de chegar ao hospital. Kearns assinou a ordem para cremar o corpo, a precaução costumeira em casos de doenças desconhecidas.

— E depois ele fez exatamente o que eu teria feito — disse o monstrologista. — O que eu fiz, naquela mesma tarde. Claro que a esta altura você já adivinhou o que é.

Não adivinhei. Resolvi arriscar.

— O senhor foi ao departamento naval para pesquisar os recentes...

— Ah, pelo amor de Deus, Will Henry! Francamente. Você estava me escutando ou não? Nem Kearns nem o diretor sabiam àquela altura que o homem era escrivão da Marinha.

— Mas Kearns contou ao sr. Kendall...

— Sim, *depois* que ele descobriu. Essa é a minha pergunta. Como ele — e eu — descobrimos quem era esse homem?

Respirei fundo e tentei de novo.

— Ele não disse seu nome. Não trazia documentos quando foi internado. Alguém o internou?

Ele sorriu.

— Bem melhor. Sim, ele foi trazido por uma tal de Mary Elizabeth Marks, que dizia tê-lo encontrado caído numa vala a um quarteirão de seu apartamento, no número 212 da Musbury Street, a menos de dois quilômetros do hospital. Ela disse que não o conhecia, nunca o tinha visto antes, estava bancando a boa samaritana, etcétera etcétera. Kearns a descobriu — como eu descobri, meses depois —, e ele não demorou — assim como eu não demorei — para arrancar a verdade dela. O paciente tinha sido cliente dela. A srta. Marks, entende, ganha a vida... divertindo marinheiros jovens e outros nem tão jovens assim... e quaisquer outros membros das forças armadas, ou civis, que gostam de... se divertir com damas que... divertem.

Ele pigarreou.

— Prefiro não saber. Sim, ela era uma dama da noite. No começo ela se aferrou à sua história, até eu lhe dizer que conhecia Kearns: então toda a expressão da moça mudou, de grosseira ficou alegre como uma menina.

— “Ah, o senhor está falando do *dr.* Kearns. Ah, ele é um sedutor, aquele ali”, disse ela, dando risadinhas. “E um bonitão, também!”

— “Ele é um velho amigo meu”, contei a ela, ao que ela respondeu, pousando a mão em meu braço: “Bem, qualquer amigo do *dr.* Kearns, chefe...”

— Ela confessou que o homem tinha sido um cliente regular; que havia, na verdade, morado com ela no apartamento da Musbury Street desde seu desligamento da marinha uma semana antes de adoecer; e que ela escondera a

verdade com medo de que o dono do seu apartamento a colocasse no olho da rua por morar com um homem fora da santidade do sagrado matrimônio. Ela começou a chorar ao falar em casamento. Amara Tim; os dois haviam conversado sobre casamento. Eu não era capaz de entender, disse a mulher, quanto a vida tinha sido cruel com ela, como seu pai havia espancado e depois abandonado sua mãe, como depois sua mãe morrera de tuberculose, deixando Mary nas ruas para implorar por comida e mais tarde vender o corpo para se alimentar. Timothy seria seu salvador, mas então seu salvador morreu.

Ele balançou a cabeça; seus olhos negros cintilaram.

— Ela havia guardado o baú dele com todas as suas coisas, inclusive as esquisitices e outras parafernálias que ele havia reunido nas suas viagens mundo afora. Kearns lhe pediu para ver. Aquilo poderia ajudar, explicou ele, a investigar a causa da misteriosa morte do pobre Timothy. Você bem sabe o que ele encontrou naquele baú, claro.

— “Nossa, o que é isso? “, disse ele. “Parece... Sabe o que ele ficava repetindo, Mary, sem parar? ‘O ninho! O maldito ninho humano!’ ” Mary Marks estava horrorizada. Disse que nunca havia pousado os olhos no *nidus*. Disse que Timothy nunca havia lhe falado dele. E então Kearns fez a mesma pergunta que eu fiz.

Ele fez uma pausa. Eu sabia o que ele estava esperando.

— Qual foi o último porto em que Timothy serviu antes de ser despachado? — arrisquei.

— Ah, um brilho suave. O mais fraco dos raios desponta através das nuvens! Sim, e você sabe a resposta, embora não os detalhes, que são poucos e seguem assim: Timothy Stowe serviu como escrivão de segunda classe a bordo do *HMS Acheron*, uma fragata da Marinha Real que havia acabado de voltar de sua viagem pelo mar da Arábia, depois de se reabastecer na guarnição do protetorado britânico de Socotra.

Warthrop correu ao hotel para contar a Arkwright a notícia. Ficou surpreso ao descobrir que seu companheiro ainda não havia voltado.

— Ele estava ausente havia várias horas, e sua tarefa não lhe deveria ter tomado nem a metade do tempo da minha. Esperei mais de uma hora; àquela altura o sol tinha começado a se pôr, e mesmo assim nem sinal de Arkwright. Comecei a recear que eu tivesse me enganado em relação a Kearns. Talvez ele não tivesse deixado a Inglaterra, no fim das contas, e Arkwright houvesse entrado sem aviso na toca do urso. Ah, como essa minha metáfora estava perto da verdade! A noite caiu e com ela minha esperança de sua volta rápida. Decidi que eu não tinha outra escolha a não ser sair para procurá-lo, e isso significava começar pela Dorset Street, que, se não era um lugar muito convidativo em

plena luz do dia, muito menos o seria numa noite enevoadada.

Ele suspirou, puxando o lábio inferior.

— Talvez eles tenham me seguido até ali — assim como um deles deve ter seguido Arkwright — ou tenham previsto que eu iria até lá procurá-lo. Eu não estava a mais de vinte metros do local onde o cabriolé me deixou quando uma sombra assomou da neblina. Vi o brilho de cabelos cor de cobre sob a luz do lampião, vi o braço se levantar, vislumbrei o cintilar do cano de uma pistola e, depois, escuridão... absoluta escuridão.

O monstrologista acordou com o cheiro de esgoto e os ecos distantes de água pingando, as sombras vacilantes tremeluzindo à luz do lampião e a pedra fria e úmida contra as costas, Suas mãos e pés tinham sido amarrados; as mãos foram presas atrás das costas e unidas por uma corda mais curta ao laço em volta de seu pescoço.

— Era como se fosse uma correia de cachorro amarrada à coleira, de modo que o menor movimento apertava o nó e me colocava na rédea curta, por assim dizer.

Na plataforma de esgoto ao lado dele estava caído Arkwright, amarrado de modo idêntico, acordado e, aos olhos de Warthrop, admiravelmente calmo, dadas as circunstâncias.

— Como se fosse um acontecimento corriqueiro acordar nos esgotos da cidade com um laço ao redor do pescoço e a trinta centímetros de distância o rosto cheio de cicatrizes de catapora de um russo ruivo.

— Boa noite, dr. Pellinore Warthrop — cumprimentou o bruto com um sotaque eslavo forte. — *Kak y Bacðera?*¹

Ao que Warthrop respondeu:

— *Tak ceðe.*²

— Ha, ha. Ouviu isso, Plesec? Ele fala russo!

— Ouvi, Rurick. A inflexão é boa, mas que sotaque...

O doutor tentou virar a cabeça para olhar o outro captor e foi recompensado com um puxão forte da corda no pescoço, forte o bastante, disse ele, para fazer um hematoma em seu pomo de adão. Ao seu lado, Arkwright sussurrou:

— Cuidado, doutor.

A reação de Rurick foi imediata. Ele apertou o longo cano preto de seu revólver Smith & Wessel contra a testa de Arkwright e puxou o martelo para trás. O clique foi alto e ecoou no espaço vazio.

— Você esqueceu regras. Falar só quando falarem com você. Dizer verdade. Se quebra regra um, eu atiro em você. Se quebra regra dois, Plesec arranca suas tripas fora com faca, transforma você em comida de rato.

O russo baixinho e careca chamado Plesec entrou no campo de visão de Warthrop. Ele estava revirando uma faca de caça com suas mãozinhas diminutas, a mesma faca que seria usada, meses depois, para quase decapitar Jacob Torrance.

— Você vem procurar sr. Jack Kearns — disse Rurick ao doutor. O monstrologista não entendeu aquilo como uma pergunta, por isso não respondeu. — Você vai hospital — ele se virou para Arkwright — e você vai apartamento dele. Por que vocês fazem isso?

— Ele é um velho amigo meu — disse Warthrop. — Ouvi dizer que ele tinha sumido, e nós...

— Agora eu obrigado achar que você é surdo e não ouve regra dois. Ou é idiota e não entende regra dois. Você que me diz, dr. Warthrop. Você é surdo ou você idiota?

— Nenhum dos dois, senhor, e exijo saber...

Arkwright cortou:

— Estamos procurando Kearns porque ele mandou uma coisa bastante valiosa para o dr. Warthrop.

— E?

— E nós queríamos perguntar a respeito.

— Se você procura John Kearns, por que você ver dois oficiais do serviço de inteligência secreta britânica, sr. Arkwright? Você acha que eles sabem para onde ele foi ou onde ele pode ter conseguido essa “coisa valiosa”?

Warthrop não conseguiu se conter; virou a cabeça para olhar para Arkwright, sendo a dor correspondente uma troca justa, pensou ele, pela chance de olhar a reação estoica do agente.

— Aqueles homens com quem vocês me viram hoje de manhã deixaram um bilhete para mim no hotel. Sabiam que o dr. Warthrop e eu estávamos em Londres e queriam me fazer algumas perguntas. Devo dizer que eles foram bem mais civilizados em suas...

O homem chamado Rurick agarrou um punhado de cabelo de Arkwright com a mão imensa e puxou-o, fazendo a corda se retesar com toda a força ao redor do pescoço do capturado ao esmagar a testa dele contra seus joelhos dobrados. A cabeça de Arkwright voltou para trás com um solavanco, e seus olhos brilharam embaixo do irado ponto vermelho localizado mais acima deles.

— Você é espião — vociferou Rurick. — Você atrás do *magnificum*.

Arkwright não respondeu. Não se mexeu. Olhou nos olhos irritados do russo sem piscar.

— Nós fazemos... — começou ele.

— Arkwright, não! — sussurrou Warthrop.

— Mas eu não sou espião, nem para os ingleses nem para ninguém. Como eu disse, meu nome é Thomas Arkwright, sou americano de Long Island e acompanhei o dr. Warthrop para assisti-lo em sua investigação sobre o desaparecimento de seu amigo Jack Kearns.

— Deixa eu cortar ele! — implorou Plesec para Rurick. — Ele faz a gente de bobo.

O monstrologista interveio:

— Estamos realmente atrás do *magnificum*. Kearns me enviou o *nidus*, mas não me disse mais nada. Então vim para cá para lhe perguntar, mas ele sumiu, como os senhores sabem. E os senhores parecem saber todo o resto, fato que é intrigante à luz desse interrogatório, prelúdio de execução, ou seja lá o que é isso.

Plesec abriu a boca, fechou-a de novo e olhou para Rurick.

— Isso foi regra um ou regra dois?

— Um. Com certeza um — respondeu Rurick. Ele deu um passo adiante e empurrou a boca do revólver contra a testa do doutor, no mesmo ponto em que ele havia batido antes em Arkwright. Seu dedo indicador peludo e gordo brincou com o gatilho e começou lentamente a apertá-lo.

— Não seja estúpido, Rurick. Se puxar esse gatilho, vai servir o restante de seu recrutamento na Sibéria junto com jogadores e ladrõezinhos de meia-pataca. Você sabe disso e eu também, por isso vamos parar com esses joguinhos infantis e dialogar como homens.

A voz era de Arkwright; mas o sotaque era distinta e inegavelmente britânico. O monstrologista fechou os olhos. Não estava esperando a bala; estava se remoendo por não ter visto a verdade antes, por ter ignorado seus pressentimentos e afastado as suas dúvidas na ânsia pela glória.

— Foi a única saída — confessou Warthrop para mim. — Ele sabia que, se não confessasse sua verdadeira identidade, seria nosso fim. Aferrar-se a seu disfarce criaria um entrave que só uma coisa conseguiria resolver: uma bala nos nossos miolos. Bem, duas coisas, se contarmos a faca de Plesec. Então ele contou a Rurick o que este já sabia ser a verdade: que ele não era Thomas Arkwright dos Arkwrights de Long Island; era um oficial do serviço de inteligência britânica — fato de que eu não tinha conhecimento, garantiu ele aos nossos captores. Seus superiores haviam ordenado que ele se infiltrasse na Sociedade com o propósito de descobrir a origem do *nidus ex magnificum* recém-entregue a mim por cortesia do dr. Jack Kearns.

— E como vocês britânicos sabem do *nidus*? — foi a pergunta seguinte de Rurick.

— Bem, o que você acha? Kearns nos contou — retrucou Arkwright.

— Ele conta do *nidus* mas não diz de onde vem?

— Não, ele não disse. Disse que não sabia de onde veio. Sabíamos que o *nidus* estava com ele, sabíamos que Kearns o enviara a Warthrop e sabíamos que ele tinha desaparecido. É tudo o que sabíamos.

— Então vocês pagam Warthrop para ser seu cão de caça?

— Não. Era de nosso conhecimento que o dr. Warthrop é uma dessas raras criaturas cuja honra não pode ser comprada. Decidimos enganá-lo. Jogar com seu ego, que, segundo todos os relatos, é consideravelmente grande e substancialmente fácil de manipular. Meu trabalho era ficar com ele até que ele descobrisse a origem do *nidus*.

— Ah. E depois matá-lo.

— Não — respondeu Arkwright com toda a paciência. — Somos britânicos. Evitamos assassinatos quando é possível. Matar é caro, arriscado e em geral resulta numa plethora de consequências indesejadas. É por isso que estou tentando ajudar você a entender, Rurick. Se você nos matar, vai criar mais problemas do que resolver.

— Não se vocês descobriram *magnificum* — argumentou Rurick. Ele se virou para Warthrop. — Você sabe onde ele está?

O monstrologista virou as costas para nossa silhueta e se sentou na cadeira ao lado da minha cama. Seus ombros oscilavam ao ritmo do balanço do trem. Naquele momento, soou o apito do trem, um guincho, um som quase histérico, como o de um animal ferido.

— Era um dilema interessante, Will Henry — disse ele com calma. Quase poderíamos estar sentados ao lado de uma lareira aconchegante na Harrington Lane discutindo um paradoxo do filósofo preferido do doutor, Zenão de Eleia. — Um pouco mais complicado do que pode parecer. Se eu mentisse e dissesse que não sabia, a providência mais inteligente dos russos seria me matar, porque a opção de me soltar e eu descobrir a resposta era um risco que Rurick e seu governo não poderiam correr. Porém, se eu dissesse a verdade e afirmasse que sim, a decisão seria ainda mais fácil. Ele sabia que seus rivais britânicos ainda não conheciam a localização exata do *magnificum*, um segredo que eles estavam dispostos a guardar a qualquer custo. Nesse caso, seriam então *obrigados* a nos matar. Nem a verdade nem a mentira poderiam poupar minha vida.

— A dama ou o tigre — falei.

— A dama ou o quê?

— Nada, senhor. Uma história que o dr. Torrance me contou.

— O dr. Torrance contou uma história para você? — estava tendo dificuldade para imaginar aquilo.

— Não tem importância, senhor.

— Então, por que você me interrompeu?

— Rurick não atirou nem no senhor nem no sr. Arkwright, então o senhor deve ter pensado em alguma coisa.

— Correto, Will Henry, mas isso mais parece a afirmativa de Newton de que, se a maçã caiu, deve estar no chão! Perceba que meu problema incluía ainda a presença de Arkwright, que eu havia acabado de descobrir ser um agente do governo de Sua Majestade. Se eu dissesse a verdade e por algum milagre fôssemos poupados, os britânicos saberiam onde encontrar o *magnificum*, e isso seria apenas ligeiramente menos desastroso do que minha morte.

A resposta ao “dilema interessante” dele lhe ocorreu em menos de um segundo. Não dizer nada quebrava a regra um. Mentir quebrava a dois. Dizer a verdade não quebrava nenhuma regra estabelecida, exceto a regra da necessidade; o resultado final seria o mesmo.

Ele podia sentir o hálito azedo de Rurick em seu rosto. Podia ouvir o gotejar incessante da água e sentir o cheiro do coquetel nauseante de urina e fezes humanas subindo da vala abaixo. Olhou para cima, para aqueles olhos negros sem fundo, os olhos de um predador, de um caçador como ele — aqueles olhos brilhantes, os *seus próprios* olhos, e disse a coisa, a *única* coisa, que poderia salvar sua vida:

— Eu sei onde ele está. O Sem Rosto vem de uma ilha na costa de Omã, chamada Masirah.

— Masirah? — perguntei.

— Sim! Masirah, que há tempos suspeita-se ser um esconderijo do *magnificum*. Era o blefe perfeito, Will Henry.

Qualquer outra resposta, conforme demonstrei, resultaria na nossa morte. Nossa única esperança residia na possibilidade de que os russos já soubessem que a origem do *nidus* era Socotra. Se eles acreditassem que eu tinha errado sobre a proveniência do *nidus*, talvez nos soltassem. Na verdade, nos soltar serviria ao interesse deles. Quando descobríssemos que o *magnificum* não estava em Masirah, eles já teriam concluído sua missão em Socotra. A coisa era perfeita de outra forma também, de uma forma secundária: supondo que eu estivesse certo e sobrevivêssemos, Arkwright retornaria a seus superiores a informação confidencial que ele havia sido mandado a obter: o *Typhoeus magnificum* estava na ilha de Masirah!

— Mas por que os russos sequestrariam o senhor e Arkwright se já sabiam onde estava o *magnificum*? Não entendo, dr. Warthrop.

Ele deu um tapinha no meu ombro e girou o corpo para sair da cadeira. Andou de novo até a janela e admirou seu perfil recém-bigodudo na vidraça.

— Nos assuntos de governo, Will Henry, *todos* os governos, quer sejam

democráticos ou despóticos, estão desesperadamente interessados em duas coisas: obter informações que desejam proteger e proteger informações que já obtiveram. A pergunta de Rurick não era “onde está o *magnificum*?”, e sim “você sabe onde está o *magnificum*?” Isso me atingiu como um raio. Não “me diga onde está o *magnificum*”, mas “você *sabe* onde está o *magnificum*?” Aquilo desestabilizou a mão dele; lancei meu pequeno blefe e sobrevivemos.

O dedo de Rurick relaxou no gatilho. Ele olhou para seu parceiro careca, que exibia um sorrisinho apertado e estava assentindo.

— Tem certeza dessa tal Masirah? — perguntou Rurick ao doutor.

Warthrop se empertigou, ou pelo menos tanto quanto a corda ao redor de seu pescoço permitia, e disse (ah, bem posso imaginar!):

— Sou um cientista, senhor. Busco a verdade e apenas a verdade, somente pela verdade em si, sem me importar com os interesses de governos ou principados, crenças religiosas ou preconceitos culturais. Como cientista, estou fornecendo uma teoria baseada nas informações ao meu dispor. Portanto, até que se prove o contrário só pode ser chamada de teoria — em outras palavras, até alguém encontrar de fato o *magnificum* na ilha de Masirah.

Rurick franziu a testa, tentando fazer seu cérebro reptiliano entender a resposta do doutor.

— Então... você não sabe se é Masirah?

— Acho que é altamente provável.

— Droga, Warthrop! — berrou Arkwright. — Pelo amor do maldito inferno, antes que ele estoure os miolos de nós dois, o *nidus* veio ou não veio de Masirah?

— Ora essa, sim. Acredito que sim.

Rurick e Plesec se retiraram para considerar suas opções. Havia apenas duas. Warthrop usou aquele tempo para se recompor. Não era a primeira vez que ele se via cara a cara com a morte, mas isso era algo com que nunca é possível se acostumar. Enquanto os russos sussurravam com pressa (parecia que Rurick ainda acreditava que a melhor e mais rápida opção seria matar; seu companheiro, porém, tinha enxergado a sabedoria que existia em liberá-los), Arkwright se virou para Warthrop e disse em voz baixa:

— Posso salvar nós dois, mas você precisa jogar conforme o meu jogo e aceitar tudo o que eu disser.

— Perdão, Arkwright, acho que entendi errado. Parece que você acabou de me pedir para confiar em você.

— Warthrop, você não conhece esses homens; eu, sim. Eles são da Okhranka, a polícia secreta russa, e não é possível encontrar dois assassinos mais malignos deste lado da Ucrânia. Nós estamos na pista deles há mais de um ano.

Rurick é o verdadeiro selvagem, um predador sanguinário e desalmado. Ele foi interrogado duas vezes pela Scotland Yard por causa dos assassinatos em Whitechapel no ano passado. Não é possível argumentar com ele. Se ele receber ordens de matar você, *irá matar você*.

O monstrologista se recusou a abrir mão da fé que colocara na razão; ele era um cientista, como tinha dito; a razão era seu deus. A hesitação de Rurick em puxar o gatilho convenceu o doutor de que sem sombra de dúvida ele havia acertado. Os russos sabiam que Socotra era o lar do *magnificum*. Entretanto, ele não podia explicar esse raciocínio para Arkwright. Se fizesse isso, entregaria o jogo aos britânicos.

— Então como propõe que sigamos em frente nesse caso, Arkwright?

O espião inglês deu uma piscadela.

— Deixe tudo comigo.

Warthrop suspirou ao refletir.

— Bem, o que aconteceu depois você já sabe. Arkwright “revelou” aos russos o plano britânico de como se livrariam de mim depois que eu descobrisse a localização do *magnificum*. Não era, confessou ele, a primeira vez que uma “inconveniência” para a Coroa ia parar num lar de loucos. Rurick ficou cético, ou talvez apenas confuso, mas Plesec entendeu na mesma hora o espírito da coisa, achou uma ideia sensacional e engraçadíssima. Em meia hora já estávamos a caminho de Hanwell. Rurick puxou Arkwright de lado, em frente aos portões, enfiou a Smith & Wesson nas costelas dele e lhe informou que sabia onde sua família morava e que era melhor ele manter sua parte no trato, ou seja, convencer Von Helrung de que eu tinha encontrado o Criador na minha perseguição ao *magnificum*. Todos se despediram extremamente satisfeitos, exceto aquele que estava prestes a ser atirado num sanatório de loucos para lá permanecer até o resto de seus dias. Arkwright estava feliz por ter conseguido se safar com a informação que buscara conosco — e com vida; os russos estavam satisfeitos pelo segredo de Socotra estar a salvo; e tanto um quanto os outros acreditaram que não havia mais nada a temer.

Uma sensação de tristeza tomou conta de mim inesperadamente, junto com uma culpa esmagadora em relação ao destino de Thomas Arkwright. Eu desconfiara dele e em seguida o odiara por ter arrancado Warthrop de mim, julgara-o e condenara-o em minha cabeça por um crime que só havia sido concebido na minha mente, e no fim quem orquestrou a prova final de Thomas não foi nenhum “assassino sanguinário e desalmado”, nenhum “rei mau” como na parábola de Torrance. Não: foi um garoto de treze anos consumido pelo ciúme e pelo orgulho, que se arrogou o papel de defensor e vingador de um homem que o rejeitou em função de outro e o exilou da atmosfera rarefeita de

sua presença.

VINTE E OITO

“O problema de Veneza”

O doutor não ficou nada feliz por ver sua grande busca pelo troféu máximo da monstrologia adiada por uma pausa de seis horas em Veneza — apesar do fato de ser *Venezia, La Serenissima*, a rainha do Adriático, uma das mais (se não *a* mais) belas cidades do mundo.

Chegamos ali por volta das três da tarde de um dia quente e iluminado de fim de primavera, quando o sol poente transformava os canais em longas faixas douradas, e os edifícios que ladeavam as margens esquerdas cintilavam como joias. As doces serenatas dos gondoleiros saltavam das gôndolas e se aproximavam de nós dançando alegremente, em cada ruazinha estreita e beco afastado, enquanto a luz de ouro se acumulava nos arcos das lojinhas e restaurantes e nas sacadas de ferro forjado que ficavam de frente para as águas.

Ah, Veneza! Você se recosta como uma bela mulher nos braços de seu amado, desarmada e descuidada, e seu coração pulsa, repleto de luz imaculada. Como eu queria que houvéssemos ficado aninhados nesse colo orvalhado não seis, mas sessenta vezes seis horas. Um garoto vaga por uma terra desértica de poeira e ossos, de rochas branqueadas e despedaçadas e de ventos inflexíveis numa estação de seca. Os lamentos da terra árida, a angústia dos ossos e do pó e as rochas despedaçadas roídas pelo vento quente: esse foi seu lar, essa a sua herança... Mas então o garoto se vira. Vira-se e fita Veneza cantando à luz dourada, e cai enfeitiçado; diante do que ele herdou, a doçura dela se torna ainda mais comovente.

O monstrologista parecia conhecer cada atalho e confirm naquela cidade flutuante, estar familiarizado com cada lojinha minúscula e com cada café na calçada. “Eu passei um ou dois verões aqui durante meu período europeu” foi sua explicação. Talvez estivesse se referindo aos seus dias de aspirante a poeta; parecia mais algo que um artista diria de si mesmo, “meu período europeu”. Jantamos cedo em um café na Piazzetta di San Marco, perto da lagoa, um respiro bem-vindo depois de caminhar durante duas horas na cidade sem propósito ou destino claro (ou assim me pareceu). O doutor pediu um café expresso e se acomodou em sua cadeira para desfrutar do clima ameno e das lindas mulheres, que pareciam tão abundantes em Veneza e cujos risos despreocupados ecoavam entre a Libreria e a Zecca como água fluindo na fonte da *piazza*.

Ele bebericou seu expresso e permitiu que seus olhos vagassem sonhadores pela paisagem cativante, seu olhar tão lânguido quanto as águas do *Canalasso*.

— Este é o problema de Veneza — disse ele. — Depois que você a conhece, todos os outros lugares parecem sem graça e cansativos, portanto você é sempre lembrado de onde não está. Seu olhar foi atraído por duas jovens vistosas que caminhavam de braços dados ao longo do Molo, onde o sol faiscava e cuspiam raios incandescentes de ouro sobre as águas azuis. — O mesmo vale para quase todas as coisas venezianas.

Ele coçou seus novos bigodes, pensativo.

— Para a monstrologia também. De um modo diferente. Você já está comigo há tempo suficiente, Will Henry; deve entender o que quero dizer. A vida não pareceria terrivelmente... bem, *chata*, sem ela? Não estou dizendo que as coisas foram sempre divertidas ou mesmo agradáveis para você, mas pode imaginar como a vida seria mundana e interminavelmente cinza se você fosse obrigado a abrir mão da monstrologia?

— Já imaginei, senhor.

Ele me olhou com atenção:

— E?

— Eu fui... tive a oportunidade de... — eu não conseguia encará-lo. — Morei com a sobrinha do dr. Von Helrung quando o senhor estava fora, a sra. Bates, e ela se ofereceu para me adotar...

— Adotar você! — ele parecia atônito. — Para quê?

Senti meu rosto ficar quente.

— Para meu próprio bem, eu acho.

Ele soltou um ruído de desdém, viu minha expressão magoada, pousou a xícara e disse:

— E você recusou.

— Meu lugar é com o senhor, dr. Warthrop.

Ele assentiu. O que aquele gesto significava? Que ele concordava que meu lugar era com ele? Ou ele estaria apenas reconhecendo minha decisão, independentemente da sua opinião pessoal? Ele não disse, e não ousei perguntar.

— Eu estava lá, sabe — disse ele. — Na noite em que você nasceu. Sua mãe estava em um dos quartos de hóspede... por uma questão de conveniência. *Minha* conveniência, eu quero dizer. Eu havia acabado de receber um espécime novo e precisava da ajuda de seu pai na dissecação. Estávamos no porão quando sua mãe entrou em trabalho de parto dois andares acima de nós, portanto só ouvimos seus gritos quando subimos, várias horas depois. James saiu correndo para cima, desceu correndo de volta para o porão e então me arrastou para o lado dela.

Eu o encarei, sem acreditar.

— Eu nasci na Harrington Lane?

— Sim. Seus pais nunca lhe contaram?

Fiz que não. Não era algo que eu teria lhes perguntado.

— E foi o senhor que me trouxe ao mundo?

— Eu disse isso? O que foi que eu acabei de dizer? Eu disse que fui arrastado para o leito dela pelo seu pai agitado. Pelo que me lembro, as palavras da sua mãe foram: “Não deixe este homem chegar perto de mim!” — e deu uma risadinha. — Tive a impressão de que sua mãe não gostava muito de mim.

— Ela disse a papai que um dia ele iria morrer por causa do trabalho com o senhor.

— Disse, é? Hmmm. Um comentário premonitório, embora a previsão só tenha se concretizado de um jeito indireto — coçou a barba do queixo e olhou para a estátua de São Teodoro matando o dragão em cima da coluna de granito ali perto.

— Você fez isso, dr. Warthrop?

— Fiz o quê?

— Isso, me trouxe ao mundo.

— Não sou parteira, Will Henry. Nem médico. Sei como matar coisas, cortar coisas e conservar coisas. Como você supõe que isso me qualifique a trazer a vida para o mundo? — ele não conseguia me encarar, contudo, e eu sentia uma enorme dificuldade em encará-lo. Warthrop cruzou as pernas e juntou as mãos sobre o joelho levantado, entrelaçando os dedos delicados. Teriam sido aquelas as primeiras mãos que me seguraram? Teriam sido aqueles os primeiros olhos que me viram e os primeiros olhos que eu vi? Era um pensamento vertiginoso por motivos que eu não conseguia articular.

— Por que o senhor não me contou? — perguntei.

— Não é o tipo de coisa que surge naturalmente em uma conversa — respondeu ele. — Por que esse olhar de espanto, Will Henry? Eu também nasci naquela casa. Isso não carrega em si, até onde eu sei, a marca de Caim.

Ficamos na *piazzeta* até o sol se pôr. O doutor tomou quatro expressos, o último de um gole só, e, quando se levantou, todo o seu corpo parecia vibrar dentro das roupas. Saiu andando sem olhar para trás, obrigando-me a fazer o máximo para acompanhá-lo do melhor jeito que eu pudesse por entre a multidão explosiva, passando pela Basilica di San Marco antes de entrar na Piazzetta dei Leoncini. Ali eu o perdi de vista no meio das pessoas, depois o avistei novamente, quando ele estava saindo da praça, caminhando rumo leste pela Calle de Canonica, em direção ao canal.

Ele parou de modo abrupto diante de uma porta aberta e ficou

absolutamente imóvel, uma imagem impressionante — depois daquela fúria de movimento, agora uma estátua imóvel no anoitecer de veludo. Eu o ouvi murmurar:

— Será que... Há quanto tempo?

Ele olhou para seu relógio de pulso, fechou a tampa e fez sinal para que eu entrasse com ele.

Adentramos um salão à meia-luz com pé-direito baixo, repleto de mesas de madeira, a maioria vazias, em cujos fundos havia um pequeno palco. Não havia nada na plataforma a não ser um piano vertical velho encostado na parede. O doutor se sentou a uma mesa perto do palco, embaixo de um pôster de casa noturna que de algum jeito tinham conseguido fazer não cair da parede de gesso esmigalhado.

Um homem de meia-idade com cara de *basset hound* usando um avental manchado nos perguntou o que queríamos beber. Warthrop pediu outro café expresso, o quinto, ao que o *cameriere*¹ respondeu:

— Não temos café, só vinho ou *spritz*.

O monstrologista suspirou e pediu o aperitivo, que ficaria intocado; Warthrop não bebia álcool. Perguntou ao nosso garçom de rosto infeliz se uma mulher chamada Veronica Soranzo ainda cantava no clube.

— *Si*. Canta — disse ele, e sumiu pela porta à direita do palco.

O doutor se acomodou na cadeira e recostou a cabeça na parede. Fechou os olhos.

— Dr. Warthrop?

— Sim, Will Henry?

— A gente não deveria estar voltando para a estação agora?

— Estou esperando.

— Esperando?

— Por um velho amigo. Na verdade, três velhos amigos.

Ele abriu um olho, fechou-o de novo.

— E o primeiro acaba de chegar.

Eu me virei na cadeira e vi um homem enorme de ombros caídos ocupando todo o vão da porta. Ele usava um sobretudo amarfanhado pesado demais para aquele clima ameno e um chapéu batido de feltro. Não foi pelo seu cabelo (isso o chapéu escondia na maior parte), mas pelos seus olhos que o reconheci. Soltei um murmúrio abafado de espanto e pisquei os olhos, e no momento seguinte ele havia desaparecido.

— Rurick! — falei, num sussurro. — Ele nos seguiu até aqui?

— Está nos seguindo desde que deixamos a estação. Ele e seu comparsa sem cabelo, o diminuto Gospodin Plesec, vagaram por toda Veneza conosco;

sentaram-se nos degraus da Basilica di San Marco hoje à tarde enquanto bebericávamos na *piazzetta*.

— O que vamos fazer?

Os olhos dele continuaram fechados, sua expressão serena. Ele não tinha a menor preocupação neste mundo.

— Nada.

Qual era o problema dele? *Rurick é o verdadeiro selvagem, um predador sanguinário e desalmado*, dissera Arkwright. Warthrop deve ter pensado que estaríamos a salvo naquele pulgueiro patético, mas não podíamos ficar escondidos ali para sempre.

— Bem, dois dos velhos amigos aí estão — disse o doutor. — Se Rurick está na frente, então Plesec deve estar vigiando a retaguarda — e abriu os olhos, empertigando o corpo. Atrás da sua cadeira, pedaços de gesso da parede caíam, chuviscando até o chão.

— E lá vem o terceiro!

Ele se inclinou para diante, apoiando os antebraços nos joelhos. Seus olhos cintilaram sob a luz trêmula dos bicos de gás.

Um homem metido numa camisa branca enrugada e colete preto surgiu da porta ao lado do palco, curvou-se ligeiramente na direção do público ralo e se sentou ao piano. Levantou as mãos bem alto sobre as teclas, manteve-as ali suspensas por um instante dramático e depois as deixou cair com toda a força, lançando-se a uma interpretação travessa de “A Wand’ring Minstrel I”, da ópera *O Micado*. O piano estava terrivelmente desafinado e a técnica do homem era horrorosa, mas ele era um músico bastante físico, que atirava todo o corpo em seus esforços. Suas nádegas subiam e desciam no banquinho capenga acompanhando o ritmo, um metrônomo humano, um homem que tocava piano como se o piano é que o tocasse.

Sem mais nem menos, sem a menor ponte, ele passou à ária de Violetta de *La traviata*, e uma mulher surgiu pela porta metida num vestido vermelho desbotado, os longos cabelos escuros fluindo livremente pelos ombros nus. Seu rosto estava pintado com uma pesada maquiagem de palco; mas, mesmo assim, ela era uma mulher belíssima, no auge da meia-idade, eu adivinhei, com olhos brilhantes cor de chocolate que, como os de tantas italianas, falavam tanto de promessas quanto de perigos. Não posso dizer que sua voz se elevasse à altura de sua aparência. Na verdade, não era nem um pouco bonita. Olhei para o monstrologista, que a ouvia num estado de completo enlevo. Eu imaginei o que poderia estar enfeitando o doutor tanto assim — a voz é que não podia ser.

Ele bateu na mesa ao término da canção, gritando “Bravo! *Bravissimo!*”, enquanto os outros clientes bateram palmas com educação e depois se viraram

depressa para suas garrafas. A mulher saltitou com leveza do palco e caminhou direto na nossa direção.

— Pellinore! Querido, querido Pellinore! — e o beijou de leve nas duas bochechas. — *Ciao, amore mio. Mi sei mancato tanto*¹ — e correu as mãos pelas faces barbudas dele, acrescentando: — Mas o que é isso?

— Não gostou? Acho que me dá uma aparência distinta. Veronica, este é Will Henry, filho de James e minha mais recente *acquisizione*.

— *Acquisizione!* — os olhos castanhos dela bailaram de deleite. — *Ciao, Will Henry, come sta?* ² Conheci bem o seu pai. *È molto triste. Molto triste!* Mas, Pellinore, *perché sei qui a Venezia? Lavoro o piacere?* ³ — perguntou ela, deslizando para a cadeira ao lado dele. Naquele momento, nosso garçom voltou com o aperitivo *spritz* do doutor. Veronica estalou os dedos para o homem e dali a minutos ele voltou com uma taça de vinho.

— É sempre um prazer estar em Veneza — respondeu o monstrologista. Ele levantou o copo para brindar com ela, mas não bebeu.

Ela voltou aqueles olhos risonhos para mim e disse:

— A aparência de um *farabutto*⁴, as palavras de um *politico*!

— Veronica está dizendo que gostou da minha barba — disse o doutor em resposta à minha expressão confusa.

— Faz você parecer velho e cansado — opinou ela com desdém.

— Talvez não seja culpa da barba — retrucou Warthrop. — Talvez eu esteja mesmo velho e cansado.

— Cansado, *si*. Velho, jamais! Você não envelheceu nem um dia, nem uma hora desde a última vez que o vi. Quanto tempo faz? Três anos?

— Seis — respondeu ele.

— Não! Tanto assim? Não admira, então, por que estive tão sozinha! — e ela se virou para mim. — Você vai me contar, sim? O que traz o grande Pellinore Warthrop de tão longe até Veneza? Ele está encrencado, não? — e, em seguida, para o doutor: — Quem é desta vez, Pellinore? Os alemães?

— Na verdade, são os russos.

Ela o encarou por um momento antes de cair na risada.

— E os britânicos — acrescentou Warthrop, levantando um pouco a voz. — Embora eu tenha conseguido despistá-los, por um tempo pelo menos.

— Sidorov? — perguntou ela.

Ele encolheu os ombros.

— Provavelmente ele deve estar no meio também.

— Então é trabalho. Você não veio aqui para me ver.

— Signorina Soranzo, como eu poderia fazer essa viagem tão longa até

aqui e não ver você? Para mim, *você é Veneza*.

Os olhos dela se estreitaram; o elogio não caiu bem.

— Suponho que se possa dizer que estou meio encrencado, sim — continuou ele, apressado. — O problema tem dois desdobramentos. A primeira parte é enorme, está armado até os dentes e vagando aí em frente na Calle de Canonica. A segunda, acho, deve estar na rua de trás. Não é tão grande, mas sua faca é. Meu problema se complica devido ao fato de meu trem partir daqui a uma hora.

— E daí? — perguntou ela. — *Perché pensi di avere un problema?* ⁵ Mateos. — Ela disse aquilo com naturalidade, como se estivesse aconselhando o doutor a medicar uma dor de cabeça.

— Receio que isso só complicaria ainda mais o meu problema. Meu trabalho já está difícil o bastante sem ter de ainda por cima virar um fugitivo.

— *Bastardo* — disse ela. — Quando eu entrei e vi você aqui sentado, meu coração... *Sono stupido*, eu devia ter adivinhado. Durante seis anos não vejo você. Não recebo uma única carta. Até que penso: ele deve ter morrido. Por qual outro motivo não viria me ver? Por qual outro motivo não escreveria? Seu trabalho é para a morte, penso eu; então, ele deve estar morto!

— Nunca fingi ser algo que não sou — respondeu rigidamente o monstrologista. — Fui muito honesto com você, Veronica.

— Você sai escondido de Veneza sem sequer se despedir, sem bilhete, sem nada, como um ladrão no meio da noite. E chama isso de honesto? — ela inclinou o queixo na direção dele. — *Sei un codardo*, Pellinore Warthrop. Você não é um homem; é um covarde.

— Pergunte a Will Henry. É assim que eu faço minhas despedidas — disse ele.

— Eu me casei — anunciou ela de repente. — Com Bartolomeo.

— Quem é Bartolomeo?

— O pianista.

O doutor não sabia se ficava aliviado ou magoado.

— É mesmo? Bem, ele parece bastante... enérgico.

— Ele está *aqui* — vociferou ela.

— E eu também. O que nos leva de volta ao meu problema.

— Exato! *Il problema*. Que o russo da faca tenha a sorte de encontrar seu coração!

Ela saiu com um volteio da cadeira, num floreio teatral, permitindo que ele segurasse seu pulso antes que ela pudesse fugir. Ele a trouxe para perto de si e sussurrou com urgência em seu ouvido. Ela escutou com a cabeça baixa, os olhos fixos no chão. Seu coração estava obviamente despedaçado. Uma vez

arrastado para a órbita warthropiana, até mesmo o mais forte dos corações — e as mulheres possuem os mais fortes de todos — sentem dificuldade em se libertar. Ela o odiava e o amava, ansiava por ele e rechaçava-o, e amaldiçoava a si mesma por sentir alguma coisa, qualquer coisa. Seu amor exigia que ela o salvasse; o seu ódio, que ela o destruísse.

O aspecto mais cruel do amor, dissera o monstrologista, é sua integridade inviolável.

Veronica e Bartolomeo moravam bem em cima do clube noturno, num apartamento apertado e com pouca mobília, que ela tinha se esforçado para alegrar com flores frescas, toques de cor e pôsteres de obras de arte. Havia uma pequena sacada na frente que dava para a Calle de Canonica. As portas da varanda estavam abertas quando entramos; as cortinas brancas ondulavam ao vento benéfico, e eu ouvia o som da vida urbana veneziana vindo lá de baixo.

Bartolomeo se juntou a nós, com a frente da camisa encharcada de suor, os olhos dotados daquele ar distraído e desligado do mundo que é universal aos artistas — e aos loucos. Ele abraçou Warthrop como se fosse um amigo há tempos perdido e perguntou o que ele achava de sua música. O doutor respondeu que um músico do seu calibre merecia um instrumento melhor, e Bartolomeo atirou os braços ao redor dele e lhe deu um beijo lambuzado na bochecha.

O monstrologista explicou nossa situação difícil e sua ideia para resolvê-la. Bartolomeo abraçou o plano com a mesma ferocidade que tinha acabado de empregar no doutor, mas receou que a diferença de altura entre os dois pudesse ser um problema.

— Vamos apagar a luz aqui em cima — disse Warthrop. — E Veronica vai ficar entre mim e a rua. Não vai ser um disfarce perfeito, mas acho que vamos conseguir ganhar o tempo de que precisamos.

O doutor se retirou para o quarto para se despir; Bartolomeo tirou as roupas bem ali onde estava, sorrindo o tempo todo, divertido, talvez, com meu espanto ante sua falta de modéstia nada vitoriana.

A porta do quarto se abriu e Veronica saiu com as roupas do doutor, brigou em italiano com o marido e voltou para o quarto, batendo a porta com força. Bartolomeo deu de ombros e disse para mim:

— *La signora è una tigre, ma lei è la mia tigre.*⁶

As roupas do monstrologista eram grandes demais para ele — Bartolomeo não era um homem alto — mas, da rua, de noite, à meia-luz... Torci para que o doutor estivesse certo.

Depois de vários minutos a porta do quarto se abriu de novo e Veronica saiu, seguida por outra mulher — ou pelo menos uma criatura semelhante a uma mulher, mais parecida com algo que o sr. P. T. Barnum poderia incluir como

atração secundária num de seus espetáculos, vestindo o mesmo vestido vermelho desbotado que, poucos instantes antes, adornara a silhueta decididamente mais voluptuosa de Veronica Soranzo. Bartolomeo caiu na gargalhada diante daquele arremedo ridículo de feminilidade, com direito a maquiagem aplicada às pressas e aos calcanhares nus do doutor pendendo para fora dos sapatos da sua mulher.

— Esta dama, pelo visto, precisa se depilar — brincou ele.

— Não há tempo — retrucou Warthrop com cara séria, — Preciso de um chapéu.

— Algo com um toque de dourado — sugeriu Bartolomeo. — Para destacar a cor dos seus olhos.

Ele estendeu o revólver do doutor, que encontrara no bolso do casaco.

— Entregue-o a Will Henry; não tenho onde guardá-lo.

— Se sua arma fosse menor, você poderia enfiá-la na cinta-liga.

— Gostei do seu marido — disse o monstrologista a Veronica enquanto ela enfiava um chapéu de abas largas na cabeça dele.

— Ele é um idiota — retrucou ela, e Bartolomeo riu. — Viu? Eu o insulto e ele dá risada.

— É por isso que eu sou um bom marido — disse Bartolomeo.

Veronica sibilou algo em voz baixa, agarrou o marido pelo pulso e o arrastou na direção da sacada.

— Não dê nem um pio, está entendendo? Fique aí perto da porta e abaixe a cabeça, que eu cuido da falação.

— Pensei que você falou que teríamos de atuar.

Ela espiou a rua lá embaixo pelas cortinas.

— Não estou vendo esse homem que você descreveu, Pellinore.

— Ele está aí — garantiu Warthrop, ajustando o chapéu diante do espelho.

Ela saiu na sacada, parou, virou as costas e então abandonou o marido nas roupas folgadas, um monstrologista em miniatura, para voltar para o lado do doutor.

— Eu nunca mais verei você novamente — disse ela.

— Não temos como saber.

Ela balançou a cabeça.

— *Non si capisce.*⁷ Você é um idiota igual a ele. Todos os homens são idiotas. Eu disse que *eu* nunca mais verei você novamente. Nunca mais volte aqui. Graças a você, todas as vezes que eu olhar para meu marido, verei o homem que ele não é.

Ela o beijou: o amor. Depois lhe deu um tapa: o ódio. Bartolomeo assistiu àquilo tudo, sorrindo. Que importava para ele? Warthrop podia ser o dono do coração dela, mas ele, Bartolomeo, era o *dono* dela.

Eles foram para a sacada. A voz dela, treinada para se projetar em espaços amplos e abertos, soou, dizendo:

— Como você ousa voltar para cá agora, depois de todos esses anos! Estou casada agora, com Bartolomeo. Não posso ir, Pellinore. Não posso ir! O que foi? O que foi que você disse, Pellinore Warthrop? *Amore!* Está falando de amor? — e soltou uma risada cruel. — Eu nunca vou amar você, Pellinore Warthrop! Nunca mais vou amar outro homem na vida!

— Bem, Will Henry — suspirou meu mestre-barra-amante. — Acho que já foi o bastante; melhor irmos.

Saímos pela porta da frente; Warthrop com a mão pousada protetoramente sobre meu ombro, uma (altíssima e enfeitada de jeito exagerado) governanta com seu protegido, nós dois andando o mais rápido que o passo bamboleante do doutor permitia pela Calle de Canonica, na direção do canal. O doutor manteve a cabeça baixa; já eu não pude resistir e olhei em torno, procurando o assassino russo. Eu o vi aguardando embaixo de um arco na rua, fingindo que não estava ouvindo a performance de Veronica lá em cima. A atuação dela era apenas um pouco melhor que seu canto; mesmo assim, parecia estar surtindo efeito. Rurick não abandonou o posto.

Depois de chegarmos sem problemas ao Rio di Palazzo, embarcamos em uma gôndola cujo condutor era um modelo de discrição. Não fez nenhum comentário nem reagiu de modo gritante àquela mulher horrenda — ou homem estranhíssimo — que pisou em sua embarcação. Chegou até a perguntar, com a cara mais lavada do mundo, se os passageiros gostariam de ouvir uma canção.

Os sons da rua foram sumindo. As águas escuras cintilavam como os céus incrustados de estrelas quando as atravessamos com um suavíssimo sussurrar e passamos por baixo de uma ponte que brilhava, tão branca como ossos, à luz da lua em quarto crescente.

— A Ponte dei Sospiri — disse o monstrologista em voz baixa. — A Ponte dos Suspiros. Está vendo as grades nas janelas, Will Henry? Através delas os prisioneiros tinham sua última visão da beleza de *Venezia*. Dizem que os amantes serão abençoados caso se beijem embaixo da Ponte dos Suspiros.

— Si, *signor...* *signorina...* si. É o que dizem — confirmou nosso ligeiramente confuso gondoleiro.

— Talvez eu a tenha beijado aqui — disse Pellinore Warthrop para si mesmo... o fugitivo, o prisioneiro. — Não lembro.

VINTE E NOVE

“Antes de você existir, eu já existia”

A caçada ao Sem Rosto recomeçou conosco, os caçadores, sendo caçados. O doutor se adaptou melhor a essa virada da sorte do que seu jovem aprendiz, que não conseguia tirar dos pensamentos o fogo gelado dos olhos de seu perseguidor, tão semelhante ao que ardia nos olhos do seu mestre, a chama antiga e insaciável que flameja nos olhos de todos os predadores, os remanescentes pétreos do incêndio primordial. A cada tiquetaque do relógio, a cada quilômetro que passava, o fogo nos olhos do monstrologista ficava mais frio e mais forte. O que o movia era mais antigo do que ele. Era algo tão antigo quanto a vida e tão inexorável quanto. Ardia dentro dele e o consumia. Ele era o predador; ele era a presa.

— Como eles nos encontraram? — perguntei a mim mesmo em voz alta naquela noite, enquanto nos preparávamos para dormir.

— Acho que eles nunca nos “perderam” — respondeu ele. — Estavam em nosso trem desde Calais, ou pelo menos desde Lucerna. Eles nos seguiram até Veneza porque esta foi a primeira e melhor oportunidade.

— Oportunidade de quê?

— De dizer um “oi” e relembrar os velhos tempos. Francamente, Will Henry!

— Se eles o deixaram partir antes, por que desejariam matá-lo agora?

— Eles não me soltaram, se você não se lembra. A menos que você considere soltar o fato de atirar alguém em um sanatório de loucos.

— Mas por que desejariam matar o senhor se acreditam que o senhor não sabe onde está o *magnificum*?

— Pelo mesmo motivo que desejavam me matar quando não sabiam o que eu pensava — e se deitou na cama e disse: — Eles tiveram meses para pensar no meu truquezinho do esgoto, tempo bastante para que até mesmo um homem com a agilidade mental limitada de Rurick chegasse à conclusão de que eu podia estar mentindo. Ou talvez eles apenas tenham achado que o melhor era eu estar morto de vez. — Deu uma risadinha seca. — E não são os únicos a pensarem assim!

— Quem é ela, dr. Warthrop? Quem é Veronica Soranzo?

— Alguém de que não quero falar.

— O senhor e ela foram... — eu não sabia que palavra usar.

Ele pelo jeito sabia, pois respondeu:

— Sim... e não. Isso importa?

— Não.

— Então por que você tocou no assunto? — perguntou ele em tom desafiador, virando-se de lado e remexendo com estardalhaço os lençóis.

— É que eu nunca pensei que...

— Sim? O que você nunca pensou? Existem tantas possibilidades; não me faça adivinhar. O quê? Que eu tenha tido uma vida antes de você entrar em cena? Eu não brotei do chão quando você chegou, Will Henry. Antes de você existir, eu já existia, e há um bom tempo, aliás. Veronica Soranzo pertence a quem eu fui, e eu tento me preocupar apenas com o que é e com o que será. Agora, por favor, me dê um pouco de paz. Preciso pensar.

Quando acordei, várias horas depois, por um instante desorientado achei que estava de volta ao meu sotãozinho na Harrington Lane, sendo sacudido de um sono profundo pelos gritos desesperados dele me chamando até seu leito. O doutor havia fechado as cortinas, o pequeno compartimento estava escuro como breu, e eu só o descobri graças ao som de seus soluços abafados. Seu corpo se contraiu ante o toque da minha mão.

— Dr. Warthrop?

— Não foi nada. Nada. Um sonho, só isso. Nada. Volte a dormir.

— Tem certeza? — perguntei. Não parecia ser nada, para mim. Ele nunca havia parecido tão aterrorizado.

— E se ele a matou, Will Henry? — chorou ele. — Depois que descobriu nossa charada, deve ter ido tirar satisfação com ela, não acha? Sim, sim. Deve ter ficado furioso; descontado sua raiva nela. Ah, o que foi que eu fiz, Will Henry? O que foi que eu fiz?

— Será que deveríamos voltar?

— Voltar? Voltar para quê? Para enterrá-la? Você *alguma vez* escuta o que eu digo? Eu a ofereci em meu lugar, Will Henry. Eu a matei!

— O senhor não sabe. Não tem como saber — o terror dele era contagioso. Envolvi as cobertas ao redor de meus ombros trêmulos. De repente, o compartimento havia ficado muito frio e muito pequeno. Não pude ver seu rosto; ele era uma sombra insubstancial contra o cinza-escuro.

— Não olhes em meus olhos — murmurou, febril. — Pois eu sou o basilisco. Teme meu toque, pois sou o Midas do aniquilamento — e buscou minha mão no escuro, para se consolar, pensei, mas eu estava errado. — James e Mary, Erasmus e Malachi, John e Muriel, Damien e Thomas e Jacob e Veronica, e todos aqueles cujos nomes esqueci e aqueles cujos nomes nunca soube... — pressionou o local onde meu dedo deveria estar. — E você, Will Henry. Você se

colocou a serviço do *ha-Mashchit*, “o destruidor” o anjo da morte que Deus criou no primeiro dia, no mesmo dia em que disse: “Faça-se a luz”. E, quando eu pisar a praia da Ilha de Sangue para plantar a bandeira do conquistador, quando atingir o topo do abismo, quando encontrar aquilo que todos nós tememos e que todos nós buscamos, quando eu me virar para fitar o Sem Rosto, que rosto verei?

No escuro, ele ergueu minha mão e a pressionou contra sua face.

Seu rosto é beatífico quando dele me recordo hoje, congelado em uma expressão de serenidade divina, como a estátua grega de um herói da Antiguidade — Hércules, talvez — ou o busto de César Augusto nos Musei Capitolini. O rosto do Warthrop vivo se petrificou em minha lembrança, e seus olhos, como os de uma estátua, são vazios, destituídos de detalhes, destituídos de visão. Não é uma falha de memória — ah, como me lembro bem desses olhos! —, é a misericórdia que reservo para mim mesmo. E é meu presente para ele: a absolvição da cegueira.

Ele caiu em silêncio. Acho que não falou mais do que três palavras para mim entre Veneza e Brindisi. Só quebrou a seca verbal uma vez, quando estávamos na fila da bilheteria da P&O para comprar passagens em um trem-leito rumo a Porto Said.

— Estamos algumas horas na frente deles, Will Henry. Apesar do atraso inesperado, devemos chegar a Áden bem antes deles. Mas lá eles talvez consigam nos alcançar. Não sei quanto tempo demoraremos para acertar os detalhes de nossa travessia até Socotra.

Ele olhou para mim.

— A menos que você deseje voltar.

— Voltar? — achei que eu devia estar alucinando. Estaria o monstrologista pensando mesmo seriamente em desistir? Era um comentário tão incomum que me perguntei se ele não teria perdido o juízo, se Arkwright não teria apenas adiantado as coisas quando o internara em Hanwell quatro meses antes.

— Posso telegrafar para que Von Helrung encontre você em Londres.

— E deixar o senhor sozinho? Não, dr. Warthrop.

Ele sacudiu a cabeça, tristemente.

— Acho que você não entende aquilo para o que o seu não está dizendo sim.

— Isso nunca me segurou antes — retruquei. — Não entender o sim no “não”.

O monstrologista riu.

Durante as primeiras horas do trecho mediterrâneo de nossa jornada de onze mil quilômetros, tive medo de que o enjoo que eu sofrera na travessia do Atlântico voltasse, como um parente desagradável que chega sem aviso para

jantar. Você abomina sua companhia, mas não consegue mandá-lo embora. O monstrologista me proibiu de ficar nos deques inferiores, dizendo que a atmosfera era imunda graças à poeira do carvão e aos “eflúvios dos quatro continentes” referindo-se, eu acho, aos outros passageiros. Ele me levou ao castelo de proa e apontou para a frente.

— Não tire os olhos do horizonte, Will Henry. É o único truque que funciona. Funciona para quase todos os males, se você pensar bem.

— O dr. Von Helrung me aconselhou a dançar.

O doutor assentiu com ar sério:

— Dançar também não é má ideia.

Ele apoiou os braços na amurada. O vento sul agitou seus longos cabelos negros, transformou seu casaco em uma bandeira semafórica enlouquecida. Ele fechou os olhos e levantou o rosto para o vento.

— Ainda não, ainda não — murmurou. Olhou para minha expressão intrigada e explicou: — A África. Dá para sentir o cheiro dela, sabe.

— Como é esse cheiro?

— Não consigo lhe dizer. Seria como tentar descrever a cor azul a um homem cego de nascença. — Em seguida, porque ele era Pellinore Warthrop, pôs-se a tentar. — Antiga. A África cheira a coisa... antiga. Não no sentido de algo que apodreceu ou azedou; antiga no melhor sentido — antiga porque ainda precisamos torná-la “nova”. “Antiga” numa referência ao mundo como ele era antes de o remodelarmos à nossa própria imagem, antes de ferirmos a terra com nossos arados e derrubarmos as florestas com nossos machados, antes de destruírmos os rios e cavarmos grandes buracos na terra, antes de termos aprendido a tirar mais do que precisamos, antes de ficarmos eretos — esse tipo de antigo; o que é outra maneira de dizer que a África cheira a coisa *nova*.

Ele se virou de novo na direção do horizonte.

— Nos dias em que estou mais desolado, quando levantar a cabeça do travesseiro é a única coisa que consigo fazer e o mundo inteiro parece negro e a vida em si não passa da história contada por um idiota, penso na África. E a maré negra, como se sentisse medo, recua: recua pois não tem resposta para a África.

— A maré negra?

Ele sacudiu com força a cabeça. Parecia mortificado por ter tocado no assunto.

— É o nome que dou para algo que não pode ser nomeado, Will Henry. Ou que tenho medo demais de nomear. É parte de mim e ao mesmo tempo não é. Não é tão diferente de uma maré — recua suavemente, volta rugindo. Entretanto, não é previsível como as marés. É governada, porém; assim como a lua governa

as marés... — e sacudiu a cabeça, frustrado; o monstrologista não estava acostumado à falta de articulação. — Nos melhores dias, consigo afastar a maré escura. Nos piores, sou dominado: é *da* que me conduz. Eu fugiria, mas, se ela é parte de mim, para onde eu poderia correr? Ah, não importa. É impossível exprimir exatamente o que quero dizer.

— Tudo bem, senhor. Eu acho que entendo.

Fechei os olhos e levantei o nariz para o vento quente do Mediterrâneo. Eu desejava com todas as forças conhecer o cheiro da África.

Nossa escala em Porto Said, na extremidade norte do Canal de Suez, seria breve: duas horas para o navio se reabastecer de carvão e suprimentos e para permitir transferências. O turbilhão que era o reabastecimento de carvão de um navio foi o bastante para fazer a maioria dos passageiros descerem à terra firme durante o intervalo, eu e meu mestre aí incluídos, embora o objetivo dele não fosse tanto escapar, e sim conseguir um resgate.

Paramos primeiro no telégrafo, onde Warthrop enviou a seguinte mensagem breve a Von Helrung:

CHEGAMOS AO EGITO. CHEGADA A ÁDEN
PREV. P. DIA 19.
ESCREVA PARA LÁ EM CASO DE NOVIDADES.

E depois esta, para a mulher que salvara sua vida em Veneza:

RESPONDA PARA A AUTORIDADE PORTUÁRIA DE ÁDEN
QUANDO RECEBER ESTA MSG.
PELLINORE.

O telégrafo estava quente, abafado e lotado, basicamente de europeus (o próprio operador de telégrafo era alemão), a maioria voltando da Índia depois de sua cota de terras exóticas e de romantismo das viagens internacionais. Nós saímos, não para onde não estava tão abafado nem tão lotado, mas sim para um lugar muito mais quente, com um calor de fornalha ao qual eu, um menino da Nova Inglaterra, estava completamente desacostumado. Parecia que meus pulmões estavam sendo esmagados aos poucos.

— Onde está seu chapéu, Will Henry? — perguntou o doutor. — Você não pode ir a lugar nenhum na África sem um chapéu.

— Deixei-o no navio, senhor — respondi, engasgado.

— Venha, então, mas precisamos correr. Existe alguém que quero ver antes de o navio partir.

Ele me conduziu por uma série de ruas estreitas e tortuosas, uma confusão de ruelas que se interceptavam e mal chegavam à largura de trilhas de floresta, com a diferença de que aqui as árvores tinham troncos finos e nenhum galho, e que a poeira bafejava e fervia sob nossos pés.

Viramos uma esquina e demos com um mercado ao ar livre chamado *souq*, uma espécie de bazar onde se podia encontrar praticamente qualquer coisa — doces e curiosidades (vi mais de um vendedor apregoando cabeças encolhidas), bebidas, tabaco, café e roupas —, incluindo uma variedade de chapéus, porém não conseguimos encontrar nenhum que não fosse pelo menos três vezes maior que meu número. Houve comentários de que o sol devia ter fervido toda a umidade que existia na minha cabeça. Não me importei. A aba ficava caída em minhas sobancelhas e aquilo balançava de um jeito irritante quando eu fazia o menor movimento, mas bloqueava o maldito sol.

Deixamos o mercado e refizemos os passos até um café enfumaçado mais ou menos perto das docas. Os clientes — todos homens — estavam sentados em pequenos grupos fumando *sissha*, um tabaco com gosto frutal, em narguilés. Ao ver meu mestre, o dono do lugar veio correndo, batendo palmas furiosamente e exclamando o nome “Mihos! Mihos!”. Ele envolveu o doutor em um tremendo abraço de quebrar as costelas.

— Vejam quem o vento soprou do deserto! Olá, olá, meu velho amigo! — exclamou o homem num inglês quase sem sotaque.

— Fadil, é bom ver você novamente — devolveu Warthrop calorosamente. — Como andam os negócios?

— Mais ou menos igual.

— Tão ruim assim?

— Pior! Terrível! Mas é sempre terrível, então do que posso reclamar? Mas quem é esse aí escondido embaixo do guarda-chuva branco enorme?

— Este é Will Henry — respondeu o monstrologista.

— Henry! Filho de James? Mas onde está James?

— Ele se foi.

— Se foi?

— Morreu — intervim.

— Morreu! Oh, mas isso é terrível! Terrível! — lágrimas se acumularam em seus olhos cor de lama. — Quando? Como? E você é filho dele?

Assenti, e o chapéu balançou para a frente e para trás na minha cabeça encolhida pelo calor.

— E agora você assumiu o lugar dele. São sapatos muito grandes para ocupar, pequeno William Henry. Muito grandes, sim!

— Sim — disse Warthrop. — Fadil, meu navio parte em menos de uma hora, mas existe algo que eu preciso...

— Ah, mas isso é terrível! Você precisa jantar na minha casa, Mihos; pegue o próximo navio. Diga que sim; você vai ferir meus sentimentos se disser não.

— Então receio que serei obrigado a feri-los. Talvez quando... ou se... eu voltar...

— Se você voltar? Se? O que quer dizer isso, se?

O doutor espiou ao redor, pela fumaça fragrante. Os clientes de Fadil pareciam alheios à sua presença. Mesmo assim...

— Vou explicar tudo — em particular.

Nós o seguimos até o quarto dos fundos, uma espécie de salão de apostas em miniatura, onde um homem muito gordo conduzia um jogo de dados com dois belgas ansiosos, suados e obviamente em risco financeiro. Eles despejavam a prata na mesa, observavam os dados rolares da caixa de madeira do homem gordo e depois observavam sua prata desaparecer. Warthrop grunhiu em desaprovação; Fadil afastou aquela objeção com um gesto.

— Eles são *belgas*, Mihos; não se importam com nada. Sente, sente no canto ali, onde não podemos ouvir os gritos de dor e tristeza. Mas isso é terrível, onde eu estava com a cabeça? Vou mandar lhe trazerem um chá — tenho Darjeeling! — e um *lassi*¹ para William.

— Eu realmente não tenho tempo para o chá — disse meu mestre, educadamente.

— O quê? Não tem tempo para o chá? Você, Mihos? Então seus negócios no Egito, como os meus, devem ser terríveis.

O monstrologista assentiu.

— Em quase todos os sentidos.

— O que foi desta vez? Contrabandistas de novo? Eu já lhe disse para ficar longe dessa escória, Mihos.

— Meu problema tem a ver com uma escória vinda de um lago completamente diferente, Fadil. A Okhranka, a polícia secreta do czar.

— Os russos? Mas isso é terrível! O que você aprontou com o czar?

Warthrop sorriu.

— Digamos que meus interesses entraram em conflito com os deles.

— Ah, isso não é bom... para o czar! Rá! — e inclinou os antebraços sobre a mesa; seus olhos brilharam com ansiedade. — O que Fadil pode fazer por seu bom amigo Mihos?

— São dois homens — respondeu o doutor. Então descreveu Rurick e

Plesec. — Consegui evitá-los em Londres e Veneza, mas eles não podem estar a mais do que algumas horas de distância, agora.

— E o navio deles irá parar aqui para se abastecer com carvão e suprimentos.

Fadil assentia gravemente.

— Deixe tudo comigo, Mihos. Esses dois verão seu último pôr do sol!

— Não quero que você os mate.

— Não quer que eu os mate?

— Matá-los só traria mais problemas a você. Em uma semana, Porto Said estaria mergulhada em uma praga de Ruricks e Plesecs.

Fadil deixou escapar um som de desdém e bateu o punho na palma da mão aberta, um gesto árabe de desprezo.

— Deixe que venham. Não tenho medo dos russos.

— Você não conheceu esses russos. São os próprios filhos de Sekhmet, o destruidor.

— E você é Mihos, o leão, guardião do horizonte, e eu sou Menthu, o deus da guerra! — e voltou seus olhos castanhos cintilantes para mim. — E você quem seria, filho de James Henry? Seu pai era Anúbis, aquele que pesa os corações humanos. Será você Ophois, seu filho, aquele que abre o caminho para a vitória?

Warthrop disse:

— O que eu preciso é de tempo, Fadil. Quinze dias seria bom, um mês seria melhor ainda, quatro meses seria poético. Você poderia me dar esse tempo?

— Se me deixasse matá-los, eu lhe daria a eternidade! Mas sim, tenho amigos em Porto Said que têm amigos no Cairo que têm amigos no tribunal de Tewfik. Isso pode ser arranjado. Não vai sair barato, Mihos.

— Von Helrung irá lhe transferir o valor que for necessário — o monstrologista verificou o relógio de pulso. — Mais uma coisa — disse, rápido. — Estamos a caminho de Áden, precisaremos de transporte de lá até nosso destino final.

— Qual é o seu destino final?

— Não posso dizer.

— Como assim, não pode dizer? Sou eu, Fadil!

— Preciso de alguém que com certeza ficará de boca fechada e que não tem medo de um pouco de perigo. Um navio veloz também ajudaria. Conhece alguém assim em Áden?

— Conheço muita gente em Áden, mas não tanta em quem confio. Há um homem; ele deve servir. Não tem um navio veloz, mas deve com certeza conhecer alguém que tem... O que você está caçando que interessaria ao czar da

Rússia e que impede você de confiar em seu velho amigo Fadil? Que espécie de monstro é esse, desta vez?

— Não sei — respondeu o doutor, com sinceridade. — Mas pretendo descobrir, ou morrer tentando.

Fadil insistiu em nos acompanhar até o porto, e parecia que todos na rua o conheciam. Gritos de “Fadil! Fadil! “ nos seguiram da porta do café até a prancha de embarque. O doutor estremecia ante cada “Fadil! “... Ele quisera que sua presença em Porto Said passasse despercebida.

— Quando você resolver esses negócios terríveis nesse lugar que você não pode dizer qual é, depois que a sua caçada atrás do que você não sabe o que é estiver consumada, volte e me diga o que o czar pode saber, mas Fadil não! Vamos nos banquetear com *fasieekh* e *kafta*, e apresentarei minhas filhas para William... ou devo dizer Ophois? Rá, rá!

Ele me deu um tapa com força nas costas, olhou ao redor furtivamente e depois sacou um pequeno objeto do bolso da sua calça. Era um escaravelho esculpido de alabastro, transformado em colar. Ele pressionou o amuleto nas minhas mãos, dizendo:

— Um *kheper*, meu novo jovem amigo, da décima dinastia. No antigo Egito, seu nome significava “vir à existência”. Vai lhe trazer sorte.

— E vários anos de prisão, se as autoridades pegarem você com ele — acrescentou o doutor secamente.

— Chegou às minhas mãos de um jeito honesto, num jogo egípcio de tabuleiro, cães e chacais com um visconde húngaro caindo de bêbado que o comprou de um menino de rua em Alexandria. Agora não venha você me insultar recusando meu presente.

Ele abraçou Warthrop, finalizou o abraço de urso com um beijo — sinal de amizade no Egito — e me dispensou com um também, estalado nos lábios. Achou minha reação espantada divertidíssima; sua risada robusta nos seguiu todo o caminho pela prancha até o navio.

— Você não devia ter aceitado — disse Warthrop para mim, referindo-se ao escaravelho. — Agora você lhe tirou toda a sorte.

Ele sorriu com languidez. O comentário, creio, era apenas em parte uma brincadeira.

Foi preciso dez anos para os franceses construírem o Canal de Suez, e o mesmo tanto parecia ser necessário para atravessar seus cento e sessenta quilômetros. Nós seguíamos a um ritmo que uma lesma ridicularizaria, e a paisagem, se é que se podia chamá-la assim, não oferecia nenhuma distração agradável: deserto à esquerda, deserto à direita, e, acima, um céu em fogo, o sol a uma braçada de distância. O único sinal de vida fora do navio eram os

mosquitos, cujas picadas dolorosas nos atormentavam toda vez que pisávamos no deque. O doutor me ouviu xingando-os e disse:

— Para os antigos, esses mosquitos representavam tenacidade e crueldade na batalha. Eles eram presenteados aos guerreiros vitoriosos como símbolos de valor.

Aquela era uma nota de rodapé histórica que provavelmente seria mais interessante em nossa sala de estar na Harrington Lane. No momento, os mosquitos pareciam mais símbolos de loucura do que de valor.

Alimentávamos os mosquitos até o sol se pôr, quando então o céu mudava de azul para amarelo, depois para laranja e então um índigo aveludado, e as primeiras estrelas surgiam hesitantes no firmamento. Rápida incursão, então, até o andar de baixo para comermos (rápida porque o calor lá em cima não era nada comparado ao forno do interior de um vapor a carvão no meio do deserto) e depois de volta ao deque para nos alegrarmos com o ar frio noturno. Não havia assentamentos ao longo do canal, nenhuma luz cintilando nas margens, nenhum som ou sinal de civilização em parte alguma. Havia as estrelas e a água e a terra sem vida que não conseguíamos enxergar, e a proa do navio cortando a superfície profundamente adormecida, tão silenciosa quanto o barco de Caronte na escuridão estígia. Uma sensação de terror se apoderou de mim, a sensação vertiginosa de estar completamente ciente de cada respiração e ao mesmo tempo de estar à deriva de meu próprio corpo, um fantasma vivo, uma sombra que pagou sua moeda de prata ao barqueiro para atravessar até os mundos inferiores. Eu poderia ter me voltado para o homem ao meu lado em busca de consolo — tal como ele se voltou para mim no trem até Brindisi, tal como se voltou incontáveis vezes no passado, quando engolido pelo que ele chamava de “a maré negra”. Eu poderia ter me voltado para ele e dito: “Dr. Warthrop, senhor, estou com medo”.

Não o fiz, pois não ousava. Não foi o temperamento dele que conteve minha confissão. Não foi o fato de que ele pudesse menosprezar ou julgar meu sentimento. Eu havia me acostumado ao ponto do tédio com essas coisas.

Não, eu segurei a língua por medo de que ele me abandonasse de novo.

As estrelas acima. A água abaixo. A terra sem vida em ambos os lados. E, além do horizonte invisível, cuja aproximação era marcada por cada batida de nossos corações, a coisa que nós dois ansiávamos e temíamos: o *magnificum*, *das Ungeheuer*, o topo do abismo.

TRINTA

“Eu irei busca-lo”

Havia dois telegramas à espera do doutor quando chegamos no porto em Áden. O primeiro era de Nova York:

TUDO TRANQUILO JOHN BULL PERGUNTOU

SE ENCONTRAMOS SEU CÃO PERDIDO.
DISSE PARA PERGUNTAREM A IVAN.
EMILY MANDA LEMBRANÇAS. VÃO COM
DEUS. A. V. H.

— John Bull? — perguntei.

— Os ingleses — traduziu o monstrologista. — O “cão perdido” é Arkwright. “Ivan” são os russos. Von Helrung deve ter recebido a vista da inteligência britânica procurando seu agente desaparecido e jogou a culpa na Okhranka. Mas quem é Emily, e por que ela manda lembranças? — ele puxou o lábio inferior, intrigado com aquela frase, para ele enigmática.

— Emily é a sra. Bates, senhor, a sobrinha do dr. Von Helrung.

— Que estranho. Por que ela me manda lembranças? Nunca vi essa mulher na minha vida.

— Creio, senhor... — pigarreei. — Creio que ela manda lembranças para mim.

— Para você! — ele balançou a cabeça como se aquela ideia o deixasse perplexo.

O segundo telegrama era de Porto Said:

NEM SINAL DOS FILHOS DE SEKHMET.
DEIXAREI A PORTA ABERTA PARA ELES. MENTHU.

— Não é o que eu esperava — confessou Warthrop. — E não sei se devo ficar consolado ou perturbado.

— Talvez eles tenham desistido.

Ele fez que não.

— Conheço homens como Rurick; ele não é do tipo que desiste. Suponho que eles podem ter sido convocados a voltar para São Petersburgo ou substituídos após sua derrota em Veneza. É possível. Ou então tomaram uma rota alternativa... ou passaram despercebidos para os homens de Fadil por algum

motivo... Bem, não há sentido em se preocupar com isso. Vamos ficar de olho e torcer pelo melhor.

Ele tentou dar um sorriso reconfortante e só conseguiu um sorriso warthropiano; ou seja, um sorriso que mal passava do nível de uma careta. Ele de fato ficou perturbado, isso era óbvio, pelo telegrama de Porto Said que recebera e pelo de Veneza que não recebera. Nenhuma resposta havia chegado de Veronica Soranzo.

Saímos do telégrafo. Eram mais ou menos dez da manhã, mas o dia já estava com um calor sufocante, beirando os trinta e dois graus. (À tarde, passaria dos trinta e sete.) O porto estava tinindo de atividade — carregadores somalianos, camelôs iemenitas, colonizadores e soldados britânicos. Controlada pelos britânicos, Áden era uma importante escala e ponto de abastecimento entre a África e seus interesses na Índia. Garotos nativos metidos em *thobes*, as túnicas típicas de manga comprida, aguardavam nas margens com burricos preparados para transportar passageiros até a cidade próxima de Crater. Ou, se você fosse uma pessoa de meios menos modestos, poderia contratar um *gharry*, uma carruagem-táxi indiana puxada por um único cavalo, parecida com uma diligência americana.

O doutor não escolheu nem o burrico nem o *gharry*, pois nosso destino ficava a pouca distância da praia. O homem recomendado por Fadil estava hospedado no Grand Hotel de L'Univers, na Prince of Wales Crescent (rua nomeada em homenagem à visita do príncipe de Gales em 1874), uma via que se curvava suavemente do mar até os morros castanhos sem vegetação que assomavam diante da praia. Não parecia ser uma longa caminhada, mas todas as caminhadas são longas no calor escaldante de Áden. No caminho passamos por um gigantesco depósito de carvão, onde bandos de homens sem camisa, somalianos na maioria, de torsos cor de ébano cintilando como obsidianas, empilhavam sacos pesados de carvão ao repique discordante de pandeiros. De vez em quando um homem saía da fila para rolar pelas pranchas pretejas, usando a poeira de carvão para secar o suor. A poeira que não estava cobrindo os trabalhadores nem o chão pairava sobre o depósito numa neblina sufocante. A cena era infernal — como um sonho purgatorial — e linda — o modo como a luz dura do sol atravessava a nuvem rodopiante de poeira, fazendo as partículas maiores cintilarem e cuspirem luz dourada.

Ao meu lado, o monstrologista murmurou:

— Acredito que estou no inferno, portanto estou nele.

Deu um tapa no envelope contra sua coxa enquanto caminhávamos, ao ritmo dos tocadores de pandeiro, que usavam fêmures de bezerros para fazer sua música. O envelope continha a carta de apresentação de Fadil para nosso contato

em Áden. O monstrologista ficara muito empolgado quando Fadil mencionou o nome do homem.

— Não fazia ideia de que ele havia voltado ao Iêmen — exclamara ele. — Achei que estivesse contrabandeando armas na Etiópia.

— Isso não deu muito certo para ele — respondera Fadil. — Na verdade, foi terrível! Segundo contou, o rei Menelik o enganou, retribuindo com seis mil francos todo o seu esforço. Ele voltou ao Iêmen — a Harad, para o comércio de café e marfim. Mas faz viagens frequentes para Crater, onde deve estar agora. Se estiver, tenho certeza de que você irá encontrá-lo no Grand Hotel de L'Univers. Ele sempre fica por lá quando está na cidade.

— Sinceramente torço para que você esteja certo, Fadil — respondera meu mestre. — Além de precisar da ajuda dele nessa circunstância humanitária um tanto desesperada, conhecê-lo me traria uma enorme satisfação pessoal.

O hotel era uma estrutura comprida e baixa com arcos de pedra, pátios e treliças nas janelas, um estilo arquitetônico comum tanto ali como na Índia. Entramos, e lá a temperatura caiu míseros dois ou três graus. À esquerda via-se a loja do hotel exibindo mercadorias exóticas — peles de animais da África e da Ásia, seda de Bombaim, espadas e punhais árabes — e outras mais mundanas, cartões-postais e material de papelaria, chapéus de palha e ternos de algodão branco, o uniforme não oficial dos colonos. O saguão tinha sido projetado para refletir o orgulho que seus donos sentiam pelo império, todo de madeira escura e veludo espesso, mas o calor e a umidade haviam rachado e entortado a madeira e aberto buracos no veludo, num presságio do que estava por vir.

— Procuo Monsieur Arthur Rimbaud — informou o monstrologista ao recepcionista, um árabe cuja camisa branca provavelmente começara o dia engomada, mas que havia murchado graças ao calor, como a flor do deserto rainha-da-noite. — Ele se encontra?

— Monsieur Rimbaud está hospedado conosco — confirmou o recepcionista. — Posso informar quem deseja?...

— Dr. Pellinore Warthrop. Tenho aqui uma carta de apresentação da parte de...

O recepcionista estendeu a mão, mas o doutor não lhe entregou a carta. Insistiu em entregá-la pessoalmente ao sr. Rimbaud. O recepcionista deu de ombros — estava quente demais para fazer caso de qualquer coisa — e nos encaminhou para um garotinho que nos conduziu até a sala de jantar, situada do outro lado da loja de suvenires. A sala se abria para um terraço que dava de frente para o mar; a distância, vi a ilha Flint, um rochedo grande e nu que os britânicos usavam como estação de quarentena durante os surtos frequentes de cólera.

Sentado sozinho a uma das mesas estava um homem magro mais ou menos da idade de Warthrop. Seu cabelo escuro era cortado bem rente e estava ficando grisalho nas têmporas. Ele usava o onipresente terno de algodão branco. Quando virou a cabeça em nossa direção, fiquei imediatamente assombrado pelos seus olhos, como a maioria dos que o conhecia ficavam. No começo achei que eram cinzentos, mas ao olhar mais de perto descobria-se que eram do mais pálido tom de azul, como a cor das pedras-da-lua, as gemas que os indianos chamam de “pedras dos sonhos”, acreditando que provocam lindas visões noturnas. Seu olhar era direto e desconcertante, como tudo o mais em Jean Nicholas Arthur Rimbaud.

— Sim? — perguntou ele. Não havia nada de simpático naquele “sim”.

O doutor se apresentou rapidamente, e um tanto sem fôlego — um camponês humilde que de repente se vê na companhia da realeza. Entregou a carta de Fadil a Rimbaud. Não nos sentamos. Esperamos Rimbaud ler a carta. Não era uma carta comprida, mas o homem pareceu demorar um longo tempo para lê-la, enquanto ficávamos ali de pé no calor árabe borbulhante com o oceano cintilando sedutoramente a poucas centenas de metros de distância. Rimbaud apanhou um cálice cristalino repleto de um líquido da cor das algas verdes e bebericou-o delicadamente.

— Fadil — murmurou ele em voz baixa. — Não vejo Fadil há oito anos ou mais. Fico surpreso por ele não ter morrido — e, tirando os olhos do papel, olhou para nós, talvez esperando que o doutor fizesse algo interessante, fizesse algum comentário espirituoso, risse da piada (como se aquilo fosse uma piada), contasse algo que ele não sabia a respeito de Fadil. O doutor nada disse. Rimbaud fez um gesto com a mão livre para uma cadeira e agradecidamente nós nos juntamos a ele na mesa. Ele pediu outro absinto para o menininho árabe, que tinha ficado todo o tempo de pé a distância, e perguntou se o doutor desejava algo.

— Um chá seria maravilhoso.

— E para o menino? — inquiriu Rimbaud.

— Só água, por favor — rouquejei. Minha garganta ardia a cada engolir em seco.

— Melhor não — advertiu Rimbaud. — Eles dizem que fervem a água, mas... — pediu um refrigerante para mim.

— Monsieur Rimbaud — começou Warthrop, inclinando o corpo para a frente na cadeira. — Devo lhe dizer que prazer é conhecê-lo, senhor. Tendo me arriscado no ramo em minha juventude, eu...

— Em que ramo? No ramo do café?

— Não, eu quis dizer...

— Pois esse é o meu ramo, dr. Warthrop, minha *raison d'être*¹. Sou um comerciante.

— Justamente! — exclamou o doutor, como se o francês tivesse apontado outra semelhança. — Foi assim que a coisa aconteceu comigo. Eu também abandonei a poesia, embora em nome de um ramo bastante diferente do seu.

— Oh? E qual seria esse ramo bastante diferente, dr. Warthrop?

— Sou um cientista.

Rimbaud estava levando o cálice aos lábios. Congelou diante da palavra “cientista”, e então, devagar, pousou o cálice de novo na mesa, sem tocar no absinto.

— Fadil não mencionou na sua carta que o senhor era um doutor de espécie *científica*. Eu estava esperando que pudesse dar uma olhada na minha perna, que anda me incomodando. Os médicos de Camp Aden... Bem, eles são demasiado *britânicos*, se não se incomoda que eu diga.

Warthrop, que havia acabado de passar vários meses sob cuidado exclusivo de médicos demasiado britânicos, assentiu enfaticamente e disse:

— Entendo completamente, Monsieur Rimbaud.

O menino voltou com nossas bebidas. Rimbaud engoliu o resto de seu primeiro absinto — se é que era o primeiro; suspeito que não — antes de aceitar o novo trazido pelo menino, como se estivesse correndo para acompanhar o ritmo do doutor, que nem sequer havia começado. “Mostre-me um homem incapaz de controlar seus apetites”, dissera o monstrologista, “e eu lhe mostrarei um homem vivendo sob uma sentença de morte.”

Rimbaud bebericou o novo drinque, decidiu que gostava daquele mais do que do anterior e deu outro gole. Seu olhar de pedra-da-lua pousou em minha mão.

— O que aconteceu com seu dedo?

Olhei para o doutor, que respondeu:

— Um acidente.

— Está vendo isso? Esse é meu “acidente” — Rimbaud levantou o pulso, que exibia uma área enrugada em carne viva de tom vermelho intenso. — Levei um tiro de um amigo querido. Também por “acidente”. Meu amigo querido está na Europa. Eu estou em Áden. E minha ferida está bem aqui.

— Creio que meu verso preferido está em *Iluminações* — disse meu mestre, pressionando um pouco mais. Parecia incomodado com alguma coisa. — “*Et j'ai senti un peu son immense corps*”². A justaposição de “*peu*” e “*immense*”... é simplesmente maravilhosa.

— Não falo de minha poesia, dr. Warthrop.

— É mesmo? — o doutor estava estupefato. — Mas...

— É... o quê? O que são meus poemas? *Rinçures*³... restos, a borra. O poeta morreu. Morreu muitos anos atrás... afogado, em Bab-el-Mandeb, o Portão das Lágrimas — e eu transportei seu corpo até estas montanhas atrás de nós, até a Torre do Silêncio em Crater, onde o deixei para os abutres, para que sua corrupção não envenenasse o pouco que restou da minha alma.

Ele deu um sorriso forçado, satisfeito consigo mesmo. Os poetas nunca morrem, pensei. Apenas falham no final.

— Agora, o que é esse ramo que o traz até Áden? — inquiriu Rimbaud bruscamente. — Sou um homem bastante ocupado, como o senhor vê.

O doutor, seu ânimo desencorajado pela atitude desdenhosa de Rimbaud — provando do próprio remédio, pela primeira vez —, explicou o motivo de termos ido perturbar o importante compromisso absintiano matinal de Rimbaud.

— Desculpe — interrompeu Rimbaud. — Mas o senhor disse que deseja ir para onde?

— Socotra.

— Socotra! Ah, o senhor não pode ir a Socotra agora.

— Por que não posso?

— Bem, o senhor *poderia*, mas seria o último lugar a que se desejaria ir.

— E por que razão, se posso perguntar, Monsieur Rimbaud ? — o doutor aguardou com nervosismo a resposta. Teria a notícia do *magnificum* chegado a Áden?

— Porque é época das monções. Nenhuma pessoa sã tenta ir agora. O senhor deve esperar até outubro.

— Outubro! — o monstrologista sacudiu a cabeça com afinco, como se estivesse tentando limpar os ouvidos. — Isso é inaceitável, Monsieur Rimbaud.

Rimbaud encolheu os ombros.

— Não controlo o tempo, dr. Warthrop. Faça suas reclamações a Deus.

É claro que o monstrologista, como o monstro Rurick, não era de desistir tão facilmente. Ele pressionou Rimbaud. Implorou a Rimbaud. Por pouco não o ameaçou. Rimbaud absorveu aquilo tudo com uma expressão divertida. Talvez estivesse pensando: “Esse Warthrop é tão americano! “. No fim, e depois de mais dois absintos, o poeta cedeu, dizendo:

— Ah, muito bem então. Não posso impedir o senhor de se suicidar, do mesmo modo que não posso impedi-lo de escrever poesia. Aqui — e rabiscou um endereço no verso de seu cartão de visitas. — Entregue isto a um *gharry-wallah*, ele vai saber onde fica. Pergunte por Monsieur Bardey. Diga a ele o que me disse, e, se ele não rir na sua cara e mandá-lo embora, talvez o senhor tenha sorte.

Warthrop agradeceu, levantou-se e fez um gesto para eu me levantar, e então Rimbaud se levantou e disse:

— Mas aonde o senhor está indo?

— Ver Monsieur Bardey — retrucou o doutor, sem entender.

— Mas não são nem dez e meia. Ele não deve ter chegado ainda. Sente-se.

O senhor não terminou seu chá.

— O endereço fica em Crater, pois sim? Até eu chegar lá...

— Ah, muito que bem, mas não espere voltar tão cedo — e olhou para mim. — E o senhor não deveria levar o garoto.

Warthrop se enrijeceu e depois contou uma mentira — talvez inadvertidamente, mas ainda assim uma mentira.

— Eu sempre levo o garoto.

— Não é uma área boa da cidade. Existem homens em Crater que matariam o menino apenas pelos seus sapatos bons, ou por esse paletó muito bonito, que é bastante elegante mas pouquíssimo prático aqui em Áden. O senhor deveria deixá-lo aqui comigo.

— Com o senhor? — o doutor se pôs a refletir; eu fiquei chocado.

— Quero ir com o senhor — falei.

— Eu não aconselharia — advertiu Rimbaud. — Mas isso não é da minha conta. Faça o que achar melhor.

— Dr. Warthrop... — comecei. E terminei com voz fraca: — Por favor, senhor.

— Rimbaud tem razão. É melhor você ficar aqui — decidiu o doutor. Ele me arrastou para o lado e sussurrou:

— Está tudo bem, Will Henry. Estarei de volta antes do pôr do sol, e você ficará mais seguro aqui no hotel. Não sei o que irei encontrar na cidade, e ainda não sabemos o paradeiro exato de Rurick e Plesec.

— Não me importo. Juro. Eu nunca iria abandonar o senhor novamente, dr. Warthrop.

— Bem, e não vai mesmo. Eu é que o estou abandonando. E Monsieur Rimbaud está sendo bastante generoso ao se oferecer para cuidar de você — ele ergueu meu queixo com o indicador e olhou fundo em meus olhos. — Você foi até mim na Inglaterra, Will Henry. Dou-lhe minha palavra de que virei por você.

E, com isso, partiu.

TRINTA E UM

“Você foi abandonado?”

Rimbaud pediu outro absinto. Eu pedi outro refrigerante. Bebemos e suamos. O ar estava impossível de respirar, pelo calor intenso. Vapores atracaram no cais. Outros partiram. Os pandeiros dos carregadores de carvão repicavam vagamente no ar tremulante. O garoto voltou e perguntou se não queríamos almoçar. Rimbaud pediu uma tigela de *saltah* e outro absinto. Eu respondi que não estava com fome. Rimbaud encolheu os ombros e levantou dois dedos. O garoto saiu.

— Você precisa comer — disse Rimbaud com naturalidade, suas primeiras palavras desde a partida do doutor. — Neste clima, não comer... é quase tão ruim quanto não beber. Gosta de Áden?

Respondi que não tinha visto o bastante para formar uma opinião, nem contra nem a favor.

— Pois eu odeio — disse ele. — Abomino. Sempre abominei. Áden é um rochedo, um rochedo terrível sem uma única folha de grama ou gota de água potável. Metade das cisternas em Crater ficam vazias. Já viu as cisternas?

— Cisternas?

— Sim, as Cisternas de Tawila no alto de Crater, enormes cisternas feitas para captar água — muito antigas, muito profundas, muito dramáticas. Elas evitam que a cidade inunde e foram construídas mais ou menos na época do rei Salomão — pelo menos, é o que se diz. Os britânicos as escavaram e poliram, uma coisa *bem* britânica de se fazer, mas mesmo assim elas não impedem que a cidade inunde. As crianças daqui vão nadar lá no verão e voltam com cólera. Refrescam-se e depois morrem.

Ele olhou para o outro lado. O mar era mais azul do que seus olhos. O tom dos de Lilly era mais próximo da cor do mar, mas os dela eram mais lindos. Eu me perguntei por que de repente Lilly havia passado pela minha cabeça.

— O que há em Socotra? — perguntou ele.

Eu quase deixei escapar: “*Typhoeus magnificum*”. Bebi meu refrigerante morno para ganhar tempo, tentando freneticamente (ou o mais freneticamente que eu podia, naquele calor horrendo) pensar numa resposta. Por fim, disse a única coisa que conseguia me lembrar do discurso do doutor no cabriolé.

— Sangue do Dragão.

— Sangue do Dragão? Está falando da árvore?

Assenti. O refrigerante era sem graça, mas molhava minha boca muito seca.

— O dr. Warthrop é botânico.

— É?

— É — tentei parecer decidido.

— Se ele é botânico, o que é você?

— Sou seu... sou botânico júnior.

— É?

— É.

— Hmmm. E eu sou poeta.

O garoto voltou com duas tigelas fumegantes de ensopado e um prato de pão chato, chamado *khamira*, para que usássemos de colher comestível, explicou Rimbaud. Olhei para a superfície marrom e oleosa do *saltah* e pedi desculpas; não tinha fome.

— Não peça desculpas para mim — retrucou Rimbaud com um encolher de ombros. Ele mergulhou o pão em seu ensopado, com a mandíbula retesada. Talvez odiasse *saltah* tanto quanto odiava Áden.

— Se o senhor abomina isto aqui, por que não vai embora? — perguntei.

— Para onde eu iria?

— Não sei. Para algum outro lugar.

— Isso é muito fácil de dizer. E tão irônico. Foi esse tipo de pensamento que me fez vir parar aqui!

Ele arrancou um pedaço do *khamira* e enfiou-o na boca, mastigando de boca aberta, como se quisesse infligir tanto sofrimento quanto fosse possível no alimento desconhecido da terra que abominava.

— Botânico júnior — comentou ele. — Foi isso o que aconteceu com a sua mão? Você estava segurando um galho de árvore e o machado escorregou da mão dele?

Despreguei meus olhos do seu olhar desconcertante.

— Algo assim.

— “Algo assim. “ Gostei! Acho que vou dizer isso da próxima vez que alguém me perguntar o que aconteceu com meu pulso. “Algo assim” — e sorriu, na expectativa, esperando que eu perguntasse. Não perguntei. Ele continuou. — Acontece. *C’est la vie* (é a vida). Então, quer ver?

— Ver o quê?

— As cisternas! Eu levo você até lá.

— O doutor espera que eu fique aqui.

— O doutor espera que você fique comigo. Se eu for às cisternas, você não poderá ficar aqui.

— Eu já vi cisternas antes.

— Você não viu cisternas como essas.

— Não quero vê-las.

— Não confia em mim? Não vou empurrá-lo lá dentro, prometo — disse, afastando a tigela. Limpou os lábios com um pedaço de pão e engoliu o resto de sua bebida verde-limão. Levantou-se.

— Venha. O passeio vai valer a pena. Prometo.

Ele se afastou na direção do salão de jantar, sem olhar para trás — outro homem que supunha que os outros o seguiriam.

Observei as andorinhas-do-mar pescando logo além da arrebentação e os navios passando pela ilha Flint. Ouvi alguém cantando, uma mulher, ou talvez um garoto jovem; não consegui entender as palavras. Se eu não estivesse lá quando ele voltasse, o doutor não ficaria nada satisfeito, sendo bem otimista. Eu já conseguia imaginar a fúria em seus olhos — isso me fez lembrar dos olhos de outra pessoa, que também partilhavam daquele mesmo antigo e gélido fogo, assim terminei meu refrigerante e fui encontrar Monsieur Rimbaud.

Eu o encontrei diante da porta de entrada do hotel. Um *gharry* estava estacionado ali, e mergulhamos dentro dele, longe do alcance do sol, mas ainda muito perto do alcance do calor, e Rimbaud disse ao *gharry-wallah* somaliano para onde estávamos indo, e chacoalhamos pelo cais, seguindo bem em cima de nossa sombra.

A estrada atravessava uma pequena vila de pescadores com cabanas de teto de palha amontoadas ao longo do litoral, depois virava para o interior e começava a subir. À nossa frente assomou um caos de rochas nuas e morros altos, remanescentes de um vulcão cuja explosão cataclísmica criara o porto marítimo profundo de Áden — embora a península não evocasse tanto criação, e sim o contrário disso. Não havia árvores, arbustos, flores, nenhuma vida em parte alguma, fora os burricos, os seres humanos, os abutres e um ou outro rato. Os tons de Áden eram cinza e um vermelho-acastanhado ferruginoso — cinza dos ossos rochosos da terra violada; vermelho da lava endurecida que sangrara de dentro dela.

Isso era Áden, a terra do sangue e dos ossos, uma enorme ferida cauterizada na terra onde o punho de Deus a golpeou, lançando para os céus montes de rochas estilhaçadas a fim de formar as montanhas que ruminavam sobre a paisagem destruída, taciturna, sem vida e desprovida de toda cor, exceto o cinza dos ossos quebrados de Gaia e o vermelho ferruginoso de seu sangue seco.

Crater era o assentamento mais antigo e populoso da península. Descrita por um escritor como a “Tigela de Ponche do Demônio”, não apenas seu nome era Crater; ela era de fato uma cratera, o centro oco de um vulcão extinto

rodeado em três lados por montanhas acidentadas. Camp Aden, a guarnição militar britânica, localizava-se ali, junto com uma população considerável de árabes, persas, somalianos, judeus, malasianos e indonésios.

Levamos mais de uma hora para cruzar o velho bairro árabe da cidade. As ruas estreitas estavam lotadas de carroças puxadas por burricos, *gharries* e pessoas a pé — mas não havia nada do burburinho que se vê em Nova York ou Londres. Em Crater existe muita atividade mas pouco movimento, porque a cidade assa em sua tigela de ponche à tarde, quando o sol preenche o céu diretamente acima das cabeças e as sombras desaparecem, pregadas embaixo dos nossos pés. Os prédios eram tão monótonos quanto a paisagem ao redor, com aparência cansada, inclusive os coloniais recentes, curvados, assim pareceu aos meus olhos, como cabaças pintadas apodrecendo ao sol.

Chacoalhamos pela rua quente e empoeirada até a rua quente e empoeirada acabar abruptamente. Tínhamos chegado ao início de Wadi Tawila, o vale Tawila, onde os montes vulcânicos de lava e cinzas endurecidas assomavam até as alturas, erguendo suas cabeças carecas na direção do céu inclemente. Era o fim da civilização e de nosso trajeto no *gharri*; dali seguiríamos a pé até as cisternas por escadas de pedra que serpeavam através de um desfiladeiro. Nosso *gharry-wallah* disse algo a Rimbaud em francês; apanhei o termo “*l'eau*” (água). Rimbaud sacudiu a cabeça e murmurou: — *Nous serons bien. Merci.* (Vamos ficar bem, obrigado).

— Veja o problema — disse ele por cima do ombro para mim, ofegante, enquanto eu o seguia escada acima. — Olhe para trás. Espalhada lá embaixo em toda a sua glória infértil está a cidade de Crater. Áden não recebe mais de oito centímetros de chuva por ano, mas quando chove, chove a cântaros! As cisternas foram construídas para impedir inundações e para dar algo para os britânicos fazerem mil anos depois. Estamos quase chegando... Depois daquela curva ali...

Ele pisou agilmente sobre um afloramento, parou de repente e apontou para baixo. Estávamos na beirada de um enorme buraco cônico escavado a partir da rocha maciça, com quinze metros de largura e quase o mesmo de profundidade.

— E então, o que acha? — perguntou. Seu rosto brilhava de suor, a frente da sua camisa estava encharcada e suas faces estavam coradas pelo esforço ou pela empolgação.

— É um buraco.

— Não, é um buraco muito grande. E muito antigo. Está vendo como cintila como mármore? Não é mármore, entretanto; é estuque.

— É seco.

— É o deserto.

— Não, quero dizer, não tem água.

— Este é só um deles. Há dúzias de outros ao redor destes morros.

— O senhor vai me mostrar todos eles?

Ele me encarou por um momento. À luz do sol, seus olhos não pareciam ter cor alguma.

— Quer ver meu lugar preferido em Áden? — perguntou.

— Fica na sombra?

— Não é longe, fica a mais ou menos a duzentos metros, e talvez haja um pouco de sombra.

— Não seria melhor voltarmos ao hotel? O doutor vai ficar preocupado.

— Por quê?

— Porque espera nos encontrar lá.

— Você tem medo dele?

— Não.

— Ele bate em você?

— Não. Nunca.

— Sei. Só corta os seus dedos.

— Eu não disse isso.

— Você disse algo assim.

— Vou voltar para o hotel — falei, virando-me com cuidado; não queria tropeçar e acabar caindo no poço.

— Espere. Prometo que não é longe, e podemos descansar lá antes de voltar.

— O que é?

— Um lugar sagrado.

Estreitei os olhos para ele, desconfiado, e, quando fiz isso, o suor pingou nos meus olhos e o mundo se derreteu um pouco.

— Uma igreja?

— Eu disse isso? Não. Disse “um lugar sagrado”. Venha, não é longe. Prometo.

Subimos mais um lance de escadas, que corriam ao longo de uma parede baixa de pedra. Olhei para a esquerda e vi Crater espalhada lá embaixo, os edifícios caiados ondulando no calor borbulhante. Ao fim da parede, Rimbaud virou para a direita e continuamos a subir por uma trilha de terra ampla e íngreme, que ia em direção ao céu sem nuvens. Os únicos sons eram os de nossos sapatos esmigalhando a poeira vulcânica e o ar saindo e entrando com dificuldade em nossos pulmões, enquanto subíamos com dificuldade até onde o fim da trilha encontrava o azul pálido e exaurido do céu. Outro lance de escadas levava até o topo.

— Falta quanto? — perguntei a Rimbaud.

— Estamos quase chegando.

Descansamos um instante depois dessa última subida, na fatia de sombra embaixo de um arco recortado em uma parede de pedra de dois metros de altura que se curvava para longe de vista em ambas as direções, uma barreira que circundava o local sagrado de sol e rocha e pedras sentinelas silenciosas, muito acima do mar.

Sentamos com as costas apoiadas na pedra fria, e Rimbaud envolveu os joelhos levantados com seus braços magros e fitou sonhadoramente a cidade aninhada no ventre explodido do vulcão morto.

— Então, o que acha? — perguntou ele. — É a melhor vista em Áden.

— Foi por isso que o senhor me trouxe até aqui em cima, para me mostrar a vista? — devolvi. Estava fraco pela subida, acalorado e com uma sede terrível. Por que havia concordado em ir com ele? Eu podia ter ficado no hotel.

— Não, mas achei que você iria gostar — respondeu. — Você está na entrada da Tour du Silence, a Torre do Silêncio, chamada de Dakhma pelos persas. É um lugar sagrado, como eu lhe disse antes, proibido para forasteiros.

— Então por que o senhor me trouxe até aqui?

— Para mostrá-lo a você — respondeu ele devagar, como se estivesse falando com um tolo.

— Mas nós somos forasteiros.

Ele se levantou.

— Eu não sou de fora de nada.

Não havia nenhum vigia, nenhum guarda protegendo a entrada ou patrulhando o perímetro do Dakhma. O Dakhma não pertencia aos vivos; éramos os intrometidos ali. Nossa chegada até a torre foi notada apenas pelos corvos, falcões e diversas aves brancas de grande porte que planavam tranquilamente nas correntes de ar superaquecido.

— Aquilo são águias? — perguntei.

— São os abutres-brancos do Iêmen — respondeu Rimbaud.

O Dakhma ocupava a extremidade do composto, no ponto mais elevado do platô. Era uma estrutura simples — três círculos de pedra concêntricos gigantescos de dois metros de espessura com um fosso cavado no interior do menor deles, o do meio. Todos ficavam a céu aberto.

— Este é o lugar para onde os zoroastrianos trazem seus mortos — explicou Rimbaud em voz baixa. — Não se pode queimá-los. Isso poluiria o fogo. Não se pode enterrá-los. Isso corromperia a terra. Os mortos são *nasu*, impuros. Portanto, são trazidos para cá. São colocados sobre a pedra, os homens no círculo mais externo, as mulheres no segundo e as crianças no último, o mais próximo do meio, e lá deixados para apodrecer. E depois que seus ossos foram

limpos pelas aves e branqueados pelo sol, são levados ao ossário lá embaixo, até serem moídos pelo vento e virarem um punhado de pó. Esse é o *Dakhmanashini*, o enterro zoroastriano dos mortos.

Ele se ofereceu para me levar até lá para dar uma olhada.

— Não há ninguém aqui, e os mortos não vão se importar.

— Acho que não quero vê-los.

— Você acha que não quer vê-los? Ora, isso me parece interessante, o modo como você colocou a coisa, como se não tivesse certeza de si mesmo.

— Não quero vê-los.

Uma brisa repentina beijou nossas faces. O fedor da morte não podia chegar até onde estávamos; ele se erguia das plataformas seis metros acima de nossas cabeças e era varrido para longe pelo mesmo vento que beijou nossas faces e que trazia os abutres-brancos, os falcões e os corvos, cujas sombras percorriam a rocha sem vegetação.

— Por que este lugar é seu preferido? — perguntei a ele.

— Porque sou um andarilho, e depois de ir de um lado a outro pelo mundo e de cima a baixo, vim por fim parar neste lugar, a região após a qual não existe nada. Cheguei ao fim, e é por isso que amo este lugar, e é por isso que o abomino. Nada mais resta quando se chega ao centro de tudo, somente o fosso de ossos no interior do círculo mais interno. Este é o centro da Terra, Monsieur Will Henry, e para onde pode um homem ir depois que chega ao centro?

Eu tinha certeza de que o doutor estaria à nossa espera quando voltássemos ao Grand Hotel de L'Univers. Tinha certeza também de que ele estaria furioso comigo por eu ter saído com o francês sem dizer nada a ninguém. *Eu* estava com raiva de mim por ter feito isso e não conseguia entender por que o havia feito. Existia algo em Arthur Rimbaud que trazia à tona o espírito irresponsável, o ânimo animal que diz sim quando o cigano diante da tenda nos incita a “entrar para olhar”.

No entanto, o monstrologista não estava à nossa espera quando voltamos, por volta das três daquela tarde. O recepcionista informou Rimbaud de que tampouco tinha visto Warthrop.

Nós nos retiramos para a mesma mesa no terraço, em frente ao salão de jantar (pelo visto devia ser o lugar preferido dele para assar), onde o poeta-que-virou-exportador-de-café pediu outro absinto e se acomodou para esperar pela volta do doutor.

— Viu? Você se preocupou por nada — disse ele.

— Ele já devia ter voltado a esta hora — falei.

— Primeiro você se preocupa porque ele pode voltar, depois se preocupa porque ele não voltou.

— Para onde ele foi? — perguntei.

— Para a cidade, acertar a passagem para Socotra. Não se lembra? Tentei dizer a ele que estava muito cedo. Bardey só chega por volta das cinco, mais ou menos. É noturno, como um morcego. Você parece nervoso. Qual o problema? Ele está metido em alguma espécie de encenação?

— O senhor disse que aquela não era uma região boa da cidade.

— Porque *não existe* uma região boa na cidade, a menos que seja Camp Aden ou o bairro inglês, mas aí, bem, é o bairro *inglês*.

— Será que deveríamos ir atrás dele?

— Acabamos de voltar, e acabei de pedir minha bebida.

— O senhor não precisa vir.

— Desculpe. Quando você disse “será que deveríamos ir atrás dele?” eu entendi que você quis dizer “será que *nós* deveríamos ir atrás dele”. Você pode fazer o que bem quiser. Eu vou ficar aqui sentado e terminar meu drinque, depois subo para o meu quarto e tiro um cochilo. Nossa caminhada me cansou.

Veio a maré da tarde. Uma brisa marítima agradável ganhou força. O sol deslizou para trás das montanhas Shamsan, cujas sombras se alongaram sobre Crater e rastejaram até nós. Rimbaud terminou a bebida.

— Vou me deitar um pouco — avisou ele. — O que você vai fazer?

— Vou ficar aqui esperando o doutor.

— Se ele ainda não tiver voltado quando eu acordar, vamos juntos até a cidade procurá-lo.

Ele me deixou sozinho no terraço com a brisa, as sombras que avançavam e o repique distante onipresente dos pandeiros. O garotinho árabe veio recolher o cálice vazio de Rimbaud e perguntou se eu queria outro refrigerante. Pedi dois e os bebi bem rápido, um depois do outro, e continuei com sede, como se aquela terra sem vida houvesse drenado cada gota de umidade do meu corpo.

Por volta das cinco da tarde, a porta se abriu atrás de mim e eu me virei, esperando — *sabendo* — ser o doutor.

Dois homens a atravessaram. Um era enorme, com cabelos ruivos intensos. Seu companheiro era bem menor, bem mais magro, e não tinha cabelo nenhum. Rurick sentou-se na cadeira à minha direita, Plesec à minha esquerda.

— Você não vai correr — disse Rurick.

Assenti. Não iria correr.

TRINTA E DOIS

“Entregue-o a Will Henry”

— Onde está Warthrop? — perguntou ele.

A pergunta aliviou parte do meu terror. Significava que o doutor continuava vivo. Quanto tempo ele assim ficaria (e eu também) era a questão. Por um breve instante, perguntei-me como eles haviam me encontrado, depois decidi que isso era uma especulação sem sentido. O “como” não importava e o “por quê” eu já sabia. Seria “se” ou “quando”? O ponto saliente era esse.

— Não sei — respondi.

Algo afiado pressionou minha barriga. Plesec se inclinou na minha direção, com a mão esquerda escondida embaixo da mesa. Quando ele sorriu, percebi que um de seus dentes da frente estava faltando.

— Eu podia tirar tripas suas aqui mesmo — ameaçou Plesec. — Acha que não?

— Vocês ficando neste hotel? — perguntou Rurick.

— Não. Sim.

— Vou explicar regras para você agora — disse Rurick com paciência. — Regra um: dizer verdade. Regra dois: falar só quando falarem com você. Conhece essas regras, sim? Você criança. Todas as crianças conhecem essas regras.

Assenti.

— Sim, senhor.

— Bom menino. Menino muito educado também. Gosto disso. Agora começamos de novo. Onde está Warthrop?

— Foi para a cidade.

— Mas volta. Para apanhar você.

— Sim. Ele vai voltar para me apanhar.

— Quando ele volta?

— Não sei. Ele não disse.

Rurick grunhiu. Olhou para Plesec. Plesec assentiu e tirou a faca.

— Vamos esperar com você por ele — decidiu Rurick. — É gostoso aqui na sombra. Brisa boa, sem cheiro de peixe morto.

Era o melhor que eu podia esperar em uma situação quase sem esperanças. Talvez Rimbaud acordasse e voltasse. Pensei em saltar da mesa, pular da

amurada e me arriscar a chegar até o cais sem Rurick enfiar uma bala na parte de trás da minha cabeça. Decidi que essa chance era muito pequena. Mas, se eu não fugisse, se eu não fizesse nada e Rimbaud não acordasse antes de o doutor voltar, seria o fim de Warthrop.

Duas portas. Atrás de uma, a mulher. Atrás da outra, o tigre. Qual ele deve escolher?

Enquanto eu observava, uma andorinha-do-mar mergulhou na arrebentação e emergiu com um peixe brilhante se retorcendo no bico. Olhei mais além e vi a beira do mundo, a linha entre o mar e o céu.

É parte indissociável do nosso ramo, Will Henry. Uma hora a sorte acaba.

Uma gaivota disparou de seu posto de vigia na praia, sua sombra comprida e trêmula sobre a areia brunida pelo sol. Eu me lembrei das sombras das aves de rapina na rocha nua no centro do mundo.

Nada mais resta quando se chega ao centro de tudo, somente o fosso de ossos no interior do círculo mais interno.

— O que foi? — perguntou Rurick. — Por que você chora?

— Não estou esperando por ele — confessei. — Ele está esperando por mim — menti.

Esta é a hora dos mortos. A hora do Dakhmanashini.

Na décima quarta hora, no segundo dia da semana, um garoto morre de cólera nos braços de sua mãe. As lágrimas dela são amargas; ele é seu único filho.

O espírito dele plana ali perto, perturbado pelas lágrimas dela. Ele a chama, mas ela não responde.

Ela o abraça até seu corpo esfriar, depois o deita no chão. Ela o deita no chão porque chegou a hora; o espírito mau se aproxima para levar seu corpo, e depois disso não mais irá tocá-lo.

O Geh seguinte começou. Ele é nasu agora, impuro. É hora dos Nassesalars. É a décima sexta hora do segundo dia.

— Não entendo — disse Rurick. — Por que ele encontra você lá em cima?

— É onde ele ia encontrar o dr. Torrance.

— Quem é dr. Torrance?

— O amigo do dr. Warthrop. Ele está nos ajudando.

— Ajudando a quê?

— A encontrar um jeito de ir para a ilha.

— Que ilha?

— A ilha do *magnificum*.

Ele estava lutando para respirar. O caminho era íngreme; ele não estava acostumado com o calor.

— Para que esses poços? — perguntou-se ele em voz alta.

— Para impedir a cidade de inundar.

As cisternas vazias estavam inundadas de sombras profundas; pareciam não ter fundo. Se você caísse em uma, poderia cair para sempre.

Os carregadores de cadáveres levam o garoto e o banham em Taro, a urina do touro branco. Eles o vestem com um Sudreh-Kusti, as vestimentas dos mortos. Somente seu rosto fica exposto. Ele é nasu, impuro. O espírito do garoto os observa e não entende. Não se recorda de que aquele era seu corpo. O espírito voltou a ser uma criança pequena; não tem memória. É agora a sexta hora do terceiro dia.

— Falta quanto? — perguntou Plesec.

— Fica logo depois daquela elevação — respondi.

— É melhor você não mentir para nós.

— O lugar é este — falei.

— Se mentir para nós, vou arrancar suas tripas. Vou arrancar os intestinos e atirar lá do alto da montanha.

— O lugar é este — repeti.

É a hora do Geh-Sarna. Os Dasturs rezam os versos dos Avestan Mathras sobre o corpo, para fortalecer sua alma e ajudá-la em sua jornada. Depois das orações, o corpo é transportado até o Dakhma, onde é colocado sobre a pedra. É agora a décima segunda hora do terceiro dia.

— Algo não está certo — disse Rurick. — Este lugar está deserto.

— Ele me disse para vir para cá.

— Você lembra regra um?

— Ele disse que estaria aqui.

— Aqui — repetiu Plesec. — Mas onde é “aqui”? O que é este lugar?

— Chama-se *Dakhma* — respondi.

Rurick pressionou a mão na boca.

— Que cheiro é esse?

Decidi que Rurick teria de ser o primeiro. Rurick tinha o revólver. Enfiei a mão no bolso do meu casaco.

“Entregue-o a Will Henry; não tenho onde guardá-lo.”

“Se sua arma fosse menor, você poderia enfiá-la na cinta-liga.”

— Algo não está certo aqui — disse Plesec. Ele se virou para Rurick. — Algo não está certo.

Lá está o garoto no círculo mais interno, acima do fosso onde repousam os ossos secos e o pó dos ossos secos. Ele está ali para o sol e para as moscas e para as aves que primeiro arrancam seus olhos cegos. É a primeira hora do quarto dia, acima do fosso, no topo do abismo.

Os olhos de Rurick se arregalaram. Sua boca se abriu. A última coisa que

ele viu antes de a bala rasgar seu cérebro não *fez* sentido. Tendo sido um homem bastante seguro de si, morreu bastante confuso.

Plesec se atirou para a frente; a lâmina da faca brilhou sob as brasas finais e moribundas da luz do dia. Seu arremesso rasgou a frente da minha camisa; a ponta da faca tocou o presente de Fadil que pendia ao redor de meu pescoço, o escaravelho para me trazer boa sorte, e eu abri fogo, mirando direto em seu estômago.

Ele caiu de cara aos meus pés. Eu cambaleei para trás até bater na parede branca da torre, e então meus joelhos cederam e afundei no chão de pedra, junto com Plesec, que não estava morto, mas sangrava feio e rastejava em minha direção. Seu sangue brilhava úmido na rocha nua, fazendo uma trilha atrás das suas pernas em espasmos.

Levantei o revólver do doutor ao nível dos olhos dele. Segurei a arma com as duas mãos, mas mesmo assim não consegui firmá-la.

Ele parou. Rolou para o lado. Segurou a barriga sangrando com uma das mãos e tentou me alcançar com a outra. Eu não me mexi. Ele era *nasu*, impuro.

Olhei para além dele, para o mar emoldurado na abertura em arco da parede, para a linha formada no ponto onde a água encontrava o céu. O mundo não era redondo, percebi. O mundo era um prato.

— Por favor — sussurrou ele. — Não.

Ao contrário de Rurick, Plesec não morreu confuso.

O espírito do menino vai até o Chinvato-Peretu, a ponte dos suspiros que une os dois mundos. Ali ele encontra a si mesmo na forma de uma bela mulher, seu Kainini-Keherpa, que o guia para Mithra para ser julgado pelo que fez e pelo que deixou de fazer.

Eu os deixei ali para as moscas e as aves e o sol e o vento. No silêncio fora da Tour du Silence, eu os deixei. Onde os mortos sem rosto miram o céu, lá eu os deixei, no centro do mundo.

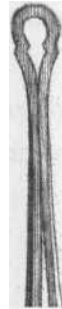
FÓLIO X

Τυφωεύς

O QUE É ESSE SOM ALTO NO AR MURMÚRIO DE LAMENTO
MATERNO QUE SÃO ESSAS HORDAS ENCAPUÇADAS APINHADAS
SOBRE PLANÍCIES SEM FIM A TROPEÇAR NA TERRA GRETADA

— T. S. ELIOT, “A TERRA DESOLADA”*

* Tradução de Fernando Nuno. (N. E.)



TRINTA E TRÊS

“Nossa única esperança de sucesso”

Encontrei Arthur Rimbaud reclinado preguiçosamente nos degraus da frente do Grand Hotel de L’Univers, envergando uma camisa nova e um sorriso irônico.

— E então? — perguntou ele.

— E então o quê? — eu tinha certeza de que ele era capaz de ver aquilo em meus olhos, sentir seu cheiro subindo do meu ser. Os zoroastrianos acreditam que de início os mortos não partem; durante três dias rodeiam seus corpos abandonados, perdidos e desesperados. Foram expulsos, e não entendem o porquê.

— O dr. Warthrop já voltou? — perguntei.

— Sim, mas está prestes a sair novamente: para procurar você.

— Onde ele está?

— Ali — indicou, com um gesto na direção do saguão. Subi os degraus de dois em dois. — É melhor ter uma boa desculpa. Ele tem umas boas coisas a lhe dizer — gritou às minhas costas.

O monstrologista estava de pé no meio do saguão rodeado de diversos membros fardados da polícia colonial britânica, além de um ou dois sipaios armados. Warthrop, de longe o caçador mais experiente do grupo, foi quem me viu primeiro. Afastou um dos homens de seu caminho com um safanão e caminhou até mim para me cumprimentar com um tapa forte no lado da cabeça.

— Por onde você andou, Will Henry? — berrou ele. Seu rosto estava contorcido de fúria e ansiedade máxima. Eu já o tinha visto daquele jeito antes. *“Não tolerarei a sua morte!”* Ele me agarrou pelos ombros e me sacudiu com força. — Diga! Por que saiu assim? Eu não lhe disse para ficar com Monsieur Rimbaud? Por que você não me esperou? E então? Não tem nada a dizer em sua defesa? Fale!

— Desculpe, senhor...

— *Desculpe?* Você está me pedindo *desculpas*? — e balançou a cabeça com espanto. Sem tirar uma das mãos do meu ombro (temendo, talvez, que eu pudesse voar para longe se não estivesse bem ancorado no chão), virou-se para a equipe de busca e informou que o cordeirinho perdido havia voltado para casa e agradeceu pela resposta rápida ao chamado de ajuda. Não disse mais nada até eles irem embora, depois falou para mim: — Sem mais desculpas insinceras, Will Henry, por favor me explique por que você saiu escondido sem dizer nada a ninguém.

Evitei seus olhos.
— Fui procurar o senhor.
— Will Henry...
— Tentei fazer Monsieur Rimbaud vir comigo, mas ele disse que estava cansado e desejava tirar um cochilo.
— E o motivo pelo qual você meteu na cabeça que tinha de me procurar foi...?
— Eu pensei que... — as palavras não vinham.
— Sim, estou interessado em ouvir isso: seus pensamentos. O que você pensou? Se pensou que algum destino maligno tinha se abatido sobre mim, por que saiu sozinho? Não lhe ocorreu acordar Rimbaud de seu cochilo e pelo menos *dizer* a ele para onde você estava indo?
— Não, senhor, não me ocorreu.
— Hmmm — parte da raiva havia drenado de seu rosto. — Bem — disse ele, relaxando um pouco —, o dia parece ter sido um sucesso em todos os aspectos, Will Henry, pois você me encontrou e eu encontrei passagens para Socotra. Partimos ao raiar do dia para a Ilha de Sangue.
Nós dois estávamos cansados e com fome, mas o doutor insistiu em ir até o telégrafo antes de qualquer coisa. Lá enviou uma mensagem para Von Helrung:

PARTIMOS AMANHÃ DESTINO FINAL. PXW.

Havia uma mensagem à sua espera. Ele a leu e em seguida enfiou-a no bolso sem me mostrar. Deduzi pela sua expressão preocupada que não tinha vindo de Veneza. Ele estava bastante quieto no caminho de volta.

Reservamos um quarto no hotel para passar a noite, trocamos rapidamente de roupa para jantar — nós dois estávamos famintos — e terminamos dividindo uma mesa com Rimbaud, que não abriu a boca sobre nosso passeio turístico até as montanhas Shamsan, acima de Crater. Ele, em vez disso, falou de seus primeiros tempos em Áden e do café em que tinha visto um “harém” de mulheres trabalhadoras preparando os grãos para envio à Europa. O doutor ouviu com educação, mas pouco falou. Seu pensamento estava em outro lugar.

Mais tarde, naquela mesma noite, acordei de um sono leve e me vi sozinho. Uma sombra se movimentava do lado de fora da janela. Espiei a varanda por entre as aberturas de madeira. Contra o mar prateado estava a silhueta recortada do monstrologista olhando para o leste, olhando na direção de Socotra.

Ele se virou de repente e olhou para a praia, na direção do cais, e seu corpo se enrijeceu, sua mão direita meteu-se no bolso do casaco, em busca do seu revólver. Ele não o encontraria, eu sabia.

“Conte a ele”, sussurrou uma voz dentro da minha cabeça. “ Você precisa contar a ele. “

Saí da cama e me vesti na semiescuridão tremendo, embora não estivesse frio. Nunca tinha escondido nada dele — nunca sequer havia tentado, porque minha fé na sua capacidade de descobrir qualquer mentira era intransponível.

Eu estava calçando os sapatos quando o chão rangeu do lado de fora da porta. Em pânico — aparentemente minha cota de pensamento rápido para aquela noite havia se esgotado —, saltei de novo para a cama e puxei as cobertas até o queixo.

Através dos olhos semicerrados eu o observei atravessar o quarto e ir até a cadeira a que eu havia atirado sem pensar o meu casaco. Se ele verificasse a câmara do revólver, seria meu fim. Mas o que importava? Eu ia mesmo confessar, não é?

Ele foi até a mesma janela pela qual eu o havia espionado e ali ficou por um longo tempo, de costas para mim, antes de dizer:

— Will Henry — e de novo, com um suspiro: — Will Henry, eu sei que você está acordado. Sua camisa de dormir está no chão e seus sapatos sumiram.

Abri os olhos completamente.

— Eu vi o senhor lá fora e...

— E quando me ouviu entrar, pulou para a cama completamente vestido.

Fiz que sim.

— Você não acha que um comportamento desses pode parecer estranho a alguém? — perguntou ele.

— Eu não sabia o que fazer.

— Então a coisa mais razoável que lhe passou pela cabeça foi se jogar na cama e fingir que estava dormindo?

Ele se virou para mim e disse:

— Eu sei por que você saiu esta tarde.

Engoli com força. Minha fé nos seus poderes não era indevida. Ele não precisava da minha confissão. Ele já sabia.

— Você confia em mim, Will Henry?

— É claro.

— Suas ações de hoje desmentem suas palavras. Por que você achou que eu não voltaria por você? Eu lhe disse que viria e, contudo, você partiu atrás de mim. E agora, ao ver que eu não estava aqui, vestiu-se logo para me procurar. É Nova York, não é? Você se lembra de Nova York e teme que a qualquer

momento eu vá abandoná-lo. Talvez eu precise observar a diferença entre Nova York e esta tarde. Em Nova York, eu não fiz nenhuma promessa.

Eu estava errado. O monstrologista não havia discernido a verdade. Senti o fardo voltando a se acomodar sobre meus ombros.

— Não sei o que iremos encontrar em Socotra, Will Henry. Kearns e os russos chegaram ao tesouro antes de nós, e existe a possibilidade de que mais uma vez o graal tenha escapado de nossas mãos. Espero que não. Rezo para que não seja tarde demais. Se não for, então eu e você teremos de suportar um fardo maior do que o da maioria dos homens. Nossa única esperança de sucesso reside não na força dos exércitos nem nos números, nem mesmo em nossa inteligência. Não, o que vai nos salvar é *isto* — e puxou minha mão esquerda, apertando-a com força. — Isto o salvou nos Estados Unidos e isto me salvou na Inglaterra, esta coisa em que agora preciso colocar minha fé absoluta... a única coisa que nem de longe começo a entender! A coisa que me assusta mais do que as abominações que eu persigo... o monstro cujo rosto não consigo me obrigar a virar para fitar. Nós fomos... nós somos... devemos ser... *indispensáveis* um para o outro, Will Henry, senão ambos fracassaremos. Você entende o que eu quero dizer?

Ele soltou minha mão ferida, levantou-se e virou as costas.

— Na noite em que você nasceu, seu pai me chamou de lado e, com grande solenidade... e lágrimas nos olhos... contou que você se chamaria Pellinore. Ele não esperava, acredito, minha reação ao seu gesto em minha honra, do qual eu tenho certeza de que a sua mãe nem suspeitava. Eu o repreendi sem reservas, rejeitando a ideia de que eu me sentiria homenageado por aquela escolha. Minha própria raiva me deixou confuso. Eu não entendi por que aquilo me enraiveceu, a ideia de você portar o meu nome. Tantas vezes expressamos nosso medo na forma de raiva, Will Henry, e agora creio que eu não estava irritado, e sim com medo. Terrivelmente, terrivelmente com medo.

Era hora de confessar. Então meus atos naquele dia não eram a prova indispensável de que a fé que ele colocava em mim não era indevida? Tentei. Minha boca se abriu, mas, como a de Rurick antes de eu matá-lo, nenhum som saiu, Embora eu muito provavelmente tivesse salvado a vida de nós dois, embora tivesse escolhido a única porta em que repousava a nossa salvação, lembrei o desespero silencioso dele na praia em Dover. “O mais estranho e irônico é que eu o deixei para trás para que você não tivesse de viver neste prato com eles.” Se eu confessasse, não haveria absolvição; eu continuaria sendo *nasu*.

E ele também. Ele se tornaria impuro pelo meu toque. Meu “sucesso” na Torre do Silêncio seria seu fracasso, a confirmação dos seus mais profundos temores. Ele saberia sem a menor dúvida que, graças ao meu salvamento, ele

havia me perdido para sempre.

TRINTA E QUATRO

“O melhor é deixar as melhores histórias por contar”

O capitão Julius Russell, dono do clíper cargueiro *Dagmar*, era um ex-oficial caolho da cavalaria britânica, alto, de rosto vermelho, que havia se aposentado das forças armadas depois da segunda campanha afegã. Foi para Áden em 1884 fazer fortuna com o café, gastando todas as suas economias em um vapor aposentado que, em seu auge, tinha sido a embarcação mais rápida do tipo na frota britânica. Enfrentou problemas para arrumar clientes, porém — a maioria dos exportadores de café usava seus próprios navios para transportar as mercadorias até a Europa —, e suas esperanças de desbancar o preço da concorrência comprando diretamente dos produtores, e assim eliminando os intermediários, foi frustrada pelo quase monopólio realizado por empresas como aquela para a qual Rimbaud trabalhava em Áden.

— É o maldito calor — contou Russell ao meu mestre. — Ele derrete a honra de um homem. Os oficiais da alfândega são tão corruptos que são capazes de vender a própria mãe por seis *pence* e uma garrafa de *araq*.

Falido e desesperado, Russell passou a comercializar algo bem mais lucrativo: diamantes. Duas vezes por mês, levava o *Dagmar* pela costa africana até Sofala, onde apanhava o contrabando de um oficial português corrupto e o levava até os compradores, em Porto Said. Os diamantes iam escondidos em sacas de café, não tanto para enganar os funcionários da alfândega e sim para fornecer um disfarce razoável para enganar o ataque inevitável dos piratas somalianos e egípcios que rondavam o corredor faiscante entre Moçambique e o estreito de Babel-Mandab, o Portão das Lágrimas, onde o mar Vermelho encontra o golfo de Áden e onde Arthur Rimbaud morrera para a poesia.

Encontramos o capitão e seu primeiro-oficial, um somaliano de proporções gigantescas chamado Awaale, no salão de jantar do hotel para o café da manhã. Awaale imediatamente se afeiçoou a mim, seu equivalente em forma de marinheiro de primeira viagem.

— O que significa o seu nome? — falou em inglês perfeito.

— O que significa?

— Sim. Meu nome é Awaale, significa “sortudo” em minha língua. E o seu nome, o que significa?

— Não acho que signifique algo.

— Ah, todos os nomes significam alguma coisa. Por que seus pais lhe deram o nome de William?

— Nunca perguntei a eles.

— Mas agora vai perguntar, suponho — seus olhos dançaram e ele abriu um sorriso largo.

Desviei o olhar. O doutor e o capitão Russell estavam entretidos em uma conversa bastante acalorada sobre os impostos portuários, continuando uma discussão que tinha tomado a maior parte do tempo da visita de Warthrop no dia anterior. Russell queria receber toda a quantia adiantada, mas o doutor, mão-fechada como sempre, só concordava em dar metade, sendo que o restante seria pago depois de nossa volta a salvo.

— O que aconteceu com seus pais? — perguntou Awaale. Havia interpretado corretamente a minha reação.

— Morreram num incêndio — respondi.

— Os meus também morreram — pousou sua mão enorme sobre a minha. — Eu era só um menino, como você. Você é *walaalo*, pequeno Will. Irmão.

Ele olhou para Russell, cujo rosto naturalmente rosado ardia de um vermelho carmesim, e sorriu.

— Você sabe como o capitão Julius perdeu o olho? Caiu do cavalo em Kandahar e sua arma disparou sem querer quando ele atingiu o chão. Ele ficou de fora da batalha inteira. Mas diz a todo mundo que foi ferido em serviço, o que, como muitas histórias de guerra, é verdade, mas nem tanto!

— Preciso cobrir meus riscos, Warthrop — insistia Russell com veemência. — Já disse, ninguém tenta se aproximar de Socotra nesta época do ano. Os britânicos nem sequer chegam a cem quilômetros dali com a sua maior fragata antes de outubro. Fecham Hadibu durante as monções, e Hadibu é o único porto decente de águas profundas em toda a maldita ilha.

— Então podemos tentar atracar em Gishub ou Steroh, ao sul.

— O *senhor* pode tentar atracar ali. As correntes no sul são traiçoeiras, principalmente nesta época do ano. Eu vou relembrar o senhor, doutor; não lhe prometi um passeio do convés até a praia.

Awaale se inclinou para perto de mim e perguntou em voz baixa:

— Por que vocês estão indo para Socotra, *walaalo*? Aquele lugar é *xumaato*, maligno... amaldiçoado.

— O doutor tem assuntos importantes ali — sussurrei de volta.

— Ele é *dhaktar*? Dizem que existem muitas plantas estranhas ali. Ele está indo coletar ervas para seus remédios, então?

— Ele é *dhaktar* — falei.

Embarcamos no *Dagmar* às oito e quinze, e pela primeira vez eu mal podia

esperar para me lançar ao mar. No cais enxameavam policiais militares e soldados britânicos; eu já via a hora de ser chamado de lado para que me interrogassem sobre os dois corpos que haviam sido deixados para as aves de rapina na varanda do mundo, pois tinha certeza de que àquela altura eles já deviam ter sido descobertos.

Chegaríamos com rapidez, prometeu Russell ao meu mestre; nossa jornada não levaria mais de cinco dias e meio. O *Dagmar* tinha sido reformado e ganhara duas novas caldeiras (um investimento inteligente quando se transporta diamantes), e seus porões de carga estariam vazios, o que praticamente dobraria a sua velocidade.

— Essa era a última coisa que eu queria confirmar com você — disse Warthrop, fuçando com os olhos possíveis intrometidos na conversa. — Estamos combinados quanto aos detalhes de nossa volta a Brindisi?

Russell fez que sim.

— Eu levarei o senhor até Brindisi, doutor. E embarcarei a sua carga especial também, embora isso vá contra os meus princípios. Espero que possamos continuar confiando um no outro, como cavalheiros.

— Como o seu, capitão Russell, o meu ramo é assolado mais por canalhas do que por cavalheiros. O senhor em breve saberá a natureza de minha carga especial e será bem recompensado pelo risco de seu transporte, prometo.

O monstrologista e eu caminhamos adiante enquanto o *Dagmar* se afastava pelo porto em direção ao mar aberto. À esquerda estavam as enormes montanhas ferruginosas de Áden, a poeira negra enovelada do depósito de carvão, a curva graciosa da Prince of Wales Crescent e a fachada cansada do Grand Hotel de L'Univers, onde avistei um homem de terno branco sentado na varanda acariciando um copo cheio de líquido verde nefasto. Teria eu visto ele levantar o copo num brinde zombeteiro?

— Então, Will Henry — disse o doutor —, o que você aprendeu com o grande Arthur Rimbaud? — Ele devia ter visto mesmo o homem.

“Nada mais resta quando se chega ao centro de tudo, somente o fosso de ossos no interior do círculo mais interno. “

— O que aprendi, senhor? — a brisa era deliciosa em meu rosto. Senti o cheiro do mar. — Aprendi que um poeta não deixa de ser poeta simplesmente porque deixa de escrever poesia.

Ele achou aquilo muito inteligente da minha parte, por motivos bastante complicados. O monstrologista me deu um tapinha nas costas e riu.

Primeiro foi a terra recuando atrás de nós, até o horizonte superar a terra. Então um bando de navios, paquetes e vapores de carga, embarcações de passageiros mais ligeiras repletas de colonos fugindo do calor e *dhows* árabes

pesqueiros, com grandes velas triangulares agitando-se furiosamente ao vento, até o horizonte engoli-los. As andorinhas-do-mar e as gaivotas nos seguiram por algum tempo, até desistirem da sua busca e voltarem a seus locais de caça perto da ilha Flint.

Então foi só o *Dagmar* e o mar, sob um céu sem nuvens e o sol que arremessava sua sombra na trilha de águas revoltas que o barco deixava atrás de si, e o horizonte vazio em todas as direções. Havia o ribombo estrondoso dos motores do navio, o canto distante dos carregadores de carvão e a risada da tripulação indolente vagabundeando na amurada. Somalianos todos eles, e nenhum falava uma palavra de inglês, exceto Awaale. Nada lhes havia sido dito sobre nossa missão e eles não pareciam nem um pouco curiosos. Estavam agradecidos por aquela folga dos piratas e funcionários enxeridos da alfândega; riam e brincavam como um bando de meninos de férias.

Só havia duas cabines a bordo. Uma era a do capitão, é claro, e a outra pertencia a Awaale, que a deixou alegremente ao doutor, embora ali só houvesse espaço para uma pessoa.

— Você vai dormir comigo e com minha tripulação — informou-me Awaale. — Vai ser ótimo! Vamos trocar histórias de nossas aventuras. Vou saber o que você já viu do mundo.

O doutor me chamou de lado e advertiu:

— Eu seria ponderado ao descrever as partes que já vi, Will Henry. Às vezes o melhor é deixar as melhores histórias por contar.

Situado perto da sala das caldeiras, o alojamento da tripulação era pequeno, barulhento, constantemente quente e portanto quase sempre deserto nos meses de verão, quando os que não estavam no turno da vigília noturna dormiam no convés, numa fila de redes penduradas na parte central do navio. Não dormi muito nas nossas duas primeiras noites no mar. Não consegui relaxar com o balanço incessante da rede embaixo de mim e do céu noturno despido, que se recusava a ficar parado acima de mim. Fechar os olhos só tornava as coisas piores. Mas, na terceira noite, comecei até a achar aquilo agradável, balançar de um lado para o outro enquanto o ar morno salgado acariciava minhas faces e as estrelas bailarinas cantavam do alto do firmamento negro. Ouvi Awaale ao meu lado, tecendo histórias tão intrincadas quanto um *nidus ex magnificum*.

Na terceira noite ele disse para mim:

— Sabe por que o capitão Julius me contratou como seu oficial? Porque antes eu era um pirata e conheço seus costumes. É verdade, *walaalo*. Durante seis anos fui pirata, navegando de alto a baixo pela costa. Do cabo da Boa Esperança até Madagascar; fui o flagelo dos sete mares! Diamantes, ouro, seda, encomendas de correio, às vezes até pessoas... Sim, pirateei até mesmo pessoas.

Depois que meus pais morreram, eu me alistei em um navio de piratas e, quando aprendi tudo o que podia do capitão daquele navio, entrei escondido em sua cabine certa noite e cortei sua garganta. Eu o matei, depois reuni a tripulação e disse: “O capitão morreu; salve o novo capitão!” E a primeira coisa que eu fiz como capitão, sabe qual foi? Foi colocar um cadeado pesado na porta da cabine! — e deu risada. — Eu devia ter uns dezessete anos. Em dois anos, já era o pirata mais temido do oceano Índico; Awaale, o Terrível, era como me chamavam. Awaale, o Demônio.

— E eu era mesmo o demônio — continuou. — Os únicos que me temiam mais do que minhas vítimas eram meus tripulantes. Eu era capaz de atirar num homem por soluçar na minha direção. Eu tinha tudo, *walaalo*. Dinheiro, poder, respeito. Agora tudo se foi.

— O que aconteceu? — perguntei.

Ele suspirou, seu espírito atormentado pela lembrança.

— Meu primeiro-oficial me trouxe um garoto — um garoto por quem ele punha a mão no fogo, que queria um emprego — e eu, como um tolo, concordei. Ele tinha mais ou menos a mesma idade que eu quando comecei, também era órfão como eu, e fiquei com pena dele. Era muito inteligente, muito forte e muito corajoso — igual a outro menino que decidiu que queria ser pirata. Nós nos tornamos bastante próximos. Ele era devotado a mim, e eu a ele. Até comecei a pensar que, se um dia me cansasse daquilo tudo, abandonaria a vida de pirata e lhe daria o navio, como meu herdeiro.

Então um dia um dos tripulantes trouxe uma notícia perturbadora para Awaale. Ele havia ouvido uma conversa do garoto com o primeiro-oficial, o homem que havia colocado a mão no fogo por ele, sussurrando certa noite contra a tirania do capitão e, o que era pior, contra a sua recusa em dividir igualmente os espólios dos roubos.

“Ele confia em você”, disse o primeiro-oficial ao menino. “Não vai suspeitar da faca até a faca alcançar seu alvo!”

Awaale não hesitou. Chamou os supostos conspiradores imediatamente e os confrontou. Os dois negaram a trama e acusaram seu acusador de armar contra eles para cair nos favores do capitão e aumentar sua parte do butim. O julgamento de Awaale foi rápido e cruel: ele matou os três, acusador e acusados, incluindo o garoto que ele amava, mas admitiu que foi difícil — muito difícil. Então decapitou-os com as próprias mãos e pendurou suas cabeças no mastro principal como lembrete para a tripulação de quem era seu senhor e mestre.

— Não entendo — falei. — Se o primeiro homem estava contando a verdade, por que você o matou? Ele avisou você do motim.

— Eu não sabia se ele estava dizendo a verdade, *walaalo*. Não sabia em

quem acreditar.

— Então você matou pelo menos um inocente.

— Não tive escolha! — exclamou ele numa voz rachada de desespero. — Se eu deixasse o errado viver, então eu é que morreria! Era derramar o sangue do inocente ou deixar o culpado derramar o meu! Você não sabe, *walaalo*. Você é um menino. Nunca encarou o Sem Rosto.

— O Sem Rosto?

— É o nome que eu dou para isso. Eu chorei ao enfiar o punhal em seu coração; chorei lágrimas amargas pelo garoto que eu amava, enquanto seu sangue, escaldante, escorria pelos meus dedos. E, chorando, ri com uma alegria feroz, invencível! Ri porque havia me libertado de algo; chorei porque estava preso a algo. Eu estava salvo; eu estava condenado. Abençoado seja você, *walaalo*, pois nunca teve de encarar o Sem Rosto; você não sabe.

Liberto e escravizado, depois de sua escolha impossível Awaale não continuou sendo pirata por muito tempo. Abandonou seu navio em Dar es Salaam, cujo nome é uma mutilação do termo árabe *anar as-salam*, “o porto da paz” Sem um centavo e sem um amigo numa terra estrangeira, ele vagou nas profundezas do interior africano até chegar a Buganda, onde foi adotado por um grupo de missionários anglicanos que o ensinaram a ler e escrever em inglês e rezaram diariamente pela sua alma imortal. Ele rezou com eles, pois teve a impressão de que compartilhava uma irmandade especial com seu Deus.

— Derramar o sangue de inocentes não é nada novo para Ele. Não, não para Ele! — disse Awaale. — Seu próprio filho havia sofrido uma tal morte sangrenta que eu poderia viver para cultuá-Lo. Esse Deus, eu acho, entende o vão entre o pode ser” e o “deve ser”; já viu o rosto do Sem Rosto!

Não falei por algum tempo. Observei as estrelas oscilarem de um lado para o outro, da esquerda para a direita, e vice-versa; ouvi as batidas do mar contra a proa do clíper; senti as batidas do meu próprio coração.

— Também já vi — falei, por fim. — Eu conheço esse vão. — Ele existira entre Warthrop e Kendall no quarto da Harrington Lane, entre Torrance e Arkwright no Monstrumarium, entre Rurick e mim no local do silêncio no centro do mundo.

— Onde, *walaalo*? — ele parecia incrédulo. — Onde você o viu?

— Fica aqui — falei, e pressionei a mão contra o meu peito.

TRINTA E CINCO

“A fúria de um Deus misericordioso”

No quarto dia o horizonte à nossa frente ficou negro e os mares subiram, movidos por um vento duro que empurrava o *Dagmar* como a mão de um gigante apertando-lhe o peito. O capitão Russell virou o navio para o sul a fim de se desviar do pior da tempestade, uma decisão que não caiu bem para o monstrologista, que rangeu os dentes, puxou o lábio inferior e andou de um lado a outro do convés enquanto o vendaval quase o dobrava em dois e chicoteava seus cabelos numa convulsão ciclônica. Eu desafiei a natureza para implorar que ele entrasse, convenci-o de que seria varrido para o mar a qualquer momento pelas ondas tempestuosas que quebravam com fúria na proa.

— Você sabe o que Von Helrung diria! — berrou ele por cima do vento açoitador e do mar revolto. — A fúria de um Deus misericordioso! Bem, que Ele mande seus sinais e maravilhas! Que reúna os poderes do céu contra mim, e eu os combaterei com cada fibra do meu ser!

O convés estremeceu violentamente e depois deu um salto para cima, atirando-me ao chão. A mão do monstrologista disparou para agarrar meu braço, puxando-me de perto da amurada.

— Você não devia estar aqui fora! — berrou ele.

— Nem o senhor! — uivei de volta.

— Jamais vou dar o toque de retirada! Jamais!

Ele me empurrou na direção da popa e virou as costas para mim, abrindo bem as pernas para se equilibrar e estendendo os braços como se convidasse a totalidade da ira de Deus a abater-se sobre sua cabeça. Um raio cintilou, o trovão chacoalhou as tábuas do convés e Warthrop gargalhou. O monstrologista gargalhou, e sua gargalhada era mais alta até do que o vento, a chuva açoitadora e o trovão, atropelando o turbilhão com seus calcanhares invencíveis. Seria de alguma forma espantoso, então, o poder que esse homem exercia sobre mim — esse homem que não fugia de seus demônios como a maioria de nós, e sim os abraçava como um igual, aninhava-os de encontro ao coração num aperto sufocante? Ele não tentava escapar deles negando-os, drogando-os ou barganhando com eles. Corria para encontrá-los na sua morada, no lugar secreto que a maioria de nós esconde. Warthrop era Warthrop até a medula, pois seus demônios o definiam; sopravam a vida para dentro dele; e, sem eles, afundaria,

como a maioria de nós, na névoa purgatorial de uma vida irrealizada.

Podem chamá-lo de louco. Podem julgá-lo vaidoso, egoísta, arrogante e destituído de todo sentimento humano normal. Podem considerá-lo um tolo cego pela ambição e pelo orgulho. Mas não se pode dizer que Pellinore Warthrop não estava finalmente, inteiramente, furiosamente vivo.

Eu recuei para a segurança da ponte de comando, onde podia pelo menos ficar de olho nele, embora a água que se espatifava e escorria pela vidraça obscurecesse minha visão, transformando-o em uma sombra espectral enlouquecida recortada contra o cinza mais claro do mar coberto de branco. Por acaso, Awaale havia assumido o leme. Seus braços enormes se dobravam e enrijeciam enquanto ele lutava com o timão.

— O que ele está fazendo? — perguntou-se ele em voz alta. — Quer ser arrastado para o mar?

— Ele está ansioso — respondi.

— Ansioso pelo quê?

Eu não disse nada. *Para ver o Sem Rosto*, eu poderia ter respondido, mas nada disse.

A tempestade nos perseguiu até bem depois do cair da noite, forçando o *Dagmar* a sair quilômetros de seu curso e se afastar demais para o sul da ilha, colocando-o diretamente no caminho dos ventos das monções que vinham do norte.

Quando o tempo clareasse, Russell planejava nos levar de volta para o oeste de Socotra; era, disse ao doutor, o único rumo prudente.

— Não podemos nos aproximar pelo sul, não com ventos assim — disse ele.

— Isso nos custaria no mínimo um dia — observou o monstrologista, contraindo a mandíbula com ira mal disfarçada.

— Mais — retrucou Russell, sombrio.

— Quanto mais?

— Dois dias, dois dias e meio.

Warthrop bateu a mão com força na mesa.

— Inaceitável!

— Não, dr. Warthrop, *inevitável*. Tentei dizer isso ao senhor lá em Áden. Ninguém vai a Socotra nesta época do...

— Então, por que, em nome de Deus, você concordou em ir? — vociferou o doutor.

Russell teve de reunir toda a sua força moral inglesa para dizer, do jeito mais calmo de que foi capaz:

— Aproximar-se pelo oeste é a nossa única esperança de fazer o senhor

chegar perto o bastante para descer na ilha. Forçar o caminho para o norte contra esses ventos pode demorar exatamente o mesmo tempo e é duas vezes mais arriscado.

Warthrop respirou fundo para se recompor.

— Claro que irei deferir seu julgamento, capitão. Mas espero que o senhor entenda a urgência da minha missão.

— Bem, eu não entendo. O senhor vem sendo maravilhosamente obtuso quanto a seus propósitos, dr. Warthrop. Talvez o senhor possa realizar suas esperanças me contando que diabos é tão importante naquele rochedo desolado a ponto de se dispor a arriscar o pescoço — *meu* pescoço — para ir até lá.

O doutor não disse nada por um momento. Ficou olhando para o chão, pensando algo em seus pensamentos. Depois, olhou para o capitão e disse:

— Não sou botânico.

— Já vi coisas estranhas nesta região sombria do mundo — confidenciou o capitão ao término da confissão do doutor. — Mas nenhuma tão estranha quanto essas que o senhor descreve, dr. Warthrop. Já ouvi histórias sobre o... que nome o senhor deu?... visgo sórdido que traz loucura e morte, mas nunca achei que fosse verdade. Também já ouvi homens falarem da assim chamada chuva vermelha, sangue que cai do céu como um flagelo bíblico, mas nunca pus muita fé nas histórias dos marinheiros. Aliás, o senhor podia muito bem ser um louco, o que não é da minha conta, a não ser quando a loucura ameaça meu navio e a segurança da minha tripulação.

— Eu lhe garanto, capitão Russell, que não sou nem louco nem ingênuo. As histórias são verdadeiras, e pretendo mostrar a prova quando o senhor voltar para nos buscar. Isso, é claro, se conseguirmos chegar lá!

— Eu o levarei até lá, dr. Warthrop, mas devo perguntar como planeja derrotar um esquadrão de russos e ainda por cima capturar esse seu monstro, sendo que tanto uns quanto o outro desejam matá-lo, tendo nada mais do que esse menino ao seu lado e um revólver no bolso.

Tanto Russell quanto eu aguardamos a resposta. Eu não achei que ele daria aquela que me deu em Áden — *“isso é o que irá nos salvar”* —, e não deu mesmo.

— Deixarei todos os assuntos náuticos a seu encargo, capitão Russell — disse ele. — Se o senhor deixar todos os assuntos monstrológicos ao meu.

— Ouviu, *walaalo*? — Awaale me perguntou mais tarde naquela mesma noite, quando estávamos deitados em nossas redes no alojamento. Precisou levantar a voz para ser ouvido por sobre o ribombo dos motores. — Eu vou com você.

Fiquei atônito.

— Como assim?

— O capitão Julius me perguntou hoje o que eu achava da ideia. “Esse maldito ianque pode ser o maior tolo que já encontrei pela frente”, disse ele. “Pode ser maluco como um chapeleiro, mas eu não posso simplesmente largá-lo na praia e pronto. “ Ele se ofereceu para me pagar o dobro e eu aceitei, mas não pelo dinheiro. Aceitei por você, *walaalo*. Aceitei por você e por aquele cuja vida tirei tantos anos atrás. Acho que Deus enviou você para mim para que eu pudesse salvar minha alma.

— Não entendo, Awaale.

— Você é minha redenção, a chave da prisão do meu pecado. Salvando você, eu me salvarei do meu próprio julgamento.

Ele afagou meu braço na escuridão.

— Você é o presente que Ele me enviou, meu *walaalo*.

Existem espíritos nas profundezas. Nesta noite, a última noite da longa marcha das noites, é possível ouvir suas vozes no mar aberto, no borriço do mar, no vento e no bater das águas contra a proa. As vozes dos velozes e dos mortos, como as sereias que nos chamam para a perdição. Ao olhar aquele ponto em que o mar se encontra com o céu, é possível ouvir seus lamentos portentosos. E então, diante dos nossos olhos espantados, o horizonte se abre, atirando para o alto cacos afiados de si mesmo a fim de cobrir as estrelas.

E as vozes falam com você.

Nullité! Nullité! Nullité! É só isso que existe!

Em sânscrito, é chamada de Dvipa Sukhadhara, a Ilha da Felicidade.

Esta noite é a última na longa marcha das noites. A noite em que o sr. Kendall apareceu à nossa porta. A noite em que o monstrologista me amarrou a ele e exclamou: “*Não tolerarei que você morra!* “. A noite em que ele me abandonou. A noite em que corri por um rio de fogo e sangue para salvá-lo. A noite em que Jacob Torrance mostrou a Thomas Arkwright duas portas. A noite do desespero do meu mestre — *Você se colocou a serviço do ha-Mashchit, o anjo da morte* — e a noite de meu próprio desespero no centro do mundo.

A ilha é negra quando se ergue na sua direção, um rasgo no céu através do qual se derrama apenas a escuridão, e o vento uiva, empurrando seu corpo para trás, enquanto o rasgão na paisagem infinda o atrai ainda mais para perto, como se o mar estivesse sendo drenado para dentro do abismo e o carregasse consigo. A massa de escuridão desliza para a esquerda enquanto o seu barco oscila para o sul e para o oeste. Por um momento, parece que você está parado e é a ilha que se move, uma barça negra monumental cortando silenciosamente os mares.

Este é o lar do Tuqweús, o *magnificum*, o Senhor do Abismo, o mais aterrorizante de todos os monstros, que habita o espaço existente entre os

espaços, aquele ponto a um décimo de milésimo de centímetro fora de seu campo de visão. Eu compreendo que você deseje virar as costas. Pode fazer isso, se quiser. Esta é sua bênção.

O monstrologista e eu não temos esse luxo. Trabalhamos na escuridão para que você possa viver na luz.

TRINTA E SEIS

“Não é espantoso? “

Por insistência de Warthrop, o *Dagmar* lançou âncora a oitocentos metros do litoral sul, o mais próximo que Russell ousou levar seu navio. As correntes eram traiçoeiras nessa época do ano, contou ele; rodopiavam ao redor de Socotra com a fúria de Caribe; as praias ficavam repletas dos esqueletos dos navios que se haviam aventurado perto demais durante as monções. Em junho, os ventos estratosféricos da África são arrastados para baixo pelos mil e quinhentos metros de altitude das montanhas Hagghier e seguem uivando ao longo da costa norte. Durante três meses sem pausas, os ventos correm furiosos à velocidade constante de noventa e seis quilômetros por hora, com picos que chegam a mais de cento e sessenta. Junho também é o mês das chuvas torrenciais que inundam o interior e o sul, onde tentaríamos atracar.

O doutor e eu seguimos Russell até o castelo de proa, onde ele olhou com os binóculos para o norte, à procura de Gishub, uma pequena vila pesqueira localizada — ou pelo menos deveria sê-lo — a norte, a aproximadamente dois quilômetros de nossa posição. O capitão ficou perturbado. Sabia que estávamos no lugar certo, mas nenhuma luz brilhava a distância para indicar a existência de Gishub.

— Está completamente escuro — murmurou ele. — Que estranho. Parece estar abandonada — e entregou os binóculos para Warthrop, que os agitou para a frente e para trás algumas vezes antes de admitir que não via nada, apenas as diversas variações de cinza da rocha.

— Olhe para as doze horas — aconselhou Russell. — Encontre os barcos pesqueiros na praia, depois volte... Os nativos constroem suas casas com pedras, pois existe pouca madeira preciosa na ilha... isso quando se dão ao trabalho de construir alguma coisa. Não são poucos, assim ouvi falar, os que moram em cavernas em Moomi e Hoq.

— Eu não... Ah, sim, agora estou vendo. O senhor tem razão, capitão. Todas as janelas estão escuras, nem uma única vela acesa ou lampião ardendo.

— Há outro vilarejo chamado Steroh mais ou menos a dez milhas para o leste. Eu poderia levar o *Dagmar* até lá.

— Não — disse Warthrop com firmeza. — Isso precisa ser investigado, capitão. É melhor descermos aqui.

— O senhor terá mais facilidades se o fizermos de manhã, quando a maré mudar — observou Russell enquanto descíamos para o deque principal.

— Prefiro ir agora — retrucou o monstrologista. — Imediatamente.

Os nós que prendiam o bote ao navio foram soltos. As cordas que o prendiam a ele, desamarradas. Sentamos agarrados aos lados do barquinho enquanto ele caiu, oscilou e voltou a cair, depois tombou com uma pancada forte na água. O rosto do capitão Russell apareceu por cima da amurada, seu único olho cintilou no brilho do lampião ao seu lado.

— Vejo o senhor em três semanas, dr. Warthrop! E espero que meu primeiro-oficial seja devolvido em boas condições de trabalho!

— Não se preocupe, capitão Julius! — gritou Awaale lá de baixo. — Eu vou cuidar deles!

Ele empurrou o casco do *Dagmar* com a ponta do remo e depois se pôs a remar com toda a força, levando-nos balançando até a sombra escura e imensa que era Socotra. As luzes do *Dagmar* recuaram para dentro da noite.

Warthrop se inclinou para a frente, com todos os músculos retesados, os olhos brilhando. Às suas costas, o caminho repousava cheio de corpos — o jovem marinheiro que trouxe o *nidus* da Ilha de Sangue e Felicidade; Wymond Kendall, que o levou até nós; Thomas Arkwright, que sentiu o gosto de sua podridão; Jacob Torrance, que o alimentou com ela; Pierre Lebroque e todos aqueles que haviam sucumbido na busca pelo Sem Rosto de Mil Rostos. Diante dele, o caminho era escuro, a rota desconhecida. “*Eu sou o escolhido!*”, gritara ele das profundezas de sua alma, o mesmo poço insondável de onde havia assomado “*Não olhes em meus olhos, pois eu sou o basilisco!*” Não havia diferença, na verdade. O desejo do monstrologista era o desespero de Pellinore Warthrop.

Ao meu lado, Awaale lutava contra a corrente rápida que seguia de leste para oeste, empurrando-nos para o lado enquanto ele se esforçava para nos fazer seguir adiante. Nosso progresso mal era perceptível. Warthrop bateu a mão na amurada, cheio de frustração, e Awaale grunhiu;

— Lamento, *dhaktar*. A corrente é muito forte.

— Então você precisa ser mais forte ainda! — vociferou Warthrop.

Awaale rangeu os dentes e lutou com todas as forças contra o mar insistente. “O mar está nos afastando”, pensei. “Não nos quer aqui. “Imaginei o oceano monumental nos arrastando para o meio de sua extensão sem terras, onde nos devoraria. Socotra zombava de nós — se aproximando, se afastando de novo, enquanto Warthrop xingava entre dentes e Awaale rezava entre os dele.

— Puxe, maldito. Puxe! — gritou o monstrologista para ele. Deu um safanão em Awaale para o lado, agarrou os remos e lutou contra a maré, cavando

com os remos as águas negras furiosas e rodopiantes. A cada investida, Warthrop rugia, e Awaale me lançava um olhar de preocupação grave. Ainda nem havíamos desembarcado e o doutor já parecia fora de si.

— Awaale é mais forte, dr. Warthrop — falei baixinho. — O senhor devia deixar que ele...

— E você devia ficar de boca fechada — grunhiu. — Não vim até aqui... não sacrifiquei tudo o que sacrifiquei... não suportei tudo o que suportei...

Awaale saltou do barco a doze metros da praia, enrolou a corda ao redor de seu antebraço poderoso e nos puxou pelo restante do caminho, até o casco do bote bater contra o fundo.

Não houve descanso após a chegada. Não houve nenhum momento de celebração. Awaale arrastou o bote da arrebentação e nós rapidamente descarregamos nossos equipamentos — o grande saco contendo provisões e munição (o capitão Russell havia generosamente emprestado seu rifle a Awaale), um lampião para iluminar nosso caminho no escuro e a mala de equipamentos do doutor, sendo que esses dois últimos itens ficaram aos meus cuidados. Partimos no mesmo instante para Gishub, um pequeno conjunto de prédios de pedra incrustado ao pé dos morros enormes que marcavam a fronteira do platô Diksam.

— Will Henry, vá um pouco mais na frente e mantenha a luz baixa — instruiu o doutor. — Awaale, pise com cuidado. Se vir alguma coisa parecida com uma água-viva, provavelmente não é. Quando chegarmos à vila, não toque em *nada*... em nada!., sem antes colocar um par de luvas.

— Luvas, *dhaktar*?

— Ou Gishub foi abandonada ou dominada. Não vejo outra possibilidade.

Awaale sussurrou para mim:

— Luvas, *walaalo*?

— Para proteger você do *pwdre ser* — respondi.

— *Pwdre ser*?

— A podridão das estrelas — expliquei.

— A morte — esclareceu o monstrologista.

O caminho ficou íngreme, o chão duro. Antes mesmo de chegarmos a cem metros do primeiro prédio, eu senti o cheiro. Awaale também. Ele cobriu a boca e o nariz, estremecendo de nojo: Gishub não tinha sido abandonada, tinha sido dominada.

— *Xumaato!* — disse sua voz abafada atrás da sua enorme mão. Com a outra, ele rapidamente se benzeu.

Warthrop investiu para a frente de súbito, em direção a um prédio no extremo oeste do vilarejo, ordenando que eu o seguisse de perto com a luz.

Pedras haviam sido empilhadas contra a porta, bloqueando a entrada. O cheiro de carne podre permeava a atmosfera ao redor da barreira; escapava pelas rachaduras entre as pedras empilhadas às pressas. O monstrologista enfiou um par de luvas e começou a arrancar as pedras. Quando a parede improvisada estava semiderrubada, Warthrop apanhou o lampião de minhas mãos e o brandiu através da abertura.

O lugar havia sido uma casa de defumar peixes. Os últimos ainda estavam pendurados em filas no teto; os olhos vazios e mortos dos peixes cintilavam horivelmente amarelados à luz do lampião. Espalhados no chão, havia diversos cadáveres — contei catorze no total — em variados estágios de decomposição. Não mais uma casa de defumação, era um ossário.

O doutor ordenou que eu vestisse as luvas e me convocou a segui-lo com a luz.

— Fique aqui fora — ordenou ele a Awaale antes de entrarmos. — Atire em qualquer coisa que se mexa.

Não havia dúvida do que havia entregado aqueles cadáveres para sua tumba improvisada. Enquanto eu segurava a luz, o monstrologista examinava os olhos deles — os que ainda tinham olhos — e estes o encaravam de volta com íris do tamanho de moedas — *Oculus Dei*, os olhos de Deus inanimado. As mesmas formações ósseas afiadas com aspecto de erupções que surgiram em todo o corpo do sr. Kendall irrompiam da pele pálida e fina como papel daqueles cadáveres. Os mesmos músculos expostos, inchados, e as mesmas unhas amareladas e duras como pedra. O doutor ficou intrigado com vários que pareciam ter sido explodidos, borrifando as paredes e o teto com suas entranhas pulverizadas. Uma mulher que já tinha aberto mão do seu rosto para a descendência das moscas que enxameavam ao redor das nossas cabeças, cujo crânio sorriu úmido para o doutor quando ele se inclinou para examiná-la — depois de afastar as larvas com seu dedo mindinho —, entregou qual foi a sua *causa mortis* específica. Seus málares haviam sido esmagados, seu crânio espatifado, seu queixo partido ao meio. Ela não havia perecido por culpa do *pwdre ser*, havia sido espancada até a morte.

Ao seu lado, um homem repousava de lado segurando uma criança contra o peito. Era um quadro comovente, antes de ver as unhas enfiadas até o talo nas costas da criança e os pedaços filamentosos de carne seca pendurados nos incisivos alongados do homem. A criança não exibia sinais de exposição; estava saudável quando o homem a puxara para seus braços.

— É espantoso, Will Henry — ofegou o monstrologista por sobre o zumbido enlouquecedor das moscas. — Eu tive medo de que pudéssemos ter nos equivocado... de que Socotra não fosse o *locus ex magnificum*. Mas nós o

encontramos, não foi? E não é espantoso?

Concordei com ele. Era espantoso.

Ele insistiu em inspecionar o resto da vila, portanto de casa em casa fomos nós, com Awaale montando guarda à porta de cada uma. Algumas encontramos relativamente imperturbadas, como se os habitantes apenas tivessem dado uma saída rápida e esperassem logo voltar. Outras moradias exibiam mostras de conflito violento — mesas reviradas, louças quebradas, roupas espalhadas pelo chão, sangue espirrado nas paredes e espalhado em padrões cônicos pelo teto.

Chegamos a uma casa que parecia abandonada, mas quando nos viramos para ir embora, uma pilha de trapos no canto estremeceu e uma mãozinha surgiu, arranhando impotente na direção do lampião.

O doutor sacou o revólver. Fez um gesto para que eu me afastasse e foi em direção ao montinho que se retorcia. Os dedinhos ondularam, caíram no chão e começaram a arranhar a pedra dura com um som horrível e seco. Afastado o máximo possível, Warthrop se inclinou e com cuidado desfez o casulo improvisado até que este revelasse uma criança, um menino com não mais do que cinco anos, eu supus, mais marsupial do que humano, com um rosto supurado aberto por dúzias de formações semelhantes a chifres. Ele estava nu da cintura para cima; suas calças pendiam ao redor dele em frangalhos. Longas lacerações corriam pelo seu peito, como as marcas das unhas de um tigre; das feridas vertia sangue fresco, os lábios brilhavam do sangue e suas unhas gotejavam sangue; eu me lembrei do que o doutor havia me dito e percebi que o garoto era o último dos vivos e que ele havia se voltado para si mesmo; estava se devorando vivo.

E quando a luz o atingiu, seu corpo sacudiu-se violentamente, sua boca se abriu num grito gorgolejante e ele levantou uma massa de sangue coagulado misturada a um fluido transparente e viscoso. O garoto investiu na direção da luz, mas estava fraco demais; caiu de barriga no chão, arranhando a pedra nua. Suas costas se arquearam, e a pele se retesou sobre as protuberâncias que cresciam a partir de sua coluna dorsal e em seguida se rasgou, desde a base do pescoço até a lombar, como se fosse um zíper se abrindo.

Awaale ouviu meu grito de repulsa e correu para dentro da casa a tempo de ver o monstrologista ir até o corpo retorcido, levantar o revólver até a cabecinha e, com um apertado rápido, disparar uma bala salvadora no que restava do cérebro da criança.

O ex-pirata (que tinha perdido a conta de quantas pessoas matara; Awaale, o Demônio, era como o chamavam) encarou Warthrop sem entender por um longo momento. Então olhou para o menino morto aos pés do doutor. Uma das mãozinhas minúsculas havia caído sobre o sapato de Warthrop e o segurava com

força, como se tivesse sido seu brinquedo preferido, e o sangue da ferida se espalhou lentamente ao redor de sua cabeça pequena e redonda, criando uma meia-lua que me fez lembrar uma pintura bizantina do Cristo menino.

Awaale recuou pela porta aberta sem dizer palavra. Os ombros do doutor relaxaram — a entrada de Awaale o enervara mais do que atirar na criança — e ele pediu sua maleta de instrumentos.

— Só uma ou duas amostras; foi o primeiro fresco que encontramos. Não vou precisar de você para isso, Will Henry. Talvez fosse melhor você montar guarda com Awaale.

— Sim, senhor.

— Ah, é melhor levar isso — e deixou cair o revólver nas minhas mãos. — Você não tem medo de usá-lo, tem?

— Não, senhor.

— Achei mesmo que não.

Awaale estava sentado na terra à esquerda da porta, com as costas encostadas na parede da casa, olhando na direção do mar. Eu me sentei ao seu lado. Estávamos a apenas dois quilômetros do oceano, mas não havia brisa. O ar continuava parado e pesado de pó, e, assomando às nossas costas, como uma grande ameaça cinzenta, estavam os morros cinzentos do platô Diksam.

— Quem é esse homem? — perguntou ele. — Quem é esse *dhaktar* a quem você serve?

— Ele é um monstrologista.

— Nome estranho, *walaalo*. O que significa?

— Alguém que estuda monstros.

— Que monstros?

— Os que valem a pena ser estudados, suponho.

— Aquele ali dentro — que parecia muito com uma criança, um menininho — era um monstro?

— Ele estava doente, Awaale — muito doente. O doutor fez a única coisa que restava. Ele estava... estava ajudando o menino.

— *Ajudando*? Que tipo estranho de remédio é esse monstrologista! — e olhou para mim. — E você está com ele há quanto tempo?

— Dois anos — não consegui ver seu olhar de avaliação. Mantive o rosto voltado para o mar invisível.

— E essas coisas — ele estava se referindo ao que acontecera dentro da casinha de pedra — não são novas para você?

— Não, Awaale — respondi. — Não são novas para mim.

— Oh — disse ele. — Ah, *walaalo* — e sua mão enorme engolfou a minha. — Desculpe; eu não sabia. Então você viu mesmo o rosto do Sem Rosto, não

viu?

Ele fechou os olhos e seus lábios se moveram, mas não disseram palavra. Levei um tempo absurdamente longo para perceber que ele estava rezando.

TRINTA E SETE

“Não chegamos tarde demais”

O doutor saiu, e Awaale e eu nos levantamos, atabalhoados. Ambos estávamos ansiosos para ir embora de Gishub. A vila era *nasu*. O monstrologista, porém, tinha uma ideia diferente.

— Vamos passar a noite aqui — anunciou em voz baixa. — Segundo todos os relatos, o *magnificum* é um caçador noturno, e nós, como seus caçadores, devemos acompanhar os horários dele; porém, existe um grande risco nisso. A exposição ao *pwdre ser* leva à extrema sensibilidade à luz, bem como a um apetite voraz por carne humana. Trata-se de uma adaptação brilhante, na verdade, pois, assim infectando suas presas, ele as obriga a acompanhar os horários dele. Os sobreviventes agem como sua escolta. *Oculus Dei*, de fato!

Escolhemos uma das casas abandonadas limpas para passar o resto da noite. Awaale se ofereceu para fazer o primeiro turno da vigília, mas o doutor objetou; não estava cansado. Acordaria Awaale dali a quatro horas.

— Eu fico com o rifle. Will Henry, dê o revólver a Awaale e tente dormir um pouco! Temos uma longa marcha à nossa frente.

Não havia camas, apenas esteiras de dormir que desenrolamos sobre o chão de terra pisada. Vi o monstrologista sentado diante da porta aberta. Qualquer coisa que quisesse chegar até nós teria de passar por ele primeiro.

— *Walaalo* — sussurrou Awaale. — O que aconteceu com a sua mão? Falei em voz bem baixa, para o doutor não escutar.

— Ele faz um ninho e usa seu cuspe — o *pwdre ser* — para unir as partes, e, se você tocá-lo, se transforma em... naquilo que você viu hoje.

— E foi isso que aconteceu? Você tocou no ninho?

— Não, eu... indiretamente, sim, eu toquei.

Ele ficou em silêncio por algum tempo.

— Foi ele quem o decepou, não foi? O *dhaktar*.

— Sim. Para me salvar.

— Do mesmo jeito que ele salvou a criança.

— No meu caso não era tarde demais.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo.

— O que é essa coisa, esse *magnificum*?

— Ninguém sabe. Ninguém jamais o viu. É por isso que nós viemos.

— Para vê-lo?

— Ou matá-lo. Ou capturá-lo. Acho que o doutor gostaria de apanhar um vivo, se puder.

— Por que motivo?

— Porque ele é um monstrologista. É isso que ele faz.

Vimos a silhueta do doutor emoldurada na porta.

— Isso é muito estranho para mim, *walaalo* — disse Awaale. — Como um sonho. Como se antes de vocês chegarem eu estivesse acordado e agora estivesse dormindo.

Pensei na mulher de pé na cozinha, no copo de leite e no cheiro de maçãs quentes.

— Eu sei — falei.

Eles trocaram de posto em algum momento durante a noite; eu estava dormindo. Sonhava que era o menino que tinha morrido de cólera e que os *Nassesalars* haviam trazido meu corpo enfaixado para a parede mais interna do círculo, colocando-o ali com meu rosto à mostra voltado para o céu sem nuvens. Minha alma estava aprisionada dentro da carne impura; ela não a rodeava como deveria. Estava presa, e pude ver os corvos e os abutres-brancos aterrisarem na plataforma ao meu lado, com olhinhos negros inteligentes e brilhantes, e assisti enquanto seus bicos afiados enchiam meu campo de visão, quando eles abaixaram a cabeça para bicar meus olhos.

Em algum momento antes da aurora, um grito assustado me despertou de um pulo. Uma sombra passou correndo por mim pela porta aberta. Era o monstrologista. Alarmado, pus-me de pé num salto e corri atrás dele. Awaale estava a vários metros de distância da casa, de pé ao lado de uma pequena fogueira que tinha feito com grandes esforços a partir dos pedacinhos de madeira trazidos pelo mar, que atulhavam a praia. Ele brandiu o rifle ao redor quando o doutor se aproximou e depois se afastou aos trambolhões enquanto o monstrologista atacava a fogueira, pisando nas brasas cintilantes e enfiando-as na areia.

— Nada de luz, entendeu? — vociferou ele diante do rosto espantado do homem maior. — Você vai atrair cada um desses fedorentos para nós.

— Entendi, *dhaktar* — respondeu Awaale, levantando a mão. Talvez tivesse começado a achar que estava na companhia de um louco.

— Você só viu os estágios finais da exposição — continuou o monstrologista. — Eles são muito fortes, muito rápidos e loucos de fome antes de sucumbirem. Pergunte a Will Henry, caso duvide do que digo.

Ele pisou nas brasas restantes até que a última faísca vermelha ficasse negra. Ordenou que eu voltasse para dentro da casa.

— Vou ficar aqui fora com Awaale — disse. — Para o caso de ele resolver tentar fazer mais alguma tolice.

“Como acompanhar um monstrologista na caça ao Pai dos Monstros” pensei.

Saímos à primeira luz do dia, indo na direção do sol nascente, e nossas sombras se alongavam compridas e finas atrás de nós sobre o chão pedregoso. À direita, a terra descia suavemente em direção ao mar. À esquerda estavam os morros, assomando a mais de trezentos metros de altura, seus rostos escarpados inescrutáveis à luz do início da manhã. O vento sibilava e assoviava com força nas alturas acima de nossas cabeças enquanto corria pelas planícies elevadas e pela boca recortada do platô. Abaixo, não havia vento, apenas o som do vento, incessante. Pairava ao fundo como a voz de um coro invisível.

Por volta das dez topamos com uma grande abertura na face da pedra, escavada ao longo dos séculos pelas enchentes-relâmpago das monções. As rochas brilhavam umidamente no desfiladeiro, e ainda corria água em filetes ao longo do curso que cortava diretamente o nosso caminho, seguindo em direção ao seu local de nascença, o mar. Dos dois lados do leito do rio, plantas de casca estranhamente pálida se agarravam às pedras, com troncos bulbosos e galhos finos enfeitados de folhas cerosas verde-escuras. O monstrologista apontou-as para mim e disse:

— Elas não crescem em nenhum outro lugar da Terra, Will Henry, tal como diversas outras espécies de Socotra. É por isso que a ilha é chamada de Galápagos do Oriente.

— É assim que vocês a chamam? — murmurou Awaale, baixinho.

O monstrologista não escutou, ou preferiu ignorá-lo. Apontou para o caminho que serpenteava por entre os morros.

— O que acham, senhores? Vamos quebrar nosso jejum aqui antes de tentar a subida?

Durante nosso café da manhã de carne curada e biscoito de farinha e água, Warthrop apanhou um graveto e desenhou um mapa da ilha na areia.

— Estamos aqui, na metade do caminho entre Gishub e Steroh. Lá em cima fica Hadibu, a cerca de cinquenta quilômetros a nordeste.

— Cinquenta quilômetros? — repetiu Awaale. — Não é assim tão ruim.

— Cinquenta quilômetros por onde voam os corvos — retrucou o doutor. — Entre nós e Hadibu ficam as montanhas Hagghier, quase impassíveis nesta época do ano: enchentes-relâmpago, ventos elevados, desmoronamentos de rochas... Não, precisamos seguir para norte primeiro, depois das montanhas, e depois seguir para Hadibu.

— É lá que está seu monstro, então, em Hadibu? — perguntou Awaale.

O doutor sacudiu a cabeça.

— Não tenho ideia. É o lugar mais lógico por onde começar, porém. Hadibu é o maior assentamento da ilha. Se você quer encontrar o tigre, encontre primeiro o antílope.

Caminhamos até o alto do platô. O chão estava íngreme e molhado, e eu escorreguei várias vezes. A cada uma,

Awaale segurava o pedaço de mim que estivesse mais perto — um pulso, a parte de trás da minha camisa —, rindo ante minha falta de jeito.

— Talvez fosse melhor eu levar você nos meus ombros como um pastor carrega o cordeiro, *walaalo* — provocava ele.

— Se você e Will Henry conversassem menos e focassem mais na tarefa à frente, talvez andássemos mais rápido — vociferou o monstrologista.

A cada minuto, o fogo enervante em seus olhos ficava mais intenso e frio. Ele só parou uma vez, mais ou menos na metade do caminho, quando uma rajada de vento desceu com força do alto do desfiladeiro. Ele levantou a cabeça e permitiu que o vento banhasse seu rosto, de olhos fechados, os braços bem abertos para se equilibrar. O vento morreu até virar uma brisa suave, e ele continuou a subida num ritmo mais intenso, como se tivesse sentido o cheiro de algo promissor no ar.

No alto, com o vasto coração de Socotra espalhado à minha frente, pouco vi que poderia parecer promissor. O platô central era uma paisagem plana, quase inexpressiva, riscada por fileiras de arbustos e agrupamentos de árvores coroadas de verde que pareciam guarda-chuvas gigantesco virados pelo avesso. Seus galhos expostos e entrelaçados me lembraram primeiro cestos de vime, mas então decidi: “Não, parecem mais o tecer intrincado de um *nidus ex magnificum*”. Duas delas estavam penduradas sobre as rochas acima do leito do rio, e ali descansamos por um momento, embaixo de sua sombra rala. O dia havia ficado quente, embora o vento seco continuasse a soprar.

— Awaale — disse o doutor. — Empréstimo a faca um momento. Quero mostrar uma coisa para Will Henry.

Warthrop enfiou a lâmina da faca no tronco da árvore e abriu um talho, fazendo uma incisão de quinze centímetros. Uma resina espessa de tom vermelho-vivo verteu da ferida na árvore.

Awaale gemeu baixinho.

— Árvores que sangram? Como não adivinhei antes?

— Isto é o Sangue do Dragão, Will Henry — disse o doutor —, do qual deriva um dos nomes de Socotra. Ele era altamente valorizado na Antiguidade. Dizem que Cleópatra o usava para tingir os lábios. Esta espécie em particular, como a que você viu antes, não cresce em nenhum outro lugar do planeta.

— Não se parece com nenhuma outra árvore que já vi — disse Awaale, limpando com cuidado a lâmina da faca nas calças. — Mas esta ilha é cheia de coisas que nunca vi antes, e eu já vi muitas, muitas coisas.

Warthrop apontou para a direita.

— As montanhas Hagghier. E, do outro lado, Hadibu.

A distância, a cordilheira ondulava sob o sol do meio-dia. Os picos mais altos erigiam suas cabeças de serrote a mais de mil e quinhentos metros de altura e as enfiavam entre as nuvens enoveladas que envolviam seus ombros recortados. As nuvens bufavam com as bochechas rachadas e sopravam uma corrente de vento que aticava o cabelo do monstrologista.

— Depressa, senhores — disse ele. — Acho que talvez uma tempestade esteja a caminho.

O vento que vinha das montanhas brincou com nosso cabelo por um tempo e remexeu as golas de nossas camisas. Era seco, porém, e o céu estava limpo, o sol alto e quente. Depois de atravessarmos uns dois ou três quilômetros, quando os dentes serrilhados gigantescos de Socotra se esgueiraram à direita, mais perto de nós, o vento se cansou de brincar conosco e começou a empurrar e espicaçar, de vez em quando complementado por um empurrão de cinquenta quilômetros por hora, testando nossa força de vontade de continuar seguindo para o norte. Em certo ponto, uma rajada gigantesca me atirou ao chão rochoso. Awaale me ajudou a levantar-me e disse ao doutor:

— Se caminharmos pela ravina, o vento não poderá nos alcançar.

— Se caminharmos pela ravina, uma enchente-relâmpago pode nos arrastar do platô até o mar — respondeu Warthrop, desafiadoramente. Os dois precisaram levantar a voz para serem ouvidos. — Mas você está livre para fazer o que bem quiser.

— Acho que não estou tão livre assim, porque minha vontade é sair desta ilha amaldiçoada!

— Eu não pedi para você vir! — devolveu meu mestre.

— Eu não vim por você, *dhaktar*. Vim por...

— Sim? — retrucou o monstrologista, virando-se para ele. — Diga. Por que veio?

Awaale olhou para mim.

— Pelas praias intocadas.

Warthrop o encarou por um momento longo e terrível. Ia começar a dizer alguma coisa, mas, quando sua boca se abriu, o vento subitamente morreu. O silêncio repentino era ensurdecador.

Um objeto caiu dos céus e aterrisou aos pés do monstrologista. Fino e enrugado, cinza-amarelado e salpicado de gosma: um dedo humano.

Acompanhamos o olhar intrigado do doutor para cima. Uma sombra vinha descendo do céu sem nuvens, uma massa rodopiante de sangue, ossos esmigalhados e nacos explodidos de uma carcaça humana. O doutor foi o primeiro a reagir, e sua reação foi me empurrar com toda a força com o grito de pânico de: “Corra, Will Henry, corra! “. Em duas passadas já tinha ultrapassado a mim e a Awaale, chegando até um agrupamento cerrado de árvores Sangue do Dragão penduradas precariamente na borda da ravina de um metro de profundidade ao longo da qual estivéramos andando. O grande somaliano me enfiou por debaixo do braço gigante e seguiu o doutor, gritando em terror abjeto: “O que é isso? O que é isso? “, enquanto a chuva de sangue começava a cair com força no chão, em cântaros, ao nosso redor. Um grande pedaço de órgão humano — provavelmente um naco de fígado — caiu bem na frente dele, e Awaale saltou sobre aquilo com a graça peculiar nascida do desespero. Nós nos juntamos ao monstrologista, embaixo da relativa segurança das árvores. Ele estava revirando o saco, à procura de ponchos.

— Ela atingiu algum de vocês? — perguntou Warthrop, sem fôlego. Ele não queria resposta. Seus olhos cintilavam com exultação. — A chuva vermelha! Vocês entendem o que isso significa, não é? Não chegamos tarde demais.

— Pois eu tenho a sensação de que chegamos! — gritou Awaale na cara dele antes de enfiar o poncho pela cabeça.

O monstrologista gargalhou e levantou o rosto na direção do céu sangrento.

TRINTA E OITO

“O escrívão fiel de sua obra”

A chuva vermelha acabou tão abruptamente como começara, e então uma enorme sombra correu a planície, o céu foi engolfado e o vento retornou com um uivo vingador. Então os céus se abriram em um canhoneio furioso. Como uma cortina cinzenta, caindo com toda a força veio a chuva torrencial, atirada para os lados pelo vento cheio de ódio.

— Fiquem aqui, vocês dois! — ordenou o monstrologista, depois mergulhou no turbilhão e logo se perdeu em meio às lâminas cinza que se retorciam. Voltou um momento depois e se atirou no chão ao nosso lado com um grande suspiro de alívio, não como deveria ser, pois o abrigo oferecido pelas árvores era modesto.

— Bem, a chuva levou embora a maioria das evidências, mas consegui apanhar isto — disse Warthrop, abrindo a mão para nos mostrar a ponta arrancada de dedo humano. Ele enfiou as mãos na sua maleta de instrumentos em busca de algo em que guardá-la. Awaale o observou impassível; era impossível dizer o que ele estava pensando. Sua expressão pétrea me enervou, entretanto.

Mas não ao doutor de monstrologia.

— Antes de se oferecer para participar de uma expedição com um profissional da biologia aberrante, talvez você devesse ter se informado sobre o que exatamente constitui a biologia aberrante — disse ele a Awaale.

— Os missionários que me ensinaram devem ter pulado essa parte da minha educação, *dhaktar* — retrucou Awaale, secamente. O poncho era pequeno demais para ele. O capuz não entrava em sua cabeça grande, e a água escorria pelo seu rosto largo e pingava de seu queixo. Gotas gordas caíam lá de cima, filtradas pelos galhos emaranhados das árvores Sangue do Dragão.

— Não me surpreende — foi a resposta de Warthrop. — Não é o tipo de coisa a respeito da qual homens tementes a Deus gostam de pensar.

— Agora o senhor vai me dizer que não teme a Deus.

— Não sei o bastante sobre Ele para formar uma base razoável para o temor.

O doutor enlaçou os joelhos erguidos aos seus longos braços e olhou para o

leste — a origem da tempestade e da chuva horrenda que a precedera.

— Precisamos corrigir nosso curso, senhores. O caminho fica a leste.

— Leste? — indagou Awaale. Olhou por cima do ombro, mas não podia nem sequer enxergar o outro lado da ravina por causa da mortalha cinza de água tremulante. — Mas o senhor disse que as montanhas eram impassíveis nesta época do ano. Desmoronamentos de rochas, ventos e...

— Bem, suponho que podemos mandar Will Henry na frente para levar um bilhete educado convidando o *magnificum* a nos encontrar em Hadibu, que acha? — O monstrologista riu com dureza e sem humor, depois falou gravemente. — Esses restos humanos foram transportados pelos ventos que descem das montanhas Hagghier, portanto é para as montanhas Hagghier que pretendo ir, com ou sem a sua companhia encantadora!

Ele se virou para mim, incapaz de conter seu entusiasmo infantil.

— Você entende o que isso significa, Will Henry. Apesar de seus melhores esforços para afastar de mim o troféu, os russos fracassaram. O *magnificum* ainda vaga à solta por aí!

— Russos? — perguntou Awaale. — Que russos?

O doutor o ignorou.

— Suspeito que eles depositaram toda a sua confiança em Sidorov, um cientista terrível que não seria capaz de encontrar a Estátua da Liberdade se o colocassem na ilha Bedloe! — e deu um tapinha no frasco que continha o dedo cortado. — Talvez isto pertença a meu ex-colega: um fim adequado a uma carreira de ignomínia!

Awaale estava balançando a cabeça devagar. Em todas as suas viagens, jamais conhecera um homem como o monstrologista, e Awaale, como você se lembra, havia viajado com piratas sanguinários. O tipo específico de sede por sangue de Warthrop era de uma safra peculiar, entretanto, com um gosto completamente estranho para o somaliano, como a diferença entre vinho barato e vinho de qualidade.

O doutor deixou cair o frasco com o espécime na maleta de instrumentos e se levantou, segurando o tronco da árvore Sangue do Dragão para não escorregar pela encosta lamacenta. Inclinou a cabeça, como se escutasse algo escondido no tumulto da chuva torrencial. Na ravina lá embaixo, o filete de água inchara até virar um regato raso que corria alegremente sobre as rochas.

— Precisamos atravessar — disse Warthrop, de repente. Atirou a maleta de instrumentos por cima do ombro e começou a descer. — Agora!

Quase chegamos tarde demais. Uma parede de água de um metro e meio de altura rodopiava pela curva à frente, um turbilhão de massa espumosa repleta de escombros que vinha rugindo em nossa direção como uma locomotiva

descarrilhada. Na metade da travessia eu escorreguei e caí para diante; meu grito aterrorizado foi abafado pela chuva pesada. Awaale, que já tinha alcançado o outro lado, se virou e correu de volta para me pegar, enfiando as pernas furiosamente na água que lhe chegava aos joelhos. Agarrou meu braço e atirou meu corpo por cima de seus ombros com o mesmo movimento ágil de um carregador de carvão da Steamer Point. Com um rugido potente, lançou-me na direção do doutor, que conseguiu segurar meu colarinho antes que as rochas escorregadias me fizessem cair de novo. Tropecei para trás, como um caranguejo subindo uma encosta, empurrando os calcanhares com força contra a pedra. Embaixo de mim, Awaale se agarrava com unhas e dentes às rochas, enquanto acima dele as águas lamacentas da enchente rodopiavam e destruíam tudo ao longo do percurso, levando os eflúvios das montanhas, seu vômito horrendo, até o mar.

Warthrop de algum jeito pressentiu o que estava por vir — deve ter pressentido, pois não buscamos abrigo depois de chegar ao topo da margem oposta. Ele se agachou na beirada da ribanceira, abaixou bem o chapéu para proteger os olhos da chuva e aguardou. Ergueu a mão com um dedo levantado para o alto e, como que dando uma deixa, um torso humano sem cabeça veio descendo a curva, revirando-se preguiçosamente na corrente que ia diminuindo de velocidade, o tronco aberto ao meio, os intestinos fazendo uma trilha atrás de si na espuma sanguinolenta.

Mais restos humanos se seguiram. Alguns dos pedaços maiores eram facilmente identificáveis: uma mão aqui, uma cabeça ali. Outros tinham sido moídos ao ponto do irreconhecível. A chuva diminuiu; a corrente se abrandou; o condutor do palco cósmico ordenou que o cortejo desacelerasse até um ritmo lento, mais adequado à solenidade da ocasião. A água passou do castanho lamacento para o vermelho ferruginoso: um rio de sangue que corria a partir do coração fraturado da ilha.

O monstrologista olhou para a maré humana abaixo e ficou fascinado. Murmurou:

— Nisto saberás que sou o Senhor: eis que eu, com esta vara que tenho na mão, ferirei as águas que estão no rio, e elas se transformarão em sangue.

— Isto não é obra Dele — sussurrou Awaale em resposta. Não havia necessidade de sussurrar, na verdade, e contudo havia toda necessidade. — O senhor perverte Sua palavra.

— Muito pelo contrário — retrucou o monstrologista. — Sou Seu servo devoto, o escrivão fiel de Sua obra.

A hora dele havia chegado. A hora em que todo o sangue e a morte que ele deixara em seu rastro seriam justificados, a balança seria equilibrada, a dívida

paga. *James e Mary, Erasmus e Malachi, John e Muriel, Damien e Thomas e Jacob e Veronica, e aqueles cujos nomes esqueci e aqueles cujos nomes nunca soube...*

Encontrar o *magnificum* redimiria o tempo, redimiria o sonho. Era a hora dele — a hora *dele* —, a hora em que o desejo encontra o desespero. Vi isso no fogo gélido e inextinguível dos seus olhos. O que alimentava aquela chama infernal? Seria desejo ou seria desespero?

A chuva havia ido embora, mas as nuvens rápidas permaneceram; o dia morreria de morte prematura. As montanhas assomavam diante de nós; seus dentes serrilhados envoltos em névoa e sombra, e a terra embaixo de nossos pés rachada e esfacelada, como os ossos no ossário do *Dakhma*. Enormes rochedos atulhavam o caminho, atirados para baixo nas eras passadas por deuses irados mortos havia muito tempo. Fissuras profundas e ensombreadas, algumas com apenas centímetros de largura, outras com quase dois metros, se abriam em leque do pé das montanhas como os tentáculos de um monstro gigantesco que desejasse nos pegar. O chão se erguia e mergulhava em uma ondulação congelada, cada morro um pouquinho mais alto, cada vale um pouquinho mais raso, e o vento mergulhava para baixo para testar a força de vontade do monstrologista, turbilhonando pela planície — uma parede de vento pela qual Warthrop nos obrigava a abrir caminho aos empurrões, sem pausa. O vento arrancava a respiração de nossos pulmões, atava nossas palavras ao chão, espalhava poeira em nossos olhos, mas, ainda assim, o monstrologista lutava contra ele, dobrado para diante para não ser vergado para trás ou lançado completamente para fora do chão, movimentando-se como um homem mergulhado até a cintura nas águas, cada passo para a frente uma vitória duramente conquistada.

Tentei ficar ao seu lado, mas aos poucos o vento me esgotou as forças, e fui ficando cada vez mais para trás. O doutor não percebeu — ou não se importou — e continuou em frente, mas Awaale voltou para me buscar, gritando para Warthrop que eu precisava descansar. O monstrologista não o ouviu — ou não se importou.

— Aqui, eu vou carregar você, *walaalo* — berrou Awaale por cima do vento.

Balancei a cabeça. Eu não seria um fardo para ninguém. Não paramos até chegar à base repleta de rochas da montanha. Atiramos os sacos ao chão e desabamos contra um afloramento, enquanto o vento gemia e assoviava pelas rochas e o sol poente atravessava as nuvens, pintando a planície abaixo de dourado numa visão de tirar o fôlego, espantosamente linda.

“Você vai jurar que o sol desabou dentro do mar, pois toda árvore da ilha é

uma árvore dourada, e cada folha uma folha dourada, e as folhas brilham com uma resplandecência própria; de modo que, mesmo na noite mais escura, a ilha parece arder como a luz de um farol. “

— A noite está chegando — declarou Awaale. — Precisamos encontrar abrigo.

O doutor não discutiu com ele. Talvez estivesse pensando, como eu, em olhos sem íris. Awaale se levantou, colocou o rifle sobre o ombro e seguiu a trilha mais adiante, desaparecendo entre dois rochedos que pareciam duas sentinelas emudecidas em ambos os lados de uma passagem estreita — o portão de entrada do covil do *magnificum*.

— É a coisa mais linda que já vi — disse o monstrologista, olhando para a planície dourada. — E eu já vi muitas coisas lindas. Você alguma vez sonhou com algo tão belo, Will Henry?

“Estou vendo, papai! A Ilha da Felicidade. Ela arde como o sol nas águas escuras. “

— Não, senhor.

Ele olhou para mim e eu devolvi seu olhar, e seu rosto brilhava à luz de ouro.

— Já lhe mostrei o telegrama que recebi antes de deixarmos Áden? Acho que não — ele sacou o objeto amassado do bolso e pressionou-o contra a minha mão.

NOTÍCIAS TERRÍVEIS. TOLOS ENTENDERAM ERRADO. ESTAVAM PROCURANDO DOIS CARECAS, UM BAIXO E GORDO E O OUTRO MAGRO E ALTO. SÓ AGORA PERCEBERAM.
CUIDADO, MIHOS.
MENTHU.

Ele observou minha expressão com cautela. Eu também fui cauteloso. Perguntei:

— Rurick e Plesec?

Ele assentiu.

— Aparentemente, eles escaparam da teia de Fadil.

Ele sacou seu revólver e o segurou sobre o colo. O tambor cintilava ao beijo do sol moribundo.

— Há duas balas na câmara. Pelas minhas contas, Will Henry, devia haver

cinco. Três balas ausentes. Dois russos ausentes.

— Não tive escolha, senhor.

— Oh, Will Henry — disse ele. — Will Henry! Por que não me contou?

— Não sei...

— Pare com isso.

— Não sabia como...

— *Pare com isso.*

— Não queria que o senhor... se desapontasse comigo.

— ... me desapontasse com você? Não entendo.

— Tive medo de que o senhor me deixasse para trás novamente.

— Por quê? Porque você se defendeu contra dois selvagens desalmados que teriam matado a nós dois sem piscar os olhos?

— Não, senhor — respondi. — Porque *eu* os matei sem piscar os olhos.

Ele assentiu; entendeu.

— Quer saber como foi? — perguntei.

Ele fez que não.

— O lugar pode variar e os nomes diferirem, mas o crime é o mesmo, Will Henry.

Ele coçou o queixo barbudo, apanhou um graveto caído aos seus pés e se pôs a desenhar na terra macia.

— Nascidos sob o mesmo teto — murmurou ele, pensativo. — Talvez no fim das contas seja mesmo a marca de Caim — levantou o rosto na direção do sol poente, batendo a ponta do graveto contra a terra. — Você se lembra de quando veio morar comigo, de como mantínhamos sempre um balde ao lado da mesa de autópsia para o caso de você enjoar? E você sempre enjoava, no começo. Não consigo lembrar a última vez em que o trabalho fez você enjoar.

Ele atirou longe o graveto, que caiu volteando pela encosta na direção da planície dourada e sumiu.

— Este é um ramo escuro e sujo, Will Henry. E você está indo bem — disse, dando um tapinha no meu joelho, não para me parabenizar, creio, mas para me consolar. Seu tom era triste e amargo. — Você está indo bem.

Awaale voltou e declarou ter encontrado um lugar apropriado para passarmos a noite. Colocamos os sacos às costas e o seguimos pela trilha estreita, subindo um corredor alto e tortuoso que cortava duas paredes de pedra escarpadas. Uma lâmina de nuvens baixas e cinzentas rodopiava incansavelmente acima; e um rio de ventos corria afunilado entre o estreito. Depois de atravessarmos cerca de cem metros, chegamos a uma abertura na face do penhasco, com cerca de um metro e oitenta no fundo e mais ou menos o mesmo de altura, estreitando-se até chegar a uma ponta no alto, um rasgão fundo

na pedra que não se poderia bem chamar de caverna, mas ofereceria alguma proteção dos elementos. As sombras dentro da abertura eram profundas, e o doutor espiou ansiosamente para o interior.

— É seguro — garantiu Awaale. — Tinha uns dois escorpiões, mas já cuidei deles. — Seu sorriso era cintilante. Ele estava orgulhoso do feito.

Exausto, atirei-me no chão e me recusei a levantar-me, embora Awaale tenha tentado me seduzir com comida. Enrolei o poncho para fazer um travesseiro e fechei os olhos. As vozes deles flutuavam até mim — uma discussão sobre quem faria o primeiro turno da vigília. Lá fora, as nuvens enviaram o vento para baixo e ele soprou longe a luz; a escuridão iluminou a trilha como uma grande ave negra de rapina. Alguém estava deitado ao meu lado e uma mão cálida pressionou brevemente minha testa: Awaale.

Caí no mais ligeiro dos cochilos; então uma luz lançou-se no espaço, e eu me sentei — Awaale também, em seguida nós dois nos levantamos.

— *Dhaktar*? — chamou Awaale em voz baixa. — Você disse nada de luz!

Nós o vimos de pé em frente à abertura, segurando a lanterna com uma das mãos e o revólver com a outra, espiando para dentro da escuridão.

— Há algo lá fora, do outro lado daquelas rochas — disse ele. — Awaale.

Ele fez um gesto com a arma. Awaale apanhou o rifle e saiu. Os dois homens ficaram imóveis por algum tempo.

— Ali! — sussurrou Warthrop. — Ouviu?

Awaale sacudiu a cabeça devagar.

— Só ouço o vento.

— De novo! Fique aqui.

O doutor andou pela trilha, sumindo de vista. Corri; Awaale fez um gesto para eu voltar. Ergueu o rifle. A luz do doutor sumiu, e o escuro acabou por engolfar Awaale completamente.

— Awaale — chamei em voz baixa. — Está vendo o doutor?

A luz voltou, atirando sombras trêmulas, fluindo por sobre Awaale e então iluminando a entrada da abertura. Awaale passou o rifle por cima do ombro e aceitou o lampião do doutor, que precisava das duas mãos para manter a carga erguida.

Inclinada contra o monstrologista estava uma jovem, as roupas em frangalhos, o cabelo comprido emaranhado e incrustado de sujeira, os pés descalços deixando tatuagens sanguinolentas na pedra. Ele a trouxe para dentro, pousou-a no chão com cuidado e fez um gesto para Awaale entregar o lampião para mim. Vi que a mulher não estava sozinha: segurava um bebê adormecido contra o peito.

Ela disse alguma coisa. O doutor balançou a cabeça; não entendia. Ela

repetiu, seus olhos arregalados e amedrontados.

— O que ela está dizendo? — perguntou Warthrop.

— Não sei — respondeu Awaale.

O doutor o olhou com dureza.

— Como assim? Você fala a língua deles.

— Falo somaliano, inglês e um pouco de francês. Não conheço a língua de Socotra.

— Você não... — Warthrop estava encarando-o como se ele tivesse acabado de confessar um assassinato. — O capitão Russell disse que você falava.

A mulher puxou a manga de Warthrop, apontou para fora e murmurou algo histericamente. O foco do doutor, porém, estava no pobre Awaale.

— Foi apenas por isso que deixei você vir conosco! Por que mentiu para mim?

— Não menti para o senhor. O capitão Julius mentiu para o senhor.

— Por que motivo?

— Para que o senhor me deixasse vir? Não sei. O senhor devia perguntar a ele.

— E vou, se viver o bastante! — e se virou para mim. — Minha valise de instrumentos, Will Henry — depois, virou-se para a mulher. — Sou um doutor. *Doutor*. Entende? — tentou em francês. Awaale tentou em somaliano. O monstrologista tentou árabe depois. Nada. Ele sacou o estetoscópio da valise e o levantou: — Está vendo? Doutor.

Ela assentiu enfaticamente e sorriu. Seus dentes eram estonteantemente brancos contra o fundo de seu rosto sujo. Ela se acalmou de modo considerável, sacudindo a cabeça maravilhada ante sua boa sorte: um doutor, aqui, dentre todos os lugares! Submeteu-se fracamente ao exame: coração, pulso, respiração, e por último, os olhos, enquanto eu segurava a luz. O doutor suspirou, depois apontou para a criança.

— Vou precisar examinar o bebê. Sim?

Gentilmente deslizou as mãos para baixo do bebê caído, e os olhos dela se endureceram; balançou a cabeça com violência e apertou o bebê ainda mais. Warthrop levantou as mãos, sorrindo para confortá-la, e disse:

— Tudo bem, mamãe. Pode segurá-lo.

Pressionou os dedos com suavidade contra o pulso do menino. Auscultou seu coração. Abriu uma de suas pálpebras e olhou por um longo tempo para a órbita exposta. Sorriu para ela, assentindo como se dissesse: “Ele está bem”. Pousou o lampião e saiu da caverna, fazendo sinal para que eu o seguisse.

— Ela está nos estágios iniciais de exposição — declarou ele.

Awaale soltou um murmúrio abafado:

— E o menino?

— O menino não foi infectado.

Awaale limpou a boca com a mão. Olhou a trilha de alto a baixo, depois olhou mais uma vez para o doutor.

— O que devemos fazer?

— Precisamos convencê-la de algum modo a entregar a criança — sussurrou o monstrologista.

— E depois... o quê? Matá-la?

Warthrop não disse nada. Em seus olhos havia algo que eu raramente via: a agonia da escolha impossível.

— É nisso que você está pensando — disse Awaale. — Que precisamos matá-la.

— Ela está condenada — disse meu mestre com voz rouca. — Vai morrer de todo jeito, e não sem antes infectar o filho.

— Então precisamos matar os dois.

— Foi o que eu disse? Escute o que estou dizendo! Ela tem horas de vida. O menino pode ter anos, se pudermos tirá-lo dela a tempo.

— Eu vou tirá-lo — disse Awaale, inflexível. — Vou salvá-lo, e então o senhor fará o que tiver de fazer — e saiu pela abertura.

— Não! — Warthrop agarrou seu braço e o puxou de volta. — Se você tentar arrancá-lo agora, corre o risco de que ela sem querer infecte a criança... ou você. Só é preciso o mais leve dos arranhões para isso.

— Então o que o senhor sugere? — vociferou Awaale. Tinha chegado ao limite da paciência.

— Eu não... eu não sei — como se exausto, o monstrologista lutava para recuperar a respiração. — Provavelmente... se eu puder chegar perto o suficiente, um tiro rápido na cabeça...

— Suas mãos estão tremendo — observou Awaale. E estavam mesmo, muito. — Eu atiro.

— Você não vai conseguir chegar perto o bastante — argumentou o doutor. — Além disso, é em mim que ela confia — acrescentou, com amargura.

— Eu atiro, dr. Warthrop.

Os homens se espantaram, Acho que haviam esquecido que eu estava ali. Warthrop pareceu atônito com minha oferta; Awaale, horrorizado. Estendi a mão para apanhar o revólver. Ao contrário das do monstrologista, minhas mãos não tremiam.

— É o único jeito de salvar o menino — falei.

— Não. Não vou permitir, Will Henry.

— Por quê?

— Porque atirar em alguém por autodefesa é uma coisa. Isto é algo completamente diferente.

— Diferente como? — inquiri. — Não podemos deixar que ela viva. Não podemos deixar que ele morra. Sou só um menino; ela não vai suspeitar de nada.

— Eu posso fazer isso — disse o monstrologista, querendo se fazer mais resoluto do que parecia. — Eu é que devo fazer isso — e pousou a mão no meu ombro. — Fique aqui com Awaale, Will Henry.

Ele se enfiou dentro da ferida na face da montanha. Awaale virou as costas. Eu me virei para olhar.

À luz do lampião ela parecia muito jovem, ainda na adolescência, adivinhei, e apesar de estar coberta dos pés à cabeça de terra, era linda, no desabrochar da feminilidade. Ela sorriu com confiança para o doutor quando ele se ajoelhou ao seu lado. Ele tocou a face dela, deixando o pulso esquerdo perigosamente perto da sua boca, enquanto enfiava a mão direita no bolso. Falou em voz baixa, usando os olhos e o tom para niná-la. E saiu a arma. Ele a segurou contra a perna, longe do ângulo de visão dela. *Agora, pensei. Atire agora.*

Não conseguia enxergar o rosto dele. Não sei o que ela viu ali, mas ela continuou sorrindo e ele continuou falando em voz baixa, acariciando sua face, e eu imaginei o que estaria dizendo. Podia estar dizendo qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, porque ela não era capaz de entender. Podia estar dizendo: “Pelo seu filho, preciso fazer isso. Pelo seu filho...” Ou: “Meu nome é *ha-Mashchit*, e o Senhor Deus me criou no primeiro dia...”

A mão dele caiu da sua face. A outra não se levantou. Então ele caiu completamente, correndo para trás até bater na parede oposta, e lá ficou, com as costas encostadas na pedra, a cabeça baixa, os braços pendendo, impotentes. Fiz menção de ir até ele, mas ele ergueu a mão vazia. *Não.*

— O que ele está fazendo? — sussurrou Awaale por cima do ombro. Ele se recusava a virar para ver.

— Ele não consegue — murmurei em resposta.

Awaale grunhiu.

— Talvez ele esteja errado. Talvez ela não esteja doente.

— Não. Os olhos dela... eu vi.

— Você viu o quê nos olhos dela?

— *Oculus Dei*, os olhos de Deus.

— Não compreendo, *walaalo*. *O que são os olhos de Deus?*

Dentro da fenda, o monstrologista levantou a cabeça. Seus olhos escuros cintilavam úmidos ao lampião. O que são os olhos de Deus?

— Já sei — sussurrou Awaale. — Ele está esperando que ela durma. E quando ela cair no sono...

— Não sei o que ele está esperando — falei. A hesitação dele na necessidade da hora me perturbava profundamente. Ele jamais hesitara antes. Não hesitara em Gishub. Não hesitara na cozinha da Harrington Lane quando levantara acima da cabeça a faca de carne. O monstrologista sempre seguira os ditames de sua disciplina. Jacob Torrance podia ter usado o lema da Sociedade no dedo, mas Pellinore Warthrop o trazia gravado no coração. Ele era, como Fadil o nomeara, *Mihos*, o leão, o guardião do horizonte. O que o impedia? Estaria ele se aferrando a alguma coisa... ou teria ele soltado alguma coisa?

— Não entendo esse homem a que você serve — disse Awaale. — Ele parece ao mesmo tempo se alegrar e temer a morte. Ele a persegue como um cão de caça atrás de um coelho e depois corre dela como um coelho assustado. Por que um homem assim caça monstros?

Ele desabou ao lado da abertura da fenda, segurando o rifle bem alto entre os joelhos, e apoiou a cabeça contra a pedra.

— Estou cansado, *walaalo* — suspirou ele.

— Pode dormir se quiser — falei. — Vou ficar acordado.

— Ah, mas você está se esquecendo do trato. Sou eu quem deve cuidar de você.

— Não preciso que você cuide de mim.

— Não é a você que vou ter de responder um dia, *walaalo* — retrucou ele com gentileza.

Eu me deixei cair no chão, de frente para Awaale para que pudesse manter o doutor no meu campo de visão periférica. Ele não havia se mexido; nem a mãe com o filho. Talvez o doutor estivesse mesmo errado, pensei. Não em relação à mulher, mas à criança. Como a mãe podia estar infectada e o menino não? Melhor terminar logo com o sofrimento deles. Eu não levantei essa possibilidade para nenhum dos meus dois companheiros, porém. Fiquei pensando nela, pensando, e esperei, enquanto a noite se aprofundava ao meu redor e eles começavam a sentir sono. Observei os olhos da mulher pesarem, observei sua cabeça pender para diante e então para trás enquanto ela lutava com a exaustão. Eu estava bem acordado. Poderia ter ficado acordado por mil noites, de tão enovelada que estava a coisa dentro de mim, *das Ungeheuer*, o *eu-não eu*, a coisa que sussurrava *EU SOU*, a coisa que lutava dentro de mim — e que luta dentro de você — para se libertar.

E, enquanto Mihos dormia, Ophois se ergueu.

Havia o suspiro do vento, o barulho dos ossos esmagados da terra, o aço frio da arma e a mulher dormindo. Havia o bebê apertado de encontro a seu seio nu e as solas de seus pés ensanguentados e roídos pelas pedras, e o topo da sua cabeça apontada em minha direção como se numa oferta. Ergui a arma. Trouxe-a a

centímetros de seu couro cabeludo.

O mundo não é redondo. O horizonte é o topo do abismo; não existe volta.

Meus olhos pousaram no bebê quando comecei a apertar o gatilho. Os olhos dele me encararam. Ele estava acordado, e sugava o seio da mãe. Meu coração se chocou contra minhas costelas, em pânico. Deixei a arma cair no chão e o arranquei dos braços dela.

Ela despertou com um grito agudo e se atirou para a frente, mas eu já havia recuado e subi pela trilha. Não havia nenhuma luz para guiar meu caminho, e não me afastei muito antes de tropeçar numa rocha e ser lançado para diante, girando no último segundo para proteger o bebê. A sombra espectral da mulher assomou sobre mim por um longo e horrendo instante, congelada no tempo, e naquele espaço entre um segundo e o seguinte, um tiro soou lá de cima, e a mulher caiu morta aos pés daquele que havia roubado tudo aquilo que mais lhe importava. Olhei para cima, esperando ver o doutor ou Awaale, sem ver nenhum dos dois, e sim o rosto sorridente daquele que começara tudo aquilo, o motivo por eu estar naquele lugar de sangue, rocha e sombra segurando um bebê em prantos nos braços: o rosto de John Kearns.

TRINTA E NOVE

“Como ele é? “

Com uma risadinha, ele saltou de seu poleiro e deixou cair o rifle imediatamente ao ver Awaale e o doutor correndo na nossa direção, com a luz. Ele levantou as mãos para o alto.

— Não atirem; estou são! — gritou naquele tom distinto de ronronado leonino. — Minha nossa! — exclamou, medindo Awaale. — Que africano alto você é.

— Fique de olho nele, Awaale — disse meu mestre. — Se ele se mexer, atire.

Ele se ajoelhou diante da vítima de Kearns. Ela tinha recebido um tiro bem dado atrás da cabeça.

— Você se machucou? — perguntou Warthrop ansiosamente para mim. Ele examinou o bebê depressa, depois tirou-o dos meus braços.

— Salvei sua vida de novo, Mestre Will Henry! — disse Kearns, zombeteiro. — Não que eu esteja fazendo a contagem. Warthrop, achei que você estivesse morto... ou louco, ou ambos. Portanto estou mais ou menos certo... ou errado. Como tudo o mais, é tudo uma questão de como se veem as coisas. Este africano altíssimo vai atirar em mim por ter salvado a vida do seu assistente?

— Quem é este homem? — inquiriu Awaale.

— Jack Kearns, esse nome vai servir, ou pode me chamar pelo meu nome africano, *Khasiis*. E você é Awaale, que significa “sortudo” creio eu.

Awaale assentiu.

— E eu sei o que o seu nome significa, *Khasiis* Jack Kearns.

— Ótimo. E agora que fomos devidamente apresentados, sugiro que apaguemos esta luz e encontremos abrigo o mais rápido possível. A luz os atrai como mariposas ao fogo; você deve saber disso, Pellinore.

O doutor sabia. Ele me instruiu a apanhar o rifle caído e ordenou que Kearns fosse na frente, seguido de perto por Awaale, para voltarmos ao nosso esconderijo. Warthrop e eu fomos atrás, com a criança se retorcendo e choramingando em seus braços. Seu rostinho estava sujo de terra e lágrimas, e a boca brilhava com os resquícios do leite da mãe morta. Quando chegamos à fenda na rocha, o monstrologista apagou a luz.

— Ainda consigo ver você — Awaale advertiu Kearns.

— É mesmo? Então você tem os olhos de um gato — ou de um podre.
— Onde estão seus amigos, Kearns? — inquiriu o doutor.
— Que amigos? Ah, você está falando dos russos. Mortos. Exceto Sidorov. Talvez ele esteja vivo... ainda. Não tem os olhos de um gato, mas com certeza tem as vidas!

— Então foi para Sidorov que você ofereceu o *magnificum*.
— O *magnificum*? Bem, suponho que sim. Ofereci para levá-lo ao local dos seusinhos — mas o monstro em si, isso ficava por conta dele e do seu amigo czar.

— E? — vociferou Warthrop em voz baixa. — Ele o encontrou?
— Bem, sim... ou foi encontrado.
O doutor sibilou entre dentes. Tinha chegado atrasado até o troféu, e pelo pior rival possível, um monstrologista desonrado e expulso da ordem, um cientista charlatão que levaria toda a glória de ter sido o primeiro a colocar os olhos no Pai dos Monstros.

Kearns percebeu a reação do doutor e disse:
— Ora, não fique com raiva de mim, Pellinore. Eu lhe enviei o *nidus*, afinal de contas.

— Por que o enviou para mim, Kearns? Não precisava dele para convencer Sidorov de que estava falando a verdade?

— Ah, a verdade — disse Kearns, com ar de desdém.
— Você sabia que eu iria procurá-lo.
— Bem, de fato me passou pela cabeça que você pudesse fazer isso. E na de Sidorov. Ele não ficou muito feliz quando eu lhe disse que havia mandado o *nidus* a você para que o guardasse. “Ele não!”, exclamou. “*Warthrop* não.” — O sotaque russo de Kearns era impecável. — E eu respondi: “Oh, Warthrop é um cara bacana, um ótimo camarada para quem é cientista e um maldito moralista”.

— Isso explica Rurick e Plesec.
Kearns riu:
— Ah, que ótimo. Esses dois nem pedem uma explicação.
— Mas não Arkwright.
— Quem é Arkwright?
— Você não conhece Arkwright?
— E eu deveria conhecer Arkwright?
— Você ofereceu o *locus ex magnificum* aos britânicos.
— Acho que eu não deveria comentar a respeito disso, a não ser para dizer que sou um servo leal de Sua Majestade, a rainha — e levantando a voz: — Deus salve a rainha!

— Quando você terminar a conversa — disse Awaale para Warthrop —,

gostaria de matá-lo.

— Ora, ora, mas que africano mais sanguinário! Onde você o encontrou, Pellinore? Raptou-o de um navio de piratas?

— Como sabe que fui pirata? — inquiriu Awaale.

— Basta, Awaale — interrompeu Warthrop. — É melhor não apostar com o demônio, se puder evitar.

— É esse o truque, sim — concordou Kearns, bem-humorado. — Evitar isso.

— Onde ele está, Kearns? — rosnou o monstrologista. — *Onde está o magnificum?*

John Kearns não teve pressa em responder. Meus olhos haviam se acostumado com o escuro, mas, mesmo assim, eu mal podia ver a silhueta fraca daquele homem, uma sombra de um tom mais claro de cinza contra o fundo negro da montanha. A voz que vinha daquela sombra era um som monótono e baixo, como o das asas de uma mosca batendo.

— Onde está o *magnificum*? Está bem acima de você. Está bem ao seu lado. Está atrás e diante de você. Está naquele espaço de um décimo de milésimo de centímetro fora de seu campo de visão. Não olhe mais além do que a ponta do seu nariz e irá encontrá-lo, Pellinore.

Ao meu lado, o doutor bufou de frustração. Senti seu corpo se tensionar, como se a qualquer momento ele pudesse se atirar em cima de Kearns e sufocá-lo até extrair a vida de dentro dele. A criança chorosa em seus braços provavelmente foi o que salvou Kearns.

— Não tenho estômago para isso, Kearns. Já sofri demais para também ter de sofrer suas charadas.

— E não só você, eu suponho! Vi a mão do pequeno Willy. A curiosidade matou o gato, hmmm?

Warthrop ignorou a zombaria e vociferou:

— Onde está o *magnificum*?

— Você quer mesmo vê-lo? Tudo bem, eu o levarei até lá. Mas não agora. Os filhos dele zanzam à noite e o protegem muito, como meus amigos russos descobriram e como você provavelmente já sabe.

Ele pediu água e então esvaziou o cantil de Warthrop. Declarou que estava morto de fome e então se lançou às nossas provisões, enfiando comida na boca tão rápido quanto as tirava do saco.

— Andei caçando aquele lá dias a fio — disse entre uma e outra mordida de biscoito duro. — Desde lá de Moomi. Eles exilam os infectados, sabe; atiram-nos das cavernas para que se virem, mas eu estava esperando que o monstro a apanhasse... é um esporte bem mais interessante assim. As fêmeas são bem mais

difíceis do que os machos. Os machos se aproximam de você sem rodeios, subterfúgios ou sutilezas, mas as fêmeas são muito espertas. Atraem você para armadilhas sem saída, o fazem andar em círculos, ficam sentadas paradas como estátuas durante horas para emboscá-lo. Prefiro um macho grande e forte como Awaale aqui do que uma podre como *ela*, mil vezes.

— Você sabia que estávamos aqui — disse Warthrop. Não era uma pergunta.

— Vi a luz. Soube que você a apanhara. Não sabia direito o que fazer; pensei que você mesmo iria cuidar dela, Warthrop. Por que não fez isso?

O doutor olhou para o bebê aninhado em seu colo. Ele havia caído no sono, seus lábios gordos chupando o polegarzinho.

— Você vai ter de fazer isso, como sabe — disse Kearns.

O monstrologista olhou-o.

— Fazer o quê?

— Matá-lo.

— Ele não foi infectado.

— Impossível.

— Eu o examinei.

— Ele andou chupando a teta da mãe. Como pode ser que não esteja infectado?

Warthrop mordeu o lábio inferior por um momento.

— Ele não tem nenhum sintoma — argumentou com teimosia. Eu não sabia quem ele estava tentando convencer, a Kearns ou a si próprio.

— Bem, faça o que quiser, então. Deixe-o morrer de fome por aí.

— Vou levá-lo conosco.

— Achei que você estivesse indo atrás do *magnificum*.

O doutor estava balançando o bebê gentilmente enquanto ele dormia.

— Awaale vai ficar aqui para cuidar dele — decidiu.

— Eu vou? — indagou Awaale.

— E quando o moleque ficar com fome, vai enfiar a boquinha dele em seu grande mamilo preto?

— Onde fica o assentamento mais próximo?

— Com gente? Provavelmente as cavernas de Hoq.

— Ele levará a criança para Hoq, então.

— Para quê? Ela foi exposta; eles vão simplesmente matá-la. Melhor fazer isso agora e poupar a eles todo o tempo e o trabalho.

— Não posso matar o bebê — disse o doutor. — *Não vou matá-lo.*

— Ah. Quer que eu cuide disso?

Warthrop instintivamente trouxe a criança para perto do peito e mudou de

assunto.

— O que aconteceu com seus amigos russos?

— O mesmo que aconteceu com a garota aí; o que acontece com qualquer um que toca a podridão das estrelas. A coisa até começou bem. A temporada de procriação tinha acabado de se iniciar e as vítimas eram limitadas; o sultão tinha tudo relativamente sob controle, restrito a uns dois vilarejos remotos. Eles isolam a praga, sabe, mais ou menos como se fosse um surto de varíola, e deixam a coisa se extingua. Sidorov e companhia rastrearam a pista do terreno da nidação, bem no meio das montanhas, mas então um dos tolos se enforcou em sua própria vaidade. Ele literalmente enfiou o pé na jaca — pisou numa poça fresca de *pwdre ser* — e aí insistiu em limpar as botas! A podridão queimou a companhia inteira depois disso. Eu mal consegui escapar. Desde então venho caçando — e sendo caçado.

— E Sidorov?

— Ah, aquilo o apanhou também. Que dia é hoje? Terça? Não é engraçado o quanto os dias da semana passam a ser desimportantes? Enfim, acho que foi na quinta-feira passada que aquilo o tomou.

— “Tomou?”

Kearns assentiu.

— No terreno de nidação, para onde estou levando você. Se ainda quiser ir.

— Como ele é? — perguntou Warthrop. Ele não desejava perguntar aquilo a John Kearns (não tinha confiança de que receberia uma resposta direta), mas não conseguiu se conter. Os mortos em seu rastro o obrigaram. Ele os sacrificara para conhecer o rosto do Sem Rosto.

— Bem, é bem grande — retrucou Kearns com um tom sério. — Gigantesco, na verdade. Está por aí há tanto tempo quanto nós, pulando de ilha em ilha para repousar antes de voltar a se esconder por uma ou duas gerações. Os machos não são muito grandes, são um tanto preguiçosos, eu diria, como os leões, que ficam sentados esperando que as fêmeas tragam os despojos.

— Mas qual é a aparência deles? São como répteis? Como aves? Ou são mais proximamente relacionados aos mamíferos voadores, como os morcegos?

— Bem, seus cérebros são bastante pequenos, como o de um lagarto ou o de uma ave, mas eles não têm asas. São cobertos de chifres ou espinhos — como uma rosa! — e seu couro é muito claro e fino, as garras afiadas e os dedos bastante habilidosos. Bem, você sabe o quanto seus ninhos são intrincados.

— Então eles põem ovos, como uma ave ou um réptil.

Kearns deu de ombros, sorriu.

— Não vi nenhum ovo — nem quero. Não consigo imaginar como isso poderia acontecer.

— Quantos são?

— Aqui em Socotra? Centenas, eu diria.

— Centenas? — O monstrologista parecia chocado.

— No mundo, eu diria milhares. Centenas de milhares. Milhões. Tantos quantos são os grãos de areia na praia desta ilha abençoada. Olhe para cima, Pellinore. Quantas estrelas existem no céu? O mesmo é o número de *magnificum* que há, e também é o número de rostos que eles têm.

Meu mestre percebeu que estava perdendo seu tempo. Caiu em silêncio, e Kearns caiu em silêncio, e então só se ouviu o som do vento e nenhum outro por algum tempo.

— Se este for mais um de seus truques, eu mato você. Está entendendo? — disse o doutor por fim.

— Ah, francamente, Pellinore. Eu *quero* que você o encontre. Por que acha que eu lhe mandei o *nidus*, para começo de conversa?

Ele pediu seu rifle de volta. Warthrop recusou.

— Em breve eles irão voltar e eu preferiria estar armado — argumentou Kearns. — *Você* preferiria que eu estivesse armado.

— Quem? — inquiriu Awaale. — Quem vai estar aqui em breve?

— Os podres — respondeu Kearns. — Os filhos do *Typhoeus*. O sangue os atrai. Eles são capazes de sentir seu cheiro a quilômetros de distância, principalmente com este vento. Posso por favor ter minha arma de volta?

— Não confio nesse homem — disse Awaale. — O nome dele é correto. Ele é *Khasiis*, o maligno.

— Se eu quisesse matar vocês, teria tido minha chance horas atrás — retrucou Kearns de modo razoável.

— Will Henry — disse o doutor. — Devolva a arma do sr. Kearns para ele.

Awaale murmurou algo entre dentes. Kearns riu baixinho. Warthrop balançou o bebê nos braços, com a expressão tão perturbada quanto a da criança estava serena.

E assim aguardamos a chegada dos filhos do *Typhoeus*.

QUARENTA

“*Eu permaneço de pé*”

Warthrop decidiu confiar a criança a mim.

— Se o pior acontecer, leve-o de volta pelo caminho de onde viemos — instruiu. — Desça a trilha e saia das montanhas. Siga para o sul, de volta para o mar. Gishub deve ser um lugar relativamente seguro até a volta do *Dagmar*.

— Deixe Awaale levá-lo — protestei. — Quero ficar com o senhor.

— Você é corajoso, Will Henry — reconheceu ele. — Mais corajoso tipo Torrance do que tipo Kearns, espero, mas mesmo assim...

— Tudo bem — interrompeu Awaale. — O *walaalo* tem seus próprios tratos para respeitar. Mas seu mestre tem razão, pelo menos nesse ponto. Não se preocupe. Eu o protegerei com a minha vida.

Kearns estava zanzando perto da abertura da fenda, encarando a escuridão onde o corpo da mulher jazia, caído sobre a rocha.

— É um lugar perfeito. Perfeito! — disse ele, Ofegando. — Não poderíamos ter arrumado um melhor, Pellinore. Vou assumir meu velho poleiro ali, naquela plataforma na face leste. Você pode cuidar do norte, e Awaale da outra ponta, naqueles rochedos que marcam a cabeça da trilha. Ah, aquele diabo do Minotauro. Ainda consigo sua cabeça!

— Minotauro? — repetiu o doutor.

— É o nome que dou a ele. Um grande selvagem, quase tão grande quanto nosso pirata aqui. Ando atrás dele há dias. Ele é muito inteligente, provavelmente foi um líder em sua vila, e é muito, muito forte. Não dá para não notá-lo: tem um grande chifre bem no meio da cabeça — como se fosse o galo do bando. Anda com um bando deles, quatro ou cinco, da última vez que contei, mas eles morrem rápido por causa do *pwdre ser*, como você bem sabe, Pellinore. Então agora pode haver um ou dois a menos, a não ser que algum desgarrado tenha se juntado à causa. Uma única bala não é capaz de derrubá-lo. Ele já tem três balas minhas enfiadas no corpo e não mostra nenhum sinal de fraqueza. Da última vez que atirei nele — ora, isso foi bem interessante. A ferida sangrou muito, e em geral é o sangue que desencadeia o frenesi, mas no caso do Minotauro os outros se reuniram ao redor da ferida e um a um deram-lhe uma espécie de lambida bajuladora, como um juramento de lealdade dos podres.

Foi comovente, de verdade, dado que a vida deles agora pode ser medida

em semanas.

Ele levantou a cabeça, e ouvimos com ele; mas não escutei nada a não ser o vento sobre a pedra.

— Algo vem vindo — sussurrou Kearns. — Sugiro assumirmos nossas posições, senhores. Não atirem antes do meu sinal, a não ser que não tenham escolha. Melhor esperar até eles estarem distraídos com a isca; então vai ser parecido com atirar em peixes num barril. Fiquem de olho no meu amigo, o Minotauro!

Ele subiu a trilha com dificuldade; Warthrop seguiu alguns passos atrás. Awaale deu um tapinha em meu ombro, apanhou seu rifle e saiu na direção oposta. Fui até os fundos da fenda e me abaixei, segurando sem jeito o bebê sobre o colo e pensando no quanto eu era bobo por estar encurralado a um canto sem meios de fugir nem de me defender. Meu destino (e o da criança) estava completamente nas mãos de um assassino psicopata que gostava de ser chamado pelo termo somaliano que significa “o maligno”.

O bebê choramingou em seu sono. Corri os dedos de leve pelo seu rosto, afagando as pálpebras fechadas, seu narizinho gordo, suas bochechas macias. Houve outro bebê, não muito tempo atrás, que eu deixara intocado no corredor de um cortiço imundo, que eu tinha abandonado quando estava em meu poder salvá-lo, que eu mais tarde encontrei flutuando em pedaços num porão inundado de esgoto. *Você é minha redenção, a chave da prisão do meu pecado*, dissera Awaale. *Salvando você, eu me salvarei do meu próprio julgamento*. Quando ouvi essas palavras, eu confesso que tive uma reação warthropiana. Uma fé ilógica, pensei, em um encontro por acaso com a intervenção divina. Mas acaso não são todos os atos de fé, pela sua própria natureza, ilógicos? *Redima o tempo*, as estrelas haviam cantado para mim. Pensei em sua canção enquanto acariciava o rosto do bebê. *Redima o tempo*. Se a coisa chegasse a isso, decidi, eu o abandonaria aqui e tentaria atraí-los para longe — um abandono que dessa vez não traria ruína e sim salvação, que não destruiria e sim redimiria.

O vento norte trouxe consigo um som vindo dos picos, um guincho agudo que só consigo assemelhar ao de um porco num matadouro, um guincho estridente que não me pareceu humano, e por um instante terrível fui convencido de que não eram os filhos do *Typhoeus*, e sim o próprio *Typhoeus* que tinha ido atrás da “isca” de Kearns. Imaginei o *magnificum* descendo a montanha, a pele clara cintilante coberta de chifres afiadíssimos, a boca generosamente aberta gotejando globos brilhantes de *pwdre ser*, um gigante negro com envergadura duas vezes maior que a de um homem e três vezes sua altura, e um rosto completamente vazio, um rosto que não era um rosto, o rosto sem rosto que fizera Pierre Lebroque gritar com a agonia do reconhecimento exato: “*Nullité!* É

só isso que existe! Nada, nada, nada! “

O primeiro guincho foi respondido por outro, depois outro, cada um vindo de uma direção diferente, e então eles começaram a se aproximar, os gritos chegando mais rápido mas com duração mais curta, como as explosões histéricas das hienas na caçada. Então, abruptamente, nada, a não ser o vento. Foi terrível ficar sentado ali, sem saber o que estava acontecendo lá fora. A impressão que eu tinha era que eles poderiam estar bem ao nosso lado, só esperando um sinal para atacarem. Pousei uma das mãos no chão e tateei em busca de uma pedra, um graveto, qualquer coisa que eu pudesse usar como arma. Na minha cabeça, vi o sr. Kendall saltando pelas escadas, seus olhos negros preenchendo meu campo de visão.

E então ouvi, de modo bastante distinto, um som alto de rasgão e estilhaçamento, como quando arrancamos o osso de uma galinha da carcaça. Algo — na verdade, mais de um “algo” — pranteava, uma espécie de uivo horrível, fanhoso, soluçante — as lágrimas da danação, o desespero amargo do fosso, e soube que eles a estavam devorando, rasgando-a em pedaços e enfiando na boca seus órgãos sanguinolentos, mordendo com fúria, mastigando com tal fome desesperada que mais de um já havia mastigado junto a metade da própria língua. E, do alto de seu trono na montanha, o *Typhoeus magnificum*, o pai magnificente, olhava para seus filhos e sorria.

Kearns gritou de seu posto, dando o sinal aguardado. Só ouvi seis tiros, dois do rifle de Kearns, o restante do revólver de Warthrop, mas seus ecos saltaram em disparada ao longo do estreito, perseguindo-se uns aos outros até o fundo. Soltei um grito baixo quando uma sombra enorme tremulou na abertura da fenda e então percebi que era Awaale, correndo na direção do local da matança. Eu me levantei e saí. Não sentia mais medo, apenas a curiosidade familiar e doentia de ver o que não deveria ser visto, o que a maioria das pessoas não desejaria ver, mas que eu precisava ver.

Havia quatro corpos onde antes só houvera um, todos envolvidos um no outro numa mistura confusa de pernas e braços. Tive de saltar um filete de sangue que descia serpenteando a encosta.

— Ótimo trabalho, Warthrop — dizia John Kearns. — Quatro seus contra dois meus. Não tinha ideia de que você era um atirador tão bom.

— Mas como pode ser? — disse Awaale, a voz tremendo de repulsão e espanto. — Essa mulher é muito velha, mas está carregando uma criança.

— Não é uma criança o que ela está carregando — respondeu Kearns com um sorriso. — Para trás, cavalheiros, vou lhes mostrar.

Ele sacou uma faca de caça da bota e curvou-se sobre a velha, que estava deitada enrodilhada, o sangue acumulando-se numa poça embaixo de seus

pálidos cabelos cor de aço. Kearns não a furou: abriu uma incisão rápida e rasa no seu abdômen e então deu um pulo para trás. O corte pulsou uma vez, e então a barriga dela explodiu com um *pop!* alto, espalhando uma clara névoa fina, uma sopa fedorenta de sangue aguado e entranhas atrofiadas. Kearns riu com gosto e disse:

— Viram? Ela não está grávida. Só está com um caso terrível de gases!

Awaale se virou de costas, enojado, mas Warthrop pareceu fascinado com o fenômeno, comparando-o aos casos de baleias encalhadas cujos corpos em decomposição se enchiam de gases produzidos por certas bactérias nos intestinos, fazendo-as literalmente explodir. Aquilo explicava os estômagos explodidos e as paredes e tetos sangrentos da casa da morte em Gishub.

— Deve ser ou alguma substância do *pwdre ser* ou a reação do corpo à exposição... — indagou-se Warthrop.

— Achei que você ia gostar. Lembra-se do russo de que lhe contei, obcecado com a limpeza dos seus sapatos? Aconteceu com ele. Encharcou dois homens enquanto Sidorov o examinava.

O doutor assentiu, distraído.

— Não estou vendo seu Minotauro.

— Não — suspirou Kearns. — Mais uma vez, ele escapa das minhas garras. Mas ainda não desisti. Antes de isso tudo acabar, terei a cabeça dele pendurada na parede do meu escritório; isso eu lhe garanto!

Seguiu-se um longo debate entre o monstrologista e Kearns sobre o que deveríamos fazer em seguida. Estávamos todos exaustos e precisando desesperadamente dormir, mas Kearns insistiu em que deixássemos o local de imediato. Ele sabia da existência de pelo menos mais uma tropa de “podres” nas proximidades, e temia que nossa sorte (ou nossa munição) acabasse. Warthrop lembrou Kearns que ele havia chamado aquele local de “lugar perfeito” e disse que era melhor montar uma armadilha do que arriscar uma emboscada.

— Existe uma caverna lá em cima, a mais ou menos dois quilômetros daqui — contemporizou Kearns. — Suponho que dê para chegar lá. Mas é melhor fazer os horários deles: dormir de dia e caçar à noite.

— Entendo — disse Warthrop. — Mas não vamos conseguir fazer muito do segundo se não tivermos um pouco do primeiro! Aqui, Will Henry, eu seguro o bebê agora. Apanhe nosso saco e minha mala de instrumentos. Kearns e eu vamos na frente; Will Henry e Awaale, atrás. Silêncio agora, e vamos rápido.

E foi assim que seguimos mais para o fundo do coração das montanhas. O caminho não era fácil, estava atulhado de rochas (algumas tão grandes quanto uma carruagem) despedaçando-se de tantas rachaduras profundas, e às vezes ficava tão estreito que éramos obrigados a virar de lado e andar com as costas

contra a face escarpada do penhasco enquanto nossos dedos ficavam pendurados para fora da beirada frágil, a trezentos metros do chão íngreme. O ar ficou fino e frio. O vento pressionava lá de cima e roía com força nossas bochechas. Senti meu rosto ficar dormente.

— Existe um velho provérbio no meu país, *walaalo* — disse Awaale a certa altura. — “Não entre no poço de cobras de olhos abertos. “ Antes eu não entendia esse provérbio.

Agora entendo! — ele riu baixinho. — Você acha que essa víbora do Kearns pode ter sido enviada por Deus?

A ideia era tão absurda que ri, sem querer.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Do bebê! Kearns o perseguiu até onde estávamos, e agora irei levá-lo para a segurança do seu povo.

— Só que ele disse que eles o matariam.

Awaale xingou em voz baixa, mas estava sorrindo.

— Só estou dizendo que Deus pode ter me mandado aqui por causa do pequeno, e não por sua causa.

— Isso faz mais sentido — retruquei. — Eu ia matá-la, Awaale. A arma estava a dois centímetros da cabeça dela e eu já estava apertando o gatilho...

— Mas não apertou.

— Não. Vi que ele estava mamando e entrei em pânico.

— Ah. Você está dizendo que *você é* que foi enviado para salvá-lo.

— Não fui enviado para salvar ninguém! — vociferei. De repente, fiquei muito bravo. — Estou aqui para servir ao doutor, que está aqui para servir... para servir à ciência, isso é tudo. Isso é tudo!

— Ah, *walaalo* — suspirou ele. — Você é mais pirata do que eu jamais fui.

A caverna de Kearns na verdade era uma coelheira de pequenas câmaras conectadas por túneis escavados nas rochas, devido a um milhão de anos de chuvas das monções que abriram caminho pelas pequeninas rachaduras nas pedras. A natureza é qualquer coisa, menos impaciente. A câmara mais profunda era também a maior e provavelmente a mais segura, mas Kearns nos aconselhou a não dormir ali, pois era o lar de milhares de morcegos, e ali seu esterco chegava a trinta centímetros de profundidade.

Foram os morcegos que me acordaram na manhã seguinte, esvoaçando sobre nossas cabeças num balé estonteante negro e castanho, guinchando empolgados enquanto entravam para se abrigar. Fui o último a me levantar, encontrando o doutor e Awaale sentados em frente à caverna, o bebê retorcendo-se inquieto no colo de Warthrop.

— Onde está o dr. Kearns? — perguntei.

— Verificando a trilha, ou pelo menos foi o que ele disse que ia fazer.

— Como está o bebê?

— Com fome — respondeu ele. — E muito fraco. — O bebê estava mordendo o nó do dedo do monstrologista. — Mas não tem sintomas, e com certeza foi exposto através do leite da mãe. Isso sugere que ele possa ter alguma espécie de imunidade natural — e fez um gesto na direção de sua maleta de instrumentos, ao lado dele. — Tirei amostras de seu sangue. Se nada mais sair disso, podemos talvez conseguir encontrar uma cura para a podridão das estrelas.

Kearns voltou alguns minutos depois, carregando seu rifle e um pequeno alforje de couro. Enfiou a mão no seu pequeno lote de suprimentos dentro da caverna e voltou com um emaranhado de trapos, que arrumou com cuidado numa pilha cônica antes de atear-lhe fogo. Os trapos arderam com força e calor de início, depois se acomodaram num monte em brasas.

— Não existe madeira decente nessas montanhas para fazer um fogo apropriado — explicou. Enfiou a mão no alforje e tirou três aranhas mortas (as maiores que eu já tinha visto, maiores que a mão gigantesca de Awaale) e as deixou cair no meio das cinzas fumacentas. — *Solifugae*¹, aranhas de camelo. Você devia provar uma, Pellinore. Desenvolvi uma espécie de gosto por elas.

— Falta muito para o terreno de nidação? — perguntou meu mestre, ignorando a sugestão de Kearns.

— Não muito. Meio dia se não pararmos para descansar e a montanha estiver de bom humor. Ela tem seus humores, sabe. Ontem estava muito brava, bufando suas bochechas de pedra. Ela é muito orgulhosa, e fácil de se irritar. Muito parecida com certo cientista que conheço.

— O bebê está morrendo de fome — disse Awaale, cuja paciência com Kearns estava esgotada. — Preciso partir imediatamente para Hoq. Sabe o caminho?

— Sei — Kearns furou uma das aranhas com a ponta da faca, depois enfiou todo o chumaço enegrecido dentro da boca. Um pouco de suco verde-amarelado escorreu pelo seu queixo. Ele o enxugou com as costas da mão, mastigando pensativo: — Mas gostaria que reconsiderasse a decisão. Seus serviços serão muito mais valiosos para nós, e, como eu disse, o primeiro dever do povo dos vilarejos é se proteger de possíveis infectados. Eles vão matar a criança... e provavelmente quem estiver com ela também.

Awaale se enrijeceu e estufou o peito gigante.

— Você acha que eu tenho medo?

— Não, eu acho que você é idiota.

— Esperança não é idiotice. Fé não é idiotice.

— Você saiu da caridade — disse Kearns com um sorriso maldoso.

— Basta, Kearns! — disse o monstrologista, cansado. — Concordo com Awaale. É verdade, o bebê pode estar condenado. É também verdade que sem Awaale quem pode acabar condenado somos nós. Porém, a outra opção que temos é pior. Nem é uma alternativa, na verdade.

Warthrop se levantou. Parecia assomar sobre nós, tão alto e impregnável quanto os picos elevados que circundavam o campo, um colosso feito de carne e sangue contra o qual os poderosos ossos da terra pareciam débeis.

— Você pode ter caído pela borda do mundo há tempos, John, mas eu não. Ainda não, pelo menos. Mostrar misericórdia não é ingenuidade. Lutar contra o fim da esperança não é estupidez nem loucura. É fundamentalmente humano. É claro que a criança está condenada. Todos nós estamos condenados; todos nós fomos envenenados desde o nascimento pela podridão das estrelas. Isso não significa que devemos sucumbir, como você, à falácia sedutora do desespero, à maré negra que nos afogaria. Você pode achar que sou estúpido, pode me chamar de louco e tolo, mas pelo menos eu permaneço de pé num mundo decaído. Pelo menos, ao contrário de você, ainda não caí pela borda do abismo.

— Agora me leve até ele, para que eu possa confessar com meus lábios o que vi com meus olhos. É chegada a hora de redimir o tempo, então me leve até ele, maldito. Me leve até o *magnificum*.

QUARENTA E UM

“O anjo da morte”

Awaale e o bebê despediram-se de nós pouco depois, levando nada mais do que a ração para um dia de viagem e munição para o rifle.

— Se você se apressar, talvez chegue às cavernas antes do cair da noite — disse-lhe Kearns. Ele rabiscou um mapa improvisado numa folha de papel e entregou-o ao somaliano. — Mas, se a noite apanhá-lo e você topar com meu Minotauro, lembre-se de que sou Teseu nessa pecinha e você é... Bem, não tenho certeza de quem você é.

— Cale a boca — disse Awaale.

— Você é um homem morto — devolveu Kearns, alegremente. — Numa missão de tolo.

— E você é um tolo com o coração de um homem morto — retrucou Awaale. Ele me puxou de lado e disse: — Tenho algo para você, *walaalo* — e sacou sua longa faca, pressionando-a na minha mão. — Não vou lhe dizer que ela lhe trará sorte; é a faca que usei para sacrificar aquele a quem eu amava, mas quem sabe? Talvez você seja capaz de redimir sua lâmina com o sangue dos maus — e olhou feio para Kearns. — Não, não, fique com ela, *walaalo*. Vejo você em Gishub em breve, portanto não direi adeus!

Ele se virou para Warthrop, que disse apenas:

— Não fracasse.

— Você é um homem difícil, *dhaktar* Pellinore Warthrop. Difícil de entender e mais difícil ainda de gostar. Não fracassarei.

Colocou o rifle sobre o ombro, aceitou o fardo de Warthrop — o bebê parecia impossivelmente pequeno em seus braços maciços — e seguiu trilha acima. Nós o observamos até ele virar a curva e sumir de vista.

Para cima John Kearns nos conduziu, ao próprio topo do abismo, por sobre declives profundos e ravinas recheadas de sombras, por sobre edifícios escarpados onde cada apoio para as mãos era precário e cada passo carregado de perigo, ao redor de montes de rochas estilhaçadas e poças profundas de água cristalina que refletiam o céu vazio, ao longo de plataformas em terraços, protuberantes como varandas sobre o platô Diksam, uma paisagem vazia e uniforme seiscentos metros abaixo de nós. Era frio, e o ar se enfiava pelos nossos pulmões como a lâmina afiada da faca de Awaale.

As nuvens chegaram no meio da manhã, inchando sobre o topo das montanhas, deslizando velozmente e em silêncio trinta metros acima de nossas cabeças como uma grande porta branca se fechando. Ainda assim, mais para o alto escalávamos, até eu ser capaz de estender a mão para cima e tocar a barriga nebulosa das nuvens. Chegamos a um trecho reto da trilha, e ali Kearns parou abruptamente, as mãos nos quadris, a cabeça abaixada, lutando para recuperar o fôlego.

— O que foi? — perguntou Warthrop. — Você se perdeu?

Kearns balançou a cabeça.

— Cansei. Preciso descansar.

Caímos no chão e procuramos no saco dele o seu cantil. Warthrop mal podia se conter. Andava de um lado a outro por ali, às vezes chegando perigosamente perto de cair pelo abismo no ar vazio.

— Quanto falta? — perguntou.

— Cento e cinquenta metros... duzentos? — Kearns balançou a cabeça. — Ainda não descobri *como* os sacanas fazem isso, muito menos *por quê*.

— Quem? Como eles fazem o quê?

— Os podres. Deve ser algum instinto proto-humano, suponho. Chegar ao ponto mais alto antes de explodir... — e encolheu os ombros.

Warthrop estava sacudindo a cabeça.

— Não entendo.

Kearns olhou para ele e disse, num tom drenado de toda zombaria:

— Você vai entender.

Entramos nas nuvens, e o mundo se dissolveu em um nada branco rodopiante, a completa abnegação de cor, e nós, nada mais que sombras espectrais, formas sem substância, formas sem dimensões. Eu caminhava bem próximo do doutor; mais cinquenta centímetros entre nós e eu o perderia no vácuo. O vento açoitava ao redor da montanha e estapeava nossas costas. Eu estava aterrorizado de medo de ser levado pela beira do penhasco. Perdi todo o sentido do tempo. O tempo não existia aqui no topo do abismo. Um milhão de anos era o mesmo que um minuto.

Uma parede de rocha de dois metros e meio de altura se ergueu do meio da névoa diretamente à nossa frente. Havíamos chegado ao final, aos degraus de entrada da abadia do Pai Magnífico, aos terrenos de nidação do *magnificum*.

O momento pelo qual meu mestre tanto ansiara e que tanto temera havia chegado. O monstrologista correu para diante. Eu não tive nenhuma dúvida de que se Kearns — ou até mesmo eu — tivesse tentado impedi-lo, ele o teria atirado montanha abaixo. Ele parou apenas o bastante para colocar um novo par de luvas antes de bater as mãos sobre o topo da parede e içar o corpo para cima

com um chute na lateral da rocha. Sumiu dentro da névoa.

— E então? — perguntou Kearns em voz baixa para mim. — Você não vai subir?

— Dr. Kearns — sussurrei. — O que é o *magnificum*?

— Você é um rapaz muito esperto, Will. Com certeza já percebeu o rosto dele a essa altura.

Estremeci quando ele me tocou de leve na face. Seus olhos cinzentos faiscaram.

— Eles podem ser de cores diferentes, mas nós dois temos os mesmos olhos, Mestre William Henry, você e eu. *Oculus Dei* — os olhos que não têm medo de olhar, de ver onde os outros são cegos.

Eu me afastei.

— Não sei do que o senhor está falando.

— Não? No início os homens criaram Deus à sua imagem, e Deus viu que era bom. Você concordou comigo quanto ao bebê. Não negue; vi isso em seus olhos. Seus olhos se abriram, não é? É por isso que ele o mantém consigo, porque você enxerga nos locais escuros onde ele tem medo de olhar. Portanto não venha me perguntar o que é o *magnificum*. A pergunta insulta minha inteligência.

Ele se ajoelhou diante de mim e estendeu suas mãos em concha.

— Venha, então; vou lhe dar uma ajuda na subida. Ele está num lugar escuro e precisa de você para ser seus olhos.

Apoiei os pés nas mãos de Kearns e ele me levantou por cima da parede.

Eu estava de pé na borda de uma vasta caverna cujo teto e paredes haviam sido formados após um milênio de chuvas, ventos e terremotos. Gigantescas lajes de pedra da câmara desabada atulhavam o chão. Entremeados pelos rochedos havia restos de estalagmites, polidas pelas monções até atingirem um acabamento cintilante, algumas desgastadas pelo vento incessante até virarem saliências de trinta centímetros, outras erguendo-se a mais de duas vezes minha altura, as pontas tão afiadas quanto largas eram suas bases. Elas me lembravam as formações ósseas que entraram em erupção no rosto do sr. Kendall.

Não vi o doutor. Ele estava escondido no branco rodopiante. Vi os dentes brilhantes da montanha e seus ossos quebrados; depois, alguns metros à frente, dei com o primeiro corpo, bastante decomposto e devorado pelos animais necrófagos, os intestinos estourados, a cavidade abdominal parecendo uma enorme boca negra aberta. Metade do rosto havia sido arrancada, e em um dos olhos vazios um escorpião estava confortavelmente aninhado. Uma rajada de vento puxava os restos da carne fina como papel que ainda continuava presa aos seus ossos, e tiras se rasgavam, voando ao redor do corpo como cinzas quentes

no ar superaquecido de uma fogueira.

Atrás de mim, ouvi Kearns dizer;

— Esta é a boca dele. Quando os filhos de *Typhoeus* sentem que chegou seu fim, arrastam seus corpos apodrecidos e inchados até este local no topo do mundo e aqui explodem — alguns depois de terem morrido, outros antes. Já vi cadáveres respirantes de seus filhos explodirem com a força de uma granada... E então os ventos vêm. Arrastam as vísceras sanguinolentas por quilômetros de distância, até elas caírem como uma chuva vermelha do céu azul e limpo.

Ele me puxou para adiante, e com a cortina de névoa afastada pude ver centenas de corpos congelados na agonia da morte, embolados entre as rochas, espalhados ao redor das colunas brilhantes e afiadas, tornando-se cada vez mais numerosos à medida que prosseguíamos, até ser praticamente impossível não pisar sobre eles. Abrimos caminho com cuidado pela colheita abundante do *magnificum*, e o ar rarefeito estava pesado do cheiro forte de podridão que se erguia do chão cheio de trilhadura.

Chegamos a um recuo superficial na terra, os restos de um antigo lago cavernoso. Kearns apontou para as formas ajoelhadas e inclinadas dos ainda vivos, espalhadas por todo o leito seco do lago, cada uma sentada ao lado de um irmão morto, todas preocupadas com algo aninhado ao colo. Kearns pressionou um dedo contra os lábios pedindo silêncio. Agachou-se, fazendo sinal para que eu o imitasse, e começou a me conduzir ao longo da praia daquele fosso estéril. Ele me levou para perto — mas não perto demais — de um homem ajoelhado cujo rosto tinha sido esmagado pelos chifres de ossos que cresciam de seu crânio, cujos olhos negros não possuíam nenhuma parte branca, cuja boca pendia aberta revelando uma profusão de formações ósseas espinhosas e cujos dedos supurados apanhavam e puxavam com delicadeza enorme o tremendamente delicado objeto pousado entre suas pernas.

Eu não sabia então, mas aquela ruína humana certa vez fora um homem chamado Anton Sidorov.

— Estas são as mãos dele — murmurou Kearns em meu ouvido. — As mãos do *magnificum*. É muito curioso para mim; não entendo o que os compele a construir o *nidus*, mas eles trabalham dias a fio sem descanso, até o momento que sucumbem.

O criador do *nidus* estava chorando. Do fundo de sua garganta vinha um choramingo, um gemido inarticulado de protesto, como se a força irresistível que o movia também o enojasse, e a tensão entre os dois — o *ele* e o *não-ele* — fosse capaz de quebrar um mundo ao meio.

— Está ouvindo isso, Will? — sussurrou Kearns, empolgado. — Esta é a voz do *magnificum*, o último som no fim do mundo.

O ex-Sidorov estendeu a mão para o corpo dessecado enrodilhado ao seu lado e puxou sua mão sem vida para o seu próprio peito. Com um soluço angustiado, o não-Sidorov quebrou o dedo indicador, que se soltou da mão do cadáver com um estalo baixo. Ele se inclinou mais uma vez para incorporar o dedo ao “ninho”.

O filho ajoelhado de *Typhoeus* grunhiu alto, com as costas arqueadas, a boca escancarada, e uma torrente viscosa de fluido transparente emergiu de sua boca, caindo sobre sua obra. Não a podridão das estrelas. Não a saliva de monstros. Não o *pwdre ser*, mas *pwdre ddynoliaeth*: a podridão da humanidade.

E John Kearns sussurrou em meu ouvido:

— Está vendo agora? Você é o ninho. *Você é o filhote recém-nascido. Você é a crisálida. Você é a prole. Você é a podridão que tomba das estrelas. Todos nós: você, eu e o pobre e querido Pellinore. Fita o rosto do magnificum, criança. E desespera-te.*

Embora estivesse enojado com aquela visão, eu olhei. No caramanchão do monstro no topo do mundo, fitei o rosto do *magnificum*, e não desviei o olhar. Às nossas costas ouvimos o disparo de um tiro, o eco no ar rarefeito não mais longo do que o de um tiro de espoleta. Nós nos viramos. Nas correntes de névoa distingi a silhueta de um homem alto atravessando o leito do lago. Ele ia até uma das figuras ajoelhadas e atirava bem na sua nuca. Depois seguia adiante, tropeçando nos corpos caídos enquanto andava, até chegar ao seguinte, que ele executava da mesma maneira. O monstrologista parou apenas uma vez na sua ronda: para recarregar o revólver. Fez isso ao redor de toda a cavidade, seus atos metódica e estranhamente decididos: andar até a vítima ajoelhada, parar, estourar sua cabeça, seguir até a próxima.

Você se colocou a serviço do ha-Mashchit, o destruidor, o anjo da morte.

Eu me levantei quando chegou a vez de Sidorov, mas Warthrop nada disse ao passar. Andou direto até o artesão sem mente, ergueu a arma e enfiou uma bala no que restava de seu cérebro.

Caminhou de volta até nós, e a neblina se dissolveu diante dele, queimada pelo fogo frio que rugia em seus olhos. Eu não o reconheci, esse homem de barba emaranhada, cabelos compridos açoitados pelo vento e olhos cuja chama gélida seria capaz de congelar o próprio sol. Não sei como me referir ao homem que agora caminhava até nós. Não posso chamá-lo de Pellinore Warthrop, nem de “monstrologista” nem de “doutor” pois ele não era o mesmo homem que chegara ao topo do abismo, ao *locus ex magnificum*, ao coração pulsante da coisa sem nome que se desenova um décimo de milésimo de centímetro fora de nosso campo de visão.

O estranho segurou Kearns pela gola da camisa e disse:

— *Onde ele está? Onde está o magnificum?*

— Acaso você não tem olhos? Abra-os e verá.

Ouvi um clique alto — o martelo sendo trazido para trás. Vi um clarão negro — o cano trazido à frente.

Kearns mal estremeceu.

— Puxe esse gatilho e você nunca conseguirá sair vivo destas montanhas.

— Onde ele está? — O dedo tremia no gatilho.

— Pergunte a Will Henry. Ele é só um garoto, mas o enxerga. Você é o monstrologista; como pode ser que não enxergue? Olhe para ele, Pellinore. Vire-se e olhe! O *Sem Rosto*. O Sem Rosto. Você esteve perseguindo algo que estava na sua frente desde o início. Não existe monstro. Só existem homens.

Ele poderia ter matado John Kearns ali mesmo. Tinha vindo até aquele lugar — o mesmo lugar, ali no topo do mundo, onde, em seu centro, eu estivera. Eu lhe digo sinceramente que não é muito difícil matar um homem nesse lugar. Quase não é preciso pensar. Esse é o lugar do desenovelamento, o lugar em que o caçador encontra o monstro e vê no seu rosto o seu próprio refletido. O lugar em que o desejo encontra o desespero.

Precisei impedi-lo. Falei:

— Ele tem razão, senhor. Precisamos dele.

Ele não olhou para mim. Embora eu estivesse bem ao seu lado, ele estava sozinho naquele lugar. Puxei seu braço; parecia ferro em meus dedos.

— Dr. Warthrop, por favor, escute. O senhor não pode fazer isso. Não pode.

— Você está mentindo! — berrou ele na cara de Kearns. — Esse é outro de seus malditos truques! Você acha muito engraçado me fazer de tolo...

— Ah, para isso você não precisa da minha ajuda — respondeu Kearns, gargalhando. — É claro que eu adoraria levar o crédito pela sua propensão a colocar o rosto de um monstro em tudo o que é monstruoso. É reconfortante, de certo modo, pensar que um grande dragão nos arrasta até os céus e nos estraçalha, ou que uma aranha gigante tece seu ninho a partir dos nossos restos. Se vamos ser colocados em nosso lugar no esquema maior das coisas, ora, é melhor então que esse lugar seja algo *impressionante!*

A mão do doutor começou a tremer. Eu tive medo de que ele puxasse o gatilho por acidente.

— Não há... nada — disse Warthrop, hesitante, ecoando o angustiado *Nullité!* de Pierre Lebroque.

— Nada? — gritou Kearns, num tom de espanto zombeteiro. — Diga isso ao coitado do Sidorov, ou àquele monte estraçalhado de argila ao lado dele. Diga isso àqueles pobres camaradas de Gishub ou à mãe que perdeu seu filho ou ao filho que perdeu a mãe! Diga isso ao czar e àqueles da sua laia que queriam

domar o *magnificum* para dominar o mundo! Francamente, Pellinore, que espécie de monstrologista é você? Uma doença contagiosa com o potencial de dizimar toda a espécie humana... e você chama isso de *nada*?!

A mão de Warthrop tombou. Ele afundou no chão, dominado pela enormidade de sua insensatez. A maré negra o varreu, arrastando-o até suas profundezas esmagadoras, escuras. Kearns tinha razão. Os sinais tinham estado ao redor do doutor desde o início — dos sacos repletos de visgo no estômago do sr. Kendall aos cadáveres explodidos em Gishub —, mas ele havia virado as costas. Não se obrigara a encarar o verdadeiro rosto do *magnificum*, e agora o sangue daqueles que haviam sacrificado suas vidas no altar da sua ambição clamavam aos céus contra ele.

Eu me ajoelhei ao seu lado.

— Dr. Warthrop? Dr. Warthrop, senhor, não podemos ficar aqui.

— Por que não? — gritou ele. — Para *eles*, está ótimo — e deslizou o braço no ar para indicar a montanha desgastada. Olhou para mim, e não vi nada a não ser cinzas em seus olhos; o fogo frio havia se extinguido. — Você mesmo disse na Harrington Lane. O que eles são, eu sou por dentro. Sou irmão deles, Will Henry. Sou irmão deles, e não irei deixá-los.

QUARENTA E DOIS

“Fundamentalmente humano”

Não houve jeito de demovê-lo. Implorei, insisti, apelei para sua razão, a única coisa à qual ele sempre se aferrava, não importava com que força a maré negra o arrastasse para baixo. Ele permanecia impassível — ou, melhor dizendo, a coisa negra que se desenovelava dentro do seu coração não o soltava. Ele não parecia me ouvir, ou talvez minhas palavras parecessem mera linguagem inarticulada para ele, uma tagarelice incoerente que fazia tanto sentido quanto os grunhidos de um chimpanzé. Olhei ao redor procurando Kearns, pensando que nossa situação devia ser mesmo desesperadora para eu me voltar a ele em busca de ajuda, mas Kearns havia sumido na névoa. Gentilmente, para não assustar o doutor, soltei o revólver de sua mão trêmula; tinha medo de que ele pudesse dispará-lo e explodir o próprio pé.

A nuvem branca rodopiante se espessara ao nosso redor. Eu não conseguia enxergar mais do que alguns centímetros em todas as direções e não ouvia nenhum som a não ser o do vento assoviando entre os dentes quebrados da montanha e o da minha própria respiração entrecortada. Levantei-me, enervado e desorientado, e virei-me em um círculo lento, enquanto uma voz em pânico sussurrava na minha cabeça *Onde está Kearns? Para onde ele foi?* e meu dedo acariciava o gatilho. O que havia naquela névoa? Seria aquilo uma estalagmite ou a forma de um filho já não mais humano do *Typhoeus*, saindo do branco borrado? Apontei a arma para a forma e chamei o nome de Kearns.

Algo situado um décimo de milésimo de centímetro fora do meu campo de visão disparou na minha direção, batendo no meio das minhas costas e atirando-me para o alto, rumo ao centro do trono arruinado do *Typhoeus*. O impacto arrancou o ar dos meus pulmões e o revólver do doutor da minha mão. Aterrissei de costas e rolei, e ao me levantar fiquei frente a frente com os restos dissecados de um cadáver vivo me olhando com maldade, um saco humano de veneno, a barriga repleta de podridão das estrelas, a explosão de seus dentes espinhosos cintilando à luz anêmica de um sol sufocado. Recuei aos trambolhões enquanto aquilo se lançava para a frente e meus gritos de terror disputavam com o som agudo do vento remoendo a pedra sem idade. Enfiei a mão no bolso do casaco atrás da faca de Awaale. O aço frio abriu um talho na minha mão enquanto eu procurava freneticamente o cabo. A boca do monstro se escancarou ainda mais

quando ele sentiu o cheiro do meu sangue; vi meu reflexo nos seus olhos negros e inertes.

Recuei; ele veio. A faca estava agora na minha mão, e seu cabo de madeira escorregadio por causa do meu sangue. Senti o sangue pingando da ferida ao ritmo do meu coração galopante. O próprio tempo começou a ziguezaguear e se abrir, e nós dois deslizamos para dentro do espaço entre os espaços, o filho de *Typhoeus* e eu, deslizando juntos pelo precipício enquanto em ambos os lados situava-se a linha divisória insondável, o fosso sem fundo, *das Ungeheuer*. A boca dele se abriu tanto que as dobras das mandíbulas se quebraram. Os tendões se rasgaram com um ruído molhado e em seguida toda a parte inferior do seu rosto caiu e foi pisoteada pelos seus pés arrastantes. Ele estendeu a mão para me apanhar, flexionando os dedos, batendo as unhas amarelas afiadas. Eu brandi a faca violentamente contra o que restara de seu rosto; a faca, escorregadia, voou da minha mão; e então o ser já estava sobre mim.

Reagi sem pensar. Durante mais de dois anos eu havia estado ao lado da mesa de autópsia do monstrologista. A anatomia humana me era tão familiar quanto as linhas no rosto do meu mestre. Eu sabia exatamente onde encontrar o órgão que propulsionava o mecanismo mortal. Pude vê-lo naquele instante, batendo furiosamente no mesmo ritmo que o meu, naquele espaço entre os espaços, sobre o precipício estonteante acima do abismo.

Dei um soco em seu torso com toda a força que pude reunir, bem abaixo da caixa torácica, e forcei o punho para o interior do centro do monstro, escavando com meus quatro dedos abertos para além do fígado e por entre os pulmões, até meu braço estar mergulhado até o cotovelo nas suas entranhas e minha mão em garra encontrar seu coração.

E então eu o esmaguei com minhas mãos nuas. Meus dedos estouraram as câmaras daquele coração. O peso da besta desceu sobre mim. Afundamos juntos até os joelhos; seus olhos negros encararam os meus enquanto seu sangue se derramava da cavidade que eu fizera. Libertei meu braço com um soluço enojado e me afastei, rolando do monstro. A mão dele bateu na terra, uma, duas vezes, depois se quedou, imóvel.

Eu comecei a chorar histericamente, procurando às cegas a faca, minha mão direita coberta pelo meu próprio sangue, a esquerda pelo dele, pensando, *Acabou, acabou, acabou, é o seu fim. Você se envenenou com aquilo; está coberto de pwdre ser. Acabou, acabou, acabou.*

Encontrei a faca, me levantei e chamei o nome do doutor, mas as palavras ficaram presas em minha garganta, e o pouco som que fiz foi carregado pelo vento e açoitado para longe como os restos estourados das vítimas do *magnificum* espalhados por toda parte ao redor. Eu perdera todo o sentido de

direção na neblina. Parecia que o antigo leito do lago se estendia até o infinito; não havia nenhum horizonte para Mihos guardar.

E então eu me virei e os vi sacolejando na minha direção, dúzias, sombras negras contra o branco rodopiante, seus guinchos de dor e ira semelhantes aos de animais num matadouro. O *sangue os atrai*, dissera Kearns. *Eles são capazes de sentir seu cheiro a quilômetros de distância*. Se eu ficasse ali, seria dominado. Se corresse, o sangue os conduziria diretamente até mim.

Durante uma eternidade, fiquei parado em tormento indeciso. Não havia como lutar; não havia como fugir. Aquilo já estava dentro de mim; eu já era um *deles*. Melhor deixar que acabassem comigo aqui, por fora, do que deixar que *aquilo* me devorasse por dentro.

Fiquei de pé na praia de um mar morto, e havia duas portas à minha frente. Atrás de uma delas, uma besta selvagem que me estraçalharia. Atrás da outra, um monstro de mil faces que transformaria o meu rosto em um dos rostos dele. O *magnificum* é isso. Nosso rosto é o rosto da besta.

Nil timendum est. “Nada temas.” O lema de meu mestre podia ser interpretado de duas maneiras. Havia a interpretação de Jacob Torrance e havia a de Pierre Lebroque. Mas nós somos mais do que a soma de nossos medos. Somos maiores do que a gravidade do abismo. Eu havia chegado àquele lugar terrível por um motivo e um único motivo apenas:

Para onde diabos você vai mesmo?

Salvar o doutor.

Salvá-lo de quê?

Do que ele precisar ser salvo. Sou seu aprendiz.

Abri a névoa enfunada gritando o nome dele, e os dentes brotaram da terra, e os ossos quebrados se esmagaram sob meus pés, e a névoa os cuspiu para fora, as mãos e os dentes antes humanos do *magnificum*, de braços bem abertos para me receber, seu novo irmão. Pensei ter ouvido som de tiros à minha direita e tropecei na direção do som, atirando os braços para todos os lados para afastar a névoa. E então pisei no ar vazio; havia voltado à base, a parede de dois metros e meio no fim da trilha que conduzia ao abrigo do *magnificum*. Por um instante terrível tateei ao longo da borda, sacudindo os braços, impotente, para recuperar o equilíbrio, antes de a gravidade me arrastar para baixo.

Enfiei o ombro por baixo do corpo instintivamente ao atingir o chão abaixo e saí rolando. Eu me levantei com um grito de ira frustrada e saltei diante da parede, mas ela era alta demais. Ouvi meus perseguidores, então, seus gritos um eco mais grave e rouco do que os meus, e recuei, segurando a faca com as duas mãos diante de mim e brandindo-a de um lado para o outro. Ah, que visão ridícula e digna de pena eu devo ter oferecido!

E a voz, concordando: *O que você está fazendo, Will Henry? Você não pode voltar para buscá-lo. Você é nasu. Vai infectá-lo, ou entregá-lo aos monstros que estão perseguindo você. É tarde demais para você. Mas não para ele.*

Berrei seu nome mais uma vez antes de fugir trilha abaixo, arrastando comigo a doença infecciosa, arrastando-a para longe dele.

Emergi das nuvens e fitei o mundo estendido à minha frente, pintado de castanho, negro e em tons de cinza, e rezei para que os cadáveres vivos seguissem o cheiro de sangue que se erguia de minha pele. Rezei para que me seguissem para baixo, seu irmão impuro, até o destino deles. A trilha se dividiu; escolhi o trecho mais íngreme, pensando que me levaria mais rápido para a planície. Eu tinha a vaga ideia de que os levaria a Gishub, a cidade dos mortos perto do mar. Não era por ali que havíamos subido, e em alguns pontos a trilha era quase impossível, atulhada de grandes rochedos que mal deixavam espaço para que eu passasse espremido. A ferida em minha mão direita latejava horivelmente, o sangramento não parava, e minha mão esquerda estava ficando dormente. *É assim que começa*, pensei, lembrando da aula do doutor ao sr. Kendall. Primeiro a dormência, depois a dor nas juntas, depois os olhos, depois...

Cheguei a uma curva fechada na trilha. Virei-a e parei, pois o caminho estava bloqueado por uma grande poça com a água mais transparente que eu já tinha visto. Protegida do vento pelos picos altíssimos que a circundavam, a superfície da água jazia imperturbada sequer pela mais ligeira das ondas, refletindo para as nuvens taciturnas seus próprios rostos cinzentos.

Eu estava exausto. Tinha chegado ao fim, ao fim de tudo, e chorei perto da beira da água.

E as nuvens correram pelo céu acima da água imaculada.

E levantei a cabeça e fitei o espelho, e lá estava meu rosto olhando-me de volta.

Sem pensar, eu me levantei e despi meu casaco. Arranquei minha camisa. Entrei na água.

Continuei andando até a água bater no meu queixo, e depois continuei andando até ela beijar a parte inferior da minha mandíbula. Fiquei surpreso com a frieza da água. Fechei os olhos e mergulhei para baixo da superfície. Havia o vento e as nuvens e a poça pura e o garoto embaixo de sua superfície imperturbada, e o sangue, do garoto e do monstro, poluindo as águas.

Sou nasu agora.

Saí da água e me atirei de volta no chão. Estava tremendo incontrolavelmente; não sentia nada no meu braço esquerdo. Meu pescoço estava rígido e meus olhos muitos secos. A hora avançava.

O dia estava morrendo, e eu também.

Lutar contra o fim da esperança não é estupidez nem loucura. É fundamentalmente humano, dissera o monstrologista. É fundamentalmente humano.

Fiquei sentado com as costas na montanha. A faca de Awaale estava em meu colo.

A faca era muito afiada. Sua ponta estava manchada pelo meu sangue.

Não vou lhe dizer que ela lhe trará sorte — é a faca que usei para sacrificar aquele a quem eu amava —, mas quem sabe? Talvez você seja capaz de redimir sua lâmina com o sangue dos maus.

Duas portas: eu poderia esperar a morte chegar na sua própria hora — ou poderia escolher essa hora. Poderia perecer como monstro ou poderia morrer como um ser humano.

Somos os filhos de Adão. É de nossa natureza nos virar para ficar face a face com aquilo que não tem face.

O dia estava morrendo, contudo o mundo parecia estonteantemente claro, e meus olhos percebiam cada mínimo detalhe com impressionante clareza.

Chama-se Oculus Dei... os olhos de Deus.

Ele me havia encontrado por fim, *Typhoeus*, o Sem Rosto de Mil Rostos.

Eu era o ninho.

Eu era o filhote recém-nascido.

Eu era a podridão que tomba das estrelas.

Agora você entende o que eu quero dizer.

A noite caiu na Ilha de Sangue, mas nenhuma escuridão tomou conta de meus olhos. Os meus eram os olhos de Deus agora, e nada se escondia de mim, nem o menor fragmento de matéria.

Eu podia ver através das montanhas. Podia ver até o coração ardente da Terra. O vento afastou as nuvens para longe, e as estrelas estavam a uma braçada de distância; se eu quisesse, poderia estender a mão e arrancá-las do céu. Eu estava dormente; não havia nada que eu não sentisse. Senti a doença serpenteando para o interior das paredes de minhas células, tomando residência nas sinapses de meu cérebro. Não havia nenhum som que eu não ouvisse. Ouvia as batidas de uma borboleta num campo da Inglaterra e o canto suave da sra. Bates para o filho.

Ainda segurava a faca. Eu não esperaria pelo momento que o doutor dissera que viria — *Depois que todos morreram ou fugiram, ele se volta a si mesmo e se alimenta do próprio corpo...*

— Desculpe, dr. Warthrop — chorei. — Desculpe, senhor.

Eu fracassara com ele e o salvara. Havia entrado na escuridão para que ele pudesse viver na luz.

Acho que você fica sozinho boa parte do tempo.

Pousei a faca no chão e enfiei a mão no bolso para buscar a fotografia dela.

É para dar sorte, dissera ela, e para quando você se sentir sozinho.

Eu a tirei do bolso; havia se molhado, e o papel estava macio. Da última vez que vira Lilly, sentira necessidade de beijá-la. Alguns de nós nunca aprendem a diferença entre necessidade e inspiração.

Apanhei a faca de novo. Em uma das mãos o presente de Awaale, na outra, o de Lilly.

Acho que você fica sozinho boa parte do tempo.

Eu os ouvi chegando bem antes de vê-los. Ouvi os ossos da Terra estalarem e serem esmagados sob seus pés, ouvi sua respiração ofegante e seus corações ansiosos no espaço entre suas costelas. Virei a cabeça e vi primeiro Kearns, e sua voz estava à distância da largura de uma unha do meu ouvido: “Aqui, Kearns; eu o encontrei!” Ele colocou o rifle sobre o ombro e se apressou, e então eu vi o doutor passar correndo pela beira da água, e sua mão se estendeu para afastar Kearns do caminho.

— Não me toque! — berrei. — É tarde demais, doutor, tarde demais, não me toque, tarde demais!

— Eu disse que um dos camaradas o havia apanhado — disse Kearns, e o monstrologista o xingou e lhe disse para ficar quieto.

Ele abriu a maleta de instrumentos, colocou um par de luvas, murmurando comigo o tempo todo, dizendo para eu relaxar, para ficar calmo, que agora ele estava ali, que não tinha se esquecido de sua promessa, e fiquei pensando de que promessa ele estava falando enquanto tirava meu pulso e lançava uma luz em meus olhos. Meus lábios se arreganharam num rosnado de dor e raiva quando a luz os atingiu. Com mãos trêmulas, Warthrop cuidadosamente retirou um tubo de ensaio com sangue da maleta. Era uma das amostras que ele extraía do bebê. O soro branco amarelado havia se separado do sangue coagulado e agora flutuava no topo, suspenso sobre o carmesim profundo. O doutor enfiou o tubo na mão de Kearns e o instruiu a ficar bem quieto enquanto ele enchia a seringa.

— Que diabo você está fazendo? — perguntou Kearns.

— Estou tentando matar um dragão — respondeu o monstrologista, e então enfiou a agulha em meu braço.

QUARENTA E TRÊS

“Licões do tipo não premeditado”

Ao longo de toda a noite ele permaneceu ao meu lado, o homem que eu mantinha humano, batalhando para me manter humano. Não dormiu nem naquela noite nem nas duas que se seguiram. De vez em quando eu caía num cochilo febril intermitente, e quando acordava lá estava ele, cuidando de mim. Meus sonhos eram terríveis, repletos de sombras e sangue, e ele literalmente me arrancava deles, sacudindo-me com força e dizendo: “Rápido, Will Henry, pare com isso. Foi só um sonho. Só um sonho”.

Meus sintomas não sumiram de uma hora para outra. Durante duas noites a luz abrasou meus olhos, e ele preparava compressas embebidas na água fria do lago para colocar sobre eles. Enquanto a dormência em minhas outras extremidades aos poucos cedia, meu braço esquerdo havia perdido toda a sensibilidade. Ele me obrigou a beber copiosamente, embora mesmo os menores goles fizessem meu estômago ter ânsia de vômito em protesto.

Uma vez eu me rendi ao desespero. Era tarde demais. O soro não estava funcionando. Eu havia visto o rosto do Sem Rosto, e era o *meu* rosto.

Ao que o monstrologista retrucou ferozmente:

— Não se lembra do que eu lhe disse em Áden, Will Henry? Não pelos números nem pela força de exércitos — e segurou minha mão, apertando-a. — Mas por isso... *por isso*.

Na manhã do terceiro dia eu consegui abrir os olhos um pouco, embora lágrimas de protesto corressem pelas minhas faces, e tive fome. Enquanto meu cuidador felicíssimo revirava nosso saco de provisões, olhei ao redor em busca de Kearns. Não me lembrava de tê-lo visto com frequência.

— Onde está o dr. Kearns? — indaguei.

O doutor fez um gesto na direção do topo da montanha.

— Brincando de Teseu, procurando seu Minotauro. Ele se tornou bastante obcecado com isso. Ofende sua autoestima como caçador *par excellence*.

— E nós... É seguro aqui, dr. Warthrop?

— Seguro? — e franziu o cenho. — Bem, isso é sempre uma questão de perspectiva, Will Henry. Será tão seguro quanto a casa de *Meister* Abram? Provavelmente não. Mas o pior já passou, eu diria. Pode ser que ainda haja alguns infectados vagando lá por cima, embora eu duvide que algum ainda ande nas planícies ou nas regiões costeiras. Os nativos estão bem familiarizados com o *Typhoeus*, e, quando surge um surto, isolam as vilas infectadas e vão para as

cavernas até que a coisa se extinga sozinha. O *pwdre ser* perde sua potência com o tempo, como acho que já lhe disse, e as chuvas das monções levam os restos até o mar. Suspeito que a doença tenha começado em Gishub e se espalhado a partir daí. Kearns me informou que o primeiro exposto foi um pescador — um menino mais ou menos da sua idade, na verdade —, provavelmente em uma das ilhas menores, e que ele entregou — ou, o que é mais provável, vendeu — sua descoberta horrenda para o escrivão Stowe.

— Então não existe monstro nenhum — falei. — Nunca existiu.

— É mesmo, Will Henry? O que você deseja em um monstro, afinal? — indagou ele. — Tamanho? O *magnificum* era do tamanho de Socotra, com potencial de crescer até ficar tão grande quanto o mundo. Apetite insaciável por carne humana? Você mesmo experimentou em primeira mão o quanto ele é voraz. Aparência grotesca? Nomeie alguma coisa, qualquer uma, mais grotesca do que o que vimos nesta ilha. Não, o *magnificum* é digno do nome: um dragão na função, embora não, como havíamos suposto, na forma — e deu um tapinha na sua valise de instrumentos, onde havia guardado com cuidado as amostras restantes do sangue do bebê. — E tenho em meu poder o meio de matá-lo.

Ele se levantou e andou alguns passos até a beira da água, e o homem na superfície vítrea olhou para cima, para os olhos do monstrologista.

— Quase me destruiu — murmurou ele, pensativo. Aquilo me pareceu algo estranho demais para se dizer a alguém que estava se recuperando de sua mordida terrível. Não percebi que ele se referia a um monstro completamente diferente. — Minha ambição me içou para as alturas como as asas de Ícaro — continuou. — E quando a verdade sobre o *magnificum* queimou essas asas, eu caí. E não caí sozinho.

Ele se virou para mim.

— Quando você foi atacado e eu o perdi no meio da disputa, aquilo... rompeu algo dentro de mim. Como se eu tivesse sido sacudido rudemente de um sono profundo. Em suma... — pigarreou alto e olhou para o outro lado. — Aquilo me fez lembrar o motivo por que me tornei um monstrologista, em primeiro lugar.

— E qual foi? — perguntei.

— O que você acha? — devolveu ele, provocativo. — Salvar o mundo, é claro. E então, em algum momento, como acontece com a maioria dos autoproclamados salvadores, a coisa se transformou em salvar a mim mesmo. Nenhum dos dois objetivos é realista. Não posso salvar o mundo, e não me importo mais tanto assim em me salvar... mas me importo muito com...

Ele voltou para se sentar ao meu lado. Vi algo em sua mão. Era a fotografia de Lilly.

— E agora preciso lhe perguntar sobre isto — disse ele. Seu tom era grave.
— Não é nada — falei, estendendo a mão para apanhar a foto. Ele a afastou de meu alcance.

— *Nullité?* — perguntou ele. — Nada?
— Sim. É só... Ela que me deu isso...
— Quem lhe deu? Quando?
— Lilly. Lilly Bates, a sobrinha-neta do dr. Von Helrung. Antes de eu partir para Londres.

— E por que ela lhe deu isto?
— Não sei.
— Não sabe?
— Ela disse que iria me trazer sorte.
— Ah. Sorte. Então você sabe por que ela lhe deu isto.
— Não gosto muito dela.
— Ah, não. Claro que não.
— Pode me devolver agora? — pedi.
— Você quis dizer “*poderia* me devolver agora?”
— Poderia?
— Você se apaixonou, Will Henry?
— Isso é besteira.
— O quê? O amor ou minha pergunta?
— Não sei.
— Não sabe? Você já tentou esse truque antes. Por que supõe que agora, da segunda vez, ele vai funcionar?

— Eu não a amo. Ela me incomoda.
— Você acaba de definir a própria coisa que negou.
Ele encarou o rosto na fotografia com uma expressão curiosa, um naturalista que topa com uma espécie nova e estranha.

— Bem, ela é bonita, creio — disse ele. — E você está crescendo, e existem algumas doenças para as quais jamais encontraremos a cura.

Ele me devolveu a fotografia.
— Eu lhe disse certa vez para nunca se apaixonar. Você acha que foi um conselho sábio ou manipulação egoísta?

— Não sei.
Ele anuiu.
— Nem eu.

Kearns voltou ao anoitecer com uma carga recém-apanhada de aranhas de camelo e uma cara emburrada. Para os padrões de Kearns, ele estava decididamente chateado.

— Só consegui mandar três para o saco hoje — disse. — Isso não é caça; é tiro ao peru.

— Com a diferença de que eles não são perus e de que não os estamos caçando — retrucou o doutor. — Estamos dando fim à sua agonia e evitando que uma doença mortal se espalhe.

— Ah, sempre desesperado para ser um maldito *nobre* — Kearns olhou para mim. — Você está curado?

— Parece que sim — respondeu Warthrop em meu lugar. Preferia limitar a interação de Kearns comigo, como se temesse uma forma bastante diferente de contágio.

— Então, não deveríamos usar o que você tem aí para curá-los, em vez de abatê-los como vacas?

— Seres humanos não são vacas — retorquiu o doutor, ecoando seu velho mestre. — Só tenho dois tubos de ensaio com soro. Esses tubos precisam ser preservados para que seja possível replicar o antídoto.

— Você percebe que está se contradizendo, Pellinore. Não deu a mínima para preservar o antídoto quando a questão foi o seu assistente aqui.

— E você devia evitar imitar a voz da consciência, Kearns. Soa oco, como alguém tentando falar numa língua que não entende.

Sorrindo de jeito maligno, Kearns enfiou uma aranha inteira na boca. O monstrologista virou a cabeça com nojo.

O doutor havia montado um protocolo brutalmente eficaz para terminar o trabalho pavoroso de erradicar o *magnificum* da ilha. Montamos acampamento num ponto que fornecia uma boa cobertura e algum abrigo dos elementos, dezenas de metros abaixo das nuvens que envolviam os terrenos de nidificação. Obedecíamos aos horários de nossas presas, dormindo de dia e atraindo-as até a zona da matança à noite.

O fogo era nossa isca. Ele as atraía, e Warthrop e Kearns ficavam escondidos atrás de um afloramento ou rochedo para atirar nelas quando entravam no círculo de luz. Os corpos da noite anterior eram usados como combustível para a fogueira da noite seguinte.

Era um trabalho sombrio e pavoroso. Não havia a empolgação da caçada, nem raspões com a morte. Só havia morte.

Esse era o lado negro da monstrologia, heroísmo do tipo mais corajoso, trabalhar no escuro para que o restante possa viver na luz. Aquilo começou a cobrar seu preço para meu mestre. Ele parou de comer. Dormia apenas alguns poucos minutos seguidos, depois se levantava de novo, olhando a distância com olhos que haviam assumido uma expressão de desespero e assombro, como um homem preso entre duas alternativas impensáveis.

Kearns não estava se saindo muito melhor. Reclamava sempre que ainda não havia encontrado seu Minotauro e que aquilo estava longe da caçada épica que ele havia imaginado.

— Ora, vamos, Pellinore. Com certeza poderíamos tornar isso tudo mais divertido — disse ele certa vez, tarde da noite. Nem uma única vítima havia entrado em nossa armadilha. — Poderíamos nos dividir; fazer isso tudo virar um jogo. Quem mandar mais para dentro do saco ganha o prêmio.

— Pode ir embora se quiser, Kearns — respondeu Warthrop, esgotado. — Na verdade, eu até preferiria.

— Você está sendo muito injusto, Pellinore. Não é minha culpa, sabe. Não fui eu que inventei o mito do *magnificum*.

— Não, só se aproveitou dele para seu próprio lucro.

— E você teria se aproveitado dele para fazer sua reputação lucrar e se vingar dos seus rivais. “Salvem o grande cientista, o cavaleiro valoroso que trouxe o graal de volta à Cristandade, Pellinore o Puro, Pellinore o Orgulhoso, Pellinore o Magnificante!” — e riu, de bom humor. — Do ponto de vista das motivações, as minhas eram de longe as mais puras.

— Deixe-o em paz! — vociferei para Kearns. Tinha vontade de sacar a faca de Awaale e cortar fora aquele sorrisinho insuportável. — É tudo sua culpa; tudo isso! Ele quase morreu por sua causa!

— Do que você está falando, garoto? Dos russos? Eu não disse aos russos para matarem Pellinore. Isso foi ideia deles.

— Você enviou-lhe o *nidus*.

— Para que ele o guardasse a salvo, e você devia me agradecer por isso.

— Eu devia matar você, isso é o que eu devia fazer!

Suas sobrancelhas se levantaram com surpresa.

— Ora, ora! Se não somos um selvagenzinho sedento por sangue! O que você andou ensinando para essa criança, Pellinore?

O monstrologista sacudiu a cabeça, melancolicamente.

— Lições do tipo não premeditado.

Por uma semana trabalhamos os vinhedos da morte. Depois de duas noites sem avistar ninguém, Kearns começou a falar em voltar a Gishub, para aguardar a chegada do *Dagmar*.

— Suponho que eu deva desistir do meu Minotauro — falou ele, com um beicinho. — Mas tudo, até mesmo as melhores coisas, uma hora deve chegar ao fim.

Um olhar atormentado cruzou o rosto do doutor. Ele me puxou para longe do alcance dos ouvidos de Kearns e sussurrou:

— Cometi um erro terrível, Will Henry.

— Não, não cometeu — sussurrei de volta. — Todo mundo achava que o *magnificum* era verdadeiro e...

— Shhh! Não estou falando do *magnificum* — e olhou para a laje de pedra onde Kearns estava escondido. — Não sei o que ele está esperando. Talvez esteja dividido; talvez ainda conserve algum vestígio de humanidade, embora eu esteja bastante inclinado a acreditar que não. O mais provável é que o momento oportuno simplesmente ainda precise se apresentar.

Ele deu um sorriso forçado ante minha expressão espantada.

— Ele precisa me matar. Bem, a você também, claro — nós dois. Que escolha ele tem? Está preso aqui até o fim das monções, e mesmo então pode ser difícil escapar. Para quem ele poderia pedir ajuda? O único porto da ilha é controlado pelos britânicos, mas ele está sendo procurado por eles por assassinato e traição. Os russos? Eles o responsabilizarão pelo desastre da expedição e vão querer dar o troco. É ficar e ser caçado, ou arriscar-se a fugir e ser preso.

— Mas é por isso que ele não vai nos matar — argumentei. — Ele precisa de nós para fugir.

— Precisa? Ele sabe quando e onde vamos nos encontrar com o *Dagmar*. Esse foi meu erro terrível, contar-lhe isso. Tudo o que ele precisa fazer é informar ao capitão Russell que eu e você nos perdemos ou morremos na caçada, e então John Kearns está livre para ir aonde bem quiser, tornar-se quem ele bem quiser. Ele voltará a se dissolver na família humana com a sua máscara humana — e sua vida — intactas.

Fiquei quieto por um momento, pensando naquilo, preocupado com aquilo, tentando abrir furos nos argumentos do doutor. Decidi que era inútil e me concentrei em vez disso em encontrar uma solução.

— Nós poderíamos dar uma pancada na cabeça dele, derrubá-lo, amarrá-lo... Ou esperar até ele cair no sono...

O doutor estava assentindo.

— Sim, é claro. É o único jeito. Ele precisa dormir uma hora... — e deixou o resto no ar. O olhar assombrado dos últimos dias tremulou pelo seu rosto. — Bem, não podemos amarrá-lo. Isso seria uma sentença de morte, e particularmente cruel, aliás.

— Então, vamos dar uma pancada na cabeça dele e apanhar seu rifle.

— Por que você insiste em lhe dar uma pancada na cabeça? Precisamos apenas esperar que ele durma para apanhar o rifle.

— Então, é isso o que vamos fazer. Esperar até que ele durma e apanhar seu rifle.

— E depois... o quê? Levá-lo conosco como prisioneiro? — perguntou.

— Podemos entregá-lo aos britânicos.

— Que então o interrogarão a respeito de Arkwright, e você será preso como cúmplice pelo assassinato dele... e Von Helrung também.

— Ele disse que não conhecia Arkwright.

Warthrop me deu um olhar carrancudo.

— O que acontece, Will Henry, que sempre no exato momento em que começo a achar que você talvez tenha uma cabeça pensante sobre esses seus ombros, você diz algo do gênero?

— Nesse caso, não o entregaremos a ninguém. Vamos deixá-lo preso até embarcarmos no *Dagmar* e depois o largamos aqui.

O monstrologista estava concordando, mas ainda parecia perturbado.

— Sim. É a única alternativa aceitável. Quando nosso trabalho estiver terminado, montamos a armadilha.

Eu não perguntei: “A única alternativa aceitável para quê?”. Não foi preciso.

Estava perto da aurora da última noite de nossa colheita amarga, e até então apenas um dos infectados caíra em nossa armadilha.

Kearns atirou nele, depois empurrou o corpo até este ficar de bruços e olhou para baixo com ar desapontado.

— Onde ele está? — perguntou-se em voz alta. — Onde está o meu Minotauro?

— Morto, eu diria — respondeu Warthrop.

— Ah, não diga isso! Se eu não conseguir apanhá-lo, vou sentir que toda essa empreitada foi por nada.

— Não houve mortes o bastante para você, Kearns?

— Isso é o que há de maravilhoso na vida — retrucou Kearns, animado. — Está repleta de toda a morte de que você puder dar conta!

— Espero que você consiga sua cota, então, antes de o *Dagmar* voltar amanhã.

— É amanhã? Então precisamos encontrar meu Minotauro esta noite, de todo jeito. Talvez seja melhor voltarmos ao *locus*. Quem sabe ele não está lá em cima, prestes a explodir.

— Você viu em que condições estava este aqui — retrucou Warthrop, referindo-se à vítima a seus pés. — Se a população não infectada se isolou, a doença já deve estar quase no fim. A probabilidade maior é que ele já tenha “explodido”.

Kearns não estava com vontade de ceder tão facilmente, entretanto. Decidiu sangrar aquela última vítima em vez de queimá-la, na esperança de que o cheiro de sangue funcionasse onde o fogo havia fracassado. Depois, nos enxotou dali.

— Descansem. Temos uma bela caminhada pela frente até o mar amanhã de manhã. Não vou abandoná-los, prometo.

— Talvez esse seja o plano dele — refletiu o doutor depois que nos retiramos para nosso abrigo. — Fugir de fininho torcendo para que não encontremos o caminho a tempo.

Achei que meu mestre estava sendo ingênuo. Um homem como John Kearns não deixa esse tipo de coisa a cargo do acaso.

— Devíamos agir agora — falei. — Ele acha que fomos dormir. Eu cuido disso, se o senhor quiser.

— Você “cuida” disso? O que é “isso”?

— Dar-lhe uma pancada na cabeça.

— Mais uma vez, entendo o apelo desse ato, mas...

— O senhor ouviu o que ele disse. Ele não vai dormir hoje, e hoje rumaremos para Gishub com o propósito de encontrar o *Dagmar*.

— Podemos esperar até ele terminar o que tem para fazer esta noite — propôs. — Ele terá de abaixar o rifle em algum momento.

— Por que faria isso? — Eu senti que estava perdendo a paciência com ele. Eu, com Pellinore Warthrop! — Ele planeja nos matar hoje, assim que o sol nascer.

— Sim. Sim, é claro que você tem razão, Will Henry. Esse deve ser seu plano. E ele deve suspeitar do nosso, senão não estaria de guarda. Como fazê-lo abaixá-la?

Eu contei a ele minha ideia. Ele levantou diversas objeções, sendo a principal a mais óbvia: Kearns poderia sentir o cheiro da traição.

— E se sentir — disse o monstrologista —, com certeza você vai pagar o preço final.

Ele, entretanto, não conseguia pensar em nada melhor. Precisávamos agir depressa; a qualquer momento Kearns poderia decidir que nossa hora havia chegado.

Antes de nos separarmos, ele tocou no meu ombro e olhou fundo em meus olhos. Vi uma pergunta neles. Repeti o que havia lhe dito em Dover:

— Não tenho medo, senhor.

— Eu sei disso — afirmou gravemente. — E isso me deixa com medo.

Não existe monstro, fora o que dissera John Kearns. Existem apenas homens.

Ele ouviu minha aproximação antes que eu alcançasse seu esconderijo e se virou para me encarar, mirando o rifle em minha direção. Eu parei na mesma hora e chamei seu nome em voz baixa:

— Dr. Kearns! Dr. Kearns!

— O que foi? — chamou ele de volta, também em voz baixa. — Onde está Warthrop?

— Nós ouvimos alguma coisa... lá atrás — aponte para a trilha. — Ele saiu para ver o que era.

— Ele saiu para... Por que ele fez isso, Will?

Eu me aproximei um pouco mais. Ele não abaixou o rifle. Foi isso que entregou o jogo. Se ele tivesse abaixado o rifle, eu poderia ter achado que eu e o doutor estávamos metidos numa ilusão paranoica. Mas ele não abaixou o rifle, manteve-o apontado para o centro exato do meu peito.

— Para ver o que poderia ser — respondi.

— Então ele perdeu a cabeça. Ele só precisava vir até aqui e esperar comigo até que a coisa começasse a se aproximar de nós.

— Estava perto demais da caverna — falei com voz trêmula. — Bem do outro lado dos rochedos. Ele não quis arriscar a sorte. Estava perto demais, senhor, e faz tempo que ele saiu. Estou com medo...

— Está? — perguntou. — Está?

Ele desceu de seu poleiro e caminhou devagar até mim.

— Está? — insisti. Seus olhos cintilavam, duros, à luz do fogo. Sua expressão estava estranhamente séria.

— Podemos ir atrás dele, por favor? — choraminguei. Senti o enrijecimento que tomava o meu peito, a força compactada que seria capaz de quebrar o mundo ao meio, e ouvi a voz do doutor em Áden, dizendo: *Devemos ser indispensáveis um para o outro.*

— Ora, claro. Vamos juntos, Will. A união faz a força, sim?

Ele abriu seu sorriso kearnesiano, colocou o rifle na dobra do braço e me deu um tapinha com gentileza na cabeça, do jeito como um tio faria com um sobrinho querido.

— Não há motivo para ter medo — disse.

Levantei os olhos — *Oculus Dei*, é como Kearns os havia chamado — e olhei bem dentro dos dele, e então ele reconheceu neles os seus próprios, mas aí já era tarde demais, e antes que ele pudesse levantar a arma ou se afastar, a faca de Awaale veio assoviando rapidamente pelos ares e se enterrou em seu pescoço.

Ele afundou de joelhos no chão, os olhos arregalados de espanto. Começou a erguer o rifle. Eu o chutei para longe de suas mãos. Ele as levantou até a ferida sangrenta no pescoço; o sangue pulsava ao ritmo de seu coração moribundo enquanto me olhava com surpresa. E então tombou, tentando me apanhar com mãos sanguinolentas, mas eu estava longe demais. Estava além do seu alcance. Fui até o rifle, apanhei-o, trouxe-o de volta até onde estava o corpo. Enfiei-o embaixo dele. Depois levantei sua mão direita e forcei seu dedo no gatilho.

Recuei para admirar minha obra.

Não existem monstros. Existem apenas homens.

Apanhei a faca e corri para chamar o doutor.

QUARENTA E QUATRO

“Uma estrela caída”

— Conte de novo — pediu o doutor.

Repeti sem hesitação, meu olhar, como a minha história, inabalável. Kearns realmente sentira o cheiro da traição e não me dera escolha a não ser me defender.

— Ele ia atirar em você à queima-roupa — disse o monstrologista, sem acreditar. — Com um rifle Winchester.

— Sim, doutor. Ele o apontou diretamente para o meu peito e me disse que sentia muito, mas não tinha escolha.

— Como você. Nenhuma escolha.

— Sim, senhor.

— Então você o esfaqueou no pescoço. Enquanto ele apontava um rifle para o seu peito.

— Sim, senhor.

— Como você conseguiu fazer isso? Aproximar-se o bastante com o cano de uma Winchester entre vocês dois? — estava tendo dificuldade em imaginar a cena.

— Eu derrubei o rifle com minha mão esquerda e o esfaqueei com a direita.

— Você derrubou o rifle?

— Eu quis dizer que o empurrei para longe. Ele não o soltou.

— E nesse tempo todo ele não percebeu que você estava segurando uma faca?

— Eu a estava escondendo nas costas.

— Então, quando ele ergueu o rifle para atirar em você — continuou o doutor, devagar —, você enfiou a mão direita nas costas para pegar a faca, afastou o rifle com a esquerda e ao mesmo tempo sacou a faca com a outra e lhe deu uma facada no pescoço?

— Sim.

— Sim?

— Sim, senhor.

Ele coçou a parte de baixo do queixo, pensativo.

— Isso é que é pensar rápido.

— Sim, senhor. Quer dizer, obrigado, senhor.

— E ter reflexos mais rápidos ainda. Você precisa fazer uma demonstração para mim um dia desses.

— Eu tive de matá-lo, dr. Warthrop.

— Hmm. Sim. Suponho que sim, Will Henry. A autodefesa é seu direito inalienável.

— Tive — insisti. — Por nós dois.

— Eu gostava mais do plano quando consistia em atraí-lo para a trilha para que eu pudesse dar uma pancada na cabeça dele.

— Eu não planejei isso. Simplesmente... aconteceu.

— Eu falei que você planejou, Will Henry? Seria um animal completamente diferente. Não se parecia em nada com a situação em Aden. Não havia necessidade de matar John Kearns.

— É melhor assim, com ele morto, porém.

Ele franziu o cenho. Seus olhos buscaram os meus, mas mesmo assim eu não desviei o olhar.

— De que modo, Will Henry?

— Se o tivéssemos simplesmente deixado aqui, ele poderia encontrar um jeito de escapar da ilha. Acho *que faria* isso, de alguma maneira, porque ele é... ele é John Kearns.

— E? Que importa isso, contanto que nós já houvéssemos fugido?

— Importa, senhor, porque o senhor continuaria a ser uma ameaça para ele. O senhor sabe demais. O senhor viu demais.

Um silêncio desceu entre nós. Ele olhou para mim, e eu olhei de volta para ele, enquanto as últimas estrelas sumiam suavemente do céu.

— Acho que isso vale para nós dois, Will — disse, quebrando o silêncio entre nós, mas não a coisa que jazia em silêncio entre nós.

Na décima hora de nosso último dia na Ilha de Sangue, os grandes braços das montanhas se abriram diante de nós, e vimos a planície se estendendo na direção do mar. O dia estava claro e quente, quase sem vento, e vi diversos lagartos de cores brilhantes banhando-se ao sol sobre as rochas. Uma borboleta pairou com asas de um azul iridescente. O monstrologista apontou para ela e disse:

— Olhe para ela. Nem uma flor a quilômetros. Ela deve estar perdida.

Uma figura enorme surgiu lá embaixo, entre os dois rochedos que marcavam a cabeça da trilha. De início, meu coração se alegrou. *Deve ser Awaale*, pensei. Acelerei o passo; o monstrologista agarrou meu ombro e me puxou para trás. Ficamos ali observando a figura gigantesca arrastar-se dolorosamente na nossa direção. Trapos pendiam de sua silhueta maciça. Os pés descalços e lacerados pelas pedras afiadas deixavam para trás um rastro de pegadas sanguinolentas. A boca estava escancarada; os olhos eram negros e

inertes; as mãos grandes, coalhadas de sangue. Um enorme chifre irrompia de sua testa ampla. Estávamos diante do Minotauro.

Ergui o rifle de Kearns. Ao meu lado, o monstrologista soltou um ruído baixo de protesto. Com o braço esticado, forçou o cano da arma para baixo.

O filho de *Typhoeus* ergueu a cabeça pesada e sua boca se arreganhou num rosnado de ira agonizante, fazendo a baba de *pwdre ser* manchada de sangue cintilar ao sol do meio da manhã. Ele cambaleou em nossa direção, fraco demais para correr, e perdeu o equilíbrio. Caiu. Com um tremor dos ombros largos, empurrou o corpo ao longo do chão rochoso; lágrimas de *pwdre ser* corriam pelo seu rosto desgastado e a luz penetrava sua carne translúcida. Pude ver com clareza até seus olhos.

Ele se levantou, oscilou, tombou de novo. A cabeça recuou; os olhos negros fitaram o céu puro e choraram.

— Se buscares uma estrela caída — disse o monstrologista — encontrarás apenas luz num visgo pestilento que, ao ser lançada pelo horizonte, por um momento assumiu a aparência de esplendor.

Lágrimas de pena brilharam em seus olhos. Os dois estavam chorando, o monstro e o homem, a estrela caída e aquele que a buscava.

E quando eu pisar a praia da Ilha de Sangue para plantar a bandeira do conquistador, quando atingir o topo do abismo, quando encontrar aquilo que todos nós tememos e que todos nós buscamos, quando eu me virar para fitar o Sem Rosto, que rosto verei?

O homem ergueu a arma ao nível dos olhos do monstro. Encontramos Gishub do mesmo modo como a havíamos deixado, uma cidade de mortos. Anos se passariam antes de a vida retornar. Os caídos seriam queimados, suas cinzas devolvidas à terra de onde vieram, as casas limpas, e outra geração se lançaria ao mar para a colheita. A vida retornaria. Ela sempre retorna.

Esperamos por Awaale. Eu não tinha dúvida de que ele viria. Todos os nomes significam alguma coisa, ele me dissera. Sentamos às sombras alongadas de uma árvore Sangue do Dragão; o sol engordou na direção do horizonte e o ar se viu repleto de luz dourada. A luz dançava sobre as folhas, cantando suavemente acima da minha cabeça. Olhei para o fundo da encosta, até o mar, e vi equilibrado na borda do mundo um navio de mil velas. Meu pai havia encontrado um jeito de cumprir sua promessa, por meio do mais improvável dos homens.

O braço desse homem deslizou ao redor de meus ombros. Sua voz falou ao meu ouvido.

— Jamais irei abandoná-lo novamente, Will Henry. Jamais irei abandoná-lo. Enquanto eu viver, cuidarei de você. Assim como você me arrancou da

escuridão, mantereí a escuridão longe de você. E se a maré me dominar, eu o levantarei sobre meus ombros; não tolerarei que se afogue.

Era seu momento de triunfo. O momento em que ele se virou para encarar a coisa que todos nós tememos e todos nós buscamos.

Eu quase podia ouvi-la, a bandeira do conquistador, sacudindo ao vento.

Ao cair da noite, caminhamos até a praia. O *Dagmar* estava ancorado entre a areia molhada e o horizonte, e entre nós e o *Dagmar* um bote cruzou a corrente para nos levar para casa.

— Awaale? — perguntei.

— Talvez ele não venha, Will — disse o doutor. — Pode ser que Kearns estivesse certo.

Pensei em um homem de pé como um colosso num mundo caído, aninhando uma criança em seus braços, dizendo com uma voz de trovão: *Mostrar misericórdia não é ingenuidade. Lutar contra o fim da esperança não é estupidez nem loucura. É fundamentalmente humano.*

— Não — retruquei. — O senhor é que estava certo, doutor.

Apontei para o leste, onde um homem vinha caminhando descalço na arrebentação, um gigante de homem cuja pele negra brilhava aos últimos raios de um sol moribundo. Mesmo a distância, vi seu sorriso. Soube o que aquele sorriso significava. E ele, o pirata assassino, com o coração aliviado do seu fardo, levantou a mão e acenou com a alegria de uma criança.

De Socotra a Áden, e depois de Áden para Porto Said, onde Fadil cumpriu sua promessa, oferecendo um banquete de *fasieekh* e *kafta* e apresentando-me a suas filhas gêmeas, Astarte e Dendera. Ele lhes disse que dos males o menor que poderiam fazer é casar-se com Ophois, o protetor de Mihos, guardião do horizonte. Talvez eu tenha partido de Porto Said noivo de uma delas; não tenho certeza.

Warthrop enviou um telegrama a Nova York antes de embarcarmos no vapor para Brindisi:

O *MAGNIFICUM* É NOSSO.

— “O *magnificum* é nosso”? — repeti. Temi que meu mestre houvesse perdido o juízo.

— Bom, certamente não é dos russos! — respondeu ele com um sorriso. — Nós “arrancamos as presas” do monstro terrível — e deu um tapinha em sua

maleta de instrumentos. — Espero que você seja capaz de apreciar tal ironia, Will Henry. Um tino saudável para a ironia é a melhor maneira de se manter são em um mundo que frequentemente não é; eu recomendo com todas as forças. Mas não haverá nenhuma recepção aos heróis, nenhuma recompensa ou desfiles em nossa homenagem. Nossa vitória sobre o *Typhoeus* não será conhecida nem louvada. Uma derrota para Pellinore Warthrop. Um triunfo para a monstrologia — depois corrigiu-se: — Não; para a humanidade.

Ao longo do Mediterrâneo até Brindisi, onde embarcamos em um trem para Veneza.

O doutor me mandou numa incumbência especial, que se provou um tanto desafiadora para um garoto de treze anos.

— Desconsidere os passageiros da primeira classe. Vá direto até a terceira classe. O dinheiro tem um jeito de azedar o leite da bondade humana, Will Henry — por fim consegui tomar emprestado o item buscado de um indiano que estava emigrando de Bombaim.

— Eu em geral não me rendo à superstição, mas isso pode me trazer boa sorte — confessou Warthrop ao se sentar. Ele afrouxou o colarinho e ergueu o queixo. Olhou a lâmina que brilhava na minha mão. — Firme, agora. Se me cortar, ficarei muito irritado e vou mandar você para a cama sem jantar.

Ele examinou meu trabalho no espelho e declarou que havia sido razoavelmente bem executado.

— Seria melhor eu procurar um barbeiro em Veneza? — perguntou-se em voz alta, correndo os dedos pelos seus cachos à altura dos ombros. Então, deu de ombros. — Eu não deveria forçar as coisas, não é?

Passava muito das nove da noite quando chegamos a Veneza. As águas escuras dos canais resplandiam como colares de diamante, e o ar estava úmido com a chuva que se avizinhava. Reconheci na casa noturna as mesmas pessoas que eu vira semanas antes, como se o tempo houvesse parado por lá.

Talvez houvesse. O doutor pediu uma bebida ao mesmo garçonzinho com cara de *basset hound*; Bartolomeo entrou e se sentou ao piano, usando o mesmo colete e a mesma camisa branca encharcada de suor; a porta ao lado do palco se abriu e dela emergiu Veronica Soranzo num vestido vermelho desbotado idêntico ao que dera ao meu mestre. Bartolomeo tocou de modo enérgico, Veronica cantou de modo péssimo e Pellinore assistiu, enlevado. Ao fim da canção, ela veio à nossa mesa, deu um tapa como cumprimento no seu rosto recém-barbeado chamando-o de *bastardo* e *idiota*, e do palco Bartolomeo gargalhou.

— Você não respondeu ao meu telegrama — disse o doutor.

— Quantas de minhas cartas você não respondeu? — retrucou ela.

— Achei que você pudesse ter morrido.

— Tive medo de que você pudesse estar vivo.

— Tenha paciência.

Ela riu contra a vontade.

— O que você quer, Pellinore? — perguntou. — Que monstro está perseguindo agora?

Ele sussurrou algo em seu ouvido. Vi o rosto dela corar embaixo da maquiagem pesada.

— Mas por quê, Pellinore? — perguntou ela.

— Por que não? — retrucou ele com uma risada. — Enquanto estou aqui... e enquanto você está aqui..., mas, mais importante, enquanto nós dois ainda podemos!

O monstrologista a tomou nos braços. Bartolomeo apanhou a deixa e começou a tocar uma valsa. Os clientes sentados às mesas levantaram os copos e não prestaram atenção. Bartolomeo também não estava olhando, absorvido que estava na música. Eu fui o único que olhei os dois dançarem à luz amarela enfumaçada, enquanto lá fora a chuva beijava o calçamento de pedra da Calle de Canonica. Lá estavam a mulher de vermelho, o homem solitário que dançava com ela e o garoto que assistia a tudo, sozinho.

O mundo é grande, e é fácil esquecer o quanto somos pequenos. Como a podridão das estrelas, o tempo nos consome. Ele havia pensado que sua busca lhe traria a imortalidade, um triunfo capaz de suplantar a sua breve aparição no palco. Estava errado. Pellinore Warthrop passaria ao esquecimento, seu trabalho nobre não seria reconhecido, seu sacrifício apagado pelos feitos de homens menos capazes. Ele poderia ter se lançado ao desespero; poderia ter roído os ossos ressequidos da amargura e do arrependimento.

Em vez disso, foi a Veneza, e dançou.

Somos caçadores, todos nós. Somos, todos nós, monstrologistas. E o melhor deles foi Pellinore Warthrop, que encontrou a coragem para se virar e fitar o mais aterrorizante de todos os monstros.

EPÍLOGO

Na manhã seguinte à minha leitura do décimo fólio, liguei para meu amigo, o diretor da instituição em que Will Henry concluía seus cento e trinta e um anos no mundo.

— Ele tinha um dedo a menos na mão esquerda? — perguntei, segurando a respiração.

— Ora essa, sim, o indicador — respondeu o diretor. — Você descobriu por quê?

Comecei a responder que sim, mas depois me ocorreu que a resposta era um tanto capciosa. Como tantas coisas nos diários, uma coisa eram os fatos e outra as explicações de Will Henry para eles — algo não muito diferente da história do *magnificum*, que atribuía evidências circunstanciais de um monstro para um monstro que não existia, fenômeno que poderia ser chamado com justiça de Equívoco de Warthrop.

— Ele escreveu a respeito — respondi. Contei que eu havia acabado de terminar a leitura do décimo caderno.

— Mais alguém foi citado? — perguntou ele. Considerava aquele o aspecto mais intrigante dos diários.

— O presidente McKinley, Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, e Arthur Rimbaud.

— Rimbaud? Nunca ouvi falar.

— Foi um poeta francês do período. Ainda é considerado bastante importante. Li em algum lugar que Bob Dylan foi influenciado pela sua obra.

— Will Henry conheceu Bob Dylan também?

— Ainda não terminei todos os diários. Quem sabe?

— Mais alguma coisa a respeito de Lilly?

Sim. Eu descobrira o artigo de jornal de Auburn reportando o incêndio em 1952 que destruiu a casa de Will e Lilly. Também obtivera uma cópia do obituário de Lilly, publicado dois anos antes do ocorrido. Lillian Bates Henry nasceu em Nova York, filha de Nathaniel Bates, um banqueiro de investimentos proeminente, e Emily Bates, uma figura influente no movimento sufragista feminista da virada do século. Lillian servira em comitês de diversas organizações de caridade, devotando a vida, afirmava o artigo, aos outros. Deixou sobrinhos do lado do irmão Reginald, e seu esposo amado, com quem ficara casada por trinta e oito anos, William J. Henry.

— Trinta e oito anos — disse o diretor. — Isso quer dizer que eles devem ter se casado em...

— 1912 — concluí por ele. — Em 1912, Warthrop teria cinquenta e nove anos.

— Warthrop?

— Se é que um dia existiu um Warthrop. Se sim, então em 1912 ele já tinha morrido.

— Por que acha isso?

— Will escreveu que foi o companheiro constante de Warthrop até ele morrer. Não consigo imaginá-los se casando e levando Pellinore Warthrop para morar com eles.

— Mas você acha que um dia houve um Pellinore Warthrop? — pude detectar um sorriso em sua voz. As palavras de Will Henry irromperam na minha cabeça diante daquela pergunta. *Eu estava perseguindo aquele que perdi.*

— Estou começando a achar que existe uma alegoria subjacente aqui — falei, com cautela. — No Comecinho do diário, Will Henry diz que Warthrop morreria havia quarenta anos. Se Warthrop “morreu” por volta de 1912, isso quer dizer que Will começou a escrever os diários mais ou menos na mesma época em que a casa de Auburn se incendiou, logo depois de perder tudo... não apenas sua única companheira de toda a vida, mas tudo o que tinha. Talvez os diários sejam alguma maneira esquisita de lidar com tudo isso.

— Então ele inventou um passado povoado de monstros para entender os monstros do seu passado?

— Bem, é só uma teoria. Não sou nenhum psiquiatra.

— Talvez precisemos chamar um.

Para quem?, indaguei-me. Para Will Henry ou para mim?

Fiquei deitado, insone, aquela noite na cama, pensando em incêndios; o primeiro, que arrancara seus pais dele, e o segundo, que clamara todo o resto. *O fogo destrói, escreveu ele, mas também purifica.* Aí estava um homem que havia perdido tudo — não uma, mas duas vezes, se essa parte do diário fosse verdadeira. Ele deve ter questionado, como John Kearns, se nosso erro não seria rezar para o deus errado. Talvez os fólhos fossem sua tentativa de emprestar sentido ao que não tem sentido, ao monstro jamais visto que está sempre aqui, o Sem Rosto que se esconde um décimo de milésimo de centímetro fora de nosso campo de visão.

Enquanto eu ponderava essa possibilidade, meu coração começou a disparar e fui subitamente tomado pelo desejo de simplesmente virar as costas... não terminar os últimos três diários... devolver todos eles ao diretor e parar minhas investigações, ou seja lá que nome você queira lhes dar. Uma vozinha me avisou

que eu estava seguindo por uma trilha aonde era melhor não ir, aonde eu *não deveria ir*. Tive a sensação de que algo se desenovelava dentro de mim, algo que era uma parte íntima de mim e ao mesmo tempo, de certa maneira, completamente estranha e irreconhecível, e essas duas partes puxavam uma à outra com força suficiente para quebrar o mundo ao meio. Will Henry havia chamado isso de *das Ungeheuer*, o monstro, e prometeu que eu entenderia o que ele queria dizer.

E cumpriu sua promessa.

1 "Quem luta com monstros deve tomar cuidado para não se tornar também um monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você. " Friedrich Nietzsche. (N. E.)

2 "Quem luta com monstros... " em alemão. Menção da frase de F. Nietzsche citada anteriormente. (N. E.)

3 "O monstro" em alemão. (N. E.)

1 Tifão, filho de Gaia e Tártaro, o monstro mais letal da mitologia grega. (N. E.)

2 “Objeto encontrado”, em francês. (N. E.)

3 “Razão de ser”, em francês. (N. E.)

4 “Olho de Deus! “, em latim. (N. E.)

1 Aqui o autor faz duas alusões à tentação: “Mas é humano nos amarrarmos ao mastro” é uma referência ao mítico Ulisses, que para resistir à tentação do canto das sereias e não pular no mar atrás delas teve que ser amarrado ao mastro do navio. Lot ou Ló é um personagem bíblico cuja esposa foi transformada em estátua de sal por ter desobedecido à ordem divina de não olhar para trás enquanto as cidades pecadoras de Sodoma e Gomorra eram destruídas. (N. E.)

1 "Meu amigo", em alemão. (N. E.)

2 "Senhor", em alemão. (N. E.)

3 "Porco miserável", em alemão. (N. E.)

4 "Sim", em alemão. (N. E.)

1 "Meu Deus! ", em alemão. (N. E.)

1 “Bom-dia”, em alemão. (N. E.)

2 “Idiota”, em alemão. (N. E.)

3 “Baixinho” em alemão. (N. E.)

4 “Não! “ em alemão. (N. E.)

5 “Muito bom! ”, em francês. (N. E.)

6 “Bem”, em alemão. (N. E.)

1 “Palavra de efeito”, em francês. (N. E.)

1 Trocadilho com as palavras em inglês Noah (Noé), Boatman (barqueiro) e Arkwright (construtor de arcas), numa alusão à história bíblica da Arca de Noé. (N. T.)

1 “Sr. Doutor” em alemão. (N. E.)

1 “Meu filho! “, em alemão. (N. E.)

1 “Como o senhor está? “, em russo. (N. E.)

2 “Mais ou menos” em russo. (N. E.)

1 “Garçom” em italiano. (N. E.)

1 “Olá, meu amor. Senti muita saudade de você”, em italiano. (N. E.)

2 ”Oi, Will Henry, como vai? “, em italiano. (N. E.)

3 “Está muito triste. Muito triste! Mas, Pellinore, por que está em Veneza? Trabalho ou lazer? “, em italiano. (N. E.)

4 “Cafajeste” em italiano. (N. E.)

5 “Por que você pensa ter um problema? “ em italiano. (N. E.)

6 “A senhora é uma fera, mas ela é a minha fera”, em italiano. (N. E.)

7 “Não entendi” em italiano. (N. E.)

1 Bebida indiana à base de fruta, iogurte e cardamomo. (N. E.)

1 “Razão de ser” em francês. (N. E.)

2 “E eu senti um pouco seu corpo imenso. ” (N. T.)

3 Água de lavagem ou vinho aguado. (N. T.)

1 “Solífugos: os que fogem do sol (ou da luz)”, em latim. (N. E.)

Table of Contents

CHOVEU CARNE

PRÓLOGO

FÓLIO VII

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

FÓLIO VIII

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

FÓLIO IX

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM
FÓLIO X
TRINTA E TRÊS
TRINTA E QUATRO
TRINTA E CINCO
TRINTA E SEIS
TRINTA E SETE
TRINTA E OITO
TRINTA E NOVE
QUARENTA
QUARENTA E UM
QUARENTA E DOIS
QUARENTA E TRÊS
QUARENTA E QUATRO
EPÍLOGO